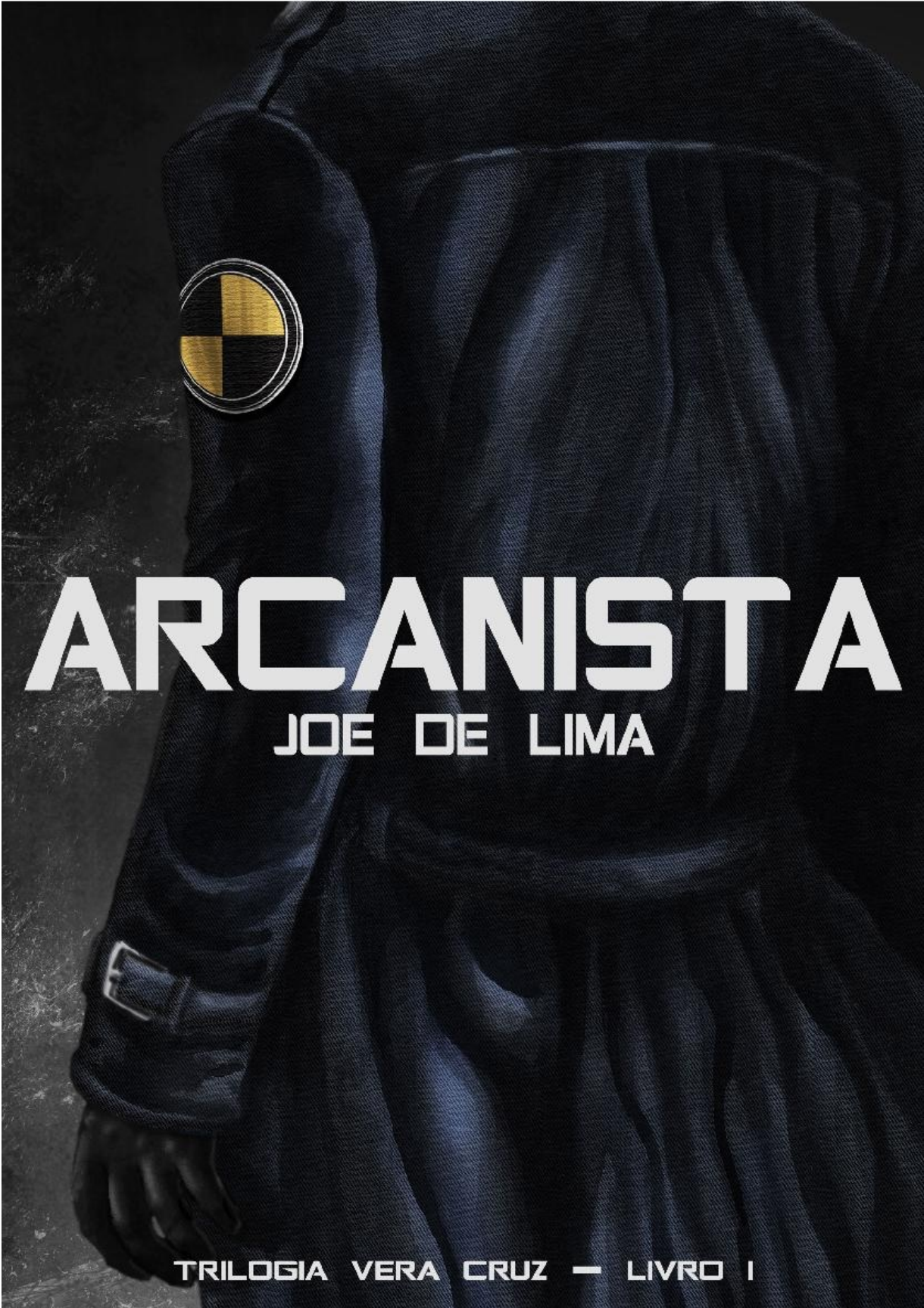




ARCANISTA

JOE DE LIMA

TRILOGIA VERA CRUZ — LIVRO I

ARCANISTA

JOE DE LIMA

3ª edição 2018

Direitos reservados Joe de Lima

Título original: Arcanista

Autor: Joe de Lima

Capa: Renato Moraes

Sumário

[Sumário](#)

[Agradecimentos:](#)

[ZERO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[CATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[SOBRE O AUTOR:](#)

[LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO VOLUME DA TRILOGIA VERA CRUZ:](#)

[LEIA UM TRECHO DE OUTRO LIVRO DO AUTOR:](#)

Agradecimentos:

Um sincero obrigado à Mariana Travesso Bassi, ao Sandro Moura e ao Joo por toda

sua ajuda com esse livro!

ZERO

Cem mil manifestantes tomavam conta das ruas de Januarii.

Cem mil vozes entoando de forma ritmada:

— Mana é assassinato... Não matem o planeta... Voz Verde é a voz do povo! —

muitos traziam dispositivos holográficos presos em um dos ombros, projetando no ar

mensagens que apregoavam a preservação da natureza.

Nos arranha-céus, incontáveis pessoas gritavam incentivos e repúdios ou apenas observavam a marcha seguindo para a sede do governo: a Torre Branca. O edifício em

forma de farol subia mais alto que muitos dos prédios ao redor, a fachada pintada de

cima abaixo na cor que lhe dava nome, até as janelas.

Dois mil membros da Guarda Nacional protegiam o perímetro da Torre vestindo trajes táticos pretos equipados com capacetes de viseiras escuras, cassetetes e escopetas

de plasma. Formavam a última linha de defesa, mas não a principal.

— Mana é assassinato... Não matem o planeta... Voz Verde é a voz do povo!

Cinco mil arcanistas bloqueavam os acessos ao edifício branco. Trajavam capotes militares azul escuro e portavam todo tipo de arma de combate corpo-a-corpo:

espadas, maças, bastões, arcos compostos e diversas outras. Todas feitas de material

preto. A desvantagem numérica não poderia ser mais gritante. Nada menos que vinte

manifestantes para cada arcanista, ainda assim mantinham-se em posição, sem recuar

um passo sequer.

— Mana é assassinato... Não matem o planeta... Voz Verde é a voz do povo!

À frente do mar de gente vinha uma mulher robusta, de rosto e braços redondos.

Seu nome era Florisbele Aures. Quando a marcha chegou a quinhentos metros de

distância, um arcanista ligou um dispositivo alto-falante em sua gola e pediu aos manifestantes para não se aproximarem mais. Cem metros depois, ele alertou a multidão

sobre a possibilidade de usarem força. Outros cem metros e foram ameaçados. Nada os

deteve, o confronto era iminente.

Os arcanistas desembainharam suas armas. Todos, sem exceção, ergueram um dos punhos ou mostraram uma das mãos espalmadas. Cada punho e cada mão emitiu

uma aura luminosa.

O professor pausou o vídeo.

A imagem dos arcanistas de punhos brilhantes ficou congelada em uma projeção holográfica tridimensional no centro da sala de paredes escuras. A cor era intencional

para realçar projeções desse tipo. Os estudantes do 1º. Colegial D somavam quase uma

centena e ainda havia espaço para mais. Ocupavam três fileiras numa disposição em

meia lua, semelhante à um anfiteatro. Cada aluno e aluna tinha seu próprio terminal

individual, composto por um monitor transparente e um teclado virtual, desenhado em

linhas de neon no tampo da própria mesa. Vestiam camiseta azul clara com as palavras

“Instituto Beta” no peito esquerdo.

— O confronto terminou com centenas de mortos, milhares de feridos e dezenas de milhares de presos — explicou o professor de história, um sujeito magro com um

bigode bem aparado. Também era arcanista e vestia um capote azul escuro idêntico ao

visto no vídeo holográfico. — O Incidente Aures é uma página difícil na história recente

de Vera Cruz, mas não precisava ter acontecido. Notaram como os manifestantes tiveram a oportunidade de se renderem? O que acontece é que Florisbele Aures não

passava de uma anarquista. O resultado é que ela própria foi uma das vítimas fatais.

— Professor, o vídeo falou em cem mil pessoas — disse uma aluna. — Os que não foram presos ainda estão no Voz Verde?

— Ninguém sabe até que ponto a geração atual do Voz Verde é ligada a original.

Seja como for, não se enganem com esse número. A maioria dos manifestantes era de

entusiastas não-afiliados. Gente que se empolgou demais com as mentiras do grupo.

— Nunca entendi direito por que o Voz Verde fala que explorar o mana é perigoso — disse outro aluno.

— Estudaremos o Voz Verde de forma mais aprofundada nas próximas aulas.

Por agora, vamos voltar ao assunto. Quem aqui está inscrito no exame arcanista? — dos

cem alunos, catorze moças e dez rapazes levantaram a mão. Entre eles, Marcel

Seeder, a

quem o professor dirigiu uma pergunta: — O que pensaria se tivesse de passar por uma

situação dessas?

Marcel parou um instante sem saber o que responder. Por fim, abriu a boca timidamente e disse o primeiro pensamento que lhe ocorreu:

— Bom... depende se vou ficar do lado que bate ou do lado que apanha — a resposta arrancou risadas de seus colegas.

— Isso é sério — o professor demonstrou uma leve impaciência. — É importante que vocês, principalmente os que vão fazer o exame arcanista, compreendam

a razão do Incidente Aures terminar como terminou. Quero ouvir todos: qual é o lema

da Arcanum?

— Paz e ordem — os alunos deram a resposta decorada.

— O Voz Verde criou uma situação que ameaçava a paz e a ordem. O que aconteceu naquele dia teve como objetivo manter a paz e a ordem. Nunca esqueçam que

preservar esses dois aspectos, custe o que custar, é o propósito da Arcanum.

Marcel sentiu um calafrio. Já havia visto vídeos sobre o Incidente Aures na hipernet. Mesmo em menor número, os arcanistas reprimiram a manifestação violentamente e algumas imagens chocavam. Precisava acreditar que havia sido um mal

necessário. Era o que seu pai, um ex-arcamista que fez parte da tropa de choque, sempre

dizia. Dizia também que receberam ordens de dispersar a multidão e uma vez que um

arcamista recebe ordens, não deve questiona-las, apenas cumpri-las.

É o que vão esperar de mim se eu passar no exame arcamista, pensou.

UM

Marcel jogou água no rosto e no cabelo moreno. Mirou-se no espelho, encarando

o brilho ansioso de seus olhos escuros e respirou fundo. A grande agitação dentro do

vestiário não tinha comparação com o que encontrou do lado de fora. O fluxo de alunos

encheu os corredores. Grupos conversando e rindo nervosamente e casais adolescentes

caminhando de mãos dadas. Dava para sentir a tensão no ar. Não se tratava de uma

quarta-feira comum no Instituto Beta. Era o primeiro dia do exame arcamista.

Juntou-se a multidão de jovens que esperava o início das atividades no pátio.

Como os demais, usava o uniforme de educação física, composto por uma camiseta

regata branca, calça de agasalho verde escuro e tênis esportivo. Foram ocupando a área

gramada, rodeada por folhas plásticas imitando uma cerca viva de um metro de altura. A

cúpula de vidro acima deles permitia a passagem do sol da manhã.

Uma dúzia de oficiais já estava empoleirada num palanque montado na área gramada, próximo às quadras poliesportivas. Usavam boinas militares e tinham dragonas prateadas nos ombros. Mantinham seus capotes abotoados, um costume entre os veteranos.

Passados alguns minutos, outro oficial aproximou-se com passadas firmes, uma figura que todos ali conheciam ao menos de vista. O diretor Cecil contava mais de

sessenta anos e tinha o rosto marcado, mas conservava-se em forma para a idade. Após

trocar palavras em voz baixa com alguns, fez sinal para um arcanista mais jovem. Este

foi ao microfone e disse:

— Vamos dar início à cerimônia que abre o exame arcanista.

O pátio explodiu em uma onda de vibração. Após a execução do hino nacional de Vera Cruz, as vozes foram substituídas por um burburinho ansioso. Cecil tomou a

palavra num discurso ensaiado:

— Bom dia — o diretor possuía uma voz dura. — Antes de mais nada, quero cumprimenta-los. Este ano, duzentos e oitenta alunos e alunas estão inscritos para o

exame, um recorde para o Instituto Beta. É muito bom ver tantos jovens desejando

serem parte de uma força protetora nobre como a Arcanum. Vamos relembrar uma vez

mais as regras do exame: serão quatro testes em dois dias, cada um deles valendo vinte

e cinco pontos. Os candidatos que somarem setenta pontos ou mais terão a chance de

realizar o teste final no terceiro dia.

Cecil mostrou a mão direita, uma aura luminosa envolveu seu punho. Os alunos murmuraram admirados.

— O mana — disse ele. — A energia universal que abastece nossas casas, nossos dispositivos eletrônicos e nossos carros, também é a fonte do poder máximo da

Arcanum. A força nascida no coração do nosso planeta, domina-la é o teste final.

Aqueles entre vocês que o fizerem serão arcanistas. Boa sorte a todos!

Depois dos aplausos, o mestre de cerimônias convocou os candidatos a se dirigirem para a área de treinamento. O primeiro teste, o combate corpo-a-corpo, iria

começar. Avisou que em poucos minutos os alunos receberiam o resultado do sorteio

das lutas.

Os jovens começaram a deslocar-se para os elevadores. De volta ao saguão, a cabeça ruiva de Kelvin atraiu a atenção de Marcel, ainda mais quando percebeu que o

amigo conversava com sua colega de classe e amiga de infância Beatrix.

— Chegou o dia — disse ela. Possuía cabelos loiros curtos, com uma franja caindo de lado na testa. Tinha uma pinta discreta perto do olho esquerdo que

Marcel

considerava absurdamente charmosa. Vestia o uniforme de educação física. —

Nervoso?

— Nervoso é apelido. E aí, Kelvin, já criou coragem para participar do exame?

O ruivo vestia o uniforme escolar azul claro. Ainda que administrado por uma organização paramilitar, o Instituto Beta também funcionava como uma escola comum,

cobrindo do primário ao terceiro grau. Alunos-civis como Kelvin recebiam apenas a

educação acadêmica, enquanto aqueles com pretensão de se tornarem arcanistas, como

Beatrix e Marcel, além de estudarem, passavam por sessões de treinamento.

— Nem pensar, isso é coisa de maluco! — disse Kelvin com bom humor. —

Vim pesquisar para aquele trabalho de história. O bom é que hoje vai ter menos gente lá

em cima. Vou ficar com a biblioteca só pra mim.

O *smart watch* no pulso direito de Marcel vibrou. Por todo o saguão, os relógios dos candidatos emitiram alertas de mensagem. O resultado do sorteio das lutas chegara.

Marcel girou o pulso com a mão para cima, o aparelho identificou o movimento e

projetou uma tela holográfica em sua palma. A mensagem recebida consistia em um

ticket com um grande A1. Beatrix mostrou o ticket C15 na palma de sua mão.

— Estou na primeira luta do tablado A — disse ele. — Melhor descer logo.

— Boa sorte — desejou Kelvin. — Vou ficar torcendo. Encontro vocês na hora do almoço.

Marcel e Beatrix seguiram para um dos elevadores do saguão.

— É agora — a voz dela aparentava tranquilidade. Seria preciso conhecê-la realmente bem para perceber o leve tremor ansioso. Marcel percebeu. Não tinha dúvidas

de estar ainda mais nervoso que ela, mas tentou incentivá-la:

— Você vai conseguir, Beatrix. Aquela sua katana assusta qualquer um — o tom de brincadeira a fez sorrir.

— Lembra na segunda série, quando a gente matava aula para ver os arcanistas treinando?

— Claro que lembro — ele devolveu o sorriso. Jamais esquecia de nada que fazia na companhia dela.

Conheceram-se quando eram crianças, poucos dias após Beatrix começar a estudar no Instituto Beta, na mesma turma que ele. Ouviu-a dizer a uma amiguinha que

queria ser arcanista e, sem pensar, entrou na conversa afirmando que sabia como descer

escondido até a área de treinamento. Isso era verdade. Naquela época, Marcel já conhecia bem o edifício por percorrê-lo com o pai. O que não disse é que nunca tivera

coragem para fazê-lo às escondidas. Mesmo assim, não foi capaz de recusar

quando a

menina loirinha pediu que a levasse até lá.

Naquele mesmo dia, desceram pelas escadas até o subsolo e esgueiraram-se para um grande depósito atrás da área de treinamento, onde ficavam guardados aparelhos de

academia e painéis eletrônicos. Para surpresa de ambos, encontraram outros alunos no

local. As luzes estavam apagadas, mas o brilho dos *smart watches* de todos fornecia um

mínimo de iluminação.

Equilibraram-se sobre caixas e esticaram os pescoços para enxergar o treino dos arcanistas através de pequenas janelas.

Viram um sujeito fazer surgir uma bola de fogo na palma de sua mão e

arremessa-la na direção de uma mulher. Ela respondeu lançando uma bola de gelo. Os

bólidos chocaram-se no ar, desintegrando-se. Parecia uma espécie de jogo entre os dois.

Em seguida, a mulher atacou e o homem defendeu.

— Ele tem uma gema-flama e ela tem uma gema-glacial — dissera alguém.

Em outro ponto da área de treinamento acontecia um jogo diferente. Uma

mulher negra bateu um pé no chão e um bloco de concreto se projetou do piso. Ao lado

dela, uma morena pressionou a têmpora com a ponta dos dedos e, com outra mão,

gesticulou como se levantasse um objeto pesado. O bloco de concreto flutuou no ar. A

morena fez um gesto rápido de empurrar e o bloco voou na direção de um sujeito de

cavanhaque. Ele lançou um relâmpago pela palma de sua mão, destruindo o bloco no

meio da trajetória. Porém, o jogo ainda não havia terminado.

A negra que batera o pé no chão, começou a girar os braços e, imediatamente, os pedregulhos e a poeira que restaram do bloco deslizaram pelo piso e retornaram para o

buraco de onde o bloco saíra. Ela fechou o punho, fazendo o pó e as pedras fundirem-se.

Quando terminou, seria impossível apontar qualquer diferença entre aquela parte e o

resto do piso.

— É a gema-rocha! — exclamaram os alunos no depósito. — Aquela mulher tem uma gema-rocha. A morena tem uma gema-telecinética e aquele cara tem uma gema-trovão.

Havia ainda um par de arcanistas meditando em algum tipo de treinamento mental.

Quem mais chamou a atenção de Marcel foi uma mulher que se exercitava em aparelhos de academia. Apesar dos braços magros e pernas finas, ela levantava alteres

com uma quantidade absurda de peso.

— Uma gema-fortitude — alguém explicou. Marcel não teve dúvidas. Era esse o poder que queria ter quando se tornasse arcanista.

Aquela foi a primeira de muitas vezes que mataram aula para ver os treinos.

Beatrix cada vez mais encantada com o poder dos arcanistas. Marcel cada vez mais

encantado com ela.

Oito anos haviam passado. Desta vez não desciam escondidos.

Os dois foram os últimos a entrar num elevador lotado de candidatos. Beatrix cumprimentou dois rapazes e ocupou um canto perto das portas, atraindo os olhares

masculinos. Marcel assumiu uma posição protetora entre ela e os demais, embora ele

próprio tivesse dificuldade para tirar os olhos da moça. Aquela menina bonitinha já era

quase mulher, dona de um porte atlético e de um corpo cheio de curvas.

Daria tudo para saber se Beatrix Laure tinha consciência do que sentia por ela.

Em outros momentos, sonhava com a possibilidade de ser correspondido. Ao longo dos

anos, a viu trocar de namorado inúmeras vezes, mas não namorava atualmente.

O elevador chegou ao subsolo, onde ficava a vasta área de treinamento.

Oito tablados de um metro de altura, identificados com letras nas laterais,

dominavam o cenário. Candidatos moviam-se entre os ringues ou usavam espaços livres

para se aquecerem. Poderosas lâmpadas de mana garantiam a iluminação. Ao

contrário

dos oficiais, os arcanistas que seriam os juízes tinham as cabeças descobertas e os

capotes desabotoados, revelando a camisa preta de botões prateados que vestiam por

baixo, os ombros sem dragonas.

Junto a cada tablado, painéis holográficos exibiam informações. O painel do

tablado A mostrou a foto, nome completo, idade, classe escolar e estilo de luta de

Marcel Seeder. O perfil de seu adversário também foi exibido: um jovem de cabelo

escuro, barbicha no queixo quadrado e brinco, chamado Sandrino Miller. Em uma

estante de armas, Marcel apanhou um cilindro de trinta centímetros feito de material

preto. Sentiu um frio na barriga ao subir no tablado.

Porque logo eu na primeira luta? , pensou.

O nervosismo só aumentou quando seu oponente subiu no tablado. Apesar do

painel dizer que tinham a mesma idade, Sandrino era meia cabeça mais alto, tinha

ombros largos, braços fortes e usava luvas de boxe.

Buzinas de ar indicavam que as lutas já haviam começado nos outros ringues.

Marcel torceu o cilindro, as extremidades projetaram-se, convertendo-o em um bastão

bo de comprimento equivalente a altura de Marcel e três centímetros de

diâmetro.

Gostava dessa arma por exigir mais habilidade que força. A girou no ar para se aquecer,

transformando-a em manchas escuras indistintas. Hora de ver se as duas aulas por

semana que teve nos últimos anos compensaram.

No painel holográfico, os perfis foram substituídos por duas barras amarelas,

uma embaixo de cada foto, representando a energia dos lutadores. A mecânica dos

combates lembrava um game de luta. Nanossensores embutidos nas armas avaliariam

cada golpe, diminuindo a barra de energia dos combatentes de maneira proporcional ao

dano recebido. Quem perdesse toda a sua barra, perdia a luta. Se após um minuto,

ambos os combatentes tivessem energia, aquele com a barra maior seria declarado

vencedor. Golpes “fatais” ou a queda de um deles do tablado encerravam o confronto

imediatamente.

Sandrino ensaiou socos e depois moveu o pescoço para os lados, fazendo os ossos estralarem um par de vezes.

— Boa sorte, colega — disse o rapaz forte, num tom manso e confiante. Em seguida, ergueu os punhos e flexionou ligeiramente os joelhos, numa postura de boxeador.

Ao som da buzina, o combate começou. Os oponentes moveram-se devagar, estudando um ao outro. Sandrino ensaiou *jabs* de esquerda, Marcel acompanhou o ritmo

do gingado de seu oponente. Passados vinte segundos, decidiu atacar.

Segurou o bastão como uma espada e desenhou um arco descendente. Sandrino abaixou o corpo e avançou, o bastão o tocou nas costas sem causar muito dano. Um

potente direto acertou o lado esquerdo do abdômen de Marcel, tirando seu equilíbrio. O

golpe foi seguido por um par de socos potentes no lado direito da barriga.

Sem fôlego, Marcel tentou recuar. Um cruzado o atingiu com força no peito e quando deu por si, encarava o teto.

Caído, seu olhar buscou o painel holográfico junto ao tablado. Sua barra de energia estava por um fio, mas ainda não havia sido derrotado. Apoiou-se no bastão

para levantar. Tempo esgotado. A buzina de ar encerrou a luta.

— Desculpa aí, colega — disse Sandrino antes de saltar do tablado para ser celebrado pelos amigos.

Desconcertado e dolorido, Marcel guardou o cilindro na estante de armas. A essa altura, os alunos já prestavam atenção na luta seguinte. A expressão preocupada de

Beatrix o machucou tanto quanto os socos de Sandrino Miller.

— Como você está? — perguntou ela.

— Como se tivesse levado uma surra de um cara grande.

Ela ignorou a brincadeira.

— Tenho certeza que a próxima você ganha.

Os combates desse teste não eram eliminatórios. Apesar de uma vitória contar muito, os juízes que acompanhavam as lutas avaliavam os candidatos por sua técnica.

Dessa forma, mesmo com duas derrotas, ainda podia-se somar pontos, mesmo que

poucos.

Os combates prosseguiram simultaneamente nos oito ringues. As buzinas de ar e os gritos dos candidatos torcendo por seus amigos tomaram conta da área de treinamento. Algumas lutas foram bem feias. Um rapaz que lutava no tablado E venceu,

mas saiu com o supercílio sangrando e um combate no tablado H terminou quando uma

garota teve o braço quebrado por uma maça.

Cerca de uma hora mais tarde, o perfil de Beatrix apareceu no painel holográfico do tablado C.

— Boa sorte! — Marcel tocou no ombro dela. — Não vá se machucar.

Na estante de armas, ela apanhou um objeto retangular de pontas arredondadas.

O outro lutador, um rapaz de cabeça raspada, armado com um tridente já a esperava. Ela

torceu o objeto e uma lâmina preta projetou-se.

Beatrix dominava a katana. A que usaria nesse combate não possuía fio, assim como o tridente de seu oponente. Isso não garantia que ninguém sairia machucado,

razão pela qual os candidatos precisaram assinar um termo de responsabilidade na

véspera do exame.

Marcel a viu assumir sua postura de luta tradicional, segurando a lâmina

horizontalmente na altura do queixo. O preocupava o fato do rapaz de cabeça raspada

ter dezoito anos, idade em que, normalmente são concluídos os estudos no Instituto

Beta. Ele, Beatrix e a maioria dos candidatos tinham dezesseis, ou seja, faziam o exame

arcanista pela primeira vez. Aqueles com dezoito estavam em sua última tentativa e

eram considerados os piores adversários por terem mais experiência e nada a perder.

A luta teve início. O rapaz de cabeça raspada investiu num movimento rápido

com o tridente em posição de estocada. Beatrix reagiu ainda mais rápido. Ela girou de

lado para escapar da investida ao mesmo tempo em que lâmina sem fio da katana

desceu para atingir seu adversário na nuca. Um golpe “fatal”. E como se não bastasse,

ele caiu fora do tablado.

A buzina de ar tocou novamente indicando o final da luta. Os candidatos que

assistiam vibraram. Beatrix sorriu satisfeita, mas manteve a postura. Com uma

torção no cabo, a katana retraiu-se. Ela desceu do tablado e guardou a arma, só então, se

soltou um pouco.

Terminada a primeira fase do teste de combate, os vencedores estavam dispensados, mas a maioria permaneceu para assistir a segunda fase. Beatrix fez companhia a Marcel até o perfil dele voltar a aparecer no painel holográfico.

Dessa vez, aguardou que a adversária subisse primeiro no tablado. Tratava-se de uma moça esguia de pele escura e um bonito cabelo cacheado chamada Adriene Elven,

um pouco mais baixa que outras garotas de dezesseis. Ela trazia um arco composto na

mão esquerda e, nas costas, uma aljava cheia de flechas aderentes.

Marcel subiu sentindo uma ligeira dor em ambos os lados do abdômen que, ele sabia, só iria piorar até o final do dia. Os dois adversários cumprimentaram-se com um

aceno discreto de cabeça.

Tão logo o combate começou, Adriene partiu para a ofensiva. Num piscar de olhos, ela tirou uma flecha da aljava e disparou. A velocidade do ataque surpreendeu

Marcel, mas ele conseguiu desviar a seta com um giro do bastão. A garota afastou-se

para a borda do tablado, disparando outra flecha. Ele defendeu novamente.

Adriene se moveu nos limites do tablado em pequenos saltos laterais, atirando repetidamente. Marcel tentou uma aproximação para pressiona-la num dos cantos,

porém, as dores no abdômen restringiram seus movimentos e o impediram de alcança-

la. Uma flecha aderiu à sua calça de agasalho sobre a coxa direita. Pelo canto do olho,

ele viu sua barra de energia diminuir no painel holográfico.

Agora precisava reverter a desvantagem. Segurando o bastão como uma espada, tentou uma estocada contra a mão que segurava o arco. Adriene fez uma esquiva lateral

no último instante e, ao mesmo tempo, disparou outra seta.

Com a guarda baixa, Marcel não teve defesa. A flecha grudou em sua camisa no centro do peito. Um golpe “fatal”. Sua barra de energia esgotou-se imediatamente.

Ele teve vontade de ir para debaixo da terra. Sequer conseguiu tocar em Adriene.

Deparou-se com o olhar inseguro dela, parada bem na sua frente.

— Com licença, eu preciso devolver todas as flechas — disse ela num fiapo de voz.

Alguns candidatos ao redor do tablado fizeram o favor de reunir as setas que voaram para longe. Marcel deu-se conta de ainda ter uma colada na coxa e outra no

peito. Impaciente, arrancou-as, jogou no chão e deixou o tablado pisando duro.

*

À tarde, os alunos retornaram ao subsolo para o segundo teste. A área de treinamento não lembrava em nada o cenário da manhã. Os tablados e o resto da estrutura montada para os combates corpo-a-corpo dera lugar a uma elaborada pista de

obstáculos, desenhada para avaliar as capacidades físicas e coordenação dos candidatos.

Areia artificial cobria o chão.

O tempo-alvo seria de doze minutos. Quem ficasse abaixo disso, teria a melhor pontuação. Quanto maior o tempo, menor o número de pontos. Durante os treinos das

semanas anteriores a melhor marca de Marcel foi de pouco menos de catorze minutos,

alcançada num dia em que estava descansado e bem-preparado. Hoje sentia o desgaste

das duas lutas, além do incomodo no abdômen.

Tentou limpar a mente desses pensamentos.

A moça à sua frente na fila tinha o cabelo tingido de rosa preso num rabo de cavalo, os braços cobertos de tatuagens coloridas. Ela começou a pista de obstáculos e

Marcel fez um último aquecimento na linha de largada. Sua volta teria início em sessenta segundos. Um arcanista no ponto de partida registrou seu nome e cronometrou

o tempo num *tablet* finíssimo e transparente.

— Três... dois... um... — disse o arcanista. — Vai!

Marcel partiu num ritmo controlado. A pista de obstáculos testava mais a resistência que a velocidade. De nada adiantava gastar todas as energias logo de cara e ficar esgotado na metade da volta.

O primeiro obstáculo era a Torre, uma simples grade de barras de ferro que lembrava uma escada de mão. Uma barra vertical dividia a Torre ao meio. A moça de cabelo rosa terminava a descida pelo lado esquerdo no momento em que Marcel começou a subir pelo lado direito. Ele passou sobre a última barra, a quatro metros de altura e pôs-se a descer.

Quando tocou o chão, o rapaz que vinha atrás já encontrava-se na metade da subida. Sem perder o ritmo, Marcel seguiu para o obstáculo seguinte: saltitar sobre pneus deitados no solo. A seguir vinha o Cipó do Tarzan, que consistia em saltar sobre um fosso e agarrar uma corda pendurada no meio do impulso para chegar ao outro lado.

Depois precisou apertar o passo para subir a Rampa, pular de volta ao solo arenoso e avançar para a Viga de Equilíbrio, uma estreita trave em forma de um grande

M, sobre a qual os alunos tinham de atravessar de braços abertos para não cair.

Agora em outra direção, a pista continuou com o Passeio do Macaco, um obstáculo semelhante a um brinquedo de *playground*. Por uma espécie de escada

suspensa na horizontal, os candidatos passavam pendurados pelas mãos. Perto do fim do

obstáculo, Marcel sentiu seus dedos escorregarem e caiu. O rapaz que vinha logo atrás

aproveitou para ultrapassá-lo.

Marcel voltou a se pendurar e concluiu a travessia já ofegante.

Na sequência vinham as Barras Alternadas, onde passou por baixo de uma barra baixa, girou o corpo por cima de uma barra alta e por baixo de novo. Depois, um novo

impulso para escalar um muro de dois metros de altura. Viu que a moça de cabelo rosa

também fora ultrapassada e que ele próprio se aproximava dela.

Adiante, subiram uma escada para alcançar a Pinguela, uma ponte formada por três cordas: uma servia de passarela e as outras duas faziam as vezes de corrimãos,

cordames menores mantinham as cordas principais próximas. O balanço era terrível, a

Pinguela pendia constantemente para um lado e para o outro.

Depois de pular para o solo, outra Viga de Equilíbrio em forma de M conduzia à reta final. Marcel percebeu os sinais de desgaste. Sua passada estava mais curta e a

respiração, mais pesada. Para piorar, o obstáculo que mais detestava vinha a seguir: uma

rede de cordas grossas erguida entre dois postes. Chamavam de Aranha. A subida não

oferecia uma sustentação firme para as mãos e os pés enroscavam facilmente.
Lutou

para subir. No alto da Aranha, percebeu que teria de aumentar o ritmo para não ser

superado pela garota morena que vinha atrás. A descida foi uma nova luta.

Depois da Aranha, avançou para o último obstáculo, a Cama de Gato. Um longo trecho onde devia se arrastar pela areia sob um emaranhado de raios laser. Tocou nos

feixes de luz resultava em perda de pontos. Marcel entrou na Cama de Gato a pouca

distância da moça de cabelo rosa, ultrapassando-a na metade do obstáculo.

Cruzou a linha de chegada extenuado. O suor transbordando no rosto e braços, a camisa grudada no corpo. A respiração acelerada.

— Não bloqueie a linha de chegada — disse o arcanista que estava de juiz. — A área de descanso fica ali na frente.

Uma dúzia de candidatos recuperava o fôlego em um espaço adiante. Marcel

apoiou-se sobre os joelhos, viu o rapaz que o ultrapassara esgotado. A moça de cabelo

rosa deitou no chão sem a menor cerimônia. Já a garota morena que quase o alcançou

no final parecia pronta para dar outra volta na pista.

Os que descansavam há mais tempo foram saindo enquanto outros chegavam.

Marcel ainda ofegava, mas recuperou-se o bastante para fazer um alongamento.
O

estado da moça de cabelo rosa aparentava ser pior que o seu, o que, de alguma forma

lhe trouxe certo consolo. Sem dizer nada, estendeu a mão e a ajudou a ficar de pé. No

final do corredor, uma dúzia de candidatos conferia seus tempos num placar holográfico.

A moça passou direto, mas ele quis saber o tamanho do prejuízo. Marcou o tempo de quinze minutos e vinte, mais de três minutos acima do tempo alvo. Suspirou e

caminhou para o elevador, encontrando um movimento de alunos moderado.

No térreo, seguiu pelo grande corredor que desenhava um amplo círculo, passando direto pela secretaria e pelos escritórios administrativos. Após uma boa caminhada, chegou ao setor oposto à recepção, onde ficavam os vestiários.

O vestiário masculino encontrava-se razoavelmente cheio, os desempenhos e resultados do primeiro dia de testes dominavam as conversas. Marcel destrancou seu

armário pressionando o polegar num leitor biométrico, livrou-se do uniforme suado de

educação física e entrou debaixo de um chuveiro. Sob a água morna, pensou em sua

performance. Não podia se dizer surpreso.

Os exercícios com o bastão o mantinham em forma, mas estava longe de ter um bom porte físico. Já esperava ter dificuldades no primeiro dia de testes. *Só não esperava*

ir tão mal assim, pensou ele.

Sentia-se frustrado, porém, acreditava ser capaz de recuperar terreno no segundo dia.

Fechou o chuveiro e voltou para o armário. Tirou uma toalha e o uniforme escolar de dentro da bolsa esportiva. Vestiu-se, guardou a toalha e os trajes suados e

deixou o vestiário levando a bolsa no ombro.

No caminho da saída, viu Beatrix a distância, conversando animadamente com os dois rapazes que cumprimentara no elevador. Um dos rapazes parecia flertar abertamente. Pensou em ir até lá, mas se limitou a fazer um aceno de despedida, que ela

respondeu de maneira distraída. Nunca antes ficou tão aliviado por colocar os pés fora

do Instituto Beta.

DOIS

Marcel teve um pouco de sorte na estação do monotrilho. Ficou apenas quarenta minutos na fila antes de alcançar a catraca giratória. O normal seria esperar mais de uma

hora. Abriu um aplicativo no *smart watch*, projetando a tela na palma direita e a passou

no leitor da catraca. Um bip confirmou a compra da passagem. Subiu a escada rolante

até a plataforma de embarque, encontrando-a mais que lotada, como sempre.

Os transportes chegavam a cada cinco minutos. Uma centena de passageiros

descia por um lado, a mesma quantidade subia pelo outro e mais um sem fim de pessoas

chegava à plataforma, mantendo-a apinhada a qualquer hora do dia ou da noite. Quando

a composição que esperava chegou, a maré humana o conduziu para a porta mais próxima.

O carro deixou a estação, deslocando-se velozmente pelo monotrilho sobre a cidade, passando próximo ao Instituto Beta. Mesmo rodeado por arranha-céus muito

mais altos, o edifício da instituição destacava-se pela ampla área que sua estrutura

circular ocupava. Às vezes, Marcel brincava dizendo que o prédio do Instituto tinha a

forma de um biscoito gigante. Na fachada, destaque para o enorme símbolo da

Arcanum: um círculo dentro de outro, linhas dividiam o interior do círculo menor em

quatro fatias.

O monotrilho seguiu por um breve passeio pelo centro de Sanctorum, a segunda maior das catorze cidades de Vera Cruz, menor apenas que a capital Januarii. De acordo

com os registros históricos, no período anterior à Guerra Absoluta existia ali uma

metrópole onde viviam quarenta milhões de pessoas. O tamanho de Sanctorum correspondia a apenas uma fração da antiga cidade, mas abrigava quase a mesma população.

A superlotação deixava suas marcas em toda parte. Abaixo do monotrilho, um congestionamento monstruoso tomava conta das ruas do centro. A primeira pista elevada encontrava-se igualmente cheia de automóveis presos num engarrafamento. Na

segunda e na terceira pista o tráfego era intenso, mas fluía.

Os arranha-céus pipocavam naquele setor. Grandes painéis holográficos exibiam nomes de lojas e estabelecimentos, as letras dançando em animações. Imensas telas

passavam todo o tipo de comercial: carros, bancos, universidades, bebidas, perfumes,

brinquedos, seguradoras e tudo mais que se possa imaginar.

Outro painel, exibindo o noticiário do canal seis, atraiu a atenção de alguns dos passageiros do monotrilho.

As imagens mostravam bombeiros lutando contra um incêndio em uma das gigantescas chaminés da usina de extração de mana. O rodapé do noticiário resumia a

situação: “Atentado a bomba deixa dois feridos. Voz Verde é principal suspeito”. De

fato, na direção da usina, uma densa fumaça negra misturava-se à poluição.

Após passar um quarto de hora espremido, Marcel chegou a estação no bairro classe média baixa em que morava. Encontrou a plataforma lotada, embora esta fosse

bem menor que a estação do centro.

Pequenos prédios de dois ou três andares, nos quais cada andar constituía um

único apartamento, ocupavam a paisagem. Ele passou por um estacionamento de taxis e

por algumas guaritas, onde pessoas esperavam pelos ônibus que percorriam o setor.

Adiante, teve de descer para a rua, já que a calçada em frente a uma grande pizzeria

estava ocupada pelas mesas e cadeiras do estabelecimento. Chegou a uma rua arborizada artificialmente, cumprimentou uma vizinha que passeava com as crianças e

outro que se dirigia ao hipermercado. Cruzou com dúzias de outras pessoas nas calçadas

cheias de gente.

Precisou esperar uns bons minutos para atravessar uma rua, enquanto os carros

passavam sem parar, inclusive uma viatura arcanista. Em Sanctorum, a Arcanum fazia o

trabalho de força policial e esse acabava sendo o destino da maioria dos arcanistas

ligados ao Instituto Beta.

Por fim, subiu uma escada entre um par de prédios de dois andares. Os degraus

terminavam num pequeno piso de um metro quadrado. Em frente a porta, colocou a mão

espalmada sobre um sensor de toque.

— Bem-vindo ao lar! — saudou a gravação, quando a porta deslizou lateralmente.

Mal pôs o pé dentro de casa, encontrou o olhar inquisidor do pai, sentado em sua

poltrona favorita. Antonius contava quarenta e um anos, fios brancos salpicavam seu

cabelo.

— Como foi o primeiro dia? — perguntou, não sem certa firmeza, como se antecipasse a resposta.

— Bom... — ainda parado na porta, Marcel desviou o rosto. — Podia ter sido melhor.

— Eu sabia — bufou Antonius. — Eu cansei de dizer: “você está fora de forma... não fique jogando videogame o dia inteiro... faça um pouco de exercício”.

— É, o senhor disse...

— Você já é quase um adulto, filho, tem de levar as coisas mais a sério. Não tem melhor lugar para se tornar um homem de caráter do que a Arcanum.

— Eu sei, pai. O senhor tem razão — Marcel assumiu uma postura conciliadora.

No fundo, sentia-se cansado. Tinha ouvido aquela mesma conversa várias e várias

vezes. — Vou só fazer um lanche e depois vou para o meu quarto estudar para os testes

de amanhã, está bem?

A sala de estar não era grande, mas, assim como o resto da casa, a decoração fora pensada de forma a aproveitar todo o espaço. Uma mesinha de centro, uma samambaia de plástico num canto e um móvel com um porta-retratos holográfico compunham a decoração, completada por um sofá de dois lugares e a poltrona

onde

Antonius passava a maior parte do tempo assistindo os canais de notícias. Ele mantinha

a perna esquerda sempre um pouco esticada, devido a uma rigidez no joelho.

Em seu quarto, Marcel trocou o uniforme por uma camiseta e uma bermuda. De volta à cozinha, vasculhou a geladeira à procura de algo para comer.

— Estou pensando em ligar para o diretor. De repente, ele pode ajudar — disse Antonius. Apenas um balcão separava a sala e a cozinha.

— Não precisa — Marcel deu mais atenção à geladeira do que a conversa. No freezer, encontrou uma embalagem de pamonha micro-ondas, feita de uma massa com

sabor artificial de milho. A aposentadoria do pai nunca permitiria se darem ao luxo de

comer comida verdadeira, não-sintética.

Marcel olhou para ele disfarçadamente, lembrando de quando era menino e

como ficava deslumbrando toda vez que o via vestindo capote. Antonius fez parte da

Arcanum durante mais de uma década. Serviu juntamente com o filho do diretor Cecil e

chegou a ser um *knight* nível 2. E como tinha orgulho disso! Sempre falava do trabalho

de peito estufado e Marcel adorava ouvir suas histórias. Quando visitavam o Instituto

Beta, Antonius o exibia para os colegas, sonhando com o dia em que seguiria seus

passos.

Tudo terminou bruscamente, graças ao Incidente Aures. Antonius fez parte da tropa de choque que reprimiu a manifestação do Voz Verde de forma violenta. A explosão de uma bomba caseira encheu seu joelho de estilhaços, levando a uma aposentadoria por invalidez aos trinta e quatro anos.

O apito do micro-ondas espantou as lembranças. Marcel puxou um banquinho estofado embutido embaixo do balcão. A pamonha cheirava bem, abriu a parte de cima

da embalagem e comeu com as mãos mesmo.

A TV agora exibia uma reportagem ao vivo sobre o ocorrido na usina de mana, causado por um artefato incendiário. A imagem mudou para a âncora do jornal, uma

morena de feições orientais num terninho executivo.

O atentado não deixou feridos, mas parte dos equipamentos de extração foi danificada e outra parte teve de ser desligada por segurança. Mesmo um ataque em

pequena escala como aquele podia causar muitos problemas. Como fonte de energia

universal, o mana abastecia todo e qualquer equipamento eletrônico e até mesmo veículos eram movidos com baterias desse elemento.

— Estava demorando para o Voz Verde sair da toca — resmungou Antonius.

A reportagem cortou para uma entrevista com um homem um pouco acima do peso, na casa dos quarenta, quarenta e cinco. O cabelo escuro fora penteado para

frente

numa tentativa de disfarçar um princípio de calvície, usava óculos de aro quadrado e

exibia uma barba bem aparada. Algo no semblante do Regente-Geral de Vera Cruz

Domenico Noble, lhe dava um ar paternal.

— Olha ele aí outra vez — disse Antonius. — Já perdi a conta de quantos

programas vi com o Regente e aquela filha metida à besta dele só hoje. Fiquei prestando

atenção no que os apresentadores diziam e sabe o que percebi?

— Que o senhor vê TV demais?

— O Regente comprou a mídia. Ninguém diz uma palavra de mal contra eles, só puxam o saco. Vou te contar, nos tempos do Regente Patrício seria diferente.

Sem aviso, um ruído agudo abafou o som da entrevista. A imagem piscou um

par de vezes. À reportagem voltou a aparecer e sumiu novamente. Na tela, surgiu uma

figura feminina na penumbra, sentada num cadeirão imitando madeira. Vestia um

agasalho verde musgo com o capuz levantado para esconder o cabelo e projetar uma

sombra sobre os olhos, um lenço cobrindo a boca e o pescoço, além de luvas pretas,

completavam o visual.

Tratava-se de Flora, a porta-voz e provável líder do Voz Verde. Conhecida pelos

vídeos que divulgava na hipernet.

— O que estava dizendo sobre a mídia, pai?

— Vamos ouvir — Antonius aprumou-se na poltrona.

— Olá, Vera Cruz — a voz de Flora soava disfarçada por distorções metálicas.

— Não irei interromper seu divertimento televisivo por muito tempo. Só quero dizer

como me sinto feliz pela batalha que vencemos hoje. Vem chegando a hora dos cidadãos se levantarem contra os parasitas da Família Regencial e da Arcanum. Aquilo

que chamam de usinas de mana, eu chamo de sanguessugas, vermes que drenam a vida

do planeta! Quando vão abrir os olhos e perceber que extraindo o mana estão roubando

a própria força motriz da natureza? Conclamo todas as pessoas de bem a rejeitarem a...

— o sinal de Flora começou a perder estabilidade. — Digam “não” ao assassinato lento

da Mãe-Terra — a imagem do canal de notícias piscou — O Voz Verde nunca irá...

— Pedimos desculpas pela interrupção — disse a âncora do jornal. — Nosso

sinal foi pirateado e estamos recebendo notícias de que o mesmo aconteceu com vários

outros canais. Como puderam ver, o Voz Verde acaba de assumir a autoria do atentado

à usina de mana em Sanctorum e...

— Bando de mentirosos — disse Antonius.

— Será mesmo? — perguntou Marcel enquanto dava mais uma mordida na pamonha. O pai ergueu uma sobrancelha. — E se for verdade? E se as usinas de mana forem ruins?

— Ah, meu filho — disse Antonius, como se falasse com uma criança. — Não acredite em nada do que essa mulher fala. O discurso, as roupas, tudo é bobagem. É só

teatro para entrar na mente de jovens impressionáveis.

Marcel não respondeu. Assim que terminou o lanche, jogou a embalagem na lixeira da pequena área de serviço nos fundos, lavou as mãos na pia do banheiro e entrou no quarto.

O cômodo também aproveitava o espaço ao máximo. O guarda-roupa ocupava um dos lados. Um criado-mudo próximo ao pé da cama servia de mesinha de estudo e

de suporte para o videogame, com a TV logo acima. Do outro lado, uma janela dava

para a parede do prédio vizinho.

Junto à cama, havia um móvel encimado por um aquário de sessenta centímetros de altura, o fundo decorado com um castelinho de brinquedo, algas plásticas e uma plaquinha dizendo: “não toque no vidro”.

Marcel preferia peixinhos pequenos, com menos de quatro centímetros, assim

podia ter uma porção. Atualmente possuía uma dúzia, de todas as cores. Achava que os

mais bonitos eram um cascudo listrado feito uma zebra e um kinguio dourado.

Queria acessar a hipernet e ver se os amigos estavam comentando sobre a transmissão de Flora, mas notou que estava na hora de alimentar os peixes.

— E aí, estão com fome? — apanhou dois potinhos sobre o criado-mudo, um branco e outro laranja. Sentou no colchão, perto do aquário. — E vocês, como é que me

veem?

O pensamento retornou ao almoço que teve na cantina do Instituto Beta, no intervalo entre o primeiro e o segundo testes. Sentara-se em uma das longas mesas entre

Beatrix e Kelvin. Naquela hora, desejava abafar a frustração com algum lanche gorduroso. Beatrix o impediu, insistindo para fazerem uma refeição leve e comeram o

que havia de mais saudável no cardápio: suco de laranja artificial e sanduíche com

alface sintética, cenoura sintética, tomate sintético e frios sintéticos, num pão de forma

sintético.

— Se comer algo pesado vai passar mal durante a pista de obstáculos — disse ela, com seu ar tranquilo. Marcel não queria falar sobre os exames e procurou mudar de

assunto. Infelizmente, um movimento acusou uma pontada no abdômen. — Devia tomar

um analgésico.

Passados alguns minutos, Beatrix pediu que dessem licença para ir conversar com um rapaz mulato, dono de um belo porte atlético.

— E quem é esse aí? — disse Marcel.

— Como é que eu vou saber? — brincou Kelvin. — Metade dos caras do

Instituto já deram em cima da Beatrix. Você tem muita concorrência, é melhor não

perder tempo e chegar junto.

— Ótima ideia! Chego nela e digo: “quer sair comigo depois do meu fiasco no exame arcanista”?

— Seria uma cantada bem diferente! Falando sério, quantos anos mais vai ficar esperando?

Marcel respondeu com suspiro.

— Mais cedo, ela lembrou de quando matávamos aula na segunda série. Naquela época, a gente andava de mãos dadas e todo mundo pensava que éramos namorados —

outro suspiro. — Eu bobeei em algum momento lá atrás...

E agora tenho medo de perder a amizade se me declarar, pensou, mas guardou isso para si.

— No seu lugar, eu olharia essa situação como uma partida de xadrez — Kelvin frequentava o clube de xadrez do Instituto e fora vice-campeão do último torneio interno. — Para saber o que fazer é preciso compreender como o seu adversário

está

vendo o jogo. Quer saber como chegar na Beatrix? É só pensar em como ela te vê.

— Como?

— Eu sei lá! É você que está caído.

— Valeu! Ajudou bastante, amigo!

O *smart watch* vibrou, trazendo os pensamentos de Marcel de volta a seu quarto.

Transferiu a ligação para a TV. Na tela apareceu o semblante constrangido e ligeiramente redondo de Anna Cesare, uma mulher de trinta e cinco anos e cabelos

oxigenados.

— Oi, mãe — disse ele num tom casual, enquanto tirava o aparelho do pulso e o posicionava contra a lateral do aquário, de forma que a lente da câmera pegasse seu

rosto.

— O que está fazendo, meu querido?

— Vou alimentar meus peixes — Marcel abriu o potinho branco, virando-o devagar sobre a própria tampa, com o cuidado de contar quantos cristaizinhos caíam.

— Os exames já começaram?

— Já sim. No Instituto, agenda é coisa sagrada — ele abriu parte da cobertura do aquário e despejou os cristais na água. Vários peixes subiram para comer.

— Como sou burra! Eu devia ter ligado ontem para desejar boa sorte. Desculpa,

querido. Pensei em ligar duas vezes do escritório, nas duas apareceu trabalho bem na

hora que eu ia pegar o telefone. Depois o Nil ainda me lembrou antes de sairmos pra

jantar. Quando fui deitar, eu sabia que tinha de fazer algo importante, só que acabei

dormindo antes de lembrar. Perdão, querido.

— Esquece isso.

— Sou uma péssima mãe.

— Já disse para deixar pra lá.

Caiu o silêncio. Marcel fechou o potinho branco, abriu o potinho laranja e

repetiu o processo de contar quantos cristais deixava cair na tampinha. Os despejou na

água e fechou a cobertura do aquário.

— Para que duas rações diferentes? — perguntou ela. — Carne e vegetais?

— Ah, não — Marcel deixou escapar um sorriso. Anna tocou seu ponto fraco.

— O pote branco é ração leve para os peixes que ficam em cima, o outro pote é ração

pesada para os que gostam de ficar no fundo.

— Só você mesmo, eu nunca tive cabeça para cuidar de animais — ela assumiu um tom sério. — Como foi nos testes de hoje?

— Mal — ele suspirou. — E muito.

— Vai melhorar amanhã. A empresa do Nil nós arrumou lugares ótimos para o

último teste.

— Que bom — Marcel voltou ao tom neutro.

Outro instante de silêncio.

— Vem almoçar no sábado? — perguntou ela.

— Precisa perguntar?

— Não vou tomar mais seu tempo — Anna pareceu triste. — Tchau, meu querido. Não esquece que você é a coisa mais importante pra mim. Tchau!

Ela desligou antes que Marcel se despedisse. Ele não fez caso, estava acostumado com o jeito da mãe. Voltou a atenção para o aquário e passou um bom

tempo admirando os peixes terminarem a refeição. Desistiu de acessar as redes sociais e

sintonizou a TV num canal de clipes musicais, retirou um *tablet* da gaveta do criado-

mudo, sentou na cabeceira da cama e começou a estudar para o segundo dia de testes.

TRÊS

Quando Marcel chegou no Instituto Beta na manhã de quinta-feira, usando uniforme escolar, encontrou um clima bem diferente do dia anterior. Outro tipo de

tensão imperava. O movimento nos corredores era pequeno e os poucos alunos que viu

tinham os rostos inclinados sobre *tablets*. Imaginou que a maioria dos candidatos deveria estar nas salas de aula estudando para o terceiro teste: o vestibular.

A ideia é que para um arcanista não basta força e resistência física, a inteligência também é importante. Por essa razão, um dos testes constituía uma prova acadêmica

tradicional, conhecida pelo alto nível de dificuldade. Apesar disso, Marcel sentia-se

confiante de que poderia alcançar uma boa pontuação.

Antes de ir para a sala, foi ao banheiro masculino. O local, mantido numa higiene impecável, encontrava-se vazio. Colocou a bolsa esportiva sobre a pia, jogou

água na cara e respirou fundo tal qual fizera no dia anterior. Da bolsa, tirou uma toalha

de rosto.

Pelo espelho viu duas pessoas entrarem no banheiro. Uma moça magricela, usando touca de skatista sobre o cabelo moreno e um rapaz mais baixo que Marcel, mas

bem mais robusto, de cabelo crespo, pele queimada de sol e um discreto crucifixo

folheado no pescoço.

Isso agora não, pensou Marcel.

— Oiê! — disse a moça num tom petulante.

— Esse é o banheiro dos homens, Maurícia — disse Marcel. — Caso não tenha percebido.

— Tudo bem. A gente só quer trocar uma ideia, é coisa rápida.

— E aí, amigo? — o rapaz, chamado Xisco, pôs a mão pesadamente no ombro

de Marcel.

— Fiquei sabendo que teve uns probleminhas ontem — disse Maurícia. — Só que como você é um cara esperto, aposto que vai se dar bem hoje.

Marcel desconfiou. Maurícia e Xisco estudavam com ele na mesma classe, mas de forma alguma eram amigos, muito pelo contrário. Todo mundo sabia que os dois

formavam um casal de valentões da pior espécie. Ocasionalmente o escolhiam como

alvo.

O pior caso ocorrera no ano anterior quando Xisco o agrediu sem aviso no pátio com uma série de socos e pontapés que continuaram mesmo após Marcel cair no chão.

Os alunos que passavam nada fizeram — raramente outro aluno se intrometia numa

situação dessas — e Xisco parou somente pela intervenção de um arcanista. Só depois

Marcel veio a saber que Maurícia, sabe-se lá por qual motivo, havia inventado uma

história de que a tentara agarrar à força. O incidente não rendeu nada além de dois dias

de suspensão para o agressor.

As palavras, aparentemente amistosas que diziam hoje, não deixavam de transparecer agressividade.

— Obrigado pelo incentivo — Marcel ansiava por sair dessa situação. Tentou

manter a calma para não parecer um covarde. — Terminamos por aqui?

— Quase — Maurícia vasculhou os bolsos da calça folgada que vestia e encontrou um chip quadrado minúsculo. — Eu e o meu amorzinho estamos precisando

de uma ajuda para passar no vestibular. Que tal dar uma mãozinha colocando isso no

seu relógio?

Ele nunca havia usado um dispositivo como aquele, mas todo aluno sabia o que era um compartilhador. Nas salas de aula, os terminais dos alunos ficavam conectados

em uma rede comunitária, mas os professores podiam bloquear o acesso para certas

atividades e para as provas. Chips compartilhadores usavam a conectividade dos *smart*

watches para burlar esse controle, criando uma rede clandestina que compartilhava a

tela de dois ou mais terminais. Muitos os chamavam de chip cola.

Naturalmente, tal tecnologia não era permitida nas salas de aula. E naturalmente, alguém sempre tentava usa-los.

— Ficou maluca? Sabe tão bem quanto eu que os terminais vão estar superprotegidos. Vamos acabar expulsos da sala.

— Já disse para não esquentar. Esse é o chip cola mais moderno que tem por aí.

Eu e o Xisco já colocamos nos nossos relógios — disse Maurícia, e acrescentou: — Seja

um bom colega, Marcel.

— Anda, cara! — disse Xisco.

Marcel sentiu o aperto no ombro ficar mais forte. Recusar significava comprar briga, mas depois do desempenho ruim do primeiro dia, precisa muito de uma boa nota.

Se tivesse a prova cancelada, certamente seria o fim da linha no exame arcanista.

Respirou fundo e se preparou para ter problemas.

— Não posso me arriscar a perder essa nota.

No instante seguinte, seu braço esquerdo foi torcido para trás, forçando-o a dobrar o corpo para frente. Na tentativa de escapar da torção, derrubou a bolsa sobre os

azulejos brancos do piso, o *tablet* e outros materiais foram ao chão. Xisco segurou seu

antebraço direito e Maurícia grudou o chip embaixo do mostrador do *smart watch* de

Marcel.

Xisco o soltou. A raiva lhe apertou o peito. Devia arrancar aquela porcaria, mas se limitou a encarar seus agressores.

— Nem pensa em tirar o chip, amigo — disse Xisco. — Não vai querer sofrer um acidente no próximo teste, né?

— Deixa ele relaxar — Maurícia gesticulou pedindo calma, embora o tom continuasse petulante. — Vamos combinar uma coisa: faz esse favor que você fica

numa boa comigo e com o meu amorzinho, tipo, pra sempre — ela olhou para seu

relógio. — É melhor irmos para a sala antes que a prova comece. Você vem, Marcel?

Marcel juntou os cacos do seu orgulho e levantou antes que alguém o

encontrasse naquele estado. Viu o rosto vermelho no espelho e engoliu uma bola na

garganta, amaldiçoando sua fraqueza. Em dois dias, fora dominado por três vezes em

situações de confronto. Apanhou suas coisas do chão e guardou na bolsa esportiva,

menos a toalha. Lavou o rosto uma dúzia de vezes, tanto para se acalmar, quanto para

aplar a dor da humilhação.

Filhos da...! Calma... Você tem uma prova pela frente. Fica calmo.

Maurícia e Xisco permaneceram na porta do banheiro e, ao saírem, caminharam atrás dele para ter certeza que não iria arrancar o chip. Subiu ao segundo andar, onde

ficavam as salas das turmas de primeiro e segundo grau. Adentrou a sala do 1º. Colegial

D seguido pela dupla, tentando agir como se nada tivesse acontecido.

— Você está com uma cara nada boa — disse Beatrix ao vê-lo.

Não houve tempo para conversa. O arcanista que ministraria a prova logo

chegou, um homem acima do peso com a barba por fazer. O instrutor distribuiu os vinte

e quatro candidatos da turma de forma a ficarem afastados uns dos outros.
Reiterou

aquilo que os alunos já sabiam. O terceiro teste consistia num vestibular. Uma prova de

cem perguntas de diversas disciplinas: português, matemática, história, geografia,

estudos arcanistas e outras. Todas as respostas deveriam ser discursivas, no caso dos

cálculos, descreveriam cada etapa das equações. O prazo para completar a prova seria

de três horas.

Marcel fez o *login* no sistema, preencheu os dados e teve acesso à prova. Não

tinha a menor vontade de ajudar Maurícia e Xisco, por outro lado, já tinha problemas o

bastante. Decidiu não pensar nisso e concentrar-se nas questões. No entanto, seu olhar

teimava em escorregar para o canto da tela, onde ficava o ícone do *firewall*, bem como

as telas minimizadas da rede clandestina. Levantou a cabeça, procurando o casal de

valentões, mas nenhum dos dois o encarou de volta.

Notou uma mudança no ícone do *firewall*, um movimento discreto, que nem

teria percebido se não estivesse prestando atenção. Teria o programa detectado a conexão irregular?

Ah, que se dane! Concluiu que não valia a pena se queimar por aqueles dois.

Discretamente, levou o indicador esquerdo embaixo do mostrador do relógio, retirou o

chip e o guardou no bolso da calça.

O ícone do *firewall* parou e as telas minimizadas da rede sumiram. Nem fez questão de ver qual seria a reação de Maurícia e Xisco. Passou o resto da prova sem

nenhuma outra preocupação em mente.

Deixou a sala com quinze minutos de folga e desceu para o térreo. Voltou ao banheiro para se livrar do chip cola.

No pátio, encontrou alguns colegas. O tempo limite das provas terminou às onze e meia da manhã. Beatrix e outros que ficaram na sala até o final apareceram. Os únicos

que Marcel não viu foram seus desafetos. Os candidatos do 1º. Colegial D foram almoçar juntos. Em pouco tempo, a cantina ficou lotada. Marcel e seus colegas ocuparam os dois lados de uma das mesas longas. Conversaram e riram tão à vontade

que alguns até esqueceram de comer, mesmo Beatrix soltou-se um pouco mais do que o

habitual.

Foi um momento agradável e não demorou para todas as conversas girarem em torno do quarto e último teste, que seria diferente dos outros: a corrida de regularidade.

Apenas quando deixavam a cantina, avistou Maurícia e Xisco de longe. O olhar que lhe

devolveram o assegurou que teria problemas.

*

À tarde, os duzentos e oitenta candidatos desceram para o subsolo trajando macacões pretos com números estampados, cada um trazia um capacete embaixo do braço. Passaram direto pela área de treinamento e atravessaram a passagem que dava acesso ao galpão de veículos.

Um arcanista negro, com um corte de cabelo militar, tomou a palavra para explicar as regras da corrida. Pelotões de dez alunos partiriam em intervalos de um minuto e deveriam seguir por um traçado demarcado pelas ruas da cidade. Primeiro as

motos de assalto e após todas terem partido, seria a vez dos carros de combate.

Ressaltou que não seria uma corrida de velocidade e sim de regularidade, o objetivo

seria chegar próximo ao tempo alvo. Nem cedo demais, nem tarde demais.

Terminando com as regras, ordenou que a passagem fosse aberta. Na extremidade do galpão, uma rampa dava em uma grande porta dupla. As portas deslizaram para os lados, emitindo um ruído hidráulico e abrindo caminho para o nível da rua. Do lado de fora, milhares de vozes vibraram, o som fez o coração dos candidatos disparar.

Mais que um teste, a corrida se tornara um evento de destaque no calendário de Sanctorum. O barulho aumentou ainda mais quando o primeiro pelotão de motos subiu

a rampa.

Com o número 17, Beatrix partiu no segundo pelotão. A espera de Marcel seria maior, o número em seu macacão era 91, o que o colocava no décimo e último pelotão,

bem como Xisco, com o número 99.

Ele torceu o nariz ao perceber isso. Xisco prometera um “acidente” durante a corrida. Claro que provocar um acidente de moto era muito mais sério do que um caso

de *bullying*. Xisco sempre fora um valentão, mas Marcel não o achava capaz de chegar

tão longe, embora também não duvidasse. A relação com Maurícia o tornara muito pior,

foi um alívio descobrir que ela correria de carro.

As preocupações desapareceram no instante em que montou na moto padrão da

Arcanum. Enquanto os carros de combate foram desenhados para serem pequenas

fortalezas, a *En-Passant* modelo ZX era um veículo de assalto.

Uma moto de porte imponente, com o corpo alongado e robusto, rodas largas, um amplo painel e um bagageiro de oitenta litros na parte de trás do banco. Podia

alcançar trezentos quilômetros por hora e estava equipada com o protótipo de um

escudo cinético anti-colisão.

Marcel colocou o capacete, cuja viseira permitia a visão do rosto inteiro. Para ele, treinar nos simuladores do quarto andar do Instituto Beta assemelhava-se a jogar

videogame e, portanto, conseguia bons tempos. Agora que seria pra valer, sua percepção

mudou. Ao menos neste teste, sentia-se realmente empolgado.

Pressionou a mão sobre o painel de vidro escuro. Círculos azuis apareceram em volta dos dedos, o sensor identificou as digitais. Assim que tirou a mão para vestir as

luvas, surgiu uma mensagem no painel:

“Você está logado, Marcel Seeder! Deseja carregar suas preferências?”

Clicou em “sim”. A altura da suspensão, a inclinação do banco, a posição dos retrovisores e das manoplas ajustaram-se automaticamente de acordo com as configurações que deixara salvas no sistema durante as simulações. Uma dúzia de

mostradores acendeu no painel digital, o motor movido a baterias de mana roncou. A

En-Passant ganhou vida.

As dez motos do último pelotão subiram a rampa para a rua, recebidas pelo barulho ensurdecedor de milhares de pessoas em arquibancadas montadas exclusivamente para o evento. Papel picado chovia das janelas dos edifícios. Cordões de

isolamento feitos de néon delimitavam a pista, um arcanista indicou a eles que

virassem

para a esquerda, para a linha de largada.

O olhar de Marcel percorreu as arquibancadas. O pai certamente se encontrava na tribuna dos ex-arcanistas vestindo seu velho capote. Um ponto azul em uma centena.

Teve ainda menos sorte procurando a mãe no mar de gente.

Com o número 91, Marcel posicionou-se na extremidade esquerda. Uma garota com o número 92 encostou a seu lado, seguida dos demais. Alguns metros adiante, um

painel holográfico exibia os nomes que compunham o pelotão. A lista deu lugar a um

semáforo com quatro luzes vermelhas e uma verde. No momento em que esta última

acendeu, as motos partiram.

Os números 93 e 95 saíram na frente, Marcel na cola deles, emparelhado com a 92 e o 96, Pelo retrovisor, viu o 99 de Xisco e outros dois perderem terreno. À frente,

seguiu um ligeiro desvio para a direita. A subida para a pista elevada terminaria numa

curva acentuada, novamente para a direita.

Em desvantagem pela posição, girou o acelerador para ganhar velocidade na reta. Na tomada da curva, manobrou para deixar a 92 e o 96 para trás e assumir o terceiro lugar. Terminava o movimento, quando viu a *En-Passant* de Xisco surgir como

um raio pelo lado de dentro da curva.

Não houve tempo para desviar, as duas motos colidiram. Um campo de energia vermelha transparente faiscou em torno das *En-Passant* quando os escudos cinéticos

anti-colisão absorveram o impacto. As motos e seus pilotos foram ao chão quase no

mesmo lugar onde o choque ocorreu. A batida foi seguida de uma ruidosa exclamação

do público, os que vinham no fim do pelotão desviaram sem problemas.

— Merda! — Marcel levantou praguejando pelo microfone do capacete.

Xisco avançou furioso para lhe dar um empurrão no peito. Marcel o repeliu agitando os braços e se afastando alguns passos.

— Ficou maluco? — gritou Xisco. — Quer matar a gente?

— Eu? Foi você quem me acertou em cheio!

— Eu estava fazendo a curva e você atravessou na minha frente.

— Aquela curva era minha!

Um arcanista de barba loira saltou a demarcação da pista e colocou-se entre

Marcel e Xisco, afastando-os. Com ele, vinha uma arcanista ruiva com um estojo de

primeiros socorros.

— Parem com isso — disse o arcanista loiro.

— Se não estão feridos, precisam liberar a pista — disse a arcanista ruiva. — Os carros vão dar a largada. Ou voltam para a corrida ou desistem.

Os dois rapazes trocaram um olhar rápido e voltaram para suas motos, os arcanistas saíram. Marcel precisou de toda sua força para erguer o peso enorme da *En-*

Passant. Além dos braços, usou uma coxa como ponto de apoio. Xisco ergueu sua moto

primeiro, mas teve mais dificuldades para religá-la. Com a adrenalina circulando em seu

organismo, Marcel só pensou em voltar para a corrida. Sequer percebeu sua própria

imagem multiplicada nos telões holográficos dos edifícios, muito menos, ouviu os

aplausos e gritos de apoio da torcida.

— Segue a minha linha — disse a Xisco.

Ao subirem para a segunda pista, consultou o cronometro no painel,

comparando-o com o roteiro mental que desenvolvera nas simulações. Calculou estar

cinquenta segundos atrasado. Muito, porém, acreditava que podia recuperar o tempo

perdido. Decidiu aumentar a velocidade, Xisco deu duro para acompanhar seu ritmo no

vácuo.

Subiram para a terceira pista elevada. O monotrilha passou sobre eles, os

passageiros nas janelas gritaram palavras de incentivo. Minutos mais tarde, uma longa

descida os levou de volta à primeira pista elevada. Adiante, desceram para o nível da

rua. Marcel avistou duas motos algumas dezenas de metros à frente. Xisco sofria para

acompanhá-lo a uma distância cada vez maior. Após passarem por um túnel, fizeram

uma curva para a esquerda, na direção do Instituto Beta.

O cronometro da *En-Passant* parou no momento em que Marcel cruzou a linha de chegada, vinte e cinco segundos acima do tempo-alvo. Um pelotão de carros de

combate partiu no momento em que conduziu a moto para o galpão dos veículos por

outra passagem. O mesmo arcanista que dera as instruções indicou onde deveria estacionar.

Ao tirar o capacete, percebeu a testa suada e a respiração ofegante. Também sentia-se tão eufórico que poderia sair correndo e pulando por aí, chegou a rir sozinho.

Havia adorado a experiência. Os outros pilotos do pelotão vieram perguntar sobre o

acidente e cumprimentá-lo pela corrida de recuperação. Xisco passou igualmente cansado, disse um xingamento sem se virar e seguiu caminho.

O quarto teste estava encerrado para eles. Só o que restava era esperar todos os carros de combate completarem a corrida. Depois seria aguardar pelos resultados finais.

*

— Estou com inveja da sua tranquilidade — disse Beatrix. Os dedos

tamborilando sobre a mesa ao lado do copo plástico que antes continha uma salada de

frutas sintéticas.

— É porque sei que sou um caso perdido — disse Marcel. Tão logo a injeção de adrenalina e a euforia da corrida baixaram, começou a cair em si. Repassando seu

desempenho dos quatros testes, concluiu que não havia como ter somado a pontuação

mínima que o levaria para a próxima etapa.

De dentro da cantina, risos ansiosos e gargalhadas nervosas estouravam a todo instante. Do lado de fora, no pátio, pairava um clima mais ameno. Acima do teto de

vidro, viam o céu noturno sem estrelas e uma lua embaçada. Em meio aos postes com

lâmpadas de mana e aos arbustos artificiais encontravam-se os candidatos que buscavam um pouco de sossego, enquanto esperavam o resultado dos testes ser revelado.

Um casal ocupava um banco, um rapaz solitário caminhava de um lado para o outro, pequenos grupos esparsos transitavam junto à área das quadras esportivas e das

piscinas, forradas no momento. As vozes baixas criavam a ilusão de privacidade.

Marcel e Beatrix sentavam-se sozinhos numa mesa quadrada de quatro lugares, tão próximos que seriam facilmente tomados por namorados. Ele engoliu mais um

pedaço do pastel assado que comia com garfo e faca.

A despeito da decepção por seu próprio resultado, torcia por Beatrix. Sabia o quanto ela precisava provar para sua família que esse caminho valia à pena. O pai dela

era um respeitado cirurgião dentista, que dividia um consultório com o cunhado. A mãe

administrava os negócios, enquanto que a irmã mais velha, prestes a começar a faculdade de medicina, era o orgulho da família, deixando para Beatrix o posto de

ovelha negra.

— Fazer setenta pontos não é difícil — disse ela.

— Para quem vai bem em todos os testes, o que não o meu caso. Tenho certeza que você passou com folga, já eu dancei. É fato.

— Lembra quando entramos no grupo de teatro na quarta série? — Beatrix tocou o braço dele. — Eu sei que você detestava aquilo e só entrou para me fazer companhia.

— Não foi assim — encabulado, Marcel desviou o olhar.

— Eu sei que foi! E quero que seja de novo. Temos de passar juntos.

Você quer ficar junto de mim? Tentou pensar na coisa certa a dizer, algo

romântico, de preferência. Nada lhe ocorreu e limitou-se a enfiar outra garfada de pastel

assado na boca.

O *smart watch* vibrou no pulso direito, tons de alerta de mensagens soaram no

pátio e na cantina. Os resultados haviam chegado. Hora de saber quais candidatos

avancariam para o teste final e quais estavam eliminados.

Beatrix conferiu sua pontuação de imediato. Ela ergueu a mão esquerda para exibir a tela holográfica projetada pelo relógio.

— Oitenta e nove! — os olhos verdes brilharam.

Explosões de alegria e decepção espalharam-se. O rapaz solitário comemorou socando o ar. No banco, a moça consolava o namorado. Uma garota saiu chorando da

cantina, duas amigas tentavam conforta-la.

— E você? — disse Beatrix.

Ele conferiu o resultado no mostrador do *smart watch*. Uma expressão de dúvida passou em seu rosto. Confrontado pelo olhar de Beatrix, mostrou a palma direita para

que ela visse o número setenta.

Ela sorriu e trocaram um abraço desajeitado, sentados à mesa.

— Falta pouco — disse para si mesma, enxugando a umidade dos olhos. —

Estamos quase lá, mas ainda falta uma etapa. Só mais uma.

Marcel sentiu como se tivesse recebido um presente inesperado. Custava a acreditar que iria avançar para a prova final. E o que importava que fosse com a nota de

aprovação mais baixa possível? Viu a empolgação estampada no rosto de Beatrix. *É*

agora, pensou. Que outro momento poderia ser melhor que esse?

— Quero te falar uma coisa — ela prestou atenção, ele sentiu um súbito frio na barriga. — Eu pensei que, eh, quer dizer... amanhã pode ser a nossa última sexta-feira

livre... pensei que a gente podia, eh, sei lá... sair para comer uma pizza...

— Seria ótimo!

— Sério? — o coração dele acelerou.

— Quem mais a gente chama?

Marcel não pode evitar de desviar o olhar, chegou a pensar em dizer que chamaria o resto da turma para acompanhá-los, porém, desistiu dessa ideia. Iria até o

fim. Enxugou a palma da mão na perna da calça e segurou a mão dela sobre a mesa.

— Na verdade... eu estava pensando em irmos só você e eu... tipo, um encontro.

Beatrix soltou uma expressão indicando que só agora compreendera. Ela recuou constrangida e olhou para longe. Ele nem percebeu quando foi que as mãos se separaram.

— Marcel, eu... — ela parou. — Eu não sei o que dizer.

— Eu gosto de você — ele acrescentou estupidamente.

Fez-se um instante de silêncio em que ela parecia tentar encontrar as palavras certas. Quando falou, o fez de forma suave:

— Há quanto tempo se sente assim?

— Já faz muito tempo — sem erguer o rosto, seu olhar buscou o dela. — Muito mesmo.

— Não é como se eu nunca tivesse pensando nisso, mas nós ficamos tão próximos — Beatrix o tocou no braço. — Você entende?

— Entendo — Marcel levantou desajeitadamente e apanhou a bolsa esportiva na cadeira ao lado. — Desculpe.

— Espera! Não vai embora assim!

— Marcel! Beatrix! — a voz de um rapaz chamou por eles.

Outros de seus colegas apareceram conversando em voz alta sobre as notas dos testes, parabenizando os aprovados e consolando os reprovados. Marcel e Beatrix

voltaram a se sentar. Passado um tempo, ela disse que iria para a frente do Instituto Beta

esperar pelo pai, que vinha busca-la de carro. Uma amiga a acompanhou.

Marcel ficou para trás, ofendendo a si mesmo pela falta de tato. Sequer ouviu o que os outros diziam. Em dado momento, pendurou a bolsa esportiva no ombro, despediu-se com um gesto distraído e foi embora sozinho.

QUATRO

A descoberta do mana confunde-se com a origem de Vera Cruz de tal forma que é quase impossível separar um evento do outro.

Corriam os últimos anos da Guerra Absoluta, o conflito nuclear em escala

global ocorrido na primeira metade do século 21 que marcou o fim da Velha Ordem

Mundial. Nações inteiras e até mesmo continentes haviam sido arrasados por uma

chuva de bombas atômicas. A economia estava em frangalhos, o meio-ambiente por um

fio e a população mundial reduzira-se drasticamente. Um mini inverno nuclear teve

início.

A essa altura, a incapacidade das grandes potências de prosseguir com a

guerra antecipou o cessar-fogo sem que fosse possível apontar um vencedor; apenas

conflitos menores ainda ocorriam enquanto um novo mapa de poder desenhava-se.

Simultaneamente, começou uma corrida por novas fontes de energia para substituir as

exauridas fontes tradicionais.

Foi nesse contexto que a geóloga Rosena Valerius enviou sondas até o centro

da Terra, numa tentativa de comprovar sua teoria da existência de uma nuvem de gás

altamente carregada circundando o núcleo do planeta. A teoria mostrou-se correta.

Rosena e o marido, Gaspar Valerius, então Ministro das Forças Armadas,

apresentaram a descoberta a seu amigo e aliado político, o Senador Fabriciano Noble.

O trio uniu forças para fundar Vera Cruz sobre os destroços da antiga nação.

Fabriciano Noble foi nomeado o primeiro Regente-Geral com a promessa de realizar

eleições livres assim que possível (o pleito nunca chegou a acontecer). Gaspar Valerius

teve permissão para criar um novo exército, subsidiado pelo governo, mas que atuaria

como uma organização independente: a Arcanum.

O mana passou a ser usado como uma fonte de energia universal e impulsionou

Vera Cruz a uma posição de destaque em relação a outras nações no Mundo

Renascido. Rosena Valerius continuou suas pesquisas e três décadas mais tarde

encontrou um método para condensar o mana de forma a ser manipulado por um ser

humano. Esse avanço marcou o princípio de uma nova Era para a Arcanum.

Os cento e vinte candidatos restantes apresentaram-se no saguão do Instituto

Beta às oito da manhã do dia seguinte, vestindo os uniformes escolares. Cerca de trinta

arcanistas, muitos dos quais tinham sido vistos durante os testes, também estavam

presentes com seus capotes azuis.

Sete dos candidatos do 1º. Colegial D haviam se qualificado para a etapa final.

Quando chegou, Marcel encontrou Beatrix já reunida com outros de seus colegas de

classe. Embora se sentisse encabulado pelo fora, a cumprimentou e trocaram algumas

palavras. Viu de relance outros rostos conhecidos, como Sandrino Miller e Adriene

Elven, que o derrotaram nos combates, a moça de cabelo rosa e braços tatuados da pista

de obstáculos, Xisco e Maurícia no fundo.

De um corredor que conduzia aos escritórios administrativos, aproximou-se um grupo de oficiais. O diretor vinha à frente e não perdeu tempo para tomar a palavra com

sua voz grave.

— Meus cumprimentos por terem chegado até aqui. Resta apenas mais um passo para ingressar na Arcanum: forjar sua própria gema — tal qual no primeiro dia, ele

ergueu o punho direito, uma aura brilhante envolveu a mão. — A gema é o poder máximo da Arcanum, ela nos dá a habilidade para controlar o mana e realizar atos que

em outros tempos seriam chamados de milagres. Esta não é uma ferramenta comum,

que podem ligar ou desligar com o apertar de um botão. A gema é uma arma da mente,

acionada pela força de vontade do usuário. Sei que durante a preparação para os testes,

seus professores os ensinaram sobre os oito tipos de gemas que existem e tenho certeza

de que cada um de vocês já sabe qual gema deseja obter. Quando chegar sua vez na

Forja, mantenham-se focados na gema que escolheram. Se desejam a gema-

flama,

mentalizem o calor de uma fogueira. Se quiserem a gema-glacial, pensem no gelo e no

frio.

Marcel queria ser forte e pensou na gema-fortitude, que aumentava as capacidades físicas. O diretor prosseguiu:

— Este último passo é extremamente difícil, muito mais que os anteriores. Já houve casos de candidatos saírem machucados do forjamento. Não digo isso para

assusta-los, digo para que saibam que não pensarei menos de quem decidir retirar-se ou

daqueles que não obtiverem suas gemas. Lembrem: força de vontade, autoconfiança e

coragem são os segredos para forjar uma gema. Isso é tudo. Espero vê-los usando

capotes azuis quando reencontra-los.

Uma nova onda de empolgação invadiu Marcel. Desde que podia lembrar, estudava no Instituto Beta com o objetivo de seguir os passos do pai. De onde quer que

tivesse vindo, a motivação que sentiu contagiou todos ao seu redor.

O diretor partiu e um pouco daquela energia diminuiu. Marcel recordou que Cecil possuía uma gema-mental e, portanto, era dotado de poderes telepáticos. Nos

corredores do Instituto corriam boatos de que, ocasionalmente, ele usava esse poder

para suggestionar os alunos.

Será que o diretor usou seus poderes para nos motivar? , o pensamento lhe deu um frio na espinha. Quatro arcanistas posicionaram-se em frente aos elevadores do saguão, o arcanista negro que dera as instruções antes da corrida organizou os candidatos.

— Formem quatro filas, uma em frente a cada elevador.

Beatrix encabeçou a fila mais à esquerda. De coração partido, Marcel foi para o meio da fila mais à direita juntou com outro rapaz da mesma classe. Como adoraria

voltar no tempo e ficar de boca fechada.

Arcanistas de menor patente ajudaram a organizar as filas, mudando alunos de uma para a outra até todas terem trinta candidatos. Ordenaram que metade de cada fila

entrasse nos elevadores, Marcel foi o penúltimo de sua fila a entrar. O arcanista negro

veio em seguida e, ao invés de apertar qualquer dos botões no painel de toque, pressionou um espaço vazio. Sua digital foi escaneada e apareceu uma tecla oculta que

conduzia ao nível menos um, abaixo da área de treinamento.

Assim que as portas do elevador abriram, os candidatos saíram para uma câmara circular, cujo aspecto lembrava o interior de uma fábrica. Respiraram um ar abafado.

Um passeio estreito, feito de malha de aço, dava a volta junto à parede, uma

cerca do

mesmo material servia de apoio para as mãos. Abaixo deles, uma intrincada rede de

tubos com três metros de circunferência saía das paredes e descia até um rio profundo,

só visível graças ao tênue reflexo das luzes na superfície da água. A tubulação emitia

um som grave e constante.

Marcel imaginou se aqueles tubos desceriam até o núcleo do planeta para coletar o mana ou apenas o retirava dos extratores das usinas.

Enquanto o arcanista negro retornou ao elevador para buscar o resto dos candidatos, uma arcanista baixa e acima do peso conduziu a fila por uma porta à esquerda. Foram entrando à medida em que ela registrava os nomes num *tablet* transparente.

Após a câmara, o aspecto comum da sala seguinte decepcionou Marcel. Remetia à sala de espera de um consultório, com paredes claras e cheiro de limpeza. Os alunos

acomodaram-se em cadeiras estofadas e, depois de um breve intervalo, os outros quinze

chegaram.

— Atenção, todo mundo — disse a mulher que os recebeu. — Quando eu falar o nome, a pessoa vai seguir por essa porta aqui, a ordem de chamada será pela pontuação.

Quando a Forja estiver liberada, o pessoal lá na frente vai indicar a saída e me

avisar

para chamar o seguinte. Quem quiser usar o banheiro, é ali no fundo da sala. Dúvidas?

Nenhum dos alunos se manifestou. Ela chamou o primeiro nome, um rapaz saltou da cadeira cheio de disposição e atravessou a porta que a arcanista indicara. A

mulher sentou-se em sua mesa, conectou o *tablet* num teclado e começou a trabalhar.

Dez minutos depois, o aparelho emitiu um alerta de mensagem e a arcanista chamou

outro nome.

Marcel já sabia que seria o último. Com um cálculo rápido, percebeu que passaria longas horas naquela sala.

A maioria dos candidatos permanecia de dez a quinze minutos na Forja, alguns menos, outro mais. Passada cerca de uma hora, alguma mensagem diferente chegou,

porque ao invés de chamar um nome, a arcanista desconectou o aparelho do teclado e

saiu apressadamente pela porta. Ela retornou meia hora depois como se nada tivesse

acontecido e anunciou o próximo nome da lista. Após esse incidente, dois candidatos

desistiram, incluindo o colega do 1º. Colegial D.

Marcel sentiu um frio na barriga, mas não arredou o pé. Por volta do meio-dia, abriu o navegador do *smart watch* pela milésima vez. Beatrix postou em uma

rede

social que era agora uma arcanista e possuía uma gema-flama. *A gema do fogo*, pensou,

sem conseguir deixar de ficar feliz por ela. Ser arcanista sempre fora o grande sonho de

Beatrix. Dos outros colegas que faziam o teste, nenhuma notícia.

A medida que o tempo passava, a ansiedade aumentava. Começou a pensar na origem do mana. Não considerava-se um especialista no assunto, mas aprendeu nas

aulas que sempre acreditou-se que apenas duas camadas compunham o núcleo da Terra:

o interior sólido e o exterior líquido. Rosena Valerius descobriu a existência de uma

terceira camada, um núcleo gasoso, formado pelo vapor do núcleo líquido. A esse gás se

deu o nome de mana e logo descobriram que era composto por partículas carregadas

com quantidades extremas de energia.

O pensamento de Marcel se voltou para a gema-fortitude, sonhando em como seria ter força e velocidade acima do normal. Finalmente, às duas da tarde, restou

somente ele na sala. A arcanista arrumou sua mesa, aguardando o fim do expediente.

— Você já passou pela Forja, não é? — perguntou a ela. — Qual é a sensação?

— É diferente para cada pessoa. Dizem que uma em cada cem tem visões — na

gola engomada de sua camisa preta pendia um alfinete, cuja forma lembrava o cavalo

do xadrez.

— Visões de que tipo?

— Um amigo meu diz que reviveu uma lembrança. Comigo não foi assim. Eu senti como se um enxame de abelhas ferroasse a minha mão.

— Ah, e eu aqui preocupado à toa.

Um esboço de riso apareceu no rosto da arcanista.

— A minha gema é a rocha — disse ela. — Qual você quer?

— Fortitude.

— Então pense em ser forte — o *tablet* apitou. — Pode ir, boa sorte.

A porta deslizou para o lado, ele passou por um pequeno corredor, chegando a um consultório simples, mobiliado com uma mesa de escritório e uma cama hospitalar.

Ao fundo, outra passagem. Deparou-se com a mesma dupla de arcanistas que fizeram

parte da equipe de resgate durante a corrida.

Viu o sujeito de barba loira bem aparada sentado à mesa, preenchendo uma ficha em um terminal, o alfinete em sua gola lembrava a peça chamada torre. A ruiva estava

de pé, com uma maleta de medicamentos aberta em cima da maca e usava luvas de

médico, um bispo de xadrez na gola.

— Nome? — perguntou ela num tom cansado.

— Marcel Seeder.

— Deixe o relógio e qualquer outro aparelho eletrônico em cima da mesa — ela apanhou uma seringa fina como uma caneta e substituiu a pequena agulha da ponta por

uma agulha nova. — Em qual mão gostaria de colocar a gema?

Marcel pensou um instante: seria mais fácil usar a gema com a mão livre. Na maior parte do tempo, segurava o bastão com ambas as mãos, mas quando o fazia com

uma só, usava a direita e a canhota ficava livre.

— Esquerda.

— Arregace a manga esquerda — a arcanista ruiva tirou da maleta um frasquinho com tampa prateada, no rótulo, um nome longo e complicado. Ela espetou a

seringa na tampa, enchendo-a com um líquido incolor. — Vou te dar uma injeção de um

catalisador, vai deixar seu corpo preparado para assimilar a gema.

Marcel sentiu a picada, a ruiva comprimiu o botão na extremidade da seringa.

— Escute com atenção, porque daqui em diante você irá sozinho — disse o arcanista loiro. — Passando a porta, escolha um cristal e pegue-o com a mão esquerda,

pode ser qualquer um, mas fique com o primeiro que pegar. Depois vá até a Forja e

coloque sua mão aberta dentro da estrutura com o cristal na palma. Mantenha a

mão

aberta, isso é importante. Não esqueça de mentalizar a gema que deseja. Quando terminar, nós desligamos a Forja. Entendeu?

— Como é lá dentro? — a voz de Marcel soou aguda de ansiedade.

A ruiva ignorou a pergunta.

— Vamos te ver e ouvir por uma câmera. Qualquer problema, basta pedir ajuda.

O barba loira o conduziu pelo ombro. A porta fechou atrás dele, deixando-o sozinho.

Viu-se em um galpão quadrado com aspecto de fábrica, sobre um amplo tanque d'água salpicado por milhares de cristais pequeninos boiando mansamente na superfície. Ao fundo, abria-se um imenso corredor em forma de arco.

Desceu um degrau, da plataforma de concreto para uma passarela de malha de aço sem proteções laterais. Caminhou até metade da passarela ouvindo os sons dos tênis

contra a malha de aço e da própria respiração. Agachou e, com o indicador e o polegar

da mão canhota, pegou um cristal que em nada diferia dos demais: minúsculo e translúcido. Pensou que seria frágil, mas a joia revelou-se sólida e resistente ao toque.

Avançou para o fim da passarela e parou antes de cruzar a passagem em forma de arco para examinar a Forja. Enormes tubos de aço projetavam-se das laterais do

tanque e corriam pelo fundo do galpão e para dentro do corredor. Com seus três

metros

de altura e outros tantos de largura, o corredor terminava numa grande estrutura em

semicírculo ocupando a parede do fundo, com uma pequena abertura.

Marcel sentiu-se igualmente fascinado e assustado com tudo aquilo. Parte dele quis desistir e ir embora, outra morria de curiosidade de saber o que aconteceria a

seguir. Essa segunda voz falou mais alto.

Passou pela arcada, alcançando o final do corredor. A pequena abertura na estrutura ficava mais ao menos na altura de seu peito e tinha a forma de um cilindro.

Basta colocar a mão aí dentro. Sentiu um frio na barriga, o braço ficou pesado.

Respirou fundo algumas vezes. Pensou em Beatrix, no pai, no diretor Cecil e nos arcanistas que viu durante os testes. Todas essas pessoas haviam passado pela Forja,

porque não seria capaz de passar também?

Tendo o cuidado de manter o cristal no meio da palma da mão canhota, a introduziu no cilindro até o antebraço.

A Forja foi acionada com um estrondo surdo. O interior do cilindro começou a girar, ganhando velocidade. A vibração e o barulho indicaram que, por baixo do revestimento metálico, toda a estrutura girava. Uma neblina rala formou-se nas laterais

do cilindro, todas as cores do arco-íris dançavam em seu interior.

O *mana*, pensou Marcel.

A pálida nuvem preencheu o cilindro, enquanto a estrutura girava cada vez mais rápido. O contato com a neblina deixou a pele arrepiada, as veias dilataram, sentiu uma

pressão esmagadora contra o braço, vinda de todos os lados. Só então lembrou que

precisava mentalizar a gema que desejava. *Ser forte. Como pensar em ser forte?*

O cristal brilhou e passou a absorver a névoa, transformando-a num turbilhão.

Nesse instante, Marcel escutou o barulho de um trovão e viu um relâmpago através de

uma janela.

Viu-se em seu quarto numa noite chuvosa. Voltara a ser uma criança sentada no chão, abraçada as próprias pernas. Ouviu as vozes alteradas de seu pai e sua mãe vindo

da sala. Não conseguia entender o que diziam, mas sabiam que brigavam outra vez.

Queria falar com eles sobre o que havia feito no Instituto naquele dia e contar da nova

aluna, uma menina loirinha com quem fizera amizade.

Nenhum dos dois ouviu. Estavam ocupados demais brigando, não tinham tempo para ele. O relâmpago passou pela janela. Sentiu uma força esmagando seu braço esquerdo. Num piscar de olhos, o quarto desapareceu e viu-se de volta à Forja.

Um choque elétrico o obrigou a recolher a mão.

— Algum problema? — mesmo pelo alto-falante, dava para perceber a

impaciência na voz da arcanista ruiva.

O que aconteceu? Piscou os olhos, por um momento, teve a impressão de estar em outro lugar. Marcel irritou-se, sem saber bem se era por causa do choque ou da

maneira como a mulher falou com ele.

— Nenhum problema.

Dessa vez, não hesitou em enfiar o braço dentro do cilindro, no meio da nuvem de gás colorido. O turbilhão recomeçou. Suportou a pressão, porém, uma descarga

elétrica mais forte que a anterior sacudiu os músculos. Ele saltou para trás com um

grito.

Por pouco, evitou que o cristal caísse. Encarou a estrutura ainda em

funcionamento. A respiração acelerada, as pupilas dilatadas, o suor frio inundando a

testa.

— Pode parar, se quiser — disse a ruiva pelo alto-falante.

Ele chegou a abrir a boca para dizer que iria parar, mas as palavras entalaram na garganta. Os olhos ficaram cheios de água. Como poderia encarar as pessoas e dizer que

desistiu por estar com medo? Que havia sido fraco demais para seguir em frente? Se

quisesse o respeito do pai, o amor de Beatrix, se quisesse ficar livre dos valentões

precisava prosseguir.

— Eu consigo — disse em voz baixa.

Colocou o braço na Forja, decidido a não tirá-lo enquanto não terminasse. Os choques vieram. Tinha de ignorá-los e se concentrar em ser forte, só assim, poderia

obter a gema-fortitude. Uma descarga elétrica atingiu a mão na forma de um relâmpago.

A dor foi intensa demais.

Puxou a mão, o relâmpago veio junto.

— Socorro!!!

Descargas elétricas projetaram-se da mão esquerda, deixando queimaduras horríveis onde surgiam. Marcel a sacudiu numa tentativa desesperada de se livrar daquilo. Só conseguiu alongar os raios. As tubulações foram atingidas, deixando escapar jatos de vapor, lâmpadas estouraram.

A dupla do resgate apareceu no corredor. O arcanista de barba loira veio na frente, uma aura luminosa envolveu sua mão direita. Ele apontou para baixo com dois

dedos, Marcel sentiu uma força invisível agarrar seu braço e puxá-lo para baixo, os

relâmpagos abriram um buraco no chão.

A arcanista ruiva passou correndo pelo colega. Mais que depressa, ela abriu o estojo de medicamentos e preparou uma nova injeção, aplicando-a no lado direito do

pescoço de Marcel. Sentiu as forças sumirem. Ela o apoiou e o deitou. Antes de ser

vencido pelo sedativo, a viu agachar junto a si e pousar as duas mãos cruzadas sobre sua

ensanguentada mão esquerda. As dela brilharam.

Depois disso, perdeu os sentidos.

*

A consciência retornou de uma só vez. Marcel acordou assustado, o coração disparado. As têmporas vibrando a cada batida.

— Devagar — disse uma voz masculina. Uma mão pousou em seu peito. —

Você está agitado porque lhe apliquei dois miligramas de estimulante para acordá-lo.

Fique deitado um pouco, já vai passar.

Ele obedeceu e não demorou para seus nervos relaxarem. Respirou fundo, o ar cheirava a desinfetante. Entendeu que encontrava-se no quinto andar, num dos quartos

comunitários da enfermaria. O ambiente, despojado de decoração, possuía outros três

leitos vazios.

O médico se chamava Evan, um indivíduo de rosto fino, calvície avançada e um par de óculos de lentes grossas sobre o nariz. Marcel o conheceu na semana anterior,

quando esteve em seu consultório para exames médicos antes dos testes.

— Que horas são? — disse Marcel, ainda deitado. — Preciso alimentar meus

peixes.

— O que acha disso, diretor? — Evan olhou de lado com uma expressão incrédula. — O rapaz quase perde a mão e a primeira coisa que faz ao acordar é pensar nas mascotes.

O olhar de Marcel correu pelo aposento, deparando-se com o diretor do Instituto Beta, Rômulus Cecil, firme em sua postura militar. Trazia consigo uma maleta de metal prateado.

Estou encrencado.

— Acho isto um ótimo sinal, doutor — disse o diretor. — Mostra que ele é responsável.

Marcel decidiu levantar, embora sentisse todos os músculos do corpo moídos. A mão canhota latejou, cheia de marcas vermelhas onde antes haviam queimaduras de

terceiro grau, os dedos rígidos. Quando sentou na beirada do leito, o diretor fez um

gesto indicando que podia permanecer ali.

— Você é filho de Antonius Seeder, correto? — a resposta veio como um aceno de cabeça. — Seu pai serviu na mesma unidade do meu filho Carles, que Deus o tenha.

Eu vi você uma vez, Marcel, quando era bem pequeno... E agora já tem idade para fazer

o exame arcanista. O tempo voa — e se aproximou do leito. — Como vão seus

pais?

— Eh, bem — *Bem longe um do outro.* — Estou com problemas, senhor?

— Fique tranquilo, rapaz. Sempre visito os candidatos feridos para saber como estão.

Marcel não conseguiu ficar tranquilo. Apesar do tom cortês, o diretor possuía uma presença um tanto intimidadora. Seu capote estava perfeitamente alinhado, as

dragonas prateadas reluziam sobre os ombros.

— Se serve de consolo — disse o Dr. Evan. — Você não foi o pior que tivemos hoje, mas certamente foi quem causou mais estragos — o diretor fuzilou o médico com

um olhar que o deixou sem jeito. — Seja como for, agradeça a Margot quando a vir. Se

ela não tivesse sido tão rápida com a gema-cura, a gravidade dos danos seria muito

maior.

Marcel compreendeu o que a ruiva havia feito em sua mão naquela hora.

— Enfim — disse o diretor. — Nunca na história da Arcanum, um aluno com pontuação menor que oitenta conseguiu se tornar arcanista.

Marcel soltou um longo suspiro.

— Meu pai vai ficar decepcionado. Para ser sincero, estou começando a achar que não levo jeito para isso.

— Você não me entendeu. Olhe sua mão.

Ele a ergueu. Estava dolorida e coberta de manchas avermelhadas. Só então reparou numa mancha mais escura que as outras no centro da palma. Abriu e fechou os dedos sem perceber nada diferente, além das dores. Porém, ao tocar aquele ponto com o polegar direito, sentiu um minúsculo objeto sólido, como uma farpa sob a pele.

— Seu corpo absorveu o cristal, você concluiu o processo — disse Cecil. — Forjou uma gema-trovão.

— Você tem um relâmpago na mão esquerda — acrescentou o médico.

Cecil lhe entregou a maleta. Marcel a pôs no colo e constatou que, na verdade, era feita de plástico duro, imitando metal. No interior, encontrou um capote azul bem dobrado. Lançou um olhar inseguro para o diretor.

— Bem-vindo à Arcanum, *pawn* Seeder!

Examinou novamente o capote, sem acreditar que conseguira. As emoções dançavam em sua mente. Perseguiu esse momento desde os oito anos, desde quando entrara escondido naquele depósito e viu arcanistas usando o poder das gemas. Os olhos se encheram d'água. Ficou feliz, mas não conseguia deixar de pensar que depois das derrotas nos combates, do fracasso na pista de obstáculos, da humilhação antes do vestibular e da queda de moto não merecia aquilo.

Saía do exame arcanista vencedor. No entanto, sentia-se como um derrotado.

O diretor passou as últimas instruções:

— Antes de sair, passe no almoxarifado e retire o resto do uniforme. Está designado para a Unidade 31-3, apresente-se amanhã às nove da noite.

Cecil despediu-se. Marcel guardou o capote cuidadosamente. *Gema-trovão*. Não era o que queria, mas teria de ficar com ela.

— Se usar a gema, vou me machucar de novo? — perguntou a Evan.

— É possível que sim, é possível que não. Vai ter que tentar para descobrir, mas espere até que esteja recuperado. Aqui — o doutor pegou um tubo semelhante a uma

pasta de dentes. — Passe essa pomada na mão três vezes ao dia e venha me ver na

segunda.

Marcel deixou a enfermaria cansado e esfomeado. Apanhou a bolsa esportiva no vestiário e dirigiu-se ao almoxarifado, onde a estufou com uniformes. Em seguida,

rumou à cantina, que passava pela limpeza. Só o que conseguiu encontrar foi um enroladinho frio de presunto, o qual já tinha comido quase todo antes mesmo de deixar

o Instituto Beta.

Começava a escurecer quando chegou à fila da estação do monotrilho. A

caminhada o ajudou a clarear as ideias. Conseguiu ficar mais satisfeito consigo mesmo.

Enquanto aguardava, projetou a tela do *smart watch* na palma direita. Ainda bem que havia tirado o relógio antes de entrar na Forja ou o aparelho teria sido destruído

pelos raios. Abriu o aplicativo de bate-papo e procurou pelo pai na lista de contatos,

mas decidiu que lhe daria a notícia cara a cara. Pensou em como Antonius ficaria feliz

por ver o sonho de ambos realizado. Clicou no nome da mãe.

“Passei”, digitou apenas com o dedo indicador esquerdo e enviou. A resposta veio logo em seguida. Uma carinha sorridente, acompanhada de congratulações:

“Que bom! Estou tão feliz por você! Me liga assim que chegar em casa”

“Pode deixar”, ele respondeu.

“Já pegou o uniforme?”

“Já”

“Traga amanhã, quando vier almoçar”

“Por quê?”

“Porque sim”

*

— Eu consegui, pai!

O encontrou na pequena área em frente à porta da casa. Antonius o encarou com um olhar distante, os ombros caídos. Não era a reação que Marcel esperava.

— É claro que conseguiu. É meu filho — Antonius forçou um sorriso. — Qual

gema?

— Trovão.

— É uma gema forte — Antonius notou as manchas vermelhas na mão do filho.

— Se machucou na Forja?

— Não estou afim de falar sobre isso — Marcel se encolheu.

— Boa resposta. Um homem tem que aguentar firme. Venha, vamos beber a isso.

Entraram e Antonius mancou para a cozinha. Do fundo da geladeira, tirou uma garrafa de vodca. Não bebia com frequência, mas sempre o fazia em certas datas, como

o mesmo dia do ano em que se divorciara e a data do Incidente Aures, ou quando a

rigidez no joelho incomodava muito. Serviu duas doses. Uma para si e outra para Marcel.

— À você, que não é mais um menino. Já é quase um adulto — e virou sua dose.

— É só isso que o senhor tem a dizer? — disse Marcel, aborrecido. — Pensei que ficaria orgulhoso.

— Eu estou. Por que não estaria? — Antonius serviu-se outra dose. — Estes são os seus melhores anos, meu filho. Não os desperdice.

Marcel viu o pai virar o copo novamente. Olhou para sua dose por um tempo antes de beber.

*

A calça preta era de tecido leve. As botas de cano curto, da mesma cor, possuíam um solado reforçado. Vestiu a regata branca, enfiando a barra da camiseta por dentro da calça. O cinto tinha um suporte na parte de trás da cintura, onde poderia prender um bastão retraído. A camisa preta de mangas compridas tinha botões de pressão prateados do tamanho de tampas de garrafa que quase chegavam no pescoço, a gola engomada permaneceria levantada.

Por fim, Marcel vestiu o capote azul escuro e olhou-se no espelho do guarda-roupa. Ajeitou a gola prolongada da capa, puxou um lado sobre o outro para ver como ficaria fechada e deixou cair aberto novamente. A barra do capote descia até metade da canela, o interior possuía seis bolsos grandes.

Virou de um lado e de outro para ver o símbolo da Arcanum bordado perto dos ombros. Um círculo maior contornando um menor, o interior do círculo menor dividido em quatro fatias, lembrando um tabuleiro de xadrez. Uma recordação da paixão de Gaspar Valerius por esse jogo. Nas paredes e na fachada do Instituto Beta o símbolo aparecia em branco e preto, mas o bordado em suas mangas exibia as cores ocre e preto.

O traje completo pesava bem menos do que esperava. Seu reflexo parecia

familiar e estranho ao mesmo tempo.

— Ficou legal! — disse Nicolas, sentado no pé da cama. O quarto do garoto de catorze anos era bem maior que o de Marcel, decorado com pôsteres tridimensionais de

modelos e cantoras pop em poses sensuais. — A irmã mais velha da minha namorada

curte caras de uniforme. Se quiser, te apresento.

— Vou pensar — disse Marcel. — Hora de encarar a sessão de fotos.

Os dois rapazes foram para a sala de estar. Marcel abriu os braços numa pose exagerada para que a mãe pudesse vê-lo melhor.

— Nossa, você está um gato! — Anna ficou radiante.

— Essa roupa cai bem em você — comentou Nil.

Anna apanhou sua câmera fotográfica: um pequeno dispositivo retangular, que projetava uma tela holográfica para cima, mostrando como a foto ficaria. Só ficou

satisfeita depois de tirar dúzias de fotos do filho, sozinho ou ao lado dele. Nicolas

também tirou algumas com Marcel e brincaram fazendo pose de mal encarados em

algumas delas. Quando chegou a vez de Nil posar com o enteado, ambos ficaram sem

jeito e tiraram uma segunda foto apenas por insistência de Anna.

Não é que Marcel desgostasse do padrasto, apenas nunca conseguia ficar

totalmente à vontade em sua presença. Um sentimento que acreditava ser mútuo.

Nil Cesare contava quase a mesma idade da esposa. O rosto possuía um nariz proeminente e cabelos escuros cheios ligeiramente ondulados que costumava pentear

para trás com gel. A grande e confortável sala de estar, com um sofá em L para dez

pessoas e um tapete branco imitando algodão, mostrava o bom padrão de vida que podia

manter como engenheiro. Estava casado com Anna, sua terceira mulher a quatro anos e,

até onde Marcel sabia, viviam felizes.

— Ainda não disse qual é a sua gema — Nil tentou mostrar interesse, falando de forma suave. Mesmo na própria casa, demonstrava uma educação além da conta.

— Gema-trovão — disse Marcel. — A gema elétrica.

— Eu tinha esquecido disso! — empolgou-se Nicolas. — Solta um raio aí, vai!

— Eh, não vai dar, o médico proibiu até minha mão sarar.

Marcel não queria falar sobre o incidente na Forja, por isso, afirmou que se machucara no tombo sofrido durante a corrida. Ao menos, não mentiu sobre a recomendação do Dr. Evan.

— Ah, que chato!

Nicolas era fruto do segundo casamento de Nil e, fisicamente, parecia uma versão mais jovem do pai, com a diferença que mantinha os cabelos curtos e despenteados. Vestia sempre as roupas da moda, que trocava com a mesma frequência

que mudava de namorada.

Marcel trocou-se novamente no quarto de Nicolas, guardou com cuidado o uniforme na bolsa esportiva e vestiu camiseta e bermuda. Para o almoço tiveram arroz

transgênico, salada de alface e tomate sintéticos, uma massa com sabor de carne e

macarronada feita a partir de farinha artificial, uma garrafa de refrigerante cola foi

deixada sobre a mesa.

Marcel ficou de costas para a passagem que dava para a sala, Nicolas ocupou um lugar de frente para ele, ou melhor, de frente para a TV, assistindo um programa do tipo

revista eletrônica. Após a refeição principal, Anna serviu pudim de leite condensado

para a sobremesa. Seu filho não se fez de rogado e partiu uma fatia generosa com a

colher. O programa de TV foi para o intervalo anunciando os gols da rodada do campeonato de futebol local após os comerciais.

— Não vou mais poder vir no sábado, mãe — disse Marcel.

— Por que não? — Anna deixou a decepção transparecer.

— Vou passar os finais de semana no Instituto, treinando com a minha Unidade.

Tenho de ir para lá hoje e a partir da semana que vem, o treinamento começa na sexta à

tarde e só vou sair na segunda, depois da aula.

— É verdade que os caras dormem no mesmo quarto das garotas? — perguntou Nicolas.

— É sim, mas pelo que sei, não é como parece.

— Cara, você solta poder, vai dormir junto com as meninas e ainda vão te pagar? Esse é o melhor emprego do mundo! Como eu faço para entrar?

Nil limpou a garganta.

— Não é tão simples, filho. O Marcel treinou para isso desde que era menino.

— Já que é assim — disse Anna, voltando ao assunto anterior. — Podemos marcar um dia para jantar. Que tal segunda-feira? Pode vir direto do Instituto e dormir aqui.

— Ia ser legal! — apoiou Nicolas. Nil nada disse.

Marcel analisou a proposta. Dessa maneira, quase não ficaria em casa. O que seu pai diria sobre isso?

— Vou pensar, só que não nesta segunda. É o dia do baile de graduação, lembra?

O rosto de Anna ganhou cor.

— Eu nunca me esqueceria! Já comprei o vestido e marquei hora no cabeleireiro. E o *senhor*, seu Nicolas, trate de pentear esse cabelo e vestir uma roupa

alinhada para o baile — ela desarrumou ainda mais o cabelo do enteado.

— Para com isso, Anna — Nicolas deu uma risada encabulada. — Vou é vestir

aquela camisa cinza com um morcego no peito.

— Nem brinque com isso — disse Nil, educadamente. — A Família Regencial vai estar presente. Precisamos nos vestir bem.

A cena familiar deixou Marcel com uma pontada de ciúme.

— Falando no diabo — Nicolas apontou o controle remoto para a TV.

Começava um quadro do programa dedicado aos Noble.

— A Família Regencial deixou Januárii há pouco a bordo de um trem rumo à Sanctorum, onde terá uma agenda lotada que inclui o baile de graduação dos novos

arcanistas do Instituto Beta. Vamos ver a matéria — disse a apresentadora de pele

morena que comandava o programa.

A imagem mostrou os Noble posando para os fotógrafos: o Regente-Geral

Domenico, a Primeira-Dama, Irena, as filhas Camilla e Nora e o filho caçula, Marcus.

Logo em seguida, o rosto de Camilla ganhou a tela numa entrevista, seus cabelos cor de

chá caíam sobre os ombros em longos círculos. Perguntaram o que pensava à respeito

do baile no Instituto.

— Tomara que um arcanista bonitão me tire para dançar — a resposta provocou risadas exageradas das pessoas ao redor.

— Ela é maior gata, não é? — disse Nicolas.

— É bonitinha — disse Marcel.

— Bonitinha? É linda!

Como o programa tinha um tom mais voltado para o entretenimento, a matéria deu destaque especial à Camilla Noble. Filha mais velha e herdeira da Família Regencial, ela estava destinada a ser a primeira mulher a governar Vera Cruz. Mais que

uma figura política, a aparência e a personalidade forte a tornaram uma verdadeira

celebridade. Os *paparazzi* a adoravam e qualquer fofoca envolvendo seu nome ganhava

um destaque desproporcional.

A reportagem prosseguiu com a Família Regencial embarcando no trem sob a escolta da Guarda Nacional. Chuviscos apareceram na tela, outra imagem piscou. Assim

como dias antes, surgiu a líder do Voz Verde, Flora. Marcel levantou da cadeira por

impulso.

— Olá, povo Vera Cruz — disse ela, com uma voz distorcida eletronicamente.

Flora apoiou os cotovelos nos braços do cadeirão e entrecruzou os dedos na altura do

queixo. — Como não sei quanto tempo tenho antes que meu sinal seja derrubado, me

apressarei em compartilhar com vocês uma revelação que tive enquanto meditava sobre

a cruzada do Voz Verde. Sempre lutamos para proteger a natureza. Sempre

demos

abrigo àqueles que não têm onde morar, nem o que comer, enquanto vocês recostam-se

em suas Cidades Altas, abastecidas por usinas de mana que matam o planeta. Essa

nunca deixará de ser nossa luta, mas acabo de perceber que não é o bastante. Finalmente

compreendo que as usinas de mana são apenas um sintoma. A verdadeira praga é o

Sistema criado pelos parasitas do governo e da Arcanum — ela estufou o peito, o dedo

indicador erguido. — Seria engraçado, se não fosse patético, ver o Regente-Geral

apertar as mãos tolas dos novos peõesinhos. Enquanto isso, por trás dos panos, o

governo e a Arcanum tentam cortar a garganta um do outro, sem perceber que são

farinha do mesmo saco. Finalmente me dei conta de que... — imagem desfocada,

chiado. — ... combater o Sistema...

Flora sumiu de vez para dar lugar a um comercial. Nicolas mudou de canal, até

voltar ao programa de antes, onde a apresentadora pedia desculpas pela interrupção,

explicando que o sinal fora pirateado. Todos os canais retornaram à programação

normal. O restante da mensagem de Flora, qualquer que fosse seu conteúdo, estava

perdido.

CINCO

O centro de Sanctorum ganhava vida nova à noite, em especial nas noites de sábado. Os letreiros luminosos acendiam e placas de néon pipocavam por toda a parte.

Adolescentes lotavam os shoppings, famílias saíam juntas para jantar ou ir ao cinema.

Para os jovens adultos, a balada apenas começava.

Mas não para todos.

Marcel desceu do monotrilho na estação habitual e tomou o rumo do Instituto

Beta. Mais cedo, depois do almoço com a mãe, retornou para casa, trocou a água do

aquário, encheu e programou o alimentador automático para os peixes não passarem

fome e teve um bom jantar antes de sair.

Como instruído, vestia a camisa azul clara do uniforme escolar e carregava os demais uniformes na bolsa esportiva. O peito inquieto pela ansiedade de conhecer sua

Unidade. Outros sete novatos, sete *pawns* com os quais iria passar boa parte do tempo

de agora em diante. Se daria bem com todos? Uma das garotas viria a ser sua namorada?

As possibilidades o empolgavam na mesma medida em que o intimidavam.

Recordou das aulas de estudos arcanistas, uma matéria exclusiva para os alunos que

passavam pelo treinamento. O professor possuía uma voz de locutor e uma barriga

volumosa:

— O fundador da Arcanum, Gaspar Valerius era apaixonado por xadrez, o jogo serviu como fonte de inspiração para a nossa hierarquia — ele mexeu em seu terminal.

O projetor holográfico exibiu um conjunto de peças de xadrez. Os oito peões ganharam

destaque. — Na base da pirâmide estão os *pawns*, os peões. Eles compõem a infantaria.

Quem passar pelo exame arcanista estará nesse nível.

O professor clicou no terminal, destacando as peças cavalo, torre e bispo.

— Acima da infantaria, estão os especialistas. Existem três tipos e todos são equivalentes na hierarquia. Os *knight*s correspondem ao cavalo, são especialistas de

ataque. Os *rooks* são as torres, especialistas de defesa. Os *bishops* correspondem ao

bispo e são especialistas de suporte.

Outro clique fez os hologramas do rei e da rainha ficarem maiores que as demais peças.

— No topo hierarquia arcanista estão os oficiais. *Queens* são oficiais de campo e *kings* representam o posto mais alto dentro da Arcanum, são oficiais de comando,

nossos generais. Homens e mulheres podem ser tanto *kings* como *queens*. Aqui na

Arcanum essas palavras não dizem respeito ao sexo, mas ao nível hierárquico. O diretor

Cecil, por exemplo, é um *king* nível 3.

E agora, sou um pawn nível 1, pensou Marcel, afastando a recordação das aulas enquanto adentrava o saguão.

Atualmente, cerca de mil arcanistas passavam os finais de semana no Instituto Beta. Apesar do pouco movimento na recepção, viu muita gente no pátio. As quadras e

piscinas estavam em uso, a cantina aparentava estar lotada. Muitos mais deveriam estar

na área de treinamento e na academia do subsolo, no treino virtual no quarto andar e nos

alojamentos.

Os relógios digitais nas paredes marcavam oito e meia. Restavam trinta minutos, mas decidiu subir. Um rapaz de feições orientais atravessou depressa o saguão, carregando uma pesada mochila num ombro e puxando outra mochila com rodinhas.

Marcel segurou as portas do elevador para ele entrar.

— Primeira noite — disse o rapaz oriental. — Que frio na barriga, hein?

— Nem me fale. Qual é sua Unidade?

— Me colocaram na 31-3.

— Então vamos ser parceiros. Marcel Seeder.

— Raito Kun — apertaram as mãos. — Viu as transmissões da Flora?

— Quem não viu?

— Acho que o Voz Verde está tramando alguma coisa grande. Pensa bem, ficaram meses sem dar notícias e, de repente, duas mensagens em dois dias. Já imaginou

que legal vai ser se atacarem o Instituto durante a graduação?

— Ah, é! Nada como um pouco de terrorismo para animar um baile.

Raito Kun soltou uma gargalhada.

— Foi exatamente pela emoção que eu quis entrar para a Arcanum. E você?

— Meu pai foi arcanista.

O corredor circular do sexto andar era mais estreito que nos outros andares, com portas duplas a cada quinze metros. Esse andar estava subdividido em três pisos, conectados por elevadores secundários. Marcel e Raito subiram até o terceiro piso e

procuraram o alojamento número 31. As portas abriram com um som hidráulico e os

rapazes adentraram num dormitório bem iluminado.

Marcel viu um par de camas à direita e outro par à esquerda, com as cabeceiras voltadas para a parede branca. Adiante, havia uma porta de cada lado e depois mais dois

pares de camas. Dois feixes de luz finos como um cabelo percorriam o centro do alojamento a um palmo do chão, um azul e o outro rosa, separados por um metro de

distância. Os feixes subiam pela parede do fundo até tocarem o teto.

Atirou a bolsa esportiva sobre a primeira cama da direita, atrás do feixe azul.

Raito Kun colocou suas coisas sobre a segunda cama à direita. Encontraram apenas uma

pessoa dentro do alojamento: aquela moça de cabelos rosados e braços tatuados, estirada na segunda cama do lado esquerdo com os olhos grudados na tela que o *smart*

watch projetava em sua mão.

— Quer dizer que você passou também? — perguntou Marcel.

Só então, ela tomou conhecimento da presença dos rapazes.

— Nos conhecemos?

— Eu te vi na pista de obstáculos.

— Não lembro, deve ser porque o seu rosto é muito comum. Tanto faz — ela fechou a tela holográfica e fez um aceno pouco empolgado — Sou Micaela Jermein.

Os rapazes falaram seus nomes.

— Qual é a sua gema? — perguntou Raito Kun a ela.

— Mental.

— A gema de ler mentes. No que eu estou pensando?

— Que não vou adivinhar o que você está pensando.

— Ela é boa! — disse Raito a Marcel.

Uma moça obesa, mais alta que a maioria das garotas, adentrou o alojamento.

Tinha cabelo castanho escuro encaracolado. Trazia uma mochila jeans em cada ombro e

outra na mão direita.

— Oi — disse num resmungo antes de ir para a última cama no lado esquerdo.

Micaela Jermein aproveitou a pausa para voltar a atenção ao *smart watch*,

Marcel não teve vontade de puxar conversa com a recém-chegada.

— Qual é seu nome? — perguntou Raito Kun.

— Katrina Kolin — ela não perdeu tempo em tirar os uniformes das mochilas e começar a organiza-los.

— Qual gema?

— Não sabia que ia ter um interrogatório.

A resposta encerrou a conversa. Marcel abriu a bolsa esportiva e tirou de lá o uniforme arcanista, o de dormir e o de educação física, os itens de higiene pessoal, a

carteira, um *tablet* e algumas cuecas. Acomodou tudo nas gavetas na base da cama.

Colocou a bolsa vazia no chão, no lado direito da cabeceira, os demais haviam feito o

mesmo com mochilas e malas. Como já esperava, o colchão e o travesseiro se mostraram finos e pouco confortáveis. Depois sentou ao pé da cama, trocando ideias

com Raito.

Adriene Elven, a moça negra que o derrotou na segunda luta, apareceu na porta usando óculos de armação branca e puxando uma grande mala de rodinhas.

— Boa noite a todos — disse timidamente. Ela ficou tensa ao reconhecer

Marcel, relaxando quando ele estendeu a mão. — Que bom que você conseguiu.

Raito Kun levantou num salto e cumprimentou Adriene, ajudando-a com a mala.

Ela ocupou a penúltima cama no lado feminino do alojamento. Marcel questionou-se

sobre quantos rostos conhecidos ainda veria no momento em que Sandrino Miller deu as

caras.

— Acho que te conheço, colega — disse naquele tom manso.

— A primeira luta... — Marcel rebateu rispidamente.

— É mesmo!

Sandrino o cumprimentou com um tapa no ombro mais forte que o necessário e saiu apertando a mão dos demais antes de tomar a terceira cama à direita para si. Sem a

barulheira do dia dos combates, ficava mais fácil notar que ele falava com o sotaque

característico de Alegreto, a cidade mais ao sul de Vera Cruz.

Restavam apenas uma moça e um rapaz para a Unidade estar completa. As portas deslizaram e Xisco Barrios apareceu.

— E aí, meu *amigão*? — disse Xisco em voz alta, com um sorriso petulante.

— Como é que você...? — Marcel chegou a procurar Maurícia com o olhar, mas não a encontrou.

— Eu fui bem nos primeiros testes, *amigão*. A Maurícia também conseguiu, pena que mandaram ela pra outra Unidade.

Xisco ocupou a última cama do lado direito. Marcel torceu o nariz, nauseado com a ideia de que esse sujeito seria seu colega de alojamento. No dia da Forja, o

diretor alertou que força de vontade era essencial para obter uma gema. Pelo visto, isso

era mais importante que caráter.

Distraído, Marcel não percebeu as portas abrindo novamente. Uma voz

conhecida o chamou. Beatrix adentrou no alojamento. Ele saltou da cama como se fosse

feito de mola.

— Olha, estamos na mesma Unidade — disse ela.

Beatrix pousou suas coisas sobre a última cama vaga, justamente a que ficava de frente para Marcel. Dormiriam pertinho um do outro. As esperanças dele reacenderam.

— O que foi na mão? — perguntou ela.

Ele queria de toda forma evitar de falar sobre a Forja. Não queria que ela ficasse com pena, nem que os demais o vissem como um fraco. Abriu a boca para repetir a

mentira ensaiada que se machucara durante a corrida, daí lembrou que Beatrix o vira

depois do teste e sabia que estava bem naquela hora. Teria de inventar outra história.

Antes de fazê-lo, Sandrino chegou junto com um sorriso cheio de intenções.

— Como vai, guria? — disse ele e se apresentou.

— Prazer — ela correspondeu ao sorriso.

Marcel sentiu um ímpeto de esganá-lo. *Quem esse cara pensa que é?* Com que direito atrapalhava a conversa?

As portas voltaram a abrir.

— Oficial! — disse Beatrix em alto e bom tom. Tratava-se de um alerta comum para todos saberem quando um oficial entrava no recinto. De imediato, os oito jovens

aprumaram-se junto aos pés das respectivas camas.

Pelo canto do olho, Marcel viu um casal adentrar o alojamento. Os capotes abotoados tinham dragonas prateadas nos ombros, as boinas militares exibiam o mesmo

tom de azul. O homem deu um passo à frente, por baixo da boina, um cabelo loiro

cortado ao estilo militar. Seus ombros eram largos e seu rosto mostrava uma expressão

rígida.

— Seeentido! — disse ele. Os oito jovens assumiram a posição de sentido:

coluna ereta, pés juntos e braços ao lado do corpo. — Descaaansar! — Num movimento

quase sincronizado, os oito afastaram o pé esquerdo e colocaram as mãos para trás.

— Peço que olhem para nós — disse a mulher num tom, ao mesmo tempo, firme e maternal. A oficial aparentava mais de quarenta. Tinha um rosto arredondado, os

braços e o tronco também. O cabelo cor de cobre preso num coque na nuca. Os jovens

viraram o rosto sem sair da posição. — Eu sou a *king* Vesper e serei a oficial de comando desta Unidade. Este é o *queen* Enzo, devem ouvi-lo tanto quanto a mim. Antes

de mais nada, parabéns por terem se tornado arcanistas. O trabalho na Arcanum não é

um emprego comum, tenham em mente que está é uma vida feita de disciplina e organização. A partir de hoje, uma página nova começa para vocês, como membros da

Unidade 31-3. Quero que pensem no significado dessa palavra: unidade. Vocês são uma

família agora, da qual o *queen* Enzo e eu também somos parte — ela caminhou pelo

espaço entre os dois feixes de luz e parou em frente às portas laterais, olhando nos

rostos de todos. — Existem oito gemas e cada um de vocês controla uma delas, cada um

é um membro importante dessa família. Cada um de vocês é a peça de uma máquina.

Para que essa máquina funcione perfeitamente, todas as peças precisam estar em harmonia. Em busca dessa harmonia, de agora em diante, passaremos os finais de

semana aqui no Instituto. Durante esse período, vocês acordarão juntos, se exercitarão

juntos, farão as refeições juntos e dormiram juntos neste alojamento. Assim,

quanto

estiverem lá fora, participando de patrulhas urbanas, trabalhando como escolta ou

combatendo o Voz Verde, irão agir como um só.

Vesper fez um sinal para Enzo.

— Olhem para o chão — a voz dele soou dura. — Os homens jamais devem

cruzar o feixe azul, as mulheres jamais devem cruzar o feixe rosa. O vestiário masculino

está à minha direita, o vestiário feminino, à minha esquerda. Sempre que forem trocar

de roupa, o façam nos vestiários. Em hipótese alguma, troquem-se no quarto principal.

Estaremos monitorando e se alguém desobedecer essas regras, receberá uma advertência

e poderá perder o emprego. Agora peguem o uniforme de dormir e vão se trocar.

Acelerado!

Marcel tirou o uniforme de dormir da gaveta e entrou no vestiário masculino,

junto com os rapazes. As garotas foram para o vestiário oposto. Ao entrar, havia uma

grande pia com quatro torneiras à frente, quatro chuveiros de um lado e quatro cabines

do outro. Rapidamente, todos tiraram as roupas que usavam e vestiram camisetas

amarelo claro, calções da mesma cor e calçaram os chinelos. Retornaram ao quarto

principal sem perder tempo, as roupas que usavam foram deixadas sobre os

colchões,

mais ou menos dobradas e todos assumiram a mesma posição de antes.

As garotas vestiram um traje idêntico ao dos rapazes, roupas que não

valorizavam a feminilidade. Ainda assim, Beatrix ficou irresistível. Também deu para

notar que Micaela Jermein estava sem sutiã.

— Eu gostaria de saber seus nomes e suas gemas — disse Vesper. Após as

apresentações, ela prosseguiu: — Sei que estão ansiosos para testar o poder das gemas e

essa será a primeira coisa que faremos amanhã. As luzes se apagam automaticamente às

dez, procurem descansar porque teremos um dia cheio.

*

O sistema de som executou o toque da alvorada às cinco da manhã. Os *pawns*

tiveram apenas quinze minutos para espantar o sono, arrumar as camas e vestir o

uniforme de educação física. O *queen* Enzo apareceu usando regata branca e calça de

agasalho verde, assim como eles. O oficial dispensou o elevador e os guiou num trote

controlado escada abaixo. O sol nem havia nascido, mas o Instituto Beta fervilhava de

atividade. Arcanistas faziam sessões de exercícios físicos nas quadras poliesportivas,

nas piscinas e até mesmo no grande corredor central do térreo. No subsolo, uma centena

de pessoas treinava no uso das gemas, separados em grupos. Bolas de fogo e gelo,

relâmpagos e objetos voavam pelo ar. Quase todos vestiam o uniforme de educação

física. Apenas uma dúzia vestia capote, estes eram da equipe de socorristas, atentos para

auxiliar qualquer um que se machucasse.

— Cara, isso é pra valer! — exclamou Raito Kun. O ambiente da área de treinamento provocou um choque de realidade nos novos *pawns*. A vida como arcanista

já não era só uma perspectiva. Estava ali, diante deles.

Além da *king* Vesper, meia dúzia de especialistas os aguardavam. Três homens e três mulheres na casa dos trinta anos, entre os quais, Marcel reconheceu a ruiva e seu

parceiro loiro de barba bem feita do dia da Forja. O *queen* Enzo guiou os oito jovens

para junto do grupo que os aguardava.

— Seeentido! Descaaansar!

Vesper tomou a palavra:

— Como o diretor Cecil costuma dizer, a gema é o poder máximo da Arcanum.

Ao passarem pela Forja, conquistaram o direito a usar esse poder. Também é responsabilidade de vocês usá-lo com sabedoria. Esses seis são especialistas que vão

nos ajudar nessa tarefa.

Os especialistas apresentaram-se. A ruiva era a *bishop* Margot, especialista de suporte, gema-cura. O sujeito loiro de barba era o *rook* Bastian, especialista de defesa,

gema-telecinética.

— Lembrem-se, *pawns* — prosseguiu Vesper. — A gema é uma arma da mente, sua munição é a força de vontade do usuário. O medo limitará seus poderes e pode até

bloqueá-los por completo. Confiem em si mesmos. Quanto mais acreditarem no objetivo pelo qual estão lutando, maior será o poder da gema.

Cada jovem formou dupla com um veterano que possuía a mesma gema.

Adriene Elven e a *bishop* Margot sentaram de pernas cruzadas, o *rook* Bastian fez

exercícios de respiração com Raito Kun, a *king* Vesper formou dupla com Katrina

Kolin. Beatrix recebeu instruções de um *knight* negro e musculoso chamado Tomáz, de

barba rala e os cabelos com *dreads* presos num rabo de cavalo. Micaela Jermein e Xisco

juntaram-se a outros dois especialistas.

O instrutor de Marcel seria Enzo. A carranca do *queen* o deixou um tanto inseguro quanto ao treinamento.

— O dr. Evan disse que se machucou na Forja, Seeder — disse Enzo, num tom inquisidor. — Tem certeza que dá conta do recado?

— Sim, senhor — Marcel tentou demonstrar coragem. — No que eu devo pensar

para ativar a gema?

— Pensar? — o *queen* mostrou a mão. Uma faísca elétrica passou entre os dedos. Ele prosseguiu falando rapidamente: — Um relâmpago é uma coisa que acontece

num piscar de olhos. A energia se acumula e *zap*! Pegue o que estiver sentido: raiva,

fome, cansaço... Junte tudo no seu estômago e canalize para fora através da gema —

Enzo disparou um relâmpago para cima. — Sua vez. Não pense. Faça!

Com uma explicação tão clara, como é que não vou conseguir? , Marcel quase teve de morder a língua para não externar o pensamento.

Olhou para a mão esquerda e tentou se concentrar. Primeiro, pensou na frustração com o *queen*, que não demonstrou nenhuma disposição em ajuda-lo. Trouxe à

mente a decepção que teve com Beatrix e a raiva que sentiu do pouco caso que seu pai

fez quando contou que havia se tornado arcanista. Teve dificuldade para pensar em tudo

isso ao mesmo tempo e ainda mais dificuldade para afastar o medo.

Vinha evitando falar sobre o forjamento porque essa lembrança o assustava.

— Estou esperando, *pawn Seeder* — disse Enzo.

— Na verdade, senhor — disse Marcel, de cabeça baixa. — O doutor recomendou que eu não usasse a gema antes de me recuperar.

— Eu já sabia dessa recomendação. Pois muito bem. Dessa vez vou deixar

passar, mas na próxima, não quero saber de desculpas. A Arcanum não é lugar para

medrosos.

Após o primeiro treino com a gema, tiveram uma sessão puxada de exercícios, com longas sessões de abdominais, flexões e polichinelos. Tiveram uma hora para

almoçar. O período da tarde começou com um treinamento para marchar em desfiles

cívicos.

Passaram algumas horas trabalhando nas instalações do Instituto Beta. Por toda parte, arcanistas cuidavam do asseio, organização, manutenção e pequenos reparos nos

equipamentos e estruturas. A Unidade 31-3 ficou responsável pelo corredor central do

térreo.

Raito brincou utilizando sua gema-telecinética para mover objetos com a mente.

Xisco tentou congelar a água de um balde com a gema-glacial, conseguindo criar apenas

uma fina camada de gelo na superfície. Incitaram Beatrix a derrete-lo com a gema-

flama, mas ela não quis participar da brincadeira.

Ao longo dia, Marcel entrosou-se bem com Raito Kun e Adriene Elven, que estavam em clima de paquera. Mas foi com Micaela Jermein e Katrina Kolin que acabou passando a maior parte do tempo. Em algum momento, os três formaram um

grupo separado do resto e assim permaneceram. Ele percebeu que nenhuma das duas

simpatizou com Beatrix, que por sua vez, passou o dia recebendo investidas de Sandrino

Miller e outros rapazes.

Às cinco da tarde, houve um tempo livre para recreação. Às sete serviram o

jantar. Às oito, seguiram para uma sessão de treinos virtuais em simuladores de

motos

de assalto e carros de combate no quarto andar. Marcel teve um desempenho razoável

no simulador do carro, já na moto, ninguém o superou e até o *queen* Enzo reconheceu

sua capacidade como piloto de *En-Passant*.

Não chegou a fazer um elogio, apenas apresentou uma avaliação profissional em seu tradicional tom militar. Desde o início, Marcel não gostou daquele homem. O achou

arrogante e petulante. O pior é que algo em Enzo o fazia lembrar de como seu pai era

antes da aposentadoria e do divórcio.

O toque de recolher soou às nove. Quinze minutos depois, os membros da

Unidade 31-3 encontravam-se no alojamento, com a roupa de dormir, prontos para a

inspeção da *king* Vesper e do *queen* Enzo.

Assim que os oficiais saíram, Marcel entrou no vestiário masculino do

alojamento para tomar uma chuveirada. Durante o banho, houve um momento em que a

água que caía virou pedrinhas de gelo e uma fina película gelada o cobriu.

Na porta do vestiário, Xisco Barrios tinha um sorriso idiota no rosto, o punho

brilhava pelo uso da gema-glacial. Marcel livrou-se facilmente do gelo, dizendo que

aquilo parecia mais brincadeira de segunda série e acrescentou outros comentários que

irritaram Xisco. Os dois só não brigaram porque Sandrino Miller os separou sem dificuldade.

Às dez, as luzes apagaram automaticamente. As paredes brancas mantinham o alojamento numa penumbra e pequenas conversas ainda voavam pelo quarto. Apesar do

cansaço, Marcel não conseguiu dormir. Pegou o *tablet* na gaveta embaixo do colchão e

colocou os fones para assistir o episódio mais recente de um anime de ação. Antes de

dormir, conectou com a *webcam* que deixou ligada em seu quarto para acompanhar o

movimento dos peixes no aquário.

Veio a manhã de segunda-feira. Alvorada às cinco, exercícios e café da manhã.

Só então os novos *pawns* foram liberados para assistir às aulas normalmente. Na sala do

1º. Colegial D, Marcel desabou na cadeira em frente ao seu terminal.

— E aí? — disse Kelvin. — Se divertiu no final de semana?

SEIS

Rosena Valerius desenvolveu a primeira versão da Forja meses após o falecimento de Fabriciano Noble. Vitimado por um câncer no pâncreas após três décadas no poder, o Primeiro Regente foi substituído por seu filho mais velho, Beleno.

Gaspar e Rosena Valerius viam o novo Regente-Geral como um líder fraco no cenário

político e decidiram não compartilhar a tecnologia por trás do forjamento com o

governo, mantendo as gemas para uso exclusivo da Arcanum, o que representava uma

quebra no contrato entre as duas partes.

Nunca se soube o que Beleno pretendia fazer a respeito, não houve tempo. Um acidente de carro o levou a uma morte prematura, deixando como herdeiro um adolescente chamado Patrício. Com a ajuda de seus aliados, o rapaz conseguiu que

fosse aprovada a diminuição da maioridade legal e assumiu o cargo de Regente-Geral

com apenas dezesseis anos. A primeira medida de seu longo governo foi romper com a

Arcanum e criar a Guarda Nacional. Não tardou para Patrício Noble ganhar a fama

de ter pulso firme e ser implacável com os adversários políticos, tanto que até hoje é

conhecido como Regente de Ferro. Ele abdicou somente aos setenta e oito anos, devido

a problemas de saúde que o levaram a óbito dois anos mais tarde.

A perda do contrato com o governo representou um duro golpe para os cofres arcanistas. Atualmente, a entidade atua como uma força de segurança terceirizada,

trabalhando como polícia em algumas cidades, além de cumprir contratos avulsos.

Desde que assumiu o poder, com quase quarenta anos de idade, o filho de

Patrício,

Domenico Noble tem buscado uma reaproximação com a Arcanum.

*

Trinta. Dos duzentos e oitenta candidatos que participaram dos testes, dos cento e vinte que passaram pela Forja, somente trinta restaram para a cerimônia de graduação.

Marcel viu a si mesmo como um intruso entre eles, enquanto outros colegas que acreditava serem mais capacitados ficaram pelo caminho.

“Nunca na história da Arcanum, um aluno com pontuação menor que oitenta conseguiu se tornar arcanista”, dissera o diretor. Marcel era o primeiro e único. Tal

honraria não o deixava feliz.

— Está na hora — anunciou o mestre de cerimônias.

Os trinta graduados voltaram a seus lugares. Por ser um evento oficial, todos abotoaram os capotes. Formavam fila em ordem alfabética: Adriene Elven na dianteira

e Xisco Barrios por último. Maurícia atrás de Marcel.

— Não vá mijar nas calças de vergonha quando subir no palco, Seeder — disse ela.

— Você fica diferente sem aquela touca — ele fez um esforço para não rir ao ver a expressão de Maurícia tentando descobrir se caçoava dela.

A orquestra marcial começou a tocar. Um a um, os novos *pawns* marcharam dos

bastidores para o palco. No momento em que chamaram o nome de Marcel, Maurícia

cuspiu em sua nuca. Ele falseou, mas seguiu em frente.

O centro de convenções no nono andar do Instituto Beta exibia uma decoração estilo clássico. Arcadas davam a volta no amplo salão, belos arranjos com flores-de-lis

plásticas encimavam as colunas. Os convidados ocupavam mesas forradas com toalhas

brancas, enfeitadas com fitas de cetim anil. O buffet servido em uma extensa mesa

oferecia sucos e refrigerantes em jarras de vidro, além dos aperitivos. A orquestra

ocupava um espaço junto ao palco. Na área reservada como pista de dança, o piso

ganhou aspecto de madeira. No teto, pendiam dezenas de lustres, cada um com uma

centena de lâmpadas imitando cristal.

Marcel parou de frente para os convidados, Maurícia ocupou o lugar à sua

esquerda, com um riso abafado. Ele imaginou se seria considerado quebra de protocolo

caso desse um soco no estômago da garota ao seu lado.

Quinhentas pessoas enchiam o salão entre membros da Arcanum, convidados e

políticos. A Família Regencial ocupou um camarote perto do palco, sob a vigilância de

arcanistas e também de membros da Guarda Nacional, que vestiam traje tático preto.

Os graduados permaneceram alinhados no palco, a orquestra executou o hino nacional de Vera Cruz, seguido por intermináveis discursos de autoridades, após os

quais, o mestre de cerimônia tomou a palavra:

— Senhoras e senhores, o diretor do Instituto Beta, *king* Rômulus Cecil irá entregar aos novos arcanistas seus contratos de trabalho. Também irá apresentá-los ao

excelentíssimo Regente-Geral Domenico Noble, à digníssima Herdeira, senhorita

Camilla Noble e à nossa querida prefeita, Marilene Veigas.

Sob aplausos, a comitiva subiu ao palco. Uma exuberante arcanista de cabelos dourados trouxe uma bandeja com trinta canudos com os nomes dos novos *pawns*.

Outra arcanista, uma estonteante morena, trouxe uma almofada com trinta alfinetes em

forma de peão de xadrez.

O diretor veio à frente da comitiva, apertou a mão de Adriene, lhe colocou um alfinete na gola erguida da camisa preta, entregou o canudo e disse o nome dela ao

Regente, que a cumprimentou com um “parabéns”. Atrás de Domenico Noble, sua filha

e a prefeita também vinham cumprimentando a todos.

O Regente vestia um terno de veludo marrom escuro e uma gravata no mesmo tom de azul dos capotes arcanistas. Quando apertou sua mão, Marcel percebeu que

podia olhá-lo de cima. Em seguida, um perfume suave o envolveu, fazendo-o virar o

rosto para Camilla Noble antes mesmo que ela ficasse em sua frente.

Os longos círculos dos cabelos cor de chá vinham soltos, mas as mechas se entrecruzavam na nuca. De cada orelha pendia uma correntinha prateada que terminava

numa joia violeta em forma de gota. Usava um vestido tomara que caia preto bem

acinturado, com a saia mais rodada na altura dos joelhos.

A moça o cumprimentou com um sorriso e seguiu em frente, atrás dela, veio a prefeita Marilene. A cerimônia terminou com os trinta arcanistas marchando para fora

do palco sob aplausos. Marcel pensou que seria uma péssima ideia começar uma confusão, por isso decidiu engolir o orgulho e ir para longe de Maurícia. Só enxugou a

nuca quando teve certeza de que ela e o namorado não veriam.

Procurou o pai no salão de baile, queria saber o que teria a dizer agora. Desistiu da ideia ao vê-lo avulso numa roda de conversa onde estavam o Regente, a prefeita, o

diretor, outros políticos e bajuladores. Antonius devia pertencer a este último grupo, já

que permanecia de lado, balançando a cabeça em concordância a tudo que Cecil dizia.

Desapareceram as esperanças de que, por milagre, ele encontrasse uma namorada que o

tirasse da frente da TV. Marcel constatou que o velho capote não assentava tão bem

quanto antes, principalmente na barriga.

Encontrou a mesa da mãe. Anna usava um vestido cinza claro com padrões bordados e tinha o cabelo preso. Ela saltou da cadeira para tirar uma foto do filho,

Marcel forçou um sorriso e levantou o canudo do contrato.

— Agora uma nossa, querido — ela ficou ao lado dele para tirar uma *selfie*. Só então Marcel pode sentar.

— Belo evento — disse Nil, de terno escuro e gravata. — O Instituto não economizou.

Nicolas vestia terno sem gravata, o cabelo quase penteado. A namorada o acompanhava, uma menina de 13 anos com maquiagem exagerada e um vestido ousado

para a idade.

— Tinha razão sobre Camilla Noble — Marcel sussurrou a ele. — Ela é linda mesmo!

Os dois riram.

— Aposto que estão falando de mulher — disse a menina, virando para Marcel.

— Minha irmã ia gostar de te conhecer.

— O Nicolas comentou. Vou pensar no assunto.

— Quando vão tocar a valsa? Sabe qual vai ser? — perguntou Anna. — Não

danço uma valsa desde o nosso casamento.

— Daqui a pouco — disse Marcel. — Vai ser a Valsa do Imperador. Acho que disseram que é de, eh, Strauss.

— Nunca valsei — disse a menina. — Nem sei os passos.

— Vai ter casais que ensaiaram na pista. É só seguir eles.

— Cadê o seu par?

— Ah... — Marcel ficou constrangido. — Eu não vou dançar.

O mestre de cerimônias anunciou o início do baile. Boa parte dos convidados levantou. Nicolas e a namorada caminharam para a pista, Anna ergueu-se num instante,

somente Nil dirigiu um olhar para Marcel.

— Podem ir, está tudo bem. Vou falar com uns amigos — disse a eles.

Marcel viu-se repetir a mesma situação que ocorria sempre que ia a uma festa: quando chegava a hora da dança e da paquera, o deixavam de lado. Prendeu o canudo

nas costas, nas presilhas do cinto e andou pelo salão procurando alguma companhia.

Raito e Adriene passaram rumo à pista de dança. À distância, viu Sandrino se aproximar da mesa que Beatrix dividia com a família, os dois foram de braços dados

para a pista. Micaela passou indo na direção oposta, de mãos dadas com outra garota,

cujo cabelo escuro caía na testa. Katrina ocupava uma mesa cheia, acompanhada de

uma mulher que, pela semelhança física, só podia ser sua mãe, além de outra mulher de

mais idade e três garotos mais novos. Marcel pensou em convidá-la para dançar, mas

quando o viu, Katrina fez um aceno rápido e voltou à conversa.

A orquestra começou a tocar uma balada lenta, própria para casais dançarem juntinhos. Marcel deu por si no fundo do salão, perto de uma porta imitando madeira.

Tinha passado por ali à tarde, durante os ensaios para o baile e sabia que conduzia ao

terraço. Havia sentinelas e membros da Guarda Nacional por perto, estes andavam de

um lado para outro, tensos e inquietos. O traje tático que usavam o lembrou dos filmes

de super-heróis. A placa perto do ombro exibia o símbolo da Guarda em linha vermelhas: um triângulo de pontas aplainadas, com um grande círculo em seu interior.

Nenhum dos seguranças se opôs a sua presença ali.

A outra face da porta não fora decorada para o evento. Subiu um lance de escadas, atravessou a guarita e o ar noturno tocou seu rosto. Estar no terraço do Instituto

Beta dava uma noção real da extensão do edifício. O espaço entre a lateral da fachada e

o recorte circular sobre o pátio era largo o bastante para enfileirar três dezenas de carros.

Muretas de um metro e meio serviam de proteção tanto na borda exterior do

terraço,

quanto na interior.

Fora isso, havia pouco para ver. O Instituto estava rodeado por arranha-céus muito mais altos, limitando a visão. Acima dele, um céu embaçado sem estrelas e o

brilho opaco da lua. Mais cedo, sentara-se com as costas contra a mureta exterior entre

Micaela e Katrina à sombra de um prédio.

— Estou nessa pela grana — dissera Katrina, naquela hora. — O cretino do meu pai abandonou minha mãe cheia de filhos quando eu tinha seis anos.

Micaela mantinha uma postura mais reservada quanto a falar sobre si mesma.

— Quero ser independente — foi tudo o que a moça de cabelo rosa disse.

Raito e Adriene apareceram depois. Marcel tinha a impressão que ambos vinham de famílias, se não ricas, ao menos bem de vida, embora tenha ficado encabulado de

perguntar.

— Minha casa é um tédio — brincara o rapaz oriental. — Vim para a Arcanum para ver ação!

— Acho que é uma ótima carreira — dissera Adriene. — Além disso, toco flauta no clube de música e quero entrar para a orquestra do Instituto.

Naquele momento, metade dos graduados matava o intervalo dos ensaios para a cerimônia na cobertura. Mas agora à noite, Marcel era o único.

Ouviu aplausos abafados, a segunda música começou a tocar. Decidiu permanecer ali em cima até a valsa terminar. Não via a hora do baile chegar ao fim e poder voltar para casa. Queria descansar e ter tempo para pensar em tudo que acontecera nos últimos dias.

— Ei, arcanista — chamou uma voz feminina. — Pode me dar uma ajuda?

A cabeça de Camilla Noble apareceu do lado de lá da mureta interior. Marcel constatou que ela estava sentada em um parapeito largo o bastante para acomodá-la bem.

O que ela está fazendo aqui?

Camilla segurava um copo de laranjada, os sapatos repousavam ao seu lado. Ele entendeu de imediato a razão da inquietação dos guardas.

— A Guarda Nacional está a sua procura — disse timidamente. — Senhorita.

— Já passaram por aqui, mas não me viram. Eles nunca me encontram.

— Não é perigoso ficar aí?

— É por isso que você vai me puxar para cima. Só uma coisa — ela virou quase toda a laranjada, deixando apenas um gole. — Beba.

Marcel não compreendeu, mas virou o copo. Ao gosto artificial de laranja misturava-se um sabor alcoólico mais forte.

— Agora somos cúmplices — disse ela. — Aqui, resgata os meus sapatos primeiro. Pronto, minha vez.

Ele inclinou-se sobre a mureta, tentando não pensar na possibilidade de escorregar e ambos se esbarracharem lá embaixo, na cobertura de vidro sobre o pátio.

Camilla passou os braços em torno de sua nuca e Marcel voltou a sentir o perfume

suave que ela usava. A ergueu, segurando-a junto de si. Ela pisou sobre suas botas

enquanto calçava os sapatos.

— Obrigada.

— O que veio fazer aqui em cima, senhorita Noble?

— Eu podia fazer a mesma pergunta, arcanista. Não devia estar no baile?

Antes que ele respondesse, a música no salão parou e ouviram aplausos.

— Vai começar a Valsa do Imperador — disse ela. — Vamos dançar?

— Dançar?

— Eu queria valsar, mas provavelmente teria de ser com o filho da prefeita ou com o neto do diretor... Aqueles dois são uns babacas — ela se deu conta de ter falado

mais do que devia. — Não me ouviu dizer isso!

— Eu não sei dançar, senhorita.

— Deixa de frescura! Eu te mostro.

Camilla colocou a mão direita dele em sua cintura e pousou a mão esquerda no ombro de Marcel. Ele tomou a outra mão dela com delicadeza. Já ouviam um violino

soando solitariamente. Ensaíram alguns movimentos. Marcel tropeçou.

— Relaxa, é fácil. Passo, junta, passo, junta. E vai girando — disse ela. — Esse é o básico. Começa para valer... agora!

A Valsa do Imperador deslanchou de repente num ritmo alegre. Os violinos e baixos davam o tom. Marcel e Camilla moveram-se em passadas largas, girando devagar em torno um do outro. Meio desajeitado, ele rezou para não pisar no pé da

moça. Um breve floreado surgiu na melodia, ela o fez erguer o braço e deu um giro sem

soltar sua mão. O floreado repetiu e ela girou novamente.

A velocidade reduziu, as flautas marcando o tempo. A mudança no ritmo fez Marcel vacilar.

— Não pare — Camilla o obrigou a continuar dançando. — É como na política, nunca perca a pose.

Os demais instrumentos retornaram, ela girou para o lado, até ficarem com os braços estendidos, em seguida, rodou de volta para ele. Marcel sentia-se um tanto bobo

e envergonhado por não saber o que fazer, dando o seu melhor para acompanhá-la. Ao

mesmo tempo, nem saberia dizer o quanto aquilo o divertia.

Estou dançando com Camilla Noble! Ninguém vai acreditar.

Bailaram devagar de um lado para o outro, os instrumentos ganharam força e o ritmo alegre do início retornou. Voltaram aos longos giros, dessa vez, movendo-

se mais

depressa. O tom seguiu cadenciado por algum tempo. Então, a melodia silenciou quase

por completo, apenas um instrumento de percussão tocando.

— E agora? — perguntou ele.

— Sei lá, improvisa.

Caminharam lado a lado com as mãos dadas no alto. Trocaram um olhar e

começaram a rir. Ela afastou-se segurando as barras do vestido e parou, Marcel fez uma

reverência exagerada e estendeu a mão ao som de uma flauta melancólica. Ele reparou

nos belos olhos castanhos amendoados de Camilla quando voltaram a se aproximar. A

fez girar devagar.

Os instrumentos irromperam com toda a força. O clímax se aproximou uma...

duas... na terceira vez, os toques prolongaram-se, o tambor soou. Camilla inclinou para

trás, esticando um braço, Marcel inclinou-se para frente segurando-a pela cintura com a

mão direita. A valsa terminou, aplausos estrondosos os alcançaram.

— Nada mal — disse ela, ofegante.

Ele tinha um sorriso bobo no rosto. Camilla ajustou fios de cabelo rebeldes e fez incontáveis ajustes no vestido.

— Bom... — ela leu o sobrenome dele na tarjeta do peito esquerdo. — Seeder!

Não seria legal outras pessoas ficarem sabendo disso. Vai ser o nosso segredo, está

bem? E tenha certeza que nunca me esqueço de quem conhece os meus segredos.

A voz de Camilla soou suave, mas qualquer coisa na entonação o fez entender o verdadeiro recado: *Não conte para ninguém, senão...*

— Não vou contar para ninguém, senhorita Noble.

— Estou confiando em você, arcanista Seeder. Vou descer, espere aqui uns minutos para despistar.

Ela atravessou a guarita, deixando Marcel com seus pensamentos.

— Isso aconteceu mesmo? — perguntou-se em voz alta.

Esperou dez minutos antes de descer. Uma atmosfera mais informal tomara conta do salão. A orquestra não estava mais presente e no palco, uma banda tocava

músicas populares, a pista de dança lotada. Viu Camilla sentada na área de destaque

com a família. A Primeira-Dama falando sem parar, a moça apenas balançando a cabeça. Ela puxara a mãe na aparência, enquanto a irmã e o irmão tinham os cabelos

escuros do pai.

— Até que enfim! — Marcel ouviu a voz mal-humorada de Katrina, acompanhada de Micaela. — Onde se enfiou?

— Eu... — ele escolheu as palavras. — Fui dar uma volta. Estavam me procurando?

— Anda, todo mundo está te esperando.

Todo mundo quem? Já descobriram o que aconteceu no terraço?

— Cuidado, Marcel — Micaela deu um sorriso malicioso. — Tá escrito na sua cara que você aprontou alguma.

O comentário aumentou a preocupação. As garotas o guiaram para trás do palco, onde o resto da Unidade os esperava, incluindo a *king* Vesper e o *queen* Enzo. Viu

também o diretor Cecil e, para sua surpresa, Antonius.

Estou tão encrencado assim?

— Em formação — disse Enzo.

Os oito jovens alinharam-se lado a lado.

— O diretor tem uma boa notícia para dar — disse Vesper.

— Acabam de receber sua primeira missão — disse Cecil.

Marcel jamais sentira tamanho alívio. Passado esse momento, estranhou um pouco. *Já temos uma missão? Só faz uma hora que nos graduamos.* O diretor prosseguiu:

— Será um trabalho especial. O trem que levará os Noble de volta à capital partirá na manhã da próxima quarta-feira e o Regente aceitou que duas tropas arcanistas

juntem-se à Guarda Nacional nessa viagem. Decidi que uma delas será de veteranos e

você farão parte da outra — e acrescentou em tom oficial. — Unidade 31-3, sua missão

é escoltar a Família Regencial até Januarii.

Cecil despediu-se, Antonius mancou atrás dele como sua sombra. Antes de voltar ao salão, encarou o filho com um sorriso petulante.

— À vontade — disse Vesper.

Os oito *pawns* vibraram de forma contida, trocando cumprimentos.

— Tudo bem, chega — disse Enzo. Mesmo ele aparentava estar menos carrancudo. — Voltem a formação.

— Sei que é uma notícia empolgante. Escoltar a Família Regencial é uma missão do mais alto nível. Com certeza, receberão um excelente soldo. Foi o pai do

pawn Seeder quem fez isso acontecer, é a eles que devem agradecer.

Então esse é o fruto de toda aquela bajulação, pensou Marcel. Os modos de Vesper não conseguiam esconder certa inquietação. *Ela parece incomodada. Será que*

também acha que é muito cedo para a gente?

A *king* continuou:

— Nossa agenda mudou. Vamos ficar no Instituto até a hora da viagem, quer dizer que continuarão a dormir no alojamento. Não assistirão às aulas amanhã. Usaremos cada minuto para treinar e nos preparar para a missão.

*

A alvorada tocou no horário habitual, cinco da manhã, tirando Marcel dos sonhos em que bailava, hora com Camilla Noble, hora com Beatrix. Tomou uma

ducha

rápida e vestiu o uniforme de educação física. O *queen* Enzo desceu com a Unidade 31-

3 direto para a área de treinamento no subterrâneo. Dessa vez, tinham o local todo para

apenas eles.

Como na manhã de domingo, a *king* Vesper os aguardava acompanhada dos

mesmos seis especialistas: Margot, Bastian, Tomáz e os outros. Dois painéis

holográficos estavam posicionados a dez metros um do outro, um terminal ao lado de

um deles. Num canto, encontravam-se cinquenta manequins de gel balístico: cabeça e

tronco sobre um suporte com rodinhas. Os bonecos, chamados de *dummies*, eram muito

utilizados pelos pesquisadores, mas às vezes os usavam em treinos.

— Vou ser sincera. É bastante incomum que *pawns* recém-graduados recebam

uma missão. De início, fiquei com o pé atrás, mas ontem a noite conversei melhor com

o diretor e ele me garantiu que encontraremos um cenário bastante tranquilo. Haverá

cinquenta guardas no trem, sem mencionar o outro esquadrão arcanista. Provavelmente,

teremos pouco o que fazer, além de aproveitar a viagem — a *king* deu alguns passos ao

redor. — Isso não será desculpa para nos mostrarmos despreparados. Como devem

saber, mas não custa lembrar, para uma missão são escolhidos seis especialistas, de

acordo com a tarefa, para se juntarem à Unidade e comporem um esquadrão. Como

muitos elementos da Arcanum, a composição de um esquadrão é baseada no xadrez.

São dezesseis arcanistas no total: *king*, *queen*, um par de *knight*s, um par de *rooks*, um

par de *bishops* e oito *pawns*. Estes nossos amigos trabalharão conosco nessa missão.

Mostrem a eles o que do que são capazes, 31-3!

Beatrix fez questão de ser a primeira. Apanhou uma katana de material preto. Ao contrário da espada que usou no dia do teste, esta era bem afiada. Assumiu sua postura

tradicional entre os painéis holográficos, com a katana horizontal na altura do maxilar.

Um dos especialistas ativou o terminal, pontos luminosos surgiram na superfície interna dos painéis. Três hologramas materializaram-se em volta de Beatrix, silhuetas

alaranjadas transparentes com o aspecto de homens altos e musculosos, os rostos sem

feições. Um deles atacou, ela esquivou e com um golpe preciso da katana, o holograma

desfez-se numa explosão de *pixels*. Os outros dois tiveram o mesmo destino.

Beatrix voltou-se para um *dummy* posicionado perto dos painéis. Ela segurou a katana só com a mão esquerda e ergueu antebraço direito, a mão em uma garra

voltada

para cima. No instante seguinte, segurava uma bola de fogo que, literalmente, arremessou no manequim. O bólido riscou o ar como uma estrela cadente, o impacto

espalhou gel e deixou o boneco em chamas. Um especialista apagou o fogo com um

extintor.

Sandrino foi o próximo. Usava braceletes que bateu de leve, um contra o outro.

O material preto desdobrou-se, cobrindo suas mãos e dedos com manoplas de escamas.

Ele estralou os ossos do pescoço e ergueu os punhos em posição de boxear. Com o

poder da gema-fortitude, aplicou socos potentes nos hologramas, mostrando força e

agilidade acima do normal. Depois explodiu a cabeça do *dummy* com um gancho de

direita.

Xisco derrotou os oponentes usando um martelo de guerra, mas penou para congelar o *dummy* com a gema-glacial.

Adriene entregou os óculos à Raito Kun antes de flechar as silhuetas

holográficas facilmente. Em seguida acertou uma seta no centro do olho gelatinoso do

manequim a vinte metros de distância.

— É o bastante, *pawn* Elven — disse Vesper. — Sua gema-cura precisa de um

ferido para ser testada e não queremos isso.

Raito foi o seguinte, armado com um par de grandes bumerangues que possuíam uma das hastes navalhadas. Após derrotar os hologramas, jogou um bumerangue que

passou ao lado do *dummy* e usou a gema-telecinética para fazer a arma desenhar uma

curva improvável, decapitando o manequim.

Katrina teve problemas no combate com suas maças curtas. Com a gema-rocha, ela fez o piso embaixo do manequim projetar-se para cima, não antes de quase derrubar

os painéis com um tremor.

Micaela manuseou dois chicotes longos, rodopiando em torno de seu próprio eixo enquanto os estalava. Os movimentos rápidos transformaram os braços tatuados em

manchas coloridas. À distância, enrolou um chicote no pescoço do *dummy*.

— Para testar sua gema-mental, *pawn* Jermein... — disse a king. — Pensarei numa palavra, tente ler minha mente e descobrir qual é.

Enzo deu um passo à frente.

— Eu gostaria de aplicar esse teste — a *king* assentiu. O *queen* voltou-se para Micaela em tom de desafio. — Vamos lá, garota. Adivinhe qual palavra estou pensando.

Micaela se concentrou de olhos fechados e cabeça baixa. Uma aura brilhante envolveu a mão espalmada na direção do *queen*. O esforço a fez suar.

— A palavra é... ta... gens... Tatuagens... Misturado com um sentimento... não sei o que é, mas parece negativo. Acho que não gosta das minhas tatuagens — disse a

moça, com a frieza de um relatório. — Eu captei um leve desejo, suspeito que torcia

para que eu falhasse. Senhor.

Enzo a encarou com brasa no olhar, uma veia dilatou-se em seu pescoço. Antes que pudesse falar, Vesper o segurou pelo ombro.

— A *pawn* Jermein mostrou que é capaz — o instante de tensão entre os oficiais foi breve, mas nítido. — Sua vez, *pawn* Seeder.

Marcel apanhou um cilindro na estante de armas. Com uma torção, o bastão de material preto distendeu-se. Fez um rápido aquecimento, girando a arma antes ficar em

posição entre os painéis. Os olhares o deixaram ansioso para desfazer a impressão ruim

deixada no teste de combate.

Os inimigos holográficos apareceram. Ele não perdeu tempo e avançou com o bastão desenhando um círculo descendente, só que ao invés de atacar o holograma à sua

frente, deu meia-volta e atingiu o mais próximo de suas costas, desfazendo-o.

Segurando o bastão como uma espada, aplicou uma estocada no segundo holograma.

Quando se voltou para o terceiro, moveu-se lateralmente, escapando de um soco e

contragolpeou com uma varada.

Ficou satisfeito, foi melhor do que esperava. Aí viu o *dummy*.

Precisava usar o poder da gema-trovão contra o manequim. O dr. Evan disse que havia um relâmpago em sua mão, restava saber como invocá-lo... De preferência, sem

se machucar. Enzo disse que para ativar a gema precisa concentrar tudo o que sentia.

No momento, o que mais queria era provar seu valor para todos. Se agarrou a esse sentimento. Olhou para a palma canhoto, trouxe o forjamento à mente, os raios

faiscando para todo lado. Sentiu um calorzinho irradiado pela gema, estava no caminho

certo. Mentalizou com mais força enquanto repetia para si mesmo: *Posso fazer isso,*

não vai me machucar. Uma faísca ferrou o dedo anular e o dedo médio.

Tomou um susto e um choque intenso espalhou-se pelos músculos do braço. O poder jorrou sem controle. Os raios irromperam em todas as direções, percorrendo a

pele da mão, reabrindo as velhas queimaduras e causando novas. Gritaram seu nome.

Os painéis holográficos estouraram. Viu o *dummy* pelo canto do olho. Por

instinto esticou o braço em sua direção, os relâmpagos precipitaram-se pelas pontas dos

dedos esticados. O manequim de gel explodiu.

Bastian avançou, preparado para usar os poderes telecinéticos. Antes disso,

Marcel ergueu o braço e fechou mão, lutando contra a dor.

— Para! Para! PARA!

Os raios cessaram, ele caiu de joelhos, a palma da mão e os dedos em carne viva.

De repente, todos estavam ao redor, Beatrix ajoelhada ao seu lado. Margot apresentou-

se com o estojo de primeiros socorros.

— Espere, Margot! — disse Enzo. — Essa é a chance da *pawn* Elven usar a gema-cura.

— S-senhor...? — o rosto negro de Adriene empalideceu.

Vesper abriu a boca com uma expressão furiosa, mas desistiu de discutir.

— Elven, se apresse! Margot, ajude-a! Os demais, deem espaço!

Assustada, Adriene agachou junto a Marcel, que continuava de joelhos, contorcendo-se de dor. Margot o ajudou a erguer o tronco e segurou seu pulso para manter a mão parada.

— Vai dar tudo certo — disse Margot, forçando um tom calmo. — Elven, coloque ambas as mãos sobre a dele — a moça obedeceu tremendo. — Respire fundo, acalme-se. Faça como ensinei. Pense em luz, pense em calor, em conforto. Tire todo o resto da cabeça, apenas concentre-se.

A princípio, nada aconteceu. Então, um brilho opaco surgiu. Marcel sentiu a dor diminuir, o alívio trouxe lágrimas a seus olhos. O sangramento parou, porém, a

mão

começou a latejar.

— Pronto, é o bastante — disse Margot. — Você foi ótima, Elven.

Ela abriu o estojo médico, tirou um frasco de água oxigenada e lavou o ferimento ali mesmo. A gema-cura formara uma fina camada de pele sobre os machucados. Margot tirou um pequeno spray do estojo e o sacudiu.

— Isso vai arder, mas vai evitar infecções — disse ela.

Marcel sentiu um ardor intenso que durou alguns segundos. Adriene tirou os óculos e colocou a mão sobre a boca sem conseguir esconder as lágrimas:

— Desculpe — soluçou.

— Não é culpa sua — disse ele com uma voz extenuada.

— A *pawn* Elven mostrou que é capaz — disse Enzo em alto e bom tom.

Vesper o fuzilou com os olhos. Marcel ergueu o rosto. Beatrix tinha o mesmo olhar de quando lhe deu o fora, outras colegas de Unidade o encararam como se fosse

uma coisa quebrada. Até Xisco mostrou uma expressão preocupada, o que por alguma

razão, o incomodou mais do que um deboche incomodaria. Os especialistas o observaram com indiferença ou desprezo.

— *Bishop* Margot, conduza o *pawn* Seeder à enfermaria — disse a *king*.

— Não é preciso — Marcel reuniu as forças para se equilibrar sobre as pernas bambas. Num tom magoado, acrescentou: — Já conheço o caminho.

— Um arcanista ferido não pode andar sozinho.

— Eu vou com ele, senhora — disse Beatrix.

— Certo — Vesper voltou-se para Adriene. — Precisa de tempo para se recompor, *pawn* Elven?

— Não, senhora — ela ajeitou os óculos e engoliu o choro.

— Chega de moleza! — disse Enzo. — O intervalo acabou, de volta ao trabalho.

Marcel deu as costas para a área de treinamento e rumou para o elevador, segurando o pulso esquerdo. Beatrix o acompanhou. Ela apertou o botão do quinto

andar, um silêncio nervoso caiu no momento em que as portas fecharam. Ele olhou para

o chão com a respiração pesada.

— Você está bem? — perguntou Beatrix, aflita.

— Não está mais doendo, só latejando — Marcel respondeu de forma impaciente. — O dr. Evan vai me encher o saco.

— Foi isso aconteceu antes, não foi?

Ele soltou uma risada nervosa.

— Vou te contar uma coisa: nunca devia ter deixado colocarem essa porcaria na minha mão. Não sou como você, não levo o menor jeito pra ser arcanista, mas sou burro

demaís para saber a hora de parar! Aquela sua bola de fogo foi incrível, sério! Nunca

vou ser tão bom! Você faz bem de não querer nada com inútil que nem eu...

Ela o observou em silêncio. As lágrimas voltaram a rolar no rosto dele, as enxugou com as costas da mão.

Ainda tenho que chorar na frente dela?

As portas do elevador abriram, Marcel se deteve sem levantar o rosto para encara-la.

— Beatrix eu... Não queria descontar em você, eu só... — suspirou sem conseguir terminar a frase. Ela tocou em seu ombro.

— Não precisa se esforçar tanto.

Marcel esperou as portas fecharem. O dr. Evan já o aguardava e o levou para a sala de emergência, onde o deitou numa cadeira como as de dentista. O médico aplicou

uma anestesia em sua mão e a mergulhou num recipiente cheio de uma solução regenerativa: um líquido esverdeado mantido morno e agitado. Permaneceria de molho

por duas horas, mais tarde seriam aplicados enxertos sobre os ferimentos.

— Os danos foram mais extensos, mas em menor gravidade — disse Evan.

Sentado, com a mão de molho, Marcel pensou na tolice que cometeu ao trazer de volta o assunto da rejeição. Seja como for, seria impossível prejudicar mais sua imagem

com Beatrix ou com os outros. Ainda podia sentir os olhares.

Tomou uma resolução:

Vou fazer funcionar. De um jeito ou de outro, vou fazer isso de arcanista

funcionar. E todos vão ser obrigados a reconhecer o meu valor. Eles vão ver só...

SETE

Ao contrário das plataformas de monotrilho, as estações de trem costumavam ver pouco movimento. Além do preço alto das passagens, poucas pessoas tinham motivo para viajar com frequência de uma cidade à outra. A manhã da partida do trem

oficial do governo era uma exceção.

A prefeita Marilene e outras figuras políticas esperavam para apertar a mão do Regente. A imprensa sempre buscava uma imagem e uma palavra a mais de Domenico

e Camilla ou da Primeira-Dama Irena sobre as causas humanitárias em que militava.

Também procuravam entrevistar os filhos mais jovens, Nora e Marcus, embora não com

o mesmo entusiasmo. Centenas de manifestantes pró-democracia exibindo cartazes

somavam-se ao mar de curiosos e aos fãs de Camilla.

Com uma hora de atraso, a Família Regencial atravessou o corredor formado por membros da Guarda Nacional e pelos dois esquadrões arcanistas. Marcel trazia um

bastão retraído escondido nas costas, nas presilhas da parte de trás do cinto e, como os

demaís *pawns* e os especialistas, mantinha o capote desabotoado. Quando os Noble

aproximaram-se foi dado o comando de sentido.

Camilla passou bem em frente a ele. Tinha o cabelo castanho claro preso num rabo de cavalo elaborado, uma mecha fina descia de cada lado do rosto. Vestia uma

blusa branca com as mangas abaixo dos ombros, outra blusa escura de alcinha por

baixo, uma calça curta amarelo-limão e coturninhos beges.

Ela seguiu em frente sem fazer caso da presença de Marcel, o que o deixou um tanto desapontado. *E o que esperava? Que ela o tirasse para dançar depois de te fazer*

jurar que manteria segredo?

Os guardas e os arcanistas entraram no trem organizadamente. O carro dianteiro parecia uma bala prateada, uma faixa preta percorria toda a extensão da longa composição. As janelas escuras impediam a visão do interior. O veículo começou a

mover-se no interior do túnel de vidro reforçado, com arcos de aço a cada cem metros.

Luzes vermelhas acendiam no interior dos arcos a medida que o trem avançava, dando

um novo impulso. Não tardaram a atingir velocidades altas.

Sanctorum ficou para trás, seriam apenas seis horas até Januarii, a menor viagem entre duas cidades de Vera Cruz. O trem subiu por uma longa inclinação e passou

dezenas de metros acima das ruínas da Cidade Baixa, um nome comum às áreas

abandonadas na época da Guerra Absoluta.

A composição seguiu para o campo aberto, contornando morros. O túnel de vidro que conduzia o trem permaneceria elevado, sustentado por imponentes pilares de aço, até chegar perto de seu destino.

Como antecipado pela *king*, os arcanistas tinham pouco a fazer. A Guarda Nacional cuidou das rotinas de segurança, sempre olhando torto para o pessoal de azul,

como se estivessem tentando tirar seus empregos. Os membros da Unidade 31-3 e os

especialistas que se juntaram a eles passaram a maior parte do tempo num vagão militar

despido de decoração, com bancos voltados para o centro.

O único deles que não podia ser visto por ali era Marcel, a quem fora incumbida uma tarefa diferente no final do dia anterior, quando Vesper o chamou ao escritório que

dividia com outros três oficiais de comando.

Na oportunidade, dirigiu-se a mesa dela temendo ser dispensado da missão após o ocorrido na área de treinamento. A *king* mexia num *tablet* transparente e fino como

uma folha de papel.

— Queria falar comigo, senhora?

— Ah, sim. Sente-se — Vesper indicou a cadeira, pôs o *tablet* de lado e o estudou longamente. — Como está a mão?

— Melhor.

— Nenhum dano permanente?

— Não, senhora.

— É bom saber. Repassei o histórico do seu exame arcanista. Você teve certa quantidade de incidentes e somou setenta pontos no final — com um aceno de cabeça,

ele confirmou o que ela disse. — Outros teriam desistido, mas você ainda continua aqui.

Quer tanto assim ser arcanista?

— Para ser sincero, estou começando a ter dúvidas se levo jeito para a coisa — ele respondeu timidamente. — É que ser arcanista sempre pareceu um caminho natural

pra mim, então, sim. Eu quero fazer funcionar.

Ela sorriu satisfeita.

— Vou contar algo sobre mim. Não fui um prodígio em meus tempos de *pawn*.

Pode perguntar ao seu pai.

Marcel ergueu uma sobrancelha.

— Como a senhora o conhece?

— Antonius e eu servimos na mesma Unidade, mas nos afastamos após a aposentadoria dele. Foi uma boa surpresa revê-lo no baile e fiquei ainda mais surpresa

por descobrir que o filho dele serve sob meu comando — Vesper riu feito uma adolescente e baixou a voz, como quem revela um segredo. — Sabia que ouve

um

tempo em que seu pai quis ser mais que um amigo?

Não, e nem precisava saber, pensou ele. A *king* continuou:

— Eu tinha a menor pontuação da minha Unidade. A persistência me levou

longe e acredito que o levará também — ela se inclinou para trás na cadeira. —
Você

será meu assistente pessoal nessa viagem.

— O que terei de fazer?

— Tomar notas, preencher formulários, inventários. Ao fim da missão, me

entregará um relatório completo — um sorriso amarelo apareceu no rosto da
king. — Eu

mesma considero esse trabalho muito entediante, mesmo assim, é importante que
seja

feito. E bem feito — ela desligou o *tablet* e o dobrou um par de vezes antes de
entrega-

lo. — Essa será sua ferramenta, leve-a para ir se habituando. Tem todos os
programas

que precisará, embora eu não saiba usar metade deles.

Marcel deixou o escritório com o aparelho no bolso e uma dúvida: aquela era

uma atribuição legítima ou uma tentativa de afastá-lo dos demais, colocando-o
num

lugar onde não arranjaría problemas? Ao menos, divertiu-se com os programas

holográficos do *tablet*. Principalmente com uma maquete tridimensional
interativa do

Instituto Beta que podia girar ou expandir tocando no próprio holograma.

Começou a exercer sua nova função na manhã da partida, acompanhando Vesper enquanto a *king* verificava todos os preparativos. Encontraram Enzo no último carro, o

vagão-cegonha, carregado com meia dúzia de jipes e carros blindados da Guarda Nacional. Katrina e Xisco estacionavam um par de *En-Passant*, subindo a rampa do

vagão de ré.

— Bom dia — disse Vesper a Enzo.

O *queen* respondeu com um aceno. Dava para sentir certa tensão entre os dois.

Será que discutiram por minha causa? , pensou Marcel.

— Somente duas motos? — perguntou Vesper.

— E me custou muita negociação colocar essas duas motos aí — disse Enzo. —

A Guarda não queria abrir mão de nenhum palmo.

A viagem de trem prosseguiu.

Marcel só reencontrou seus companheiros de Unidade na hora do almoço, quando sentou-se com o pessoal do seu esquadrão em uma mesa comprida no vagão-refeitório.

Depois, voltou a montar guarda na porta do gabinete reservado para Vesper,

Enzo e os dois oficiais do outro esquadrão. O serviço em si mostrou-se muito chato,

como a *king* alertara, mas estava gostando da viagem. Era a primeira vez que

saía de

Sanctorum e permaneceu quase todo o tempo junto a janela. Os vidros, escuros para

quem olhava do exterior, em nada obstruíam a visão de quem estava do lado de dentro.

Lá embaixo, a mata fechada deu lugar a outra Cidade Baixa. Observou as ruínas, imaginando como deveria ter sido a vida das pessoas que ali viviam. O trem tomou o

caminho da direita numa bifurcação em T, contornando um morro alto.

Sandrino apareceu no vagão bebendo uma lata de refrigerante e trazendo outra latinha:

— Servido, colega?

— Valeu — Marcel apanhou a lata surpreso. Os dois raramente conversavam.

Podia apostar que as garotas adoravam aquela voz mansa e o sotaque da região sul. —

O que manda?

— Estou esticando as pernas — Sandrino bebeu um gole de refrigerante. — Essa aí é a cabine dos oficiais?

— Veio falar com eles?

— Só se fosse para pedir trabalho. Isso aqui está um tédio, nem com as meninas a coisa anima.

— As meninas ou a Beatrix? — Marcel sentiu o ciúme acender no peito. — Vi vocês juntos no baile.

— Ela é uma guria jeitosa! Pena que não vai dar tempo.

— E por que não?

Sandrino o encarou como quem é pego dizendo o que não devia. Tentou dissimular bebendo um gole de refrigerante.

— Nada não... É coisa minha. Deixa para lá. Mas vai por mim, acho que a Beatrix é afim de ti. No seu lugar, eu chegaria junto enquanto é tempo. Quem dorme no ponto, perde o trem, colega.

Marcel acusou o golpe. Beatrix teria contado sobre o fora?

— Eu não estou nem aí — ele se irritou.

— Relaxa colega, só estou te provocando — Sandrino ergueu as mãos em sinal de rendição. — Aí, quero ficar numa boa contigo.

Marcel deu-se conta do quanto se ressentia de Sandrino, e não só por causa de Beatrix. *Será que é por que ele me derrotou nos combates?* Se fosse, também guardaria

ressentimentos de Adriene, ao invés disso, simpatizava com ela.

— Foi mal — disse, abrindo a lata de refrigerante. — Minha cabeça anda a mil por hora.

— Tranquilo. Se um oficial tivesse me sacaneado do jeito que o *queen* te sacaneou, eu também ficaria pilhado — Sandrino virou o último gole da latinha. —

Tenho que falar, tu é mais durão do que eu pensei.

— Não vejo como apanhar um monte me torna durão.

— Meu instrutor de boxe sempre diz que saber apanhar é mais importante que saber bater.

Marcel não tinha resposta para aquilo, mas baixou a guarda e aceitou a companhia de Sandrino. Enquanto conversavam, um homem negro careca e de rosto

redondo, vestindo um paletó de tweed sobre uma camisa de gola rolê, veio até eles.

— Posso ver seus chefes, rapazes?

Marcel pressionou o painel comunicador, ao lado da entrada do escritório. Um pequeno monitor exibiu a imagem do interior do gabinete.

— O assessor de imprensa pede para falar com vocês.

Além dos funcionários do trem, uma grande equipe viajava com a Família

Regencial: assessores, marqueteiros, maquiadores, cinegrafistas e outros profissionais

cujo trabalho era garantir que os Noble sempre estariam apresentáveis e teriam um

discurso na ponta da língua.

Minutos depois, os quatro oficiais e o assessor saíram do gabinete conversando animadamente. A *king* Vesper fez sinal para que Marcel e Sandrino os acompanhassem.

Decidiram gravar uma peça publicitária e iriam selecionar um casal de arcanistas para

serem filmados com os Noble. No vagão-militar, o assessor estudou os rostos um

a um e

escolheu os dois de melhor aparência: Beatrix e o próprio Sandrino. Como não foi

dispensado de sua função, Marcel aproveitou para seguir o grupo.

— É isso aí, colegas — disse Sandrino, com seu jeito manso. — Cara a cara com o pessoal da alta.

— Já vimos o Regente e a Herdeira no dia do baile — disse Beatrix.

— Aquilo foi só um cumprimento de protocolo, isso aqui vai ser diferente.

— Aproveita e joga um charme para cima da Camilla Noble, Sandrino — ironizou Marcel, pensando no seu encontro com a Herdeira.

Um guarda de cabeça raspada torceu o nariz quando se aproximaram e decidiu entrar com o grupo no vagão-oficial, cujo ambiente diferia de todo o resto do trem.

A equipe de apoio dos Noble caminhava apressadamente sobre o piso

acarpetado. Nos dois lados do corredor havia pares de poltronas com uma mesinha entre

elas. A filha do meio dos Noble, Nora, estava sentada numa dessas poltronas, uma

maquiadora espalhava ruge em suas bochechas com um pincel. Uma mulher cuidava do

cabelo da Primeira-Dama, Irena. Dois cinegrafistas conferiam o equipamento enquanto

decidiam os melhores pontos de filmagem. Mais à frente, o filho caçula, Marcus,

manteve-se à parte, dando atenção ao lanche que fazia no balcão de um barzinho

à

esquerda do vagão. Ao fundo, um homem fazia pequenos ajustes no terno de veludo

preto de Domenico Noble. Camilla encontrava-se recostada em uma cadeira, enquanto

três pessoas cuidavam de sua aparência.

Irena ficou de pé prontamente e cumprimentou os oficiais, o Regente teve a mesma atitude, deixando a passagem congestionada. Na confusão, Marcel, que pretendia ficar atrás do grupo, se viu entre o assessor de imprensa e os colegas. Teve de

avançar para o fundo, espremendo-se junto as poltronas para que Beatrix e Sandrino o

seguissem, o guarda de cabeça raspada veio com eles.

O assessor chamou por uma das maquiadoras de Camilla. Uma mulher de cabelo platinado e olhos arregalados deixou a Herdeira aos cuidados de um casal de ajudantes.

— São esses — disse o assessor.

— Vamos ver... Hum! Temos um bonitão aqui — disse ela com uma voz

estridente, apalpando os bíceps de Sandrino. Voltou-se para Beatrix, segurou o queixo

dela e virou seu rosto para ver melhor a pinta embaixo do olho esquerdo. — Que linda

você é! Nunca pensou em ser modelo? — a maquiadora notou o cabo da katana na

cintura. — Uma *femme fatale*! Adorei! E você...

A maquiadora fez uma careta para Marcel.

— Eu não estou no comercial.

A mulher suspirou aliviada.

— Certo, vamos trabalhar nestes dois!

O casal de auxiliares que cuidava de Camilla deu os últimos retoques. Um deles segurou um grande espelho. A Herdeira acenou a cabeça. Seu olhar cruzou com o de

Marcel e passou direto como se nunca o tivesse visto.

— Boa tarde — Camilla cumprimentou os três *pawns* com uma expressão neutra.

A maquiadora e seus auxiliares reuniram-se em torno de Beatrix e Sandrino, apertando ainda mais o espaço, Marcel recuou. Na confusão, esbarrou no guarda de

cabeça raspada, que também recuava. Perdeu o equilíbrio e tentou segurar no encosto de

uma poltrona, mas terminou deitado no chão perto do barzinho.

— Cuidado — resmungou Marcus Noble.

De repente, Marcel viu o *queen* Enzo encarando-o de cima. Obviamente, levaria uma bronca.

— Algum problema, *pawn* Seeder?

Camilla olhou disfarçadamente. “*Nunca perca a pose*”, ela disse naquela noite.

Ele sorriu como se estar caído ali fosse a coisa mais natural do mundo.

— Não, senhor. Eu já... — ainda sentado no chão, um reflexo no céu atraiu sua atenção. Havia algo parado no ar. — O que é aquilo?

Enzo acompanhou o olhar de Marcel, teve de abaixar a cabeça para que o ângulo permitisse ver o objeto. A impaciência deu lugar a desconfiança. O *queen* tirou um

binóculo eletrônico de um bolso interno do capote, enfiando-se no espaço entre uma

poltrona e uma mesinha, colando o rosto na janela. Marcel levantou, apertando os olhos.

Não conseguia distinguir a figura, mas o contorno lembrava a ilustração de uma aeronave que vira num manual de veículos militares.

— Um zangão? — disse Enzo. — O que está fazendo aqui?

Zangão. Esse era o apelido que o tal veículo tinha entre os arcanistas. Até onde Marcel conseguiu recordar, tratava-se de uma aeronave de corpo alongado. No lugar de

asas, duas potentes hélices horizontais a mantinham no ar, girando dentro de aros de

aço. Um risco de fumaça se precipitou da parte debaixo do zangão na direção do trem.

O silvo começou baixo, tornando-se cada vez mais audível.

— Todos pro chão! — gritou Enzo.

Olhares confusos voltaram-se para o *queen*. Marcel compreendeu o que iria

acontecer, mas ficou estático. Enzo lhe deu um empurrão no peito pouco antes de ser

engolido por uma nuvem de fogo.

Marcel deu por si estirado no carpete, encarando o teto. O zumbido nos ouvidos abafando o som de gritos. Fez um esforço para conseguir se mover. Viu um enorme

rombo na lateral do trem. O que restou do *queen* Enzo estava espalhado no piso acarpetado do vagão. O assessor de imprensa, um cinegrafista e um oficial do outro

esquadrão jaziam inertes em poças de sangue.

Beatrix aproximou-se agachada e disse algo que ele não compreendeu, o semblante indicava urgência. Ela se afastou puxando Marcus Noble pela mão. Camilla

mantinha a cabeça abaixada, escondida atrás do guarda, que lutava para afastar uma

poltrona chamuscada do caminho. Marcel ergueu o corpo e conseguiu se sentar com as

costas apoiadas no balcão do barzinho. Avistou outro objeto no ar, na janela oposta ao

ataque inicial. Apertando os olhos, viu uma série de fagulhas na dianteira do zangão.

Reuniu todas as forças num grito:

— Cuidado!!!

Por instinto, projetou-se na direção de Camilla e saltou para o chão caindo sobre ela. O guarda de cabeça raspada hesitou. A rajada de projeteis de plasma que atravessou

o peito dele deslocou-se pelo vagão, abatendo a maquiadora de cabelo platinado,

seus

auxiliares, o cinegrafista restante e a oficial arcanista do outro esquadrão.

Marcel continuou deitado sobre Camilla de forma protetora, ela mergulhou a cabeça em seu peito. Por um tempo, não ouviram nada além do som dos disparos perfurando o revestimento metálico do vagão, cacos das janelas e do túnel de vidro

caiam ao redor. Uma nova rajada atravessou o teto e passou ao lado deles.

Quando tudo ficou quieto, viu Beatrix, Sandrino e Vesper protegendo o restante da família Noble na outra extremidade do vagão. Cadáveres os cercavam. O som das

rajadas afastou-se, indicando que o ataque se deslocara para os demais vagões. A *king*

abriu a boca, a voz dela foi abafada por um silvo.

Marcel protegeu o rosto, veio a explosão, seguida de um estrondo metálico e de um baque.

Arriscou um olhar: o segundo míssil rachou o vagão em dois. A traseira continuou avançando, mas perdia velocidade. A dianteira do trem afastava-se rapidamente, levando seus amigos e os Noble para longe, enquanto ele e Camilla ficavam para trás.

— Não! — gritou ela.

Camilla levantou num pulo, correndo na direção da família, Marcel a segurou pela cintura. A distância já era grande demais.

Na outra parte do vagão, Sandrino ergueu-se, dizendo algo. Todos abriram espaço. O *pawn* recuou, preparando-se para correr. A mão brilhou pelo uso da gema-

fortitude. Sandrino arrancou e deu um salto incrivelmente longo. Uma rajada de plasma

o atingiu, estirando-o sobre os trilhos.

Marcel ficou chocado. Há poucos minutos, conversavam sobre garotas. Agora Sandrino se esvaia em sangue. Ainda o viu esticar o braço antes de desfalecer.

A Primeira-Dama fez uma concha com as mãos e gritou a plenos pulmões.

— Arcanista, proteja minha filha!

A metade de trás do vagão parou, o trem foi embora. Três zangões deslizaram pelo ar, acompanhando a dianteira da composição, as metralhadoras abriram fogo. Não

era mais possível compreender o que acontecia lá dentro.

Marcel demorou um momento para entender que Irena Noble gritou aquela mensagem para ele. Deu-se conta da fragilidade de sua posição e foi tomado por um

senso de urgência.

— Temos de fugir! Somos um alvo fácil!

— Minha família...

— ... vai ficar bem! Venha!

Marcel a puxou pela mão. Acabou conduzindo-a pela canhota. Cada vez que Camilla apertava seus dedos, uma onda de dor subia pelo braço. De cabeça

abaixada,

correram para o fundo do vagão. Ao mesmo tempo, novas rajadas passaram pelas

janelas de ambos os lados.

Dois zangões ficaram para nos matar, concluiu.

As rajadas cessaram à direita, segundos mais tarde, o silvo de um míssil cresceu daquele lado. Marcel rezou para não serem engolidos por uma bola de fogo. O míssil

atingiu um dos pilares de aço que sustentavam o trilho, abalando a estrutura. O vagão

inclinou-se ligeiramente na direção do rombo. As metralhadoras concentraram-se nos

pilares.

Vão derrubar o trilho!

A porta do fundo deslizou, cruzaram o pequeno espaço aberto para dentro do vagão-leito da Família Regencial, onde o corredor ficava espremido entre os quartos.

Saltaram os cadáveres de três guardas. Fumaça e cheiro de queimado tomavam conta do

ar, as paredes cheias de buracos. A inclinação do piso aumentou quando a porta dos

fundos do vagão-leito abriu. Marcel agarrou no batente para não perder o equilíbrio,

Camilla segurou sua mão machucada com mais força. Ele seguiu em frente ignorando a

dor.

Alcançaram o último vagão, onde encontraram os veículos. Um blindado da Guarda Nacional deslizava pelo chão na direção deles, o atrito do suporte de aço embaixo do carro soltou faíscas. Marcel saltou de lado puxando Camilla consigo bem a

tempo. O blindado bateu contra a passagem.

O chão virou uma ladeira íngreme, os veículos escorregaram, chocando-se uns contra os outros. Ele viu danos em todos os carros, impossível dizer se ainda funcionariam. A esperança residia nas motos.

Podiam sentir o vagão movendo-se, logo despencaria. Marcel examinou as *En-Passant*. Uma delas perdera um retrovisor e tinha um pneu furado, o disparo havia

prosseguido, mas passara entre os frisos da roda da outra moto indo parar no piso sem

causar dano. Ele foi ao fundo do vagão, pressionou o botão que abria a rampa com o

punho e voltou para a moto.

— Suba na garupa! — disse a Camilla. Ela o fez, agarrando-se à cintura dele num abraço tão apertado que quase lhe tirou o ar.

Marcel colocou a mão espalmada no painel da moto. O leitor de digitais demorou uma eternidade para reconhecê-lo.

“Você está logado, Marcel Seeder! Deseja carregar suas preferências?”

Apertou o “não”. Só queria dar partida o quanto antes.

O motor rugiu. A *En-Passant* saltou, aterrissando ao lado do trilho único. Marcel acelerou para longe do trem. Os vagões e parte do túnel de vidro despencaram em meio a um estrondo ensurdecedor.

As luzes vermelhas dos arcos do túnel passaram velozmente. Sem capacete, ele apertou os olhos para ver os dois zangões mudarem de posição nos retrovisores. Ambas

as metralhadoras dispararam projeteis de energia, derrubando as paredes de vidro do

túnel atrás da moto. Voltando pelo caminho que o trem acabara de percorrer, chegaram

na bifurcação em T. Podiam seguir reto para um destino desconhecido ou virar para a

esquerda, contornando o morro, rumo à Sanctorum.

Quando o morro ficou entre a moto e o zangão à esquerda, a aeronave à direita parou de atirar. Marcel já havia percebido que faziam isso antes de disparar os mísseis.

Seguiu reto na bifurcação. Atento ao retrovisor, viu a linha de fumaça cinza partir. Sem

tempo para pensar, resolveu repetir uma manobra que só havia feito no simulador.

Mantendo a aceleração, travou a embreagem e o freio dianteiro ao mesmo tempo e inclinou o corpo, apoiando o pé no chão para ajudar na manobra. A roda traseira

cantou, desenhou um semicírculo sob o trilho e voltou a se alinhar com a dianteira. Ele

soltou o freio, a *En-Passant* disparou na direção por onde tinha vindo e fez a curva para

Sanctorum no momento em que o míssil destruiu parte do trilho no ponto onde realizou

o cavalo de pau.

O caminho à frente era agora uma linha reta até onde a vista alcançava. A moto deixou a proteção do morro, o zangão do lado esquerdo reapareceu à distância. O outro

os perseguia metralhando o túnel.

A aeronave à esquerda disparou os mísseis que lhe restavam. Meia dúzia de explosões destruíram uma grande parte do trilho, cem metros à frente da *En-Passant*. A

metralhadora do zangão de trás obrigou a moto a avançar na direção da falha no trilho.

Marcel acelerou até a velocidade máxima. A única esperança seria um salto.

— Vai! — gritou Camilla.

Ele puxou o guidão para cima pouco antes do buraco. A moto cruzou o ar.

Marcel viu a outra parte do trilho se aproximar. No instante seguinte, encarava o solo,

dezenas de metros abaixo. A *En-Passant* mergulhou rumo ao chão.

OITO

A pista de asfalto avançava em sua direção. Marcel não reagiu, nem mesmo soltou as manoplas da moto. Só conseguia pensar que iriam se esborrachar e morrer.

A *En-Passant* beijou o solo. Um borrão vermelho faiscou diante de seus olhos.

O escudo anti-colisão!

A moto girou no ar. Marcel e Camilla foram projetados. Ele deu de cara com o asfalto e deslizou por um metro ou dois na rua desnivelada. Ouviu a moto capotando

ladeira abaixo.

Demorou um tempo para que o mundo parasse de rodar.

Podia ouvir a própria respiração pesada, bem como a de Camilla. O lado direito de sua testa ardia, colado ao chão. Dores espalhando-se pelo corpo. Quando conseguiu

erguer a cabeça, viu Camilla estirada de costas.

Não quero levantar, e em seguida, pensou: *Tenho de levantar*.

Conseguiu ficar sentado, apesar da tontura. Os músculos latejando furiosamente.

Uma sensação de dormência dominou os lábios e as pontas dos dedos.

— Está machucada, senhorita Noble?

— Nós... caímos? — ela respondeu arfando.

Marcel olhou para cima, buscando o trilho suspenso do trem. *Meu Deus, caímos tudo isso?*

— Caímos na Cidade Baixa. Está ferida?

— Acho que não, só toda dolorida — ela fez menção de levantar, mas voltou a repousar a cabeça no asfalto, o cabelo esparramado. — Tem um esfolado na sua testa.

— Devo estar com um monte desses.

— Eu também. O que vamos...?

O som de motores cortou o ar. Um dos zangões pairou sobre eles. De perto dava para ver os detalhes do corpo cilíndrico da aeronave, com uma vintena de metros de

comprimento. Não possuía qualquer identificação na fuselagem camuflada em tons de

verde. As hélices levantaram poeira do asfalto, os canos das metralhadoras apontaram

para os jovens.

Marcel tentou ficar de pé, as pernas fraquejaram, ele caiu de joelhos. Camilla

levantou num salto e ficou à frente dele com o braço direito erguido, uma aura luminosa

envolveu a mão espalmada e uma película de energia praticamente invisível apareceu.

O zangão abriu fogo, os projeteis de plasma ricochetearam no campo de força. A cada disparo, Camilla fazia uma careta de esforço. Os projeteis ricochetearam de volta

contra a aeronave, perfurando a fuselagem, as hélices e os motores de mana. O veículo

desapareceu numa explosão elétrica.

— Uau! — disse ela, desfazendo o escudo protetor. — Não sabia que isso aconteceria.

Gema-telecinética? Não pode ser!

— Isso foi a gema-telecinética. Como é possív...? Sua perna!

Ainda no chão, ele percebeu um caco de vidro cravado na lateral da batata da perna direita de Camilla, um fio de sangue escorria.

— Não sinto nada — disse ela, aflita. — Isso é um mau sinal, não é?

Marcel levantou e a ajudou a sentar.

— Tem um estojo médico na moto. Fique aqui, eu vou buscar.

Ele desceu depressa pelo asfalto, tomando cuidado para não escorregar. Tratava-se do trecho parcialmente desabado de um antigo viaduto. Passou por um retrovisor

estilhaçado e imaginou que o caco na perna de Camilla viria daí. A maior parte da

estrutura da *En-Passant* jazia numa massa de metal amassado e torcido no final da

rampa. Restos de peças indicavam onde a moto chocara-se contra o chão enquanto

capotava.

O mais certo é que após o primeiro impacto o escudo anti-colisão não tivera tempo suficiente para recarregar. O sistema ainda era um protótipo em fase de testes,

mas Marcel colocaria em seu relatório que o considerava aprovado com louvor.

O preocupou encontrar o banco que cobria o bagageiro. Tanto a mochila com o kit de sobrevivência quanto a maleta do estojo médico estavam jogados. A maleta, com

o símbolo da cruz vermelha jazia aberta, um grande amassado deformava um

dos lados.

Será que a moto quicou em cima dela?

O conteúdo fora esparramado. Um dispositivo cilíndrico rolara para longe, seringas estavam quebradas, comprimidos espalhados, frascos rachados. Um destes

frascos era aquele com a palavra “morfina” no rótulo. O líquido anestésico escorrera até

a última gota.

— Ah, não!

Marcel colocou na maleta tudo que permaneceu inteiro mais a gaze, o algodão, curativos, a latinha de spray contra infecções e o dispositivo cilíndrico, que tinha uma

ponta metálica arredondada e se chamava suturador. Partiu rampa acima, tentando

recordar as aulas de primeiros socorros.

— Vamos ter que fazer isso sem anestesia — disse, agachando junto dela. —

Preciso que fique calma, está bem? Mantenha a calma.

— *Estou calma!* — esbravejou ela. — Tira isso da minha perna!

Ele enxugou as palmas das mãos na calça, segurou o tornozelo da moça e pegou o caco com a outra mão, usando o capote como lenço.

— Pronta?

Camilla respirou fundo algumas vezes e acenou. Ele puxou o pedaço de vidro devagar, ela trincou os dentes. Quando o caco saiu, o tamanho o impressionou.

Apressou-se em usar um pedaço de gaze para enxugar o sangue, depois sacudiu a

latinha de spray.

— Isso aqui arde, mas evita infecções — repetiu as palavras de Margot. Ela

soltou um gemido. Marcel ligou o suturador. — Vou fechar o corte agora, vai ser a pior

parte — Com dois dedos, comprimiu a pele em volta do machucado e encostou a ponta

quente do aparelho para cauterizar e fechar o ferimento. Camilla gritou. Em seguida,

usou a água do cantil para lavar o sangue, removeu o verso de um emplasto e aplicou a

face com gel sobre o corte. — Pronto, acabou.

A moça suspirou aliviada e inclinou-se para trás. Ele apoiou a cabeça dela para

que não deitasse no asfalto. Sentou no chão com as pernas esticadas e a deitou em sua

coxa, ajeitando alguns fios castanhos que grudaram na testa de Camilla depois que ela

passou o antebraço para enxugar o suor.

Por um instante, tudo ficou quieto.

O barulho de hélices acabou com o momento de descanso. O segundo zangão

apareceu entre as nuvens mais baixas. Camilla titubeou quando tentou por peso na

perna, Marcel a segurou pelos ombros. Dessa vez, não ficaria escondido atrás do escudo

telecinético. Irena Noble pediu que a protegesse e o faria.

— Esse é meu — disse. Afastou-se alguns passos, inspirou profundamente e aspirou. — Eu consigo, eu consigo, eu consigo — repetiu para si mesmo.

Os canos da metralhadora fizeram pontaria. Ele ergueu o antebraço esquerdo, tentando não ter medo. Precisava fazer aquilo. Concentrou-se para ativar a gema-trovão.

As primeiras faíscas ferroaram os músculos e ele compreendeu que iria se machucar.

O choque espalhou-se pelo braço, novas queimaduras apareceram na mão. A eletricidade jorrou. Com um rugido, a projetou na direção da aeronave. O relâmpago

eletrificou a fuselagem. Uma hélice estourou. O zangão mergulhou rodopiando e caiu de

nariz a cinquenta metros de Marcel e Camilla.

A hélice restante perdeu velocidade até parar. Marcel caiu de joelhos, a mão esquerda machucada. Camilla o acudiu, ele tirou a pomada de um dos bolsos internos do

capote e pediu que a passasse. Depois de fazer isso, ela enfaixou a mão e os dedos

feridos com gaze e prendeu com fita adesiva.

— É melhor sairmos daqui — disse Camilla.

Marcel forcejou para ficar de pé. Lá estava ele, ferido mais uma vez. Aprendeu a odiar essa sensação.

— Vamos descer e procurar abrigo — disse, tentando parecer mais forte do que

se sentia. — Consegue andar, senhorita Noble?

— Consigo. E pode me chamar de Camilla.

Um ruído os fez se voltarem para o zangão. A parte de cima do corpo cilíndrico abriu, revelando a cabine. Um piloto de macacão camuflado soltou o cinto e caiu no

asfalto. Marcel arregalou os olhos. Imaginou que as aeronaves eram drones controlados

remotamente, não esperava que fossem tripuladas.

O piloto tentou levantar. Vacilou, porém, ficou de pé sobre as pernas trêmulas.

Caminhou na direção dos jovens com passadas vacilantes, as mãos fracas tiraram o

capacete, revelando um rosto ensanguentado. Marcel e Camilla trocaram um olhar

confuso.

— Você está bem? — ela deu um passo à frente.

— Senhor... Camilla, fique aqui!

O piloto caminhou tropeçando nas pernas. Levou a mão trêmula no coldre da coxa, sacou uma pistola e tentou aponta-la. As forças faltaram e ele desabou imóvel.

Marcel observou por alguns momentos e quando decidiu se aproximar, o fez cautelosamente. Colocou dois dedos no pescoço do piloto, como aprendeu nas aulas de

primeiros socorros. Não encontrou pulsação.

— Está m-morto — a voz tremeu. *Eu o matei.*

Camilla tapou a boca com a mão, olhando para a bola de fogo que antes era o primeiro zangão.

Ela também fez isso. Nós dois somos assassinos.

*

No auge da Guerra Absoluta, bombas nucleares pipocavam por toda parte, varrendo metrópoles do mapa e espalhando quantidades elevadas de radiação na

atmosfera. Em pouco tempo, as nuvens radiativas tornaram-se comuns e mesmo aqueles fora da zona de conflito sofreram com seus efeitos.

Populações inteiras migraram para fugir da contaminação. Mesmo após os níveis radiativos terem baixado, essas áreas continuam a ser afligidas por chuvas

ácidas, de maneira que muitas pessoas nunca retornaram para suas antigas casas.

Eventualmente, as Cidades Altas foram erguidas, literalmente, sobre os escombros da antiga sociedade. A maioria das áreas abandonadas permanece assim

até hoje e passaram a ser conhecidas como Cidades Baixas.

*

De um lado da casa ficavam dois quartos individuais e um de casal. Do outro estavam a sala, com suas paredes cobertas de mofo; o banheiro, onde uma cobra de

escamas espinhosas deslizou para dentro do ralo do chuveiro; e a cozinha, com vagens

de feijão enegrecidas brotando entre os azulejos. Duas ratazanas maiores que um sapato

correram para longe ao serem flagradas mordiscando a planta apodrecida. Torrões de

terra fofa e barro endurecido tomavam conta do chão, pesadas teias de aranha pendiam

do teto.

Um mato na altura do tornozelo forrava a antiga garagem sem carro. Muros altos e um enorme portão carcomido de ferrugem rodeavam o terreno, localizado numa

esquina a dez quadras de onde a moto caiu. A surpresa ficou por conta da claridade.

Sem as luzes da cidade e sem poluição, a lua cheia revelou-se mais brilhante do que

esperavam.

Camilla mostrava-se pouco à vontade num sofá de três lugares todo rasgado, o cabelo solto sobre os ombros. Mantinha o corpo inclinado para frente, tentando limitar o

contato com o móvel. Duas caixinhas laminadas aqueciam lentamente sobre uma chapa

portátil movida à bateria, ambas etiquetadas como “ração”.

Enquanto esperava o jantar ficar pronto, Marcel fazia um inventário do que possuíam, ocupando um sofá menor igualmente rasgado. Primeiro testou seu *smart*

watch. O aparelho continuava inteiro, mas não ligou, já o relógio de Camilla ficara no

trem. O *tablet* funcionava apesar da rachadura no centro da tela e poderia ser usado para

mandar uma mensagem de socorro se tivessem sinal de hipernet, mas a barra que indicava a potência do sinal não saía do zero.

O kit de sobrevivência da mochila continha um cantil cheio, pastilhas

purificadoras de água e um frasco de vidro para coleta-la, com um canudo embutido na

tampa (deveriam ser dois frascos, mas um quebrou na queda), embalagens de ração

desidratada suficientes para três dias, a chapa portátil, algumas barrinhas de cereal e

bolinhas de vidro, chamadas de bolhas fluorescentes.

Girando um dos hemisférios de uma bolha fluorescente, o dispositivo acendia.

Não brilhavam tanto quanto uma lâmpada de mana, mas serviam para espantar a escuridão. Uma destas jazia no chão da sala. A luz amarelada revelou inúmeros buracos

no teto, alinhados com marcas de corrosão no piso. Um lembrete das chuvas ácidas que

caiam na Cidade Baixa.

Terminando com o kit de sobrevivência, passou ao conteúdo do estojo médico.

Além daquilo que usaram mais cedo, havia uma seringa parecida com um tubo de

caneta e um potinho de metal.

— E isso é vacina contra hidrofobia — Marcel leu o rótulo do potinho. — Dá

para três aplicações.

— Hidrofobia? — disse Camilla, após um bom tempo calada. — Precisamos de vacina contra a raiva?

— Meus professores dizem que quase todos os animais que vivem na Cidade Baixa têm raiva. Os cães são os piores. Parece que a radiação os transformou em mutantes maiores e mais fortes que qualquer cachorro comum.

— Que coisa mais clichê — ela desdenhou. — Eu sei que a radiação da guerra afetou os animais, mas cães mutantes é um exagero.

Ele guardou tudo, pegou uma das embalagens laminadas e abriu a parte de cima para ver se já estava bom, despejara um pouco de água do cantil ali dentro.

— O jantar está quase pronto.

Camilla inquietou-se. Um dos calcanhares subia e descia sem parar.

— Será que estão bem? Será que conseguiram escapar e chegar à estação?

— Tenho certeza que sim — disse ele, embora não tivesse. — Se nós conseguimos dar um jeito naqueles zangões, eles conseguiram também.

Um desconforto surgiu. Nenhum dos dois queria falar sobre os pilotos dos zangões.

— Aposto que foi o Voz Verde — disse Marcel. — Naquele vídeo de sábado, a Flora falou sobre fazer algo contra vocês.

— Duvido. O Voz Verde não tem esses recursos. Só para você ter uma ideia, no ataque à usina de mana da semana passada usaram bombas caseiras.

— Então quem tem os recursos?

— Que eu saiba, a Arcanum e a Guarda Nacional.

— Espera aí, quer dizer que ou fomos nós ou alguém de dentro do governo?

Ela abriu a boca para responder, porém, parou e cruzou os braços, irritada.

— Como é que eu vou saber?

Marcel não insistiu. Recostou-se no sofá torcendo para a comida ficar pronta depressa. Uma coruja em cima do telhado piou.

— Parece até uma casa de filme de terror. Daqui a pouco aparece uma menina fantasma.

Camilla soltou um suspiro impaciente, massageando uma têmpora.

— A minha cabeça está me matando! Será que dá para ficar em silêncio por cinco minutos?

Aquilo o aborreceu. Estava acostumado ao barulho da cidade, toda essa quietude o deixava ansioso e alerta. Não que o silêncio fosse completo. A brisa balançava o mato

na garagem, o canto das cigarras cortava a noite e o vento trazia latidos distantes.

O maior problema é que ficar daquela maneira lhe dava tempo para fazer algo que não queria: pensar. Pensamentos que o tornavam consciente da realidade.

Lembrando-o que encontravam-se perdidos na Cidade Baixa, alguém queria mata-los e

tinha sangue nas mãos. Era difícil acreditar que o *queen* Enzo e Sandrino estavam

mortos. Talvez outros de seus companheiros também.

E Beatrix? Só de pensar que a essa hora ela poderia estar... *Continue ocupado.*

Não pense. No entanto, não pode afastar a imagem dela completamente. *Você tem que*

estar bem, Beatrix. Por favor!

Uma brisa passeou pela casa, Camilla encolheu-se tentando aquecer os braços. O capote mantinha Marcel aquecido, mas sentiu um sopro frio no rosto.

— Parece que vai esfriar — fechou a maleta do estojo médico e pegou o *tablet*.

O canto da sala comunicava com um dos quartos por uma porta de maçaneta, cuja tinta

descascara, cupins devoravam o interior de madeira compensada.

Com a adrenalina baixa, ele sentia o corpo moído e os músculos doloridos. O estado da mão era pior, tinha os dedos duros e não apenas por causa das bandagens.

Usando a tela do *tablet* como lanterna, examinou o quarto. Do colchão, só restavam pedaços, havia um guarda-roupa perto da cama. O fedor de uma ratazana

apodrecida empestava o ar, as maiores baratas que já vira devoravam a carcaça. O

tamanho dos insetos e o odor do ambiente o deixaram nauseado.

Dentro do guarda-roupa encontrou cobertores e um travesseiro, mas nenhuma peça de vestuário. *Levaram o que foi possível e abandonaram o resto. Quem morava*

aqui fugiu às pressas.

Examinou um cobertor de lã encardido, decorado com linhas laranjas e marrons se cruzando. A peça possuía um aspecto deplorável e fora roída em vários pontos.

Sacudiu para ter certeza de que nenhum inseto ou barata abrigava-se nela. O cheiro

conseguia ser ainda pior que a aparência e, provavelmente, estaria carregado de doenças. *Melhor nem pensar nisso também.* Seja como for, teria de servir.

Na sala, Camilla fez uma careta de desgosto.

— Esse trapo foi o melhor cobertor que achou?

— Esse é trapo é para mim — ele jogou a peça no sofá menor. Tirou o capote e o pousou gentilmente sobre os ombros dela. — Aqui... o tecido é térmico. Meus professores juram que com isso dá para passar uma noite de inverno ao ar livre sem

sentir frio. Amanhã você me diz se é verdade.

Ela agradeceu sem jeito. As mangas do capote cobriram as palmas de suas mãos, deixando apenas as pontas dos dedos de fora. A luz parca refletiu nos botões prateados

da camisa preta de manga comprida de Marcel.

Ele conferiu as embalagens de ração. O jantar estava pronto. Entregou uma das embalagens a Camilla juntamente com uma colher de plástico que retirou da mochila.

Segundo o manual, as embalagens deveriam conter pedaços cristalizados de frutas

sintéticas. O que Marcel encontrou foram cubos de uma gelatina dura que quase

tinha

sabor. Os devorou sem pensar duas vezes.

Escutaram mais latidos vindos de longe.

— Cães mutantes — resmungou Camilla.

Ele aproveitou a deixa para puxar conversa de novo.

— E a perna?

— Latejando — ela engoliu uma colherada de cubos coloridos antes de prosseguir. — Posso andar, mas vai demorar para podermos dançar de novo.

Ele soltou um riso encabulado.

— Achei que não lembrava de mim.

— Qual é o seu primeiro nome, arcanista Seeder?

— Marcel.

— Eu já falei, Marcel: nunca me esqueço de quem conhece os meus segredos.

— Será que posso perguntar como é que tem uma gema-telecinética na sua mão?

Ela recostou-se melhor no sofá e ajeitou o capote com um ar de superioridade.

— Esse é outro segredo. Envolve uma troca de favores entre o governo e a

Arcanum. De início, não tinha nada a ver com gemas nem comigo, tive de dar um jeito e

fazer acontecer. Ainda bem que nunca deixo meu pai ir às reuniões importantes sem

mim. O Cecil não gostou da ideia, mas cedeu e eu dei uma passadinha na Forja.

Marcel ficou espantado. Tentou imaginar o diretor, uma figura que considerava

intimidadora, sujeitando-se à vontade de uma adolescente. Também se sentiu trapaceado. Depois de anos estudando e treinando com o bastão, vinha alguém da alta e

conseguia uma gema simplesmente porque queria.

É assim no mundo dos políticos, pensou. Uma aura brilhante envolveu a mão direita de Camilla. Sua colher de plástico levitou e pousou de volta na embalagem de alumínio.

— Vamos revelar ao público quando eu conseguir controlar melhor.

— Você controla a sua gema muito bem. Não é como eu.

A moça baixou os ombros.

— Aquilo me assustou. Não sabia que alguém podia se machucar com a própria gema.

— Só acontece com os retardatários — disse ele em voz baixa.

Terminaram a refeição. Dessa vez, foi Camilla quem rompeu o silêncio.

— Certo, temos abrigo e enchemos a barriga de alguma coisa sem graça que espero que a minha nutricionista nunca fique sabendo que existe — ela pôs a embalagem de lado e ficou de pé. — Qual é o próximo passo?

— Bom, nós... — ele puxou as aulas de sobrevivência urbana pela memória. — Esperamos o resgate. Vai ser mais fácil nos encontrarem se ficarmos no mesmo lugar.

— Pode ser. O problema é que os pilotos podem ter comunicado para seus

chefes onde estamos. A equipe de resgate só tem uma noção, se é que foi acionada —

Marcel não soube o que responder. — A Arcanum tem bases avançadas nas Cidades

Baixas, não tem? Mostre o mapa.

Ele abriu o aplicativo de mapas no *tablet* e encontrou um registro que parecia ser o daquela região. Ativou o mapa holográfico tridimensional e colocou o aparelho no

chão. Com um gesto, o mapa expandiu, cobrindo a sala. Colocou a mão por baixo do

holograma e o elevou acima dos assentos do sofá. Prédios holográficos atravessaram sua

cintura e a dela.

Reconheceu a casa pelo portão, mesmo parecendo nova no mapa. Os prédios no setor central da cidade holográfica ficaram ao redor de Camilla. Uma estrutura destacava-se pelo formato de caixa de sapatos e pelas palavras “Base Zero” flutuando.

— É isso aqui? Qual será a distância de onde estamos?

— Pressione o prédio — ela o fez, Marcel pressionou a maquete da casa, uma linha clara desenhou o caminho entre os dois pontos. Um número surgiu. — Quarenta e

dois quilômetros. Uma maratona.

— Vamos para lá amanhã.

— Calma aí — a voz dele saiu aguda, parou para limpar a garganta. — É uma

caminhada muito longa para uma pessoa com a perna ferida. Sem falar que vamos nos

expor a outro ataque — com um gesto brusco, ele fechou o mapa. — O melhor é esperar

o resgate.

— E se ao invés deles, os inimigos nos acharem primeiro? — ela cruzou os braços. — É como no trem, parados aqui somos alvos fáceis.

Marcel dobrou o *tablet*, pensando numa maneira de fazê-la entender. Sons de vozes indistintas vieram da rua.

— Escutou? — ele apanhou a bolha fluorescente e caminhou para a porta da sala. — É o resgate.

— O que vai fazer? — Camilla o segurou pelo braço.

— Sinalizar para eles.

— Estão quietos demais, pode ser o inimigo.

Algo na maneira como Camilla falou, o fez se encolher instintivamente. Depois suspirou impaciente e soltou a bolha fluorescente.

— Tá certo. Vou dar uma olhada primeiro.

Saiu para a garagem coberta de grama alta. Os passos furtivos e as vozes baixas na rua lhe deram um frio na barriga. Caminhou devagar, tentando não fazer barulho.

De qualquer maneira, não custa nada ter certeza.

A mão esquerda protestou quando agarrou-se à beirada do muro. Firmou as solas

das botas na parede e puxou-se para cima vagarosamente, erguendo a cabeça acima do

muro com cuidado.

Viu um grupo deslocando-se furtivamente pela rua. Trajavam fardas camufladas e capacetes de viseira escura. Contou sete, quatro homens e três mulheres, todos armados com fuzis de plasma com lanternas embutidas.

Escoltando o grupo vinha um imponente veículo de linhas retas e seis rodas enormes, os faróis apagados, a blindagem exibia uma pintura camuflada. Acima da

cabine havia uma metralhadora giratória e um soldado pronto para usa-la.

Um caminhão-tanque!

Marcel engoliu seco. Deixou-se cair o mais leve possível e voltou para dentro da casa. Camilla nada disse, limitando-se a imitar sua expressão aflita.

— Precisamos esconder essas coisas — sussurrou ele num tom urgente.

Levaram tudo para o quarto. Marcel apagou a bolha fluorescente e a enfiou no bolso da calça. As sombras tomaram conta da casa. Ele tateou até a entrada do quarto,

abrigando-se atrás da porta aberta. Por sua vez, Camilla abrigou-se atrás dele com as

costas na parede, não antes de esmagar uma daquelas enormes baratas com a sola do

coturninho.

Ouviram o som de um soldado pulando o muro. Marcel tirou o cilindro preto

preso na parte de trás do cinto e o distendeu no bastão bo. *Tomara que eu não precise*

lutar, pensou ao perceber que não era capaz de fechar a mão esquerda em torno da

arma.

Passos leves amassaram o mato na garagem e adentraram a sala. A lanterna no cano do fuzil clareou o ambiente. A respiração de Marcel acelerou. Sabia que se atacasse alertaria o resto do grupo. Apenas esperou, torcendo para o batedor desistir de

vasculhar a casa e ir embora.

A faixa de luz passou pela porta do quarto, projetando um círculo luminoso na parede do fundo. Ele preparou-se para entrar em batalha assim que o soldado adentrasse

o quarto de vez.

Crac, fez o rádio do soldado. No susto, Marcel quase saltou em cima do inimigo.

— Atenção, todo mundo: reagrupar — disse a voz no rádio. — A outra equipe viu duas pessoas perto do parque de diversões. Vamos dar reforço.

O soldado correu pela sala sem se preocupar com o barulho, os passos pesados atravessaram a garagem e escalaram o muro. Marcel e Camilla continuaram estáticos

dentro do quarto. Só soltaram o ar depois que o som do motor do caminhão-tanque

subiu a rua para sumir na noite.

— Espere aqui — disse ele. Escalou o muro novamente. Não viu ninguém.

Tomando coragem, saltou para a rua e caminhou até o centro do cruzamento das esquinas. Nada. Os ombros relaxaram, mas as coxas ficaram moles. Voltou para dentro

da casa abatido por uma sensação de esgotamento. Encontrou Camilla encolhida na

passagem entre a sala e o quarto. — Já foram.

Ela desabou sobre o sofá. Marcel trouxe tudo de volta para a sala. Mesmo sem ninguém comentar, foi nesse cômodo que decidiram dormir. Apanhou o cantil na lateral

da mochila e ofereceu à Camilla. Era toda a água que tinham, contudo, não tentou

impedi-la de beber o quanto quisesse e ele próprio virou uns bons goles. Amanhã procuraria alguma água para limpar com as pastilhas purificadoras.

Fechou a porta da sala, escorando-a com uma estante. Na cozinha, arrastou a mesa de jantar para junto da porta. As frágeis barricadas não manteriam os inimigos de

fora, mas o barulho os alertaria.

Camilla enxugou os olhos no momento em que ele voltava à sala iluminada pela bolha fluorescente. Ela parecia menor ou a casa teria se tornado mais opressora à portas

fechadas? Tirou duas barrinhas de cereal da mochila.

— Sobremesa? — disse a ela em voz baixa.

— Estou sem apetite.

— Comigo é o contrário. A ansiedade me dá fome — deu uma mordida na barra.

— De qualquer maneira, é melhor comer. Vamos precisar de energia para a caminhada

de amanhã até a Base Zero.

Ela o olhou de soslaio e pegou a barrinha. Depois de comerem, Marcel achou melhor guardar as embalagens para não deixar rastros. Camilla abotoou o capote azul e

deitou, acomodando-se no braço redondo do sofá.

— Boa noite — disse ela, virando-se para o outro lado.

Marcel descalçou as botas e puxou o cobertor puído, ajeitando-se como possível.

Tentou, sem sucesso, ligar o *smart watch* novamente. Queria muito dar uma olhada em

seus peixes. Pôs o aparelho de lado e encarou o teto.

Duas pessoas perto de um parque de diversões? , pensou. Quem pode ser num lugar desses?

Apesar do cansaço, o sono demorou a vir. O último pensamento antes de adormecer foi o desejo de acordar na própria cama em seu quarto. Sonhou que almoçava na cantina do Instituto Beta com Beatrix e Kelvin. Tudo estava bem.

NOVE

Acordaram cedo após uma noite mal dormida. Para o café da manhã, cada um comeu mais uma embalagem de ração, uma barrinha de cereal e bebeu um pouco de

água. Depois do ambiente opressor da casa e do susto com os inimigos, a luz do dia

produziu uma melhora notável no humor de ambos.

Num primeiro momento, Marcel pensou que caminhar pelas ruas da Cidade

Baixa era como andar por um mundo parado no tempo. Logo se corrigiu. *É um mundo*

regredindo no tempo.

As casas possuíam um único andar, exibindo a aparência típica do início do

século 21, embora bastante desgastadas. O reboco colorido soltava pedaços grandes, os

telhados mostravam sinais de corrosão, portões de grades semelhantes a lanças de aço

desmanchavam-se em ferrugem. As plantas ameaçavam tomar conta de tudo.

Pesadas árvores que nunca tinham sido aparadas emergiam dos quintais,

trepadeiras e fungos cobriam paredes. Tufos de grama brotavam nas ruas, rachando o

asfalto. Carcaças de automóveis estavam abandonadas junto às calçadas, latarias

tomadas pela ferrugem e pela corrosão. Uma árvore nascera embaixo de um dos velhos

carros, os galhos cresceram em torno do veículo e por dentro dele.

Poças d'água ocasionais indicavam chuva recente. Marcel encheu o pote de

vidro numa delas, tirou um comprimido quadrado de uma cartela com mais cinco iguais

e o jogou dentro do pote. A água encardida efervesceu. Camilla observou a operação

cheia de curiosidade.

— É uma pastilha purificadora — explicou a ela. — Vai deixar a água boa para beber.

Retomaram a marcha com Marcel segurando o pote destampado, enquanto a pastilha agia. Ele usava novamente o capote e trazia a mochila do kit de sobrevivência

nas costas. Ajustava sua passada ao ritmo de Camilla, mancando da perna direita. Ela

carregava a maleta do estojo médico e tinha o cabelo preso num rabo de cavalo prático,

amarrado por uma tira de gaze.

O clima estava morno e agradável. Nem quente, nem frio.

Quando a água no pote parou de borbulhar, ele colocou a tampa de canudo

embutido. Um pouco de sujeira acumulou no fundo, mas as instruções diziam ser seguro

beber até o nível de uma marca feita em relevo. Experimentou um gole com certo

receio. Não sentindo nenhum gosto estranho, bebeu confiante.

— Prefiro o cantil — disse Camilla quando ofereceu o pote. Ela pôs-se a olhar ao redor. — Quantas pessoas acha que poderiam viver numa casa dessas se fossem

reformadas?

— Umas quatro ou cinco, sei lá. Para que reforma-las?

— É um projeto que eu tenho. Um plano de revitalização da Cidade Baixa. Viu o tamanho desse lugar no mapa? Se todas essas casas fossem ocupadas, acabaria o

problema de superlotação na Cidade Alta.

— Pode ser — Marcel concordou pensativo. Questões como essa jamais lhe passaram pela cabeça. Já Camilla, como próxima Regente-Geral, precisava pensar nesses assuntos.

Após um par de horas caminhando, ele sugeriu uma pausa à sombra de uma árvore. Um calango do tamanho de uma régua correu para longe.

— É melhor fazer um alongamento — disse, esticando os braços para cima.

Duas quadras abaixo, meia dúzia de cães passou de uma esquina à outra.

— São os seus cães mutantes — brincou ela, imitando os movimentos de alongamento. — Ou talvez sejam cães ordinários, não dá para ver dessa distância.

— Não gosta de cachorros?

— Gosto do *meu* cachorro, o Majestoso. É um *golden retriever* grande assim —

Camilla gesticulou. — O pelo é dourado. A coisa mais fofa do mundo! E você, tem

algum animal de estimação?

— Tenho doze peixinhos no meu aquário.

— Meu primo montou um aquário uma vez, mas perdeu a paciência depois de um mês. Há quanto tempo tem o seu?

— Desde os onze. Eu vi num filme e comentei com o meu pai que tinha achado legal, aí ele me deu um.

— Quem me dera o meu pai me desse presentes tão facilmente.

— Essa é a parte engraçada. Ele nunca me dá nada. Nem sei por que fez isso.

E era verdade. Não sabia a razão exata, embora tivesse teorias. Haviam se passado apenas seis meses desde o divórcio. Suspeitava que Antonius, ou sentia-se

culpado por afastar o filho da mãe ou grato por ter escolhido ficar com ele. Um pouco

de cada, provavelmente.

De início, a quantidade de trabalho o surpreendeu. Não que fossem tarefas duras, mas ter um aquário ia muito além de admirar os peixes nadando. Precisava controlar o

nível de acidez da água constantemente, dar ração sempre no mesmo horário, além de

limpar e trocar a água uma vez por semana. Os primeiros peixinhos que comprou morreram quase todos ao mesmo tempo. Mas com insistência e muita pesquisa na

hipernet aprendeu como manter os peixes fortes e saudáveis.

A conversa sobre presentes o recordou de uma matéria que vira na TV, meses atrás.

— Espera aí, seu pai não te deu um carro no seu último aniversário?

— Não foi meu pai, foi um ministro que há anos tenta me empurrar para cima do filho dele — Camilla cruzou os braços e assumiu um ar de desafio. — Vai. Pergunta

sobre o resto da história.

— Que resto? — ele riu nervoso, fingindo não saber que ela falava sobre um famoso incidente ocorrido na noite de seu aniversário de dezesesseis.

— Você sabe do que estou falando. A parte em que saio com minha irmã para dar uma volta no meu carro novo e a polícia me flagra dirigindo bêbada.

— Isso... não é da minha conta.

— Pergunta logo!

— É mentira?

— É um exagero. Parei numa blitz sim, só que não estava bêbada, nem tomaram minha licença. A maioria das notícias que saem sobre mim é falsa. O que acontece é que

a imprensa adora montar um circo em torno de tudo que faço.

— Vou me lembrar disso — ele ficou mais que satisfeito por encerrar aquela conversa. Não pode deixar de pensar no tipo de vida que Camilla levava, cercada por riqueza, fama e responsabilidades políticas. Percebeu a distância que separava os mundos em que viviam.

Retomaram a caminhada mantendo-se à sombra. À hora do almoço, esconderam-se num quintal forrado por uma grama baixa. A água do cantil acabou e

Camilla teve de beber do pote, já pela metade. Precisavam encontrar outra poça para

enche-lo novamente. Descansaram durante uma hora e mal tinham recomeçado quando

ouviram o motor do caminhão-tanque na rua de baixo.

Marcel sabia que, com a perna machucada, Camilla não conseguiria pular um muro rápido o bastante. Puxou-a para dentro da carcaça de um carro. A porta traseira

quase despencou ao ser aberta.

— No banco não, no assoalho! — disse a ela.

Ele enfiou-se na parte dianteira e puxou as portas sem bate-las. Só então viu que não poderia esticar o corpo no piso por causa de uma alavanca entre os bancos. *Que*

porcaria é essa? Em vez disso, encolheu-se todo no espaço entre o painel e o banco do

passageiro. Um forte odor de mofo subiu, ameaçando engasgá-lo. Camilla lutou para

conter um acesso de tosse.

O caminhão-tanque apareceu na esquina e passou ao lado do carro sem diminuir o ritmo. Nenhum soldado vinha a pé. Quando o veículo dobrou outra esquina, Marcel

deu-se conta de estar prendendo a respiração. Camilla desatou a tossir e ele também não

conseguiu suportar a irritação na garganta.

Concordaram que seria mais seguro seguir na direção de onde o caminhão-tanque veio. Dobraram o quarteirão e foram dar numa avenida de duas pistas completamente forrada por um fofo tapete de grama. As plantas e árvores do canteiro

entre as pistas cresciam sem cuidado.

Uma roda-gigante e uma montanha-russa apareceram por trás das casas, perto dali.

— É o tal parque de diversões — disse Camilla. — Vamos lá ver?

— Desconfio que não vai abrir hoje.

— O caminhão veio dali, devem ter desistido de procurar naquele lugar.

— Com a nossa sorte, a montanha-russa vai desabar em cima de nós.

Marcel pensou na mensagem que o soldado recebeu pelo rádio na noite passada.

Sempre ouviu falar em comunidades ilegais na Cidade Baixa, entretanto, a opinião geral

era de não passarem de lendas urbanas.

— Andei pensando. Viram duas pessoas aqui ontem à noite. Quem poderia ser num lugar desses?

Camilla virou o rosto.

— Quem sabe? — disse num tom neutro.

Um alambrado enferrujado cercava o parque de diversões. O mato estava na altura dos joelhos, água suja empoçava na pista dos carrinhos bate-bate, tendas esfarrapadas lutavam para continuar erguidas, trepadeiras cobriam os brinquedos próximos e não era difícil imaginar que o resto do parque encontrava-se nas mesmas condições.

— Vamos embora — disse ela, arrependida. — Esse lugar está me dando

arrepios. — três cães passaram correndo entre os brinquedos. Uma mistura de latidos e

disparos de plasma irromperam no coração do parque. Um grito ecoou. — O que está

acontecendo?

— Os cães devem ter encurralado um soldado. Vamos embora antes que os outros apareçam.

— *Corre!* — uma voz aguda cortou o ar.

— Isso não foi um soldado — disse Camilla.

Ela correu ao longo do alambrado o mais rápido que sua perna permitia.

Encontrou uma abertura na tela junto a um dos postes de cimento que mantinham a

cerca de pé.

— Espera! É perigoso!

Ela ignorou o alerta. Marcel bufou e a seguiu. Passaram pelo que restava do carrossel, rumo ao interior do parque. Chegaram à roda-gigante, o brinquedo caía aos

pedaços. Meia-dúzia de cães selvagens encurralava dois rapazes.

Marcel precisou de apenas um vislumbre para perceber que não lidavam com cães normais. O animal que parecia ser o macho-alfa era uma versão monstruosa de um

dobermann de pelo preto. Possuía uma crista arrepiada que ia da cabeça até os quadris.

Um garoto de pele negra, cujos cabelos pareciam uma juba escura, escalava os

braços de metal enferrujado a mais de três metros do solo. O rapaz mais velho, também

negro, tinha cabelo curto. Ele resistia no chão, armado com uma escopeta de plasma

calibre doze. Os cães o cercaram, latiram e rosnaram. Um imenso mastim cinzento

avançou. O rapaz atirou, espalhando as entranhas do cachorro sobre o mato.

O garoto trepado na roda-gigante avistou Marcel e Camilla.

— Socorro! Ajudem!

— Temos de ajudar! — disse Camilla.

— Eu vou, você fica aqui!

— Também tenho uma gema, esqueceu? — ela fez menção de sair, Marcel a segurou pelo braço.

— Deixe o kit — ele tirou a mochila das costas. — Vamos precisar depois!

Ela pousou a maleta sobre o mato. Marcel a ultrapassou, correndo na direção da roda-gigante. Preparou o bastão e parou gritando para atrair a atenção dos cães:

— *Venham me pegar!*

Alguns cachorros voltaram-se para ele. Todos os animais possuíam quatro

caninos proeminentes saltando da boca e babavam uma espuma grossa. O rapaz com a

escopeta aproveitou para liquidar um vira-lata.

Um pit bull marrom maior que uma moto avançou contra Marcel.

Lá vamos nós de novo, pensou, esticando o braço esquerdo. Apertou os olhos e

trincou os dentes na antecipação da dor, que desta vez não veio. Para sua surpresa, não

conseguiu ativar a gema-trovão.

Hesitou por um instante. Voltou a si quando o pit bull saltou na direção de seu peito com a bocarra aberta e a crista eriçada. Escapou por pouco, girando de forma

desajeitada e caindo sentado sobre o mato.

O pit bull caiu firme sobre as patas, deu meia volta e avançou para morder

Marcel na perna. Ele tentou recuar ainda sentado, mas os imensos caninos perfuraram a

carne e o osso da canela esquerda. Soltou um urro. Antes da mandíbula fechar por

completo, o bastão estocou o olho do monstro. O pit bull soltou a perna, o bastão o

golpeou novamente.

De repente, o cão voou longe, chocando-se contra a barraca de tiro ao alvo.

Marcel viu Camilla com a mão direita estendida e brilhando, as pontas dos dedos da

mão esquerda pressionando a têmpora.

Um estalo metálico atraiu a atenção para a roda-gigante. O garoto deslocava-se quando parte da armação enferrujada cedeu. A barra em que se agarrou quebrou e ele

mergulhou de cabeça.

— *Aaaahhhhh...!!!*

Camilla correu mancando da perna, o brilho da mão ganhou intensidade. O

garoto desacelerou e ficou pendurado no ar a centímetros do chão por uma fração de

segundo, depois caiu sem maiores danos. Ela perdeu as forças, desabando no mato.

Atraído pelo grito, o dobermann monstruoso abandonou o cerco ao rapaz da escopeta e correu para o garoto, seguido pelos dois cães selvagens restantes: um vira-

lata cinza e um corpulento mastim alaranjado.

— Julius, fuge! — gritou o rapaz da escopeta. Ele correu atrás dos cães, abatendo o vira-lata e o mastim à tiros.

O garoto ergueu o rosto pouco antes da boca do dobermann fechar em seu ombro direito. O macho-alfa do bando projetou a cabeça, erguendo sua presa do chão. A

barriga do animal explodiu atingida por um disparo de escopeta.

O rapaz mais velho deixou a arma sobre o mato e pegou o garoto nos braços, afastando-o do cachorro morto.

— Julius, fala comigo!

Julius segurava o ombro ferido. Sangue escorria entre seus dedos, manchando a manga da camisa puída. Vestia ainda um bermudão e tênis, igualmente em mau estado.

— Tá doendo, Augustus! Pensei que aquele bicho ia arrancar meu braço.

— Vocês estão bem? — perguntou Camilla. Ela e Marcel ampararam-se um ao

outro. — Temos um kit de primeiros-socorros. Eu vou pegar.

— Em outro lugar — disse Marcel. — Os soldados podem ter ouvido essa barulheira, precisamos ir embora.

Augustus levantou depressa e recuperou a escopeta.

— O que estão fazendo aqui? — disse, engatilhando a arma. Ele tinha porte atlético e usava uma camiseta vermelha tão desgastada quanto a calça jeans e as botinas.

Nas costas pendia um grande coldre de couro, preso por um cinto que cruzava o peito.

Trazia uma pistola de plasma em cada coxa.

— Abaixa isso, mano — Julius ficou de pé, segurando o ombro ferido. — Eles nos ajudaram, poxa!

— Repara no sobretudo desse cara, ele é arcanista. E tá na cara que a menina não é daqui. Ela... — o irmão mais velho arregalou os olhos e ficou de boca aberta.

— *Menina?* — ela ofendeu-se.

— Camilla Noble! — exclamou Julius.

— Não pode ser... — Augustus falou para si mesmo. — Ou talvez... Aquela confusão de ontem no trilho do trem...

— O que importa? A gente deve uma pra eles e não podemos perder tempo. O cachorrão que me mordeu estava baboso.

— Tem razão! — Augustus assumiu um tom urgente. Desengatilhou a escopeta

e a guardou no coldre das costas. — Vamos para o Bola Branca.

— Nós temos vacina contra raiva — Camilla mostrou a maleta do estojo médico. — Vamos fazer uma troca: a vacina por abrigo.

Augustus olhou desconfiado para ela e depois para o irmão. Marcel apertou o bastão. Não conhecia aquelas pessoas, então não podia saber se tentariam roubar a maleta.

— Combinado, mas é melhor que isso seja verdade — Augustus fez menção de amparar Julius.

— Posso andar sozinho — disse o garoto. — Só pega as minhas coisas.

O irmão mais velho correu até a base da roda-gigante e retornou com uma pasta jeans de alça, que Julius passou em volta do pescoço.

Os quatro deixaram o parque sem perda de tempo. Atravessaram a rua e seguiram para a avenida principal de pista dupla. Pararam em frente a um estabelecimento grande, cujas portas eram esteiras de metal que corriam para cima.

Faltavam letras no velho letreiro, mas dava para perceber as palavras “Bola Branca”,

com um taco de sinuca passando entre as letras A.

Dois motores roncaram à distância, aproximando-se rapidamente.

— Estamos expostos demais — Marcel disse o óbvio.

— Vai conseguir abrir com o braço machucado? — Augustus perguntou ao

irmão.

Sem responder, Julius se aproximou da fechadura no centro de uma das portas metálicas. O garoto tirou da bolsa jeans um estojo que continha uma dúzia de objetos

semelhantes a facas. Apanhou um com a ponta em forma de gancho e outro com a ponta

dobrada. Mesmo com a mão direita tremendo um pouco, enfiou ambos no buraco da

fechadura. Segundos mais tarde, um ruído escapou do trinco.

— Molezinha!

Augustus ergueu a porta metálica ruidosamente. Julius e Camilla entraram,

Marcel logo depois, o próprio Augustus passou, baixando a porta atrás de si. Sem

janelas, a escuridão era total lá dentro.

— Vou acender a luz — disse Augustus, afastando-se. O brilho de um abajur simples, movido à bateria, jogou o ambiente numa penumbra.

Como o letreiro evidenciava, tratava-se de um bar de sinuca. O local era espaçoso, com meia dúzia de mesas de bilhar organizadas de forma a deixar um bom

espaço entre elas. Mesinhas e cadeiras plásticas brancas encardidas formavam pilhas

num canto, juntamente com objetos comuns e peças de roupa. Ao fundo havia um longo

balcão, atrás do qual viam-se estantes vazias e geladeiras de cerveja enferrujando pela

falta de uso.

Marcel não reparou nos pedaços de reboco faltando nas paredes brancas, nem nas gramíneas nascendo entre as frestas da cerâmica ou os sinais de corrosão no teto. Já

vira bastante disso no resto da Cidade Baixa. O que chamou sua atenção foram os

colchões velhos em cima das mesas de sinuca, com direito a lençóis e travesseiros. Um

tanto gastos, mas ainda assim não podia deixar de admirar a criatividade de quem

improvisara aquelas camas.

Observou tudo isso num instante, enquanto Augustus movia-se depressa pelo ambiente. Julius sentou na beirada de uma mesa de bilhar e tirou a camisa manchada de

sangue, seu irmão examinou o ferimento.

— Vocês não têm remédio contra raiva?

— Temos um chá na nossa... — Julius parou sob o olhar de reprovação do irmão mais velho.

— Vocês têm um chá na sua comunidade — disse Camilla, com a confiança de quem sabia o que falava. — E?

Uma nuvem de aborrecimento passou pelo rosto de Augustus, substituída por uma expressão preocupada.

— O chá que temos na comunidade não funciona na maioria das vezes. Vamos

ver se o seu remédio é melhor.

— Eu aplico — disse Camilla. — Você primeiro, Marcel.

Bem pensando, assim eles veem que não há perigo. Ele tirou o *tablet* de um bolso interno. Enquanto o aparelho ligava, atirou o capote e a camisa preta sobre um

colchão, mantendo a regata branca. *Então é verdade que existem comunidades na*

Cidade Baixa, e Camilla sabia disso.

Lá fora, um par de motores de caminhões-tanque passou rumo ao parque. Marcel abriu um texto sobre procedimentos de emergência no *tablet*.

— Deixa ver... é uma dose de cinco miligramas.

Camilla rasgou um minúsculo envelope de papel que guardava uma pequena agulha, a encaixou na seringa e espetou no potinho metálico da vacina para extrair a

quantidade de líquido indicada.

— Pronto?

O beliscão no braço fez Marcel se encolher involuntariamente.

— Desculpe — ela apertou o botão da seringa. — Nunca dei uma injeção.

— Com tudo o que aconteceu de ontem para hoje, uma picada é o de menos.

Quando terminou, ela não esqueceu do algodão e brincou:

— A doutora Noble está pronta para atender o próximo paciente.

Julius lançou um olhar de dúvida para Augustus, recebendo um aceno de cabeça

em resposta. Camilla trocou a agulha e aplicou a vacina no garoto. O clima entre os

quatro ficou mais leve.

Depois da inoculação, cuidaram dos ferimentos. Camilla ajudou Marcel a lavar e desinfetar a mordida na canela. Os caninos do pit bull deixaram marcas profundas. Ele

suportou a dor do suturador com gemidos surdos. Por fim, aplicaram um emplasto. Ela

aproveitou para trocar o próprio emplasto. Sentando no colchão, descalçou o coturninho

e colocou o pé com a meia em cima da mesa.

— Parece que está melhor — disse Marcel a ela.

— Acha que vai deixar cicatriz?

— Se serve de consolo, também vai deixar uma boa história.

— E as faixas na sua mão?

— Depois eu troco — ele ficou desconfortável, pensando em como o poder da gema lhe faltou por completo contra os cães. Augustus enfaixou o ombro do irmão

caçula e devolveu o pouco que sobrou da gaze com um olhar inquisidor.

— Falando em história, como é que a Herdeira e seu guarda-costas vieram parar no meio da Cidade Baixa?

Camilla e Marcel contaram sobre o ataque ao trem, a fuga e o confronto com os zangões, a casa onde abrigaram-se e como chegaram ao parque de diversões.

— Quer dizer que não sabem quem quer matar vocês? — perguntou Augustus.

— Eu acho que é o Voz Verde, a Camilla discorda.

— Estou com ela. O Voz Verde tem princípios.

— Engraçado, da última vez que olhei, eles eram terroristas.

— Não faz o estilo deles.

— Já sabem a nossa história — Camilla interveio. — Qual é a de vocês?

— Somos recuperadores — Julius estufou o peito. — Vasculhamos as casas abandonadas procurando qualquer coisa que ainda possa ser usada pela comunidade.

Somos os melhores na recuperação.

— Quer dizer saque — disse Marcel. O garoto apontou os próprios pés.

— Se o antigo dono desses tênis quiser eles de volta, é só vir falar comigo que eu devolvo.

Levou um bom par de horas até os caminhões-tanque irem embora. Augustus subiu numa escada de mão para retirar as telas pretas que cobriam as janelas. Restava

pouca luz natural, mas o ambiente arejou. Marcel acendeu duas bolhas fluorescentes,

sugerindo aos irmãos que economizassem a bateria do abajur.

Ele e Camilla mataram a sede no bebedouro e ainda encheram o cantil e o pote.

Julius, que agora vestia uma camisa amarela de mangas compridas com um estampado

escuro no peito, trouxe uma caixa térmica onde guardavam sanduíches naturais,

frutas e

sucos em garrafas pet. Colocaram quatro cadeiras em volta de uma das antigas mesas do

bar para todos se sentarem.

— O que tem nessa maçã? — perguntou Marcel, depois de uma mordida. O gosto era estranho, suave demais.

— Nada de nada — respondeu Julius.

— É uma maçã de verdade. Não é como as porcarias sintéticas que vocês comem na Cidade Alta — acrescentou Augustus.

— Tem árvores frutíferas na sua comunidade? — Camilla se mostrou mais que interessada.

— Prefiro que não perguntem sobre a comunidade.

Serviram copos de suco e Marcel não resistiu a uma brincadeira:

— É de laranja, Camilla, o seu favorito — riram juntos, depois ela assumiu um ar mais formal.

— Imagino que vocês conhecem bem o terreno da Cidade Baixa — disse aos dois irmãos. — Ainda falta um bom pedaço até a Base Zero e nem vimos sinal da

equipe de resgate que *alguém* disse que viria.

Até parece que a culpa é minha, pensou Marcel.

— Que tal serem nossos guias? — perguntou ela.

Julius abriu um sorriso, Augustus falou primeiro:

— Nos ajudaram e nós oferecemos abrigo, estamos quites. Não vamos nos envolver nesses assuntos.

— E a vacina contra a raiva?

— Não é nossa comida que estão comendo?

Camilla ajeitou-se na cadeira com a coluna ereta e o queixo erguido.

— Que tal nosso estojo médico como pagamento pelo serviço?

— O quê? — Marcel se surpreendeu.

Julius limitou-se a assistir a cena com curiosidade, Augustus olhou para o tampo da mesa pensativo, Camilla sorriu confiante. Marcel inclinou-se para sussurrar no

ouvido dela:

— Não pode dar essas coisas para eles.

— Por que não? — ela sussurrou de volta. — Não vão fazer falta depois que chegarmos na Base. Você sabe que vai ser mais seguro assim.

Ela afastou-se dando a conversa por encerrada. *É sempre do jeito dela*. Ele ficou em parte indignado, em parte admirado com os modos de Camilla.

— O estojo médico e a mochila com tudo que restar dentro deles — disse Augustus. — E o *tablet*.

— O *tablet* está fora de questão! — Marcel antecipou-se.

— O estojo médico e o kit de sobrevivência — Camilla estendeu a mão.

Augustus olhou para o irmão, Julius respondeu com um sorriso empolgado.

— Negócio fechado — apertou a mão dela. — Conseguiram seus guias.

O resto do tempo passou tranquilamente. Tentaram jogar cartas, mas não encontraram nenhum jogo que todos soubessem. Conversaram um pouco, embora

Augustus tenha continuado reticente sobre certos assuntos. Perto da hora de deitar,

Marcel comeu uma barrinha de cereal e ofereceu as que restavam aos demais.

— Onde é o banheiro? — perguntou.

— Não vai querer usar o banheiro — Julius respondeu com uma risada. Estava sempre rindo, como se achasse graça em tudo o que ouvia. — O balcão dá para a cozinha e a cozinha dá para os fundos. Pode tirar a água do joelho lá.

A tal porta estava fechada com duas trancas grossas relativamente novas. *Por certo, os irmãos as instalaram.* Pensou na casa da noite passada e no pouco que restava

dentro dela. Imaginara que os antigos moradores haviam levado tudo consigo, mas

agora não descartava a possibilidade de Augustus e Julius terem feito uma visita.

A área no fundo do Bola Branca era um espaço pequeno, cercado por muros e fechada com um portão metálico de correr trancado pelo lado de dentro com um robusto

cadeado novo. A copa de uma árvore erguia-se no terreno vizinho.

Marcel passou alguns minutos examinando distraidamente a carcaça de uma velha moto, abandonada por ali, um veículo muito menor que uma *En-Passant*. Se

algum dia fosse possível, gostaria de adquirir uma moto daquelas para restaurar.

Voltou sua atenção à mão machucada. Desenrolou a gaze para examinar as queimaduras. Sem o tratamento do dr. Evan iriam demorar um tempo bem maior para

cicatrizar. *Por que a gema não funcionou?* , isso o perturbava. Pressionou a palma

esquerda com o polegar direito, o cristal incrustado no osso chamado capitado arranhou

a pele. *Ainda está aqui.*

Concentrou-se em fazer os raios aparecerem. A ideia de perder o poder o

exasperou tanto quanto o temor de ser bem-sucedido e acabar ferido novamente. Sabia

que esse temor o impedia de ativar a gema.

“O medo limitará seus poderes e pode até bloqueá-los por completo, portanto, confiem em si mesmos” , dissera Vesper. O medo de se machucar o fez bloquear seus

poderes inconscientemente. Apenas mais uma prova que não servia para ser arcanista.

Tirou o tubo de pomada do bolso da calça e passou nas queimaduras. Voltou a enrolar a mesma gaze, prendendo com um pedaço de fita.

Tanto a *king* quanto o diretor Cecil alertaram sobre a importância da autoconfiança para utilizar a gema. Sendo assim, não era de se surpreender que Camilla

usasse a gema-telecinética tão bem. O que não deixava de ser injusto, parando para

pensar. Os candidatos a arcanista precisavam passar por anos de treinamento e um duro

exame para conseguir uma gema. Isso quando conseguiam. Já a senhorita Noble obtinha

uma apenas mexendo os pauzinhos políticos. E agora Camilla havia contratado seus

próprios guias.

No final das contas, ela não precisava da minha ajuda. Ninguém precisa.

Retirou o bastão da parte de trás do cinto. O girou, ensaiou algumas investidas e num rompante, golpeou o banco da moto, descarregando sua frustração. Uma segunda

pancada arremessou o retrovisor por cima do portão. O vidro estilhaçou no asfalto da

rua. Marcel ficou estático, ciente da imprudência. Se um soldado estivesse por perto,

cairia sobre eles. Permaneceu atento por vários minutos. Felizmente, ouviu apenas

cigarras, latidos que vinham de longe e o vento nas folhas.

Voltou para o salão de sinuca do Bola Branca cansado. Augustus encontrava-se no alto da escada vigiando a janela. Julius separava os melhores cobertores na pilha de

roupas, entregou um a Camilla. Ela escolhera para si a mesa ao lado daquela onde

repousavam o capote azul e a camisa preta de Marcel.

— Ouvi um barulho. Aconteceu algo? — perguntou ela.

— Não foi nada.

— Me deram um cobertor, mas prefiro dormir com a sua capa. Pode emprestar de novo?

— Claro — respondeu sem vontade.

Ela exibiu uma expressão preocupada.

— Me deixe ver sua mão — disse em voz baixa. Tomou a mão esquerda dele e passou a ponta do dedo suavemente sobre a gema-trovão. — Eu vi o que aconteceu no

parque. Será que a gema quebrou?

— Gemas não quebram — puxou a mão num gesto brusco. Ela recuou surpresa e Marcel soltou um suspiro resignado. — É o usuário que quebra.

Ele ficou em silêncio, fitando as botas pretas.

— Você estava certo sobre os cães — disse Camilla. — Eram mutantes mesmo.

— E feios — Marcel sorriu desanimado.

— Bastante! — ela pousou a mão em seu braço, o gesto o surpreendeu e o fez levantar o rosto para fitar os olhos castanhos amendoados. — Não acho que você seja um retardatário.

Marcel ficou arrependido dos pensamentos de ainda há pouco.

— Você está legal, Camilla? Digo, por dentro, lidando com tudo isso?

Ela respirou fundo, os ombros relaxaram.

— Não sei. Tento me manter focada na minha família.

— Vocês parecem ser muito unidos.

— Tem horas que dá vontade de abraçar e outras horas dá vontade de esganar.

Trocaram risos tímidos. Camilla continuou:

— Meu pai é viciado em trabalho. É raro ele chegar em casa no horário. Minha mãe é super-protetora, sempre preocupada, nunca me deixa fazer nada. Minha irmã é

minha melhor amiga, mas morre de ciúmes da atenção que eu recebo da imprensa.

Sempre que pode, tenta roubar meu cartaz. E o meu irmão, bom, esse aí vive com a

cabeça na Lua, nem deve ter percebido que sumi — ela enxugou a umidade dos olhos.

— Tento pensar que cada passo me leva para mais perto deles.

— A gente vai conseguir — Marcel segurou os ombros dela e sorriu confiante, Camilla balançou a cabeça.

— Agora se me dá licença — ela inclinou-se e disse baixinho: — Também preciso ir lá atrás.

A acompanhou com olhar enquanto passava pelo balcão para a cozinha.

— Você gosta dela — disparou Julius.

— Hein? Não... Eu... Quer dizer... Gosto... Mas não como está pensando. Só conheço a Camilla há alguns dias, como poderia gostar dela?

— Gostando — o garoto sentou numa mesa e usou as pontas dos pés para tirar os tênis.

Marcel vigiou a porta da cozinha até Camilla retornar. Ela soltou o cabelo apenas para voltar a prendê-lo, descalçou os coturninhos e o surpreendeu encarando-a.

Ele desviou o olhar e se ajeitou para dormir.

Ele depositou o bastão retraído na caçapa perto do travesseiro e descalçou as botas com um suspiro de alívio. A meia esquerda estava manchada com o sangue que

escorrera da canela. Os pés tinham bolhas. Como Camilla não estava coberta, notou que

dormia de meias. Os pés deviam estar tão ruins ou piores que os seus, mas por certo,

não queria mostrar isso.

Ela é mais forte do que parece. Tenho de ser também.

DEZ

Não viram o relâmpago, apenas ouviram o estrondo que veio crescendo e demorou para sumir completamente. Nuvens pesadas pintaram o céu de violeta, tão

baixas que poderiam desabar sobre eles. Outro trovão ressoou.

— Não falta muito — disse Augustus à frente da fila indiana, segurando a escopeta cruzada na altura do peito. — Vamos apertar o passo.

Julius era o segundo da fila, com sua pasta jeans presa ao ombro. Camilla vinha depois, carregando o estojo médico e Marcel era o último, com a mochila do kit de

sobrevivência nas costas. A condição de Camilla o preocupava. Após mais um

dia

inteiro de caminhada, ela parecia esgotada sempre que virava o rosto para falar com ele.

O próprio Marcel sentia o cansaço acumulado que o sono não fora capaz de dissipar.

Apesar disso, concordava com a necessidade de apertar o passo. Não queria estar no meio da rua quando a chuva ácida começasse a cair. No Instituto, aprendera que, ao

contrário do que muitos pensam, chuva ácida não dissolve as coisas. O que ela faz é

corroer mesmo o mais resistente dos materiais. Uma pessoa exposta a esse tipo de chuva

podia acabar com queimaduras na pele, e de queimaduras, já lhe bastavam as da mão

esquerda.

Naquela manhã, Augustus tirou todos das camas improvisadas bem cedo. Marcel sonhara que andava de *En-Passant* pelas ruas de Sanctorum e estava perto de casa, mas

ao fazer uma curva, ia parar em um lugar desconhecido, sem ser capaz de reencontrar o

caminho certo.

Levantou sentindo a roupa pinicar, uma consequência de usar os mesmos trajes durante dias, sem tira-los nem para dormir. Camilla acusou o mesmo problema. Quando

ofereceram algumas peças da pilha do canto, ela recusou alegando que na comunidade

haveria alguém que precisaria mais daquelas roupas. Marcel tomou o argumento para si.

Ele e Camilla comeram ração no café da manhã. Concordou em emprestar a chapa para Augustus e Julius aquecerem uma panela d'água onde colocaram ovos de

pombo apanhados num ninho sobre o teto do Bola Branca.

— Vocês deviam comer pelo menos um ovo — dissera Julius. — O gosto é ruim, mas dão muita energia, principalmente os que têm filhotes.

Recusaram, apesar do argumento. Marcel compreendeu que quem vivia num lugar como a Cidade Baixa não podia se dar ao luxo de dispensar qualquer alimento ou

recurso disponível.

— Belo abrigo! — dissera quando deixaram o Bola Branca.

— Vai ser uma pena abandonar esse lugar — o tom de Augustus não deixava de demonstrar certa rudeza. — Se alguém voltar, vai ser só para recolher tudo que estamos

deixando pra trás.

Marcel pensou em perguntar por que abandonariam aquele esconderijo, mas adivinhara a resposta. *É porque a Camilla e eu sabemos*. Teria sido inútil dizer que não

precisavam temer serem traídos, Augustus não confiava neles. Seus modos deixavam

isso claro. A única razão para ter aceitado o trabalho de guia era a recompensa.

Passaram a manhã caminhando num ritmo constante. Fizeram apenas três pausas

ao longo do dia. A primeira, quando ouviram vozes. Enfiaram-se depressa no coração

de uma praça, cujas plantas haviam crescido ao ponto de torna-la um pequeno bosque

com o mato na altura da cintura. Soldados de traje camuflado examinaram os arbustos

nos limites da praça e seguiram em frente, um caminhão-tanque os escoltou sem fazer

barulho.

A segunda pausa aconteceu no momento em que um par de cães selvagens apareceu. Rosnaram e mostraram os dentes. Augustus conseguiu espanta-los.

Pararam pela terceira vez para almoçar quando o tempo começava a fechar.

Julius arrombara a porta de uma velha farmácia com suas ferramentas e abrigaram-se

em seu interior sob a luz amarelada de uma bolha fluorescente. Marcel e Camilla comeram outras duas embalagens de ração, restando apenas mais um par. Augustus e

Julius mataram a fome com sanduíches naturais.

— E a família de vocês? — dissera Camilla. — Se é que posso perguntar.

— Não pode — Augustus foi ríspido.

— Que diferença vai fazer se souberem que nossos pais estão em cana? — dissera Julius.

— Isso é problema de família. Não interessa a estranhos!

— Tá bom. Se te incomoda, não está mais aqui quem falou.

Haviam retomado a caminhada à meia-hora. Deixaram para trás o bairro residencial e avançavam por um velho setor comercial. O número das carcaças de automóveis esquecidas no meio da rua aumentou, vitrines estavam quebradas e manequins abandonados onde caíram. Trepadeiras enrolavam-se nas fachadas dos prédios, estes nem se comparavam em tamanho aos imensos arranha-céus do centro de Sanctorum.

Marcel ainda pensava na pequena discussão entre Augustus e Julius durante o almoço. Suspeitou não ser a primeira vez que aquele assunto causava um desentendimento entre os dois. Ver os irmãos juntos lhe trouxe a imagem de Nicolas à mente. Mantinha uma boa relação com o filho de seu padrasto, contudo, nunca chegaram a serem irmãos.

Quando sua mãe e Nil casaram, Marcel estava com doze anos e Nicolas era um menino de dez, seguindo-o a toda parte na festa do casamento. Tentou afastá-lo diversas vezes, até perder a paciência e lhe dar um empurrão, derrubando-o. Durante quase um ano, fora um péssimo irmão mais velho. Eventualmente, aprendeu a aceitar a nova família de Anna e a se dar bem com Nicolas, mas a barreira que ergueu naquela época

os impedia de desenvolverem um laço genuinamente fraternal.

Marcel sacudiu a cabeça para afastar os pensamentos. Camilla buscava forças pensando na família, mas ele se sentia de forma diferente. Imagens de casa e da família

o deixavam melancólico. Seria melhor concentrar-se nas tarefas à sua frente.

Atravessaram uma avenida de pista larga e entraram numa rua secundária, com lojas de departamentos em ambos os lados. De súbito, Marcel lembrou de uma informação importante.

— Vocês podem querer nos deixar antes de chegarmos. Pelo que sei, essas bases avançadas são rodeadas por câmeras de segurança que transmitem tudo em tempo real

para a central da Arcanum, em Januarii.

— Como transmitem sem sinal? — perguntou Julius.

— À moda antiga, cabos subterrâneos de fibra óptica.

Os quatro chegaram perto de uma esquina.

— Se é assim — disse Augustus. — É melhor que...

Dobraram a esquina para surpreender sete soldados de uniforme camuflado

distraídos, uma loira sequer usava capacete. Um caminhão-tanque com as portas abertas

bloqueava a passagem. Por um instante, os grupos encararam-se imóveis. Um soldado

grandalhão, de dois metros de altura e porte corpulento, empunhou o fuzil de assalto e

abriu fogo. Augustus empurrou seus companheiros pela esquina, os disparos passaram

raspando.

Marcel e outros correram de volta pelo caminho que vieram. Ele aprontou o bastão sem diminuir o passo. Na rua de cima, o caminhão-tanque deu partida enquanto

palavras de comando eram gritadas.

— Por aqui! — Augustus apontou um portão de grade simples, que dava para um lance de degraus espremidos entre duas lojas. Um tiro da escopeta explodiu a fechadura. Os quatro subiram pelo espaço apertado, Camilla enroscou o pé nas trepadeiras, Marcel a ajudou a levantar.

Bem pensando, Augustus. Os soldados também vão ter de subir em fila.

Deram numa pequena laje, uma porta de ferro conduzia ao piso superior de uma loja.

— Julius e Camilla, a porta! Marcel, comigo!

Marcel posicionou-se atrás da quina da parede, preparado para recepcionar quem subisse os degraus. Sabia que o peso extra da mochila seria um incômodo na hora da

luta, mas não queria largá-la. Augustus ficou ao lado dele com a escopeta emitindo um

zumbido baixo, pronta para disparar.

— Eles vieram por aqui! — alertou uma voz feminina no início dos degraus.

Coturnos pesados subiram. *Dois passos*, pensou Marcel.

Ele esperou chegarem ao último degrau para atacar. O bastão atingiu o estômago da mulher que vinha a frente, fazendo-a se dobrar. Mirou o golpe seguinte no pulso, ela

deixou cair o fuzil. O bastão estocou o capacete, a soldado cambaleou para trás sobre o

companheiro que a seguia de perto.

O corpo do homem impediu que ela caísse. Atrapalhado, o soldado não teve como apontar seu fuzil. Augustus saiu do esconderijo e atirou. Um projétil de plasma

concentrado explodiu contra o peito do soldado, o segundo disparo liquidou a mulher.

Lá embaixo, o grandalhão apontou seu fuzil. Os dois rapazes no alto saltaram para a proteção da quina pouco antes da rajada arrancar o reboco da parede. Augustus

guardou a escopeta na bainha das costas e puxou o fuzil de assalto da soldado

com o pé.

O grandalhão disparou uma nova rajada, Augustus revidou mantendo-se agachado.

— Que merda é essa?

Marcel arriscou um olhar cauteloso. O soldado estava escondido, alguma fonte de luz projetava um brilho tímido. Sem se revelar por completo, o grandalhão fez um

movimento com braço e lançou um bólido de fogo do tamanho de uma bola de basquete.

— Cuidado! — Marcel agarrou o colarinho de seu companheiro e saltou, puxando-o consigo.

O bólido atingiu a quina da parede, abrindo um rombo.

— O que foi isso? — perguntou Augustus, assustado.

— A gema-flama — *como é possível?* , pensou Marcel.

— Você tem um truque desses?

Marcel fechou os olhos, concentrando-se para ativar a gema-trovão. O esforço não deu resultado.

— Foi mal.

— Venham! — chamou Camilla quando Julius destrancou a porta de ferro.

Correram para dentro. Marcel girou uma chave embutida para tranca-la e quebrou-a dentro da fechadura com um chute. Encontravam-se num depósito abafado,

cheio de prateleiras vazias e caixas de papelão espalhadas pelo chão. Barricaram a porta

para ganhar mais tempo.

O acesso para o resto da loja estava trancado. Augustus entregou o fuzil de assalto para o irmão e voltou a empunhar a escopeta, um disparo liberou a passagem

para eles.

— Sabe usar uma dessas? — perguntou Camilla a Julius.

Em resposta, o garoto puxou um dispositivo na parte de cima do cano, engatilhando o fuzil. As linhas de energia ao longo do cano acenderam.

O musgo e as trepadeiras cobriam o piso superior da loja de departamentos.

Pouca coisa fora deixada para trás, além de alguns moveis para expor produtos e uma

cabeceira de cama aos pedaços. Um enorme recorte retangular no piso, cercado por uma

mureta de um metro permitia uma boa visão do andar inferior, onde cresciam tufos de

mato e restos de manequins jaziam abandonados.

— Vamos descer e depois... — um grande estrondo interrompeu Augustus. O caminhão-tanque atravessou uma vitrine protegida por um revestimento de aço.

As rodas frearam, mesmo assim, o veículo bateu de frente contra uma grossa pilastra quadrada. O impacto fez o prédio tremer, mas o caminhão-tanque não mostrou

sinais de dano. Uma trinca de inimigos saltou da cabine e buscou abrigo.

Um quarto soldado empunhou a metralhadora giratória instalada na parte superior do veículo e abriu fogo. Marcel e os demais se abaixaram atrás da mureta. O

ângulo da metralhadora era ruim e a rajada brilhante passou longe. Uma soldada abrigada numa pilha de escombros ergueu parcialmente o corpo, gritou algo para o

sujeito na metralhadora e olhou para cima, a mão esquerda brilhando.

— Vão usar uma gema — alertou Marcel.

— Fiquem perto de mim! — gritou Camilla.

A mulher apontou para Camilla, o homem acionou a metralhadora giratória. Os disparos de plasma passaram pela abertura do segundo piso, a soldado gesticulou e a

rajada desenhou uma curva no ar. Os projéteis chocaram-se contra o escudo telecinético

que Camilla gerou com os braços abertos, ricocheteando em todas as direções.

A soldada também tem uma gema-telecinética.

A metralhadora silenciou. Os inimigos permanecerem estáticos, provavelmente surpresos por ver Camilla Noble usar o poder das gemas. Mais que depressa, Augustus

soltou a escopeta e sacou as pistolas de plasma que trazia nas coxas, disparando ambas

as armas. A mulher recebeu uma dúzia de disparos antes de tombar.

Outro soldado, escondido numa pilastra próxima da pilha de entulhos, abriu fogo com o fuzil de assalto. Augustus revidou. Disparos atravessaram a viseira escura

do

capacete do soldado, o rapaz caiu de costas, atingido no ombro direito.

— Mano! — acudiu Julius.

— Estou bem. Não foi nada.

Os inimigos não deram descanso. Mais disparos acertaram a mureta, perto dos irmãos. Mantendo-se abaixado, Marcel se deslocou, procurando um ângulo para estudar

melhor o cenário. Camilla decidiu acompanhá-lo.

Abrigaram-se no lado do recorte quadrado mais próximo à porta do depósito. A

face sul, orientou-se Marcel. Augustus e Julius estavam protegidos atrás da mureta na

face oeste do recorte. Lá embaixo, o caminhão mantinha-se na posição norte e restavam

dois soldados: o que manuseava a metralhadora giratória e outro abrigado atrás de uma

pilastra logo abaixo dos irmãos.

A metralhadora disparou em sua direção. A rajada passou próxima dessa vez. O soldado atrás da pilastra pôs o fuzil de lado e invocou sua gema. Um relâmpago ascendeu ao piso superior, causando grandes danos a mureta e ao teto.

Gema-trovão já é implicância, pensou Marcel. Augustus decidiu agir.

— Vou distrair o Faísca aqui embaixo. Dê a volta e acerte pelo outro lado —

disse ao irmão. Sangue escorria pelo braço direito, pendido junto ao corpo. Julius

balançou a cabeça assustado. O mais velho deixou a pistola no chão, segurou a nuca do

caçula e o olhou dentro dos olhos. — Eu conto com você, maninho.

— Tá — o garoto ganhou coragem.

Augustus apanhou a pistola com a mão canhota. Sem se revelar, atirou às cegas para baixo. O soldado lançou uma nova descarga elétrica para cima. Julius deu a volta

fora do campo de visão dos inimigos, abrigando-se na face leste do quadrado.

Um suor frio escorreu pelo rosto do garoto quando fez pontaria e apertou o gatilho. A rajada fuzilou o soldado. Porém, o coice da arma foi forte demais e Julius

deixou o fuzil de assalto cair para o piso inferior.

Segurando o ombro direito, Augustus correu para o irmão. Marcel já pensava em como desceriam em segurança os dois lances de escada que conduziam para baixo

quando um ruído o fez se virar para ver o soldado grandalhão passar pela porta do

deposito de arma em punho.

— Camilla, ali!

Num gesto instintivo, ela agitou o braço direito. A gema brilhou e o fuzil do grandalhão voou longe.

Marcel aproveitou a brecha e avançou com um brado. O bastão atingiu flanco do soldado um par de vezes e mais uma vez no lado oposto. Era como golpear rocha sólida.

O grandalhão apenas falseou sem perder o equilíbrio e agarrou o pescoço de Marcel

com apenas uma das mãos.

O bastão golpeou aquele braço forte. O grandalhão bufou, mas não o largou e ainda aumentou a pressão. Pelo canto do olho, Marcel viu Augustus apontar a pistola. O

soldado usou-o como escudo humano.

— Se atirar, vai acertar seu amigo — rosnou o grandalhão, a voz abafada pelo capacete. Ele ergueu a mão direita, uma bola de fogo começou a surgir.

Marcel atingiu o lado da barriga de seu inimigo sem causar grandes danos.

Precisava encontrar um ponto fraco para atacar, mas com a pressão na garganta dificultando a respiração, não conseguia pensar direito.

Num estalo, percebeu que sua própria situação era a resposta.

Segurou o bastão na vertical e o moveu para cima. A ponta entrou no pequeno espaço entre o capacete e a garganta do inimigo, atingindo-o no pomo de adão.

Empurrou uma segunda vez. Os golpes não tiveram muita força, nem precisavam. A

bola de fogo dissipou. O grandalhão o largou, levando as mãos ao pescoço.

Marcel apoiou-se no bastão para não cair. Um afluxo subiu até a boca e pensou que vomitaria, apenas cuspiu. Olhou para o grandalhão curvado e não conseguiu conter-

se. Ergueu o joelho e atingiu o capacete com a sola da bota. O inimigo caiu de costas

com todo o peso do corpo.

Camilla veio ajudá-lo, mas antes que pudessem fazer qualquer coisa, o piso começou a tremer. Ainda não estavam fora de perigo. Voltou-se para a abertura retangular. Não podia ver o soldado da metralhadora, mas percebeu um brilho acima da

cabine e adivinhou o que se passava.

— A gema-rocha! Ele vai derrubar o andar!

Correram de volta para o depósito e dali para a laje. O espaço entre os prédios era pequeno o bastante para saltarem pelos telhados até encontrarem uma escada estreita

descendo para o outro lado da rua.

— Vamos para a Base Zero! Não parem!

O grupo desatou numa carreira sem olhar para trás. Ouviram um enorme estrondo. Ninguém se atreveu a verificar se a loja desabara parcialmente ou por completo. Marcel manteve o bastão na mão canhota e passou o outro braço pela cintura

de Camilla. Apoiaram-se um no outro, correndo cada um com uma perna machucada.

Augustus seguiu em frente segurando o ombro baleado, Julius corria ao lado do irmão.

Passaram pelo local onde haviam encontrado os soldados. Um raio riscou as nuvens pesadas, seguido por um trovão e pelo som do motor do caminhão-tanque. As

primeiras gotas de chuva caíram.

Ao dobrar uma esquina, avistaram o edifício da Base Zero no final da rua. A pintura cinza reluzia em tons metálicos, uma faixa azul cortava a fachada. O símbolo da

Arcanum decorava a frente. Na lateral, viam-se três longas janelas horizontais, que iam

de uma extremidade à outra. Um alambrado novo em folha, encimado por uma cerca

elétrica, rodeava o terreno de algumas quadras.

O grupo continuou avançando numa corrida cambaleante. O caminhão-tanque virou a esquina em alta velocidade. A rua começou a tremer. Marcel arriscou uma

olhada rápida sobre o ombro. Viu o soldado sobre a cabine esticar o braço, a mão brilhando, os dedos torcidos numa garra, a cabeça inclinada num sinal de esforço.

OuvIU um som de deslizamento de terra, seus companheiros gritaram. Antes que pudesse se virar, o chão sumiu debaixo dos pés. Desabaram na vala de um metro e

meio, aberta pela gema-rocha do soldado.

Um trovão ressoou à distância. A chuva engrossou.

Marcel viu Augustus contorcendo-se no fundo da vala, o ombro vertia sangue.

Julius estava zozzo, mas parecia ter caído de melhor jeito.

— Mano? — chamou o garoto.

— V-vai... — disse Augustus com uma careta de dor. — N-nos pegaram...

VAI!

Julius escalou a vala e correu para longe, desaparecendo entre os prédios.

Camilla jazia caída de bruços, a cabeça pousada num bloco de asfalto. Sentindo um calafrio, Marcel a virou, o cabelo castanho claro estava empapado de sangue onde batera a cabeça.

— Camilla? Camilla? — deu tapinhas em seu rosto. Ela não reagiu. Colocou dois dedos onde o pescoço dela encontrava o maxilar e agradeceu por sentir a artéria pulsando.

O caminhão-tanque estacionou. O grandalhão desceu e parou na beirada do buraco. Marcel encontrou o bastão e apoiou-se nele, mas recebeu um coturno no queixo, as costas chocaram-se contra a lateral da vala. Ele caiu de lado, com a parte de cima do tronco sobre a rua.

— Anda logo! — rosnou o grandalhão para o companheiro. — Acaba com eles!

O soldado da metralhadora giratória forcejou para manter o equilíbrio, esgotado pelo uso da gema-rocha. Segurou as alavancas da arma e empurrou o cano na direção da

vala. Três disparos atingiram o peito do soldado. Augustus apontou a pistola fumegante para o grandalhão.

O gigante o desarmou com um chute e desferiu outro pontapé no rosto do rapaz, deixando-o desacordado. Marcel ficou de pé novamente. A água escorria pelo

rosto

fazendo os olhos arderem. *Chuva ácida*. Um ponto vermelho do outro lado da rua

chamou sua atenção. Tratava-se de uma das câmeras que rodeavam a base.

— Ei! — gritou, sacudindo os braços para a câmera. — Camilla Noble e dois amigos estão comigo! Ajudem!

O grandalhão ergueu o braço. Mesmo naquela chuva, uma bola de fogo começou a se formar, soltando fios de vapor. Marcel o ignorou e continuou pedindo socorro.

Quando o inimigo fez o movimento de lançar o ataque, atirou-se sobre Camilla.

O bólido explodiu antes de ser jogado. As chamas o ofuscaram. Ouviu sons de luta, mas já não tinha forças para ficar de pé. Alguém saltou para dentro da vala.

— Relaxa, colega — disse uma voz mansa familiar.

Marcel entreabriu um olho e soube que estava morto. Tinha de estar, porque viu Sandrino Miller. Depois, tudo ficou escuro.

ONZE

Deu por si sentado em seu lugar na sala do 1º. Colegial D, o terminal à sua frente. O professor falava sem parar, embora não entendesse nada do que dizia. Tampouco o viu ao levantar a cabeça e olhar ao redor. Na verdade, não viu mais ninguém.

“Lembra na segunda série, quando a gente matava aula para ver os arcanistas treinando?”, a voz de Beatrix veio do lugar de sempre, bem a seu lado.

Claro que lembro. Nunca esqueço de nada que fiz com você.

“Mentiroso! Você já me esqueceu!”

Levantou a cabeça novamente para vê-la saindo da sala. Correu atrás dela.

Atravessou a saída e se viu cruzando a área de treinamento, ela entrou em um dos

elevadores. Apenas piscou os olhos e estava no alojamento, o vulto de Beatrix passou

rumo a um dos vestiários. Ele a seguiu, correndo pelo grande corredor circular do

térreo.

Volte, por favor! Não se afaste!

Atravessou outra porta e todos aplaudiram. Nas mesas e na pista de dança,

convidados, lideranças, oficiais, arcanistas, guardas. Todos os presentes à cerimônia de

graduação ovacionaram um desconcertado Marcel, sozinho no palco, envergando o

capote arcanista.

Por que isso? O que estão aplaudindo?

Micaela Jermein surgiu no palco. O cabelo rosa solto. Ela respondeu que o

aplaudiam. Ao menos, ele pensou tê-la ouvido responder, embora não tivesse certeza de

a ver abrir a boca.

Estão me aplaudindo?

Katrina Kolin apareceu sorrindo e afirmando que estavam impressionados com a

coragem e persistência de Marcel.

Mas eu sempre pensei que todos me consideravam um perdedor.

“Shhhh”, Adriene Elven juntou-se a elas. “Vai começar a valsa...”

A Valsa do Imperador tocou sem orquestra. A música vinha de todo lugar.

Marcel viu seus pais rodopiando na pista de dança, sorrindo um para o outro e para ele.

Vesper ocupava uma mesa perto do palco, ela ergueu uma taça de champanhe e

lhe lançou um olhar orgulhoso. Ao lado da mesa, um homem de capote azul mantinha-

se de costas, olhando insistentemente para o alto através de um binóculo. Enzo se voltou

em sua direção. Uma explosão engoliu o *queen*.

Marcel jogou-se no chão instintivamente. Explosões pipocaram ao seu redor.

Uma voz feminina chamou seu nome inúmeras vezes. Ergueu os olhos para encarar

Beatrix.

Ela o puxou pela mão, brandindo a katana na outra. Correram pelas ruas da

Cidade Baixa, as explosões prosseguiram. Ela afirmou que era tudo culpa dele, por ter

escolhido ficar ao lado da pessoa errada.

“Sou eu quem você ama”, disse Beatrix. “Não ela.”

Marcel tropeçou. Virou o rosto para ver no quê e encontrou os corpos sem vida

de seus pais, voltou-se para Beatrix, encontrando-a morta. As explosões cessaram e ele

se viu rodeado de cadáveres. Seus colegas da Unidade 31-3, Kelvin, Nicolas, Nil, todas

as pessoas que conhecia. O desespero cresceu no peito, as entranhas viraram água.

Nuvens vermelhas cobriram o céu.

Avistou Camilla sem ver seu rosto. Estava usando o mesmo vestido preto da noite em que se conheceram e dançaram. Um forte trovão sacudiu os prédios, as nuvens

despejaram uma chuva de sangue sobre eles. Camilla ergueu os braços, olhando para o

alto...

Marcel acordou agitado. Tentaram segura-lo pelos ombros, mas se debateu furiosamente.

— Está tudo bem — disse uma arcanista de rosto redondo. Ela usava óculos e tinha uma seringa na mão. — Só te dei uma injeção de estimulante, já vai passar —

nada do que ela disse acalmou Marcel. A repeliu, tentando levantar. Outra mão mais

forte empurrou seu peito e o fez deitar na cadeira-leito novamente.

— Vai devagar, colega — disse Sandrino.

— Não! Você morreu! — Marcel continuou se debatendo até receber uma forte bofetada com as costas da mão.

Ficou quieto, respirando pesadamente, buscando colocar as ideias em ordem.

Correu os olhos pelo ambiente de paredes claras, sentiu cheiro de desinfetante e

entendeu estar num pequeno consultório. Seria na Base Zero? Tinha de ser. Ele e os

outros estavam tão perto quando as ruas começaram a explodir.

Não, está errado. Eu sonhei com as explosões, isso não aconteceu. Camilla estava dançando... Não... estava desmaiada.

Respirou fundo, colocando os nervos no lugar. Ajeitou-se na cadeira e fitou Sandrino.

— A Camilla está bem? — os lábios tremiam. — E os outros? Cadê eles?

— Bom te ver também, colega — Sandrino mostrou-se ofendido.

— Desculpe — a respiração de Marcel voltou ao ritmo normal, os músculos relaxaram, mas a cabeça doía. Sentou devagar na beirada da cadeira-leito, notou que

calçava as botas e ainda vestia a camisa preta de mangas longas. Esticou o braço com o

punho fechado para Sandrino. — Que bom que está vivo.

Sandrino o cumprimentou com um soquinho em seu punho. Marcel percebeu a mão esquerda enfaixada e dolorida. Voltou-se para a médica, uma mulher baixa e cheinha, usando óculos de aros grossos, o cabelo moreno preso num rabo de cavalo

comprido. Ela o encarava com os olhos arregalados e a boca entreaberta. Sandrino fez

um som gutural, a doutora se recompôs.

— Hmm, olá, sou a *bishop* Meri.

No Instituto Beta, o doutor Evan podia tratar suas queimaduras em poucas horas, mas pelo jeito, Meri nem o examinou, sequer trocou a gaze.

— Quando tempo fiquei apagado?

— Pouco tempo, eh, uma hora, no máximo. Nós te achamos caído naquele

buraco e o Sandrino aqui, ele te trouxe e eu cuidei dos seus ferimentos e... eh, apliquei

um estimulante para você acordar.

Sandrino tomou a palavra:

— O *queen* pediu para ser avisado assim que o Marcel acordasse.

O queen? Enzo? Mas vi o que sobrou do corpo de Enzo.

— Ah, é mesmo! — disse Meri, num tom agudo. — Vou mandar uma mensagem para o terminal dele.

— Faz isso — Sandrino rebateu num tom firme. A médica saiu para o escritório contiguo ao consultório.

Marcel ficou de pé e alongou os músculos. O consultório era simples, mobiliado com a cadeira-leito, uma balança digital, uma câmera de segurança no alto, um móvel

baixo e comprido com muitas gavetas sobre o qual repousavam instrumentos médicos e

folhetos, além do seu capote, dobrado ao lado de sua carteira, seu *smart watch* quebrado, o *tablet* e o bastão.

— Então, Sandrino, como chegou aqui? — disse, vestindo o capote, já bem

surrado. *Podiam ter me arranjado um novo.*

— Nem te conto. Levei quatro tiros de raspão desse lado — ele indicou a área embaixo do braço esquerdo, que só conseguiu erguer ligeiramente. — Fiquei largado no

trilho um tempão, só não morri porque o pessoal da base apareceu para me resgatar.

— Como subiram até o trilho?

— Por um elevador de manutenção — e acrescentou, não sem certa dose de emoção. — Eles salvaram minha vida!

— Queria saber por onde o resgate andou depois disso. Não vimos nem sombra deles — Marcel espetou o alfinete em forma de peão na gola, prendeu o bastão no cinto

e guardou o *tablet* e os pertences nos bolsos do capote.

— Mas procuraram vocês sim — Sandrino deu alguns passos incertos e baixou os olhos para a região ferida do tronco. — Tiveram problemas com o pessoal de farda camuflada.

— Quem é aquela gente?

— Vou falar uma coisa pra ti, colega — Sandrino baixou a voz. — O ataque ao trem foi a maior armação. O *queen* vai te explicar direitinho.

Marcel lembrou que os *kings* eram oficiais de comando e cabia aos *queens* o papel de oficiais de campo. Em bases avançadas, o *king* apenas fazia visitas administrativas regulares e trocava e-mails com o *queen* acerca das decisões a

serem

tomadas.

Esperaram no escritório. Instantes mais tarde, a porta deslizou para dar passagem a um casal de arcanistas. *Não é Enzo.*

O homem entrou primeiro, caminhando de forma ativa e cadenciada. Um sujeito esbelto, de cabelos escuros penteados para trás com gel. Tinha um rosto viril, olhos

penetrantes e uma expressão fria. Um alfinete em forma de rainha decorava a gola da

camisa. Trazia o capote azul abotoado como um bom oficial, no lado esquerdo do cinto

preto que usava por cima do sobretudo pendia um sabre de esgrima retraído.

— Prazer em conhece-lo, *pawn* Seeder — disse de maneira formal com uma voz grave e controlada. — Sou o *queen* Vergil, esta é a *knight* Silvana.

Marcel já havia reparado na mulher. Seria difícil não reparar. O cabelo tingido de laranja era raspado atrás e dos lados, mantendo um topete em cima, a cor criava um

contraste com a palidez da pele. Tinha olhos azuis vivos e um ar insinuante. Na gola,

um alfinete na forma do cavalo do xadrez. Deixara alguns botões da camisa preta sem

abotoar, fazendo um decote. Usava o capote aberto e trazia uma estreita barra retangular

de material preto em cada lado da cintura. Marcel não sabia que arma era aquela.

Silvana percebeu a maneira curiosa como a estudava. Em resposta, estalou um beijo em sua direção.

— Achei você bonitinho também.

Corando, Marcel voltou suas atenções ao *queen*.

— Posso ver que passou por maus bocados, *pawn* Seeder — disse Vergil, pausadamente. — Tenho muitas perguntas a fazer e estou certo de que também tem as suas.

— No momento, senhor, só quero saber se meus amigos estão bem. A Camilla bateu...

— *Camilla*? — exclamou Silvana, de forma maliciosa. — Já estão íntimos?

— ... digo — recomeçou Marcel, medindo as palavras. — A senhorita Noble bateu a cabeça e perdeu os sentidos. O Augustus foi baleado. E gostaria de saber do

Julius também.

Os olhos frios de Vergil o encararam em silêncio por um instante breve e desconfortável.

— A *bishop* Meri o levará para ver a senhorita Noble. Quanto aos outros dois, não poderá vê-los. *Pawn* Miller, faça companhia ao *pawn* Seeder, mostre nossas instalações para assegurar que ele não se perca — voltou-se para Marcel. — Descanse, coma algo, e depois vá à minha sala.

Marcel sentiu um calafrio ante a frieza do *queen*.

— Desculpe perguntar, senhor, mas por que não posso ver Augustus e Julius?

Foi Silvana quem respondeu:

— Porque estão encarcerados, os dois são membros do Voz Verde — Silvana tocou o rosto dele. — Sabia disso?

— Por favor, Silvana — disse Vergil. — Tenho certeza que Seeder acreditava estar cumprindo seu dever.

Marcel lembrou do sonho. Borboletas dançaram dentro de seu estômago.

— Do que estão falando?

— Paciência. Venha à minha sala mais tarde e tudo será explicado.

Vergil deixou o escritório num passo cadenciado, as mãos juntas na parte de trás da cintura. Silvana encarou Marcel antes de acompanhar o oficial. O encontro o deixou

desconcertado. Não sabia dizer se estava mais incomodado com a falta de sutileza da

knight ou com a postura fria do *queen*.

Sandrino pôs a mão em seu ombro.

— Vamos ver a guria. Você primeiro, Meri.

A doutora tirou os óculos e esfregou os olhos. Aparentava estar exausta.

— Me acompanhem.

Deixaram o escritório. De um lado, janelas contínuas estendiam-se por toda a fachada do prédio. Lá fora, a chuva caía pesada, mas apenas sons abafados

chegavam a

eles. Marcel seguiu mancando. Colocar peso no pé esquerdo estava mais difícil do que

antes. A essa altura, desistira de fazer um inventário de suas dores.

— Parece que judiaram de ti, colega — Sandrino não conseguia disfarçar a rigidez no lado ferido.

— Nada mal para nossa primeira semana... Ah, droga! Acabei de lembrar que o alimentador do meu aquário só tinha ração para uma semana. Tomara que os peixes não

comam uns aos outros.

Sob a vigilância das câmeras, passaram pela porta dupla no final do corredor, atravessaram a sala de operações e entraram num quarto de UTI com paredes azul

celeste.

Camilla repousava num leito com grades laterais, a parte que apoiava a cabeça e o tronco estava inclinada para cima. Um grande emplasto fora colocado sobre a lesão.

Tinha o cabelo solto e Meri não trocara suas roupas. Um sensor sem fio embaixo da

blusa transmitia para um monitor cardíaco holográfico, emitindo um bip constante

enquanto a linha que marcava a pulsação subia e descia.

Marcel chegou junto ao leito. As imagens que viu no sonho o assaltaram: as explosões, os cadáveres das pessoas que amava e Camilla banhada por uma

chuva de

sangue.

“É tudo culpa sua...”, ele ouvira Beatrix dizer. *“Sou eu quem você ama, não ela”*.

Foi só um pesadelo, repetiu para si mesmo. *Só um sonho ruim.*

A cabeça começou a girar. Deu por si com as mãos erguidas em forma de garra.

O ângulo de visão fazia parecer que estavam em torno do pescoço de Camilla.

Assustou-se. Zonzo, agarrou as barras da cama, os dedos machucados da mão esquerda protestaram. De alguma forma, a dor o fez recuperar o controle.

— Qual é a condição? — perguntou, recompondo-se.

— Ela teve um traumatismo quando bateu a cabeça. Está sedada para seu próprio bem — Meri falou depressa e com pouca entonação.

Num segundo momento, ele reparou como Camilla parecia frágil. *Essa Meri é uma péssima médica! Pelo menos, podia tê-la limpado e trocado as roupas sujas.*

Procurou a doutora com o olhar, Meri virou o rosto depressa. *Será que ela é sempre tão nervosa?*

Ainda assim, não podia culpar aquela mulher pelo que houve. *Falhei com você,*

Camilla, ajeitou um fio castanho que caía na testa dela. *Não consegui impedir que te*

machucassem.

— Sandrino, me mostra onde fica a sala do *queen* Vergil. Quero falar com ele agora mesmo.

Meri permaneceu com Camilla, a doutora afastou o rosto novamente quando seu olhar cruzou com o de Marcel. Antes de sair da UTI, ele virou-se para o leito mais uma

vez... *Chuva de sangue*... Afastou a imagem sacudindo a cabeça.

Não conseguia parar de pensar no pesadelo. Nunca teve um sonho tão vivido.

Normalmente, seus sonhos dissipavam-se assim que abria os olhos. Às vezes, mantinha

lembranças parciais dos últimos momentos antes de acordar, mas na maioria das vezes

recordava apenas ter sonhado, sem saber exatamente o quê.

Dessa vez, porém, era diferente. Recordava-se de cada detalhe, das imagens, das vozes, dos cheiros. Também viu os pais dançando e essa até que foi uma boa imagem,

embora já houvesse entendido há tempos que os dois não voltariam a ficar juntos. Como

estariam encarando seu desaparecimento?

Duvidava que a mãe soubesse o que fazer. Desde o casamento com Nil, tornara-se uma eterna adolescente e não lidava bem com responsabilidades adultas, incluindo a

maternidade. Ao menos para com ele. Nicolas nunca pareceu ter problemas em aceita-la

como uma segunda mãe.

E quanto ao pai? Reviveria suas velhas ligações arcanistas? Participaria de conselhos de guerra? Daria entrevistas falando sobre o filho desaparecido em ação?

Teve a sensação de que seu sumiço o desentocaria de casa. Possivelmente, tudo aquilo

não era um mau negócio para Antonius.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma mudança de pressão no estômago. Havia entrado no elevador sem perceber e descia com Sandrino do segundo

para o primeiro andar. O painel exibia apenas três botões.

— Se os escritórios são no primeiro andar, o que tem no térreo?

— A garagem — respondeu Sandrino.

O corredor do primeiro andar revelou-se idêntico ao do segundo, as janelas do lado da fachada e no outro, paredes azul-claro. O piso era um encerado cinza, com uma

linha indicando os caminhos. A manutenção da Base Zero aparentava ser impecável,

apesar dos escritórios vazios e dos corredores laterais onde não viam ninguém. Os

passos, mesmo os murmúrios, produziam ecos.

— Que lugar animado.

— A maioria do esquadrão está no departamento médico — Sandrino virou o rosto para o lado antes de prosseguir. — Os inimigos atacaram ontem e... e... muita

gente se machucou. Até os cabos ópticos foram rompidos — apontou para uma câmera

perto do teto. — As câmeras gravam, mas não transmitem.

— Tomara que nunca mandem nossa Unidade para cá. Eu morreria de tédio.

Sandrino colocou a mão na frente da boca.

— A Meri me contou que o Vergil e a Silvana espantam o tédio juntos — a voz soou baixa e maliciosa.

No escritório, o *queen* e a *knight* estudavam os prédios holográficos de um mapa tridimensional. Marcel deu uma boa olhada nos dois e achou difícil acreditar na fofoca

de Sandrino. Fecharam o mapa, projetado por um *tablet* transparente que Silvana recolheu, dobrou e enfiou nos bolsos.

Vergil fez sinal para Marcel ocupar a cadeira diante de sua mesa, o *queen* ficou de pé no centro do escritório, com as mãos juntas atrás da cintura. Silvana sentou em

cima da mesa, encarando-o com aquele olhar cheio de intenções.

— Viu a senhorita Noble? — perguntou Vergil no seu tom frio.

— Vi. Tomara que ela acorde logo.

— O *pawn* Miller nos colocou a par do ataque ocorrido no trem — Vergil dirigiu um olhar para Sandrino antes de prosseguir: — Um relatório perturbador, se me perguntar. *Pawn Seeder*, conte-nos exatamente o que ocorreu após as duas metades do

trem terem se separado. Desde a fuga até o momento em que os encontramos

encurralados às portas da Base Zero.

Marcel tirou alguns segundos para puxar a memória e começou seu relato. Deu tantos detalhes quanto possível, exceto um, que omitiu de propósito: o fato de já não ser capaz de ativar a gema-trovão.

— Que história, colega! — exclamou Sandrino, assim que Marcel terminou.

— De fato — concordou Vergil. O *queen* permaneceu imóvel durante o relato, mal piscando os olhos. Pensativo, deu alguns passos pelo escritório.

— É duro de acreditar que alguém que somou setenta pontos no exame saiu vivo de tudo isso — disse Silvana. — Temos um *pawn* cheio de surpresas aqui! Se bem que

o melhor seria ter abandonado Camilla Noble na primeira oportunidade.

— Deixa-la para trás? — Marcel saltou da cadeira, depois recordou que um arcanista deve sempre respeitar seus superiores e voltou a sentar. — Por que eu deveria

ter deixado ela sozinha na Cidade Baixa?

— Além de tudo, é inocente! Vou acabar apaixonada.

— Contenha-se, *knight* Silvana — Vergil voltou a ficar diante de Marcel. — Mostre o vídeo.

Silvana inclinou-se para ver a tela do terminal em cima da mesa em que se sentava. O aparelho projetou um vídeo holográfico na parede.

— Essa é uma matéria do jornal de hoje — disse Vergil.

— Preste atenção — emendou Silvana.

A qualidade do vídeo apresentava falhas, chuviscos prejudicavam a imagem e o áudio. A reportagem começou mostrando o trem oficial aos pedaços dentro da estação

de Januarii. Buracos cobriam a fuselagem da composição, sem falar do vagão partido ao

meio, focalizado o tempo todo. O rodapé exibia uma frase objetiva: “Camilla Noble

continua desaparecida”.

— ... Camilla Noble desapareceu dois dias atrás, após o trem oficial, em que viajava com a família, ter sido alvo de um atentado que vem sendo chamado de Assalto

ao Trem Regencial — a imagem mostrou os outros Noble descendo na estação sob forte

esquema de segurança. Em seguida, apareceu um repórter de cabelo escuro em frente à

sede do governo, cercada de guardas nacionais. — Segundo testemunho do próprio

Regente-Geral, sua filha foi vista pela última vez escoltada por membros da Guarda

Nacional e da Arcanum...

Membros? , pensou Marcel. Só tem um arcanista nessa história. Eu. E nada de guardas.

A imagem cortou para mostrar Domenico dando uma coletiva em que reiterava sua fé no retorno seguro da filha, afirmando ter total confiança nos homens e

mulheres

que a protegiam quando desapareceu. Encerrou o discurso lamentando as vidas perdidas

durante o ataque. Com ele, estavam a Primeira-Dama e os filhos Nora e Marcus.

Pareciam muito abalados, mas bem. *Estão todos vivos. Preciso contar para a Camilla.*

O repórter voltou a surgir na tela.

— Fontes não-oficiais afirmam que houve vinte e quatro vítimas fatais durante o atentado. Os nomes dessas vítimas, assim como dos outros desaparecidos, não foram

divulgados. O Voz Verde é apontado como principal suspeito do ataque, contudo o

grupo não assumiu a autoria do atentado. Voltamos aos nossos estúdios...

O vídeo chegou ao fim. Marcel sentiu o estômago afundar. Nem queria pensar em quantos de seus amigos poderiam estar entre as vítimas. *E Beatrix?*

— Viu só? — disse Silvana de forma prepotente. — Aqui na base, as coisas podem estar calmas, mas lá fora...

— Calmas? — interrompeu Marcel. — O Sandrino me contou que a base foi atacada ontem.

— Ah, contou...? — a *knight* fechou a cara para Sandrino.

Vergil ergueu uma sobrancelha.

— E-eu... — Sandrino empalideceu. — falei dos inimigos que... que atacaram a base.

— Ataque... — Silvana virou o rosto resmungando, ajeitou o topete laranja e encarou os *pawns* com firmeza. — Aquilo não foi ataque, foi brincadeira de criança.

Vocês são muito garotos para saber o que é um confronto de verdade.

Marcel achava que os confrontos pelos quais passou eram verdadeiros o

bastante. Esse comportamento o fez ter certeza de uma coisa: *estão me enganando*,

todos eles. Isso explicaria o nervosismo de Meri e as informações desencontradas.

Não seria estranho esconderem algo. Líderes militares sempre cultivaram o hábito de controlar o fluxo de informações e a Arcanum não fugia à regra. Nos corredores do Instituto Beta dizia-se que os oficiais omitiam informações o tempo todo.

Se não fosse omissão, restaria apenas a opção de estarem mentindo, embora não pudesse pensar numa boa razão para mentirem. Muito menos sabia dizer se Sandrino

fazia parte disso ou se também o enganavam.

— Diga, *pawn* Seeder — Vergil prosseguiu, firme na postura com as mãos para trás e o peito estufado. — Qual é a sua opinião a respeito do que acabou de ver? Notou

alguma incoerência?

— Eu... — Marcel escolheu as palavras. Estando suas suspeitas certas ou não, achou melhor ter cautela. Quando abriu a boca para falar, uma leve tontura o acometeu.

— Só consigo pensar nos meus amigos, senhor. Estou preocupado com eles.

— Uma preocupação justificada. Vinte e quatro mortes é um número grande.

Entretanto, não parece incoerente que um atentado que fez tantas vítimas tenha deixado

seus alvos principais saírem ilesos?

Marcel compreendeu que Vergil tentava guiá-lo a uma conclusão específica.

— Não entendo o que quer dizer, senhor.

— Estou pensando no que nos contou, *pawn* Seeder. Quem decidiu vir para a Base Zero, em lugar de esperar o resgate?

— Bom — a vertigem piorou. — A Camilla decidiu, mas...

— E de quem foi a ideia de passarem pelo parque de diversões?

— A-acho que foi dela... — Marcel teve de agarrar aos braços da cadeira, a cabeça girando.

Chuva de sangue.

— Onde, coincidentemente, encontraram-se com aqueles dois rapazes — Vergil elevou o tom de voz. — Dois membros do Voz Verde. O que a senhorita Noble fez em seguida?

— E-eu quero v-vê-los...

É mentira... Estão mentindo.

— Camilla Noble fez uma aliança com eles. Não foi o que aconteceu?

— E-eu... n-não sei... — um suor frio escorreu pelo rosto, a visão começou a

perder o foco.

Chuva de sangue... É tudo culpa minha... Mentira.

— Pense, *pawn* Seeder, pense. O atentado, as pessoas que morreram e tudo que aconteceu depois foi uma grande conspiração da família Noble. E você ajudou.

— N-não...

A lógica do raciocínio o abalou. Parecia tão obvio, tão claro, como não pudera ter percebido antes? De repente, viu Silvana agachada a seu lado.

— Ela te usou — sussurrou a *knight* em seu ouvido. Em seguida, Silvana lhe mordiscou o lóbulo da orelha: — Ela te usou. Ela tem de morrer.

Mate-a... Não...! Mate-a... Mate-a...

Ele desabou da cadeira. As imagens do pesadelo rodopiavam em sua mente. *Isso*

é tudo culpa sua... Mate-a... Sou eu quem você ama, não ela... Mate-a... Mate-a!

Ergueu os olhos. Vergil agigantava-se à sua frente, Silvana e Sandrino olhavam para ele de cima. Olhares acusadores caindo em sua direção. Somente a expressão de

Julius mostrava preocupação.

Julius?

Viu o rosto do garoto de cabeça para baixo no canto superior da grande janela.

Sandrino acompanhou a direção de seu olhar, mas Julius escondeu-se antes de ser visto

pelos demais.

Marcel lutou para manter a consciência. Não queria ter outro pesadelo. Rolou sobre a mão esquerda, os dedos latejaram e, assim como no quarto de UTI, a dor pareceu afastar as imagens que o assaltavam. Apertou as queimaduras intencionalmente.

Soltou um gemido, mas a sensação de vertigem diminuiu.

Correu para a porta cambaleando e esbarrando em Sandrino antes que este tivesse tempo detê-lo. Fora do escritório, disparou pelo corredor. Parou sem saber para

onde ir. Apesar do coração quase saltando do peito e a mente um tanto nublada, pensava

com mais clareza.

— Espera, colega! — Sandrino o alcançou e tentou tocar em seu ombro, Marcel o repeliu. — Eu sei que é difícil de acreditar, mas é verdade.

Não queria conversar, só queria ir para longe de todos e das malditas câmeras.

Reparou nos banheiros masculino e feminino no final do corredor.

— Me dá um minuto para colocar as ideias em ordem.

Dentro do banheiro, lavou o rosto e o cabelo na pia e encarou seu reflexo

perturbado. A cabeça doendo como nunca, as imagens do pesadelo, as recordações dos

últimos dias e as palavras de Vergil dançavam em sua mente. Faltava pouco para enlouquecer.

Ouviu batidinhas leves contra o vidro.

Acima de sua cabeça, o rosto de Julius apareceu na janela quadrada. O garoto

bateu de novo. Marcel olhou em volta para certificar de que não havia mais ninguém no

banheiro. Fechou a torneira e escalou a pia. Empurrou a parte de baixo da janela para

fora, a parte de cima do vidro veio para dentro, deixando o barulho da chuva entrar.

Encharcado da cabeleira aos tênis, Julius permaneceu de fora, apenas mudou de posição

e continuou equilibrado sobre o beiral da janela. Marcel agarrou a gola ensopada da

camisa amarela.

— Ei! — surpreendeu-se Julius.

— Você e o Augustus são do Voz Verde?

Em resposta, o garoto deu de ombros com um sorriso desdenhoso.

— Atacaram o trem? — Marcel o sacudiu.

— Calma, assim eu vou cair! O que aquele cara te fez?

— Do que está falando?

— O sujeito de espada, aquele com as mãos para trás. A mão dele começou a brilhar e aí você caiu no chão.

Marcel afrouxou a pegada, foi como tomar um soco estômago. *Gema-mental!*

Tudo o que experimentou e sentiu desde que acordou, talvez até o pesadelo, podia ser

obra de manipulação mental. Sentiu-se mais perdido que nunca.

— Ainda não respondeu a pergunta, Julius — disse, sem convicção. — Eram

vocês no trem?

— Foram eles, Marcel, o pessoal da base. Eles são os inimigos!

— Pode provar?

— Posso se vier comigo.

— Você tá legal, colega? — chamou Sandrino do lado de fora.

Marcel olhou para a porta, depois para janela.

— Eu vou.

Espremeu-se pela parte de baixo do vidro. Anoitecia, escurecendo ainda mais o céu. Ficou ensopado assim que saiu para o lado de fora. Empurrou a parte de cima da

janela com as costas e se equilibrou sem jeito no recorte quadrado da parede. Julius

deslocou-se para a janela do banheiro feminino. Ao lado da área dos banheiros, ficavam

as janelas compridas, que cobriam toda a fachada. Abaixo, as janelas do primeiro nível

onde, de acordo com Sandrino, localizava-se a garagem.

Seria uma queda curta, mesmo assim, o chão de concreto sólido era pouco

convidativo. E cair o deixaria trancado fora do edifício. A chuva fez os olhos arderem.

A mente de Marcel desanuviou e, pela primeira vez desde que Meri o despertou, sentiu-

se completamente consciente.

— Parecia uma ideia melhor quando eu estava lá dentro — teve de levantar a

voz para superar o barulho da chuva forte.

— Esse sim, é você falando — Julius riu. — Vamos descer para a janela da garagem.

O garoto deslizou para baixo. Apesar do ombro machucado, exibiu uma agilidade felina. Num piscar de olhos, sumiu pela janela abaixo deles. Marcel pensou na

primeira vez que viu Julius no dia anterior, escalando uma roda-gigante.

Bom, não posso ficar aqui a noite inteira.

Com cautela, encostou o peito na parede, abraçando o espaço entre as janelas dos dois banheiros enquanto esticava o pé. Chegou à janela do banheiro feminino.

Deixou a perna pender para o beiral da janela de fachada, tão estreito que só conseguiu

equilibrar a ponta da bota. Precisava passar rapidamente, antes que alguém o visse. A

outra perna desceu, buscando, sem encontrar, algum ponto de apoio. *Onde é que o*

Julius pisou?

A mão esquerda segurou a alça da janela de fachada de forma frouxa, a mão direita agarrou o beiral da janela do banheiro feminino, os dedos doíam e a chuva

tornava tudo mais difícil. A ponta da bota quase encostava no beiral da janela inferior

quando escorregou. Os pés tocaram o ponto de apoio, mas a mão canhota escapou e só

não caiu porque Julius agarrou seu braço com firmeza e o ajudou a deslizar para dentro

da garagem.

Ensofado da cabeça aos pés, Marcel tirou um instante para superar o susto e aproveitou para examinar o ambiente. Pareciam ter adentrado outro edifício, o aspecto

do primeiro nível lembrava um galpão pouco iluminado. Lonas escuras cobriam dois

veículos de grande porte.

— Fica abaixado — disse Julius. — Têm câmeras do outro lado.

Pisando leve, desceram uma escada de mão feita de tubos metálicos. Julius os conduziu até a lateral de um dos veículos. Deixaram um rastro molhado por onde passaram.

— Pronto — disse o garoto. — Aqui estamos num ponto cego.

— E então?

— Olha só — Julius ergueu parte da lona, revelando a pintura camuflada em tons de verde. Marcel esticou o pescoço para dentro da cobertura. Sem dúvida, tratava-

se de um caminhão-tanque igual ao que os perseguiu.

— Ah, merda! — sentiu um gosto ruim na boca e uma sensação de apatia, frustração e raiva, tudo ao mesmo tempo. Sentou com as costas apoiadas na lataria do

veículo. — Droga, droga, droga, droga, droga! — deu uma cotovelada no caminhão-

tanque, depois se arrependeu por causa do barulho.

Esfrie a cabeça, idiota! , esfregou as têmporas tentando afastar o sentimento de traição assim como fez com outros pensamentos inconvenientes. Não tinha tempo para

lamentar, precisava pensar num jeito de libertar Camilla, e não apenas ela:

— Cadê o seu irmão?

— Pegaram ele — dessa vez, Julius ficou sério. — Lá na vala, eu vi tudo escondido. Depois que você desmaiou aquele grandão tirou o capacete e conversou com

a mulher de cabelo laranja, com a médica e com o seu amigo. Falaram sobre matar

todos nós, aí o cara de espada disse que a central tinha visto a gente nas câmeras e

precisavam mudar de plano.

— Entendi — disse Marcel. — Aquela câmera da rua ainda transmitia quando chegamos perto da base. A central nos viu antes de eles cortarem os cabos. Se não

tivessem aparecido, o alto comando saberia que ficaram de braços cruzados enquanto a

Herdeira era assassinada. Foi por isso que tiveram de agir e mudar os planos. Julius, viu

para onde levaram o Augustus?

— Não sei — o rapaz tirou da bolsa jeans um cabo de conexão e um telefone celular. Mesmo molhado, o aparelho funcionava. — Se o painel dessas porcarias de

caminhões tivesse uma entrada, eu podia me conectar e invadir o sistema da base.

— Espera aí, além de arrombador, você também é *hacker*?

— Sei fazer muitas coisas. Me descola um terminal e eu tomo conta desse lugar.

— Isso serve? — tirou o *tablet* do bolso do capote.

— Talvez.

Julius conectou os dois aparelhos e entrou na cabine do caminhão. Marcel

equilibrou a lona sobre a porta aberta, mantendo-se de vigia. O celular projetou uma tela

holográfica. Em seguida, o garoto abriu um teclado holográfico no ar.

— Sempre usei o meu relógio para telefonar — disse Marcel. — É a primeira vez que vejo um celular ao vivo. Dá para conectar sem sinal de hipernet?

— Tá vendo essa coisinha? — Julius apontou para uma pequena caixa presa no teto da cabine. — É um dispositivo de sintonia via rádio. É com isso que a base consegue manter contato com esses monstrenhos. Vai dar certo se o seu *tablet* tiver um

aplicativo de sincronia. Tem?

Marcel o encarou por um momento e deu sorriso amarelo.

— Eu não faço ideia do que isso seja.

— Deixa pra lá, já conectou — o garoto esperou o programa do celular carregar.

— Você sabe muito sobre nós.

— Preciso saber para ser um bom recuperador. Mas nem faço ideia do que o

sujeito da espada te fez. Tem a ver com a mudança de planos?

— Acho que o Vergil usou uma gema-mental para bagunçar a minha cabeça — respondeu, trincando os dentes. Nunca teve tanta raiva de uma pessoa. — Queriam que

eu matasse a Camilla no lugar deles. Me usariam como bode expiatório.

Marcel estremeceu com o pensamento. Jamais se perdoaria se a machucasse, mesmo sob efeito de um controle mental. A simples ideia o assombraria por muito

tempo.

— Cara... — Julius arregalou os olhos. — Eu é que não mexo com vocês, arcanistas. Qual é o seu poder?

Olhou para a palma da mão e suspirou. *Nenhum*, pensou. Antes de responder, o celular emitiu um som, atraindo a atenção de Julius.

— Ah, beleza! Tudo pronto. Deixa ver... Firewall Panzer 3.0. Vai ser um desafio.

Os dedos de Julius voaram pelo teclado, enchendo a tela holográfica com linhas de comando. Informações que Marcel não compreendia pipocaram na tela do telefone.

O ritmo seguiu assim por um minuto, até o garoto parar de repente e soltar um sonoro:

— Oh!

A tela ganhou uma coloração vermelha, um holograma em forma de círculo apareceu e, imediatamente, uma fatia fina sumiu. A fatia foi aumentando. Marcel

deduziu ser uma contagem regressiva.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Programaram o *firewall* para emitir um alerta caso alguém tentasse invadir a rede deles — Julius respondeu quase sem parar para respirar, digitando ainda mais

depressa. — O meu aplicativo está sobrecarregando o sistema com dados para deixar

mais pesado, mas se eu não conseguir invadir até a contagem terminar, todos os computadores da base vão receber o alerta.

— Como posso ajudar?

— Deixando eu me concentrar!

Marcel ficou calado, vendo Julius prender a respiração enquanto o círculo

desaparecia: um quarto, metade, três quartos. Só restava uma fração cada vez menor. A

tela mudou de cor.

— Entrei! — Julius levantou os braços. O monitor holográfico exibiu a tela do

mesmo sistema operacional utilizado nos computadores do Instituto Beta. — Cara, eu

sou bom!

Marcel esticou a mão para dentro da cabine e, passando o dedo na tela, procurou dados sobre a guarnição da Base Zero. Fotos de quinze rostos apareceram, com Sandrino Miller ficava um esquadrão completo.

Será que o Sandrino é mesmo um deles?

— Nossos inimigos... — além de Vergil, Silvana e Meri, reconheceu o rosto da loira que estava no grupo que os perseguiu mais cedo e o rosto de um homem de cabelo

moreno curto. — Esse sujeito pilotava um dos zangões que vieram atrás da Camilla e de

mim. Eu o matei.

O dedo indicador de Marcel avançou hesitante para pressionar a foto e abrir a ficha do piloto. Julius o deteve.

— Ele ia matar você e a Camilla. Não tinha escolha.

— Acho que tem razão — Marcel abraçou o argumento de imediato, mesmo sem muita convicção.

— Olha esse — Julius apontou para a foto de um homem chamado Jano, que possuía um rosto largo e, apesar de ser careca, mantinha uma barba. — Esse é o grandão

do fogo. Não vi nenhum desses outros na base.

Marcel fez uma conta rápida. Vergil, Silvana, Meri e Jano: quatro. Restavam onze membros no esquadrão. Cinco zangões atacaram o trem e seis soldados camuflados tombaram na loja de departamentos.

— Os outros estão mortos — somando às vítimas do atentado, trinta e cinco pessoas já tinham perdido a vida nesse jogo. *Está mesmo chovendo sangue.* — Vamos

ver o que está acontecendo lá em cima.

— Acho que é essa pasta — dúzias de imagens das câmeras de segurança

surgiram na tela holográfica. Não viram sinal de Jano, o grandalhão. Meri andava em

volta do leito de Camilla. No escritório de Vergil, o *queen* reclinou-se em sua mesa,

Silvana lhe massageava os ombros com movimentos vigorosos.

Com um toque, a imagem passou para tela cheia e puderam ouvir Silvana no meio de uma frase:

— ... vai trazer o Seeder de volta — a *knight* soou manhosa. — Tem certeza que não posso brincar com ele? Nem por cinco minutinhos?

Uma sombra de insatisfação passeava pela expressão fria de Vergil.

— Não me recordo de termos combinado que fingiria estar atraída por ele.

Supondo que seja apenas fingimento.

— Está com ciúme? Para com isso. Sabe que é você que eu amo — Silvana

beijou o rosto de Vergil um par de vezes. O semblante do *queen* permaneceu inalterado.

— Relaxe.

— Relaxarei quando Camilla Noble estiver morta. Já é ruim o bastante que o resto da família tenha escapado.

Um ruído de porta fez Silvana endireitar-se. Sandrino veio de fora da imagem.

— O Marcel sumiu!

— Sumiu como? — bufou Silvana.

— E-eu não sei... — Sandrino nada tinha do habitual estilo manso e charmoso.

— Ele foi ao banheiro, como demorou demais, arrombei a porta e ele tinha sumido.

Acho que saiu pela janela.

— Desculpe, mas essa você merece — Silvana esquentou a bochecha de Sandrino com uma bofetada com as costas da mão. Vergil levantou-se devagar.

— Definitivamente, estou cercado de incompetentes.

— P-perdão, senhor... — Sandrino caiu de joelhos em total submissão. A postura surpreendeu Marcel. — Eu falhei com o senhor, mas vou corrigir isso. Prometo.

O *queen* ativou seu *smart watch* e levou a mão com a tela ao ouvido, fazendo uma ligação.

— Meri, esteja atenta. O Seeder pode aparecer na UTI e não tenho certeza de que a hipnose tenha sido bem-sucedida. Caso ele aparente estar fora de si, permita que

vá em frente e execute a Noble, caso contrário, detenha-o — fechou os dedos, encerrando a ligação. — Procurem-no de cima abaixo e é melhor que o encontrem. Vou

ver o que Jano conseguiu tirar do refém.

— Augustus — disse Julius. — Ele tá falando do mano!

O trio de arcanistas atravessava a porta quando Vergil voltou para sua mesa.

— Um momento.

— Que vai fazer? — perguntou Silvana.

— Desligar todas as câmeras, exceto a da UTI.

— Não é só deletar os vídeos depois? — disse Sandrino.

— Deletar deixa rastros que um técnico pode encontrar e já corremos riscos demais.

O *queen* mexeu em seu terminal, todas as câmeras apagaram.

— Depressa — disse Marcel a Julius. — Liga de novo.

As imagens voltaram. Silvana vasculhava os escritórios do primeiro andar,

Sandrino subiu para o segundo. Vergil passou de uma câmera a outra. Entrou num

escritório igual aos demais, dirigiu-se para um canto e pressionou a parede perto do

chão. Parte da parede deslizou, revelando uma sala secreta. Ao entrar, o oficial sumiu de

todas as câmeras.

— Eles vão machucar meu irmão!

— Nós vamos impedir — disse Marcel, enquanto destacava a imagem do

consultório e a que mostrava a sala de Meri. — Só me dá um segundo para ter certeza

de uma coisa.

Fez os dois vídeos voltarem simultaneamente, pausou pouco antes de seu

despertar. As imagens não deixavam dúvidas. Enquanto se contorcia inconsciente,

Vergil e Silvana estavam do lado de fora do consultório, a mão esquerda do oficial,

brilhando, apontada em sua direção.

— Filho da mãe! — *ele me mandou aquele pesadelo*. E acenou para um aflito Julius.

Antes de subir os lances de escadas que conduziam para cima, olhou diretamente para a lente de uma câmera de segurança.

— Se alguém da central da Arcanum ver isso, saiba que sou Marcel Seeder, *pawn* nível 1. Quero denunciar uma conspiração envolvendo o *queen* Vergil e seu

esquadrão para assassinar a Família Regencial. Nesse momento, Camilla Noble e meu

amigo Augustus são mantidos como reféns dentro da Base Zero. Estamos indo liberta-

los. Ah... Por favor, não diga aos meus pais que estou vivo. Pode ser que as coisas

acabem mal, então, não vamos dar falsas esperanças a eles.

DOZE

Esgueiraram-se para o primeiro andar. Embora a situação de Camilla afligisse

Marcel, sabia onde ela estava, em que condições e quem a vigiava. Por outro lado, a

situação de Augustus continuava incerta, só tinha certeza de que passava por maus

bocados.

Julius o seguiu de perto. Na pasta jeans, o garoto carregava o *tablet* conectado ao sistema da Base Zero. Caminharam pisando leve. À exceção do barulho abafado da

chuva, o silêncio imperava e mesmo o menor ruído podia ser ouvido com clareza.

Tentariam evitar um confronto direto, mas por via das dúvidas, Marcel trazia o bastão

distendido.

Era noite lá fora e a chuva forte prosseguia sem dar trégua. Vez ou outra, um relâmpago iluminava o céu, fazendo-o pensar no relâmpago que costumava ter na mão.

“Quanto mais acreditarem no objetivo pelo qual estão lutando, maior será o poder da

gema”, disse a *king* Vesper no dia anterior à viagem. Se a própria Arcanum estava por

trás daquilo, por qual objetivo lutar?

Pararam para espiar antes de passar em frente a um corredor. Nada viram e decidiram avançar, quando um som os fez recuar. Marcel ouviu Silvana resmungando

em voz baixa e ficou preparado, caso ela viesse em sua direção.

Uma porta abriu e fechou. Arriscou uma olhada rápida. A *knight* entrara em outra sala. Pediu silêncio com o indicador nos lábios e sinalizou para que Julius o

acompanhasse depressa. Dobraram corredores até encontrar o escritório onde Vergil

entrara.

— Tranque a porta do escritório em modo de segurança — sussurrou Marcel.

Julius mexeu no *tablet*, a porta emitiu um ruído de tranca. Foram para o canto da

sala, onde Marcel encostou o ouvido na parede. Uma voz indistinta veio de dentro,

seguida pelo som de um golpe seco. Tomou distância e flexionou os joelhos. Ergueu o

bastão na horizontal acima do ombro, como se estivesse preparado para um salto com

vara. Os dedos da mão canhoto continuavam duros, o bastão apenas repousava no

polegar esquerdo.

Do outro lado enfrentaria um oficial e, possivelmente, o gigante Jano. Teria de tirar o máximo proveito do elemento surpresa. *Eu consigo, eu consigo... E não tenho*

escolha. Fez um aceno de cabeça para Julius. O garoto pressionou o ponto perto do

chão, a passagem secreta abriu.

Marcel correu para dentro da pequena sala. De relance, viu dois vultos azuis.

Vergil virou-se surpreso. A ponta do bastão atingiu o nariz do oficial violentamente. O

queen desabou, Marcel escapou por pouco de tropeçar nele.

Viu Augustus sentado numa cadeira, tinha um olho roxo e bastante inchado,

sangue escorria de um canto machucado da boca, os braços presos nas costas por um par

de algemas eletrônicas. Jano cresceu à sua frente, com seus dois metros de altura e um

porte físico que evidenciava ser o mesmo grandalhão que os perseguiu num uniforme

camuflado. O hematoma na garganta e o olhar furioso de reconhecimento acabaram

com qualquer dúvida.

Antes da luta começar, Julius apareceu atrás de Jano e deu um chute sem dó entre as pernas do inimigo. O gigante caiu de joelhos, sua expressão quase fez Marcel

soltar uma risada maldosa.

— Seeder! — Vergil se enfureceu, uma mancha vermelha rodeava o nariz quebrado.

O *queen* empunhou o sabre de esgrima, projetando uma afiada lâmina de material preto. Focado em Marcel, nem percebeu quando Augustus investiu, ainda algemado à cadeira, atingindo-o com o ombro. Os irmãos atacaram o oficial com pontapés.

Jano começava a se recuperar. Pela experiência anterior, Marcel sabia que o sujeito careca era duro na queda. Teria de acertá-lo com força para nocauteá-lo. Girou o

bastão no alto, o mais rápido que as queimaduras da mão permitiam, e o desceu num

arco, mirando a têmpora de seu oponente. O choque fez a arma vibrar em seus dedos. O

grandalhão caiu desmaiado.

— Como faz para abrir essas coisas? — Julius mexia nas algemas eletrônicas que prendiam o irmão. Vergil fora largado no chão desacordado.

A mente de Marcel voltou à aula em que aprendera a usar algemas iguais àquelas, prendendo-as no pulso de um instrutor para que, logo em seguida, outra professora o libertasse.

— Tem um leitor entre as algemas, aposto que o polegar do Vergil abre.

Julius puxou o braço do oficial e colocou seu dedo sobre o sensor. Livre, Augustus agarrou Marcel pelo capote.

— Desgraçado!

— Não, mano! — o garoto tentou aparta-los.

— Calma aí — disse Marcel. — Eu não sou um deles.

— É a sua gente!

— Tem razão — irritou-se. — O que aconteceu mais cedo, essa luta agora...

Tudo faz parte do nosso plano genial de nos matarmos uns aos outros.

— É verdade, mano! Eu vi aquele sujeito ali maltratando o Marcel, não do mesmo jeito que fizeram com você, mas fez alguma coisa.

— E que *coisa* foi essa? — Augustus hesitou.

— O Vergil tentou me virar contra a Camilla, só que não deu certo — disse num tom conciliador. — Escuta, estamos todos machucados e com raiva. Me ajuda a salvar

ela para a gente ir embora desse lugar — e acrescentou com urgência. — E depressa,

antes que esses dois acordem.

Do lado de fora do escritório, Julius voltou a trancar a porta, mantendo um olho

na tela do *tablet*, atento a localização de Silvana e Sandrino. Os três correram pelos

corredores. Assim que o *queen* recuperasse os sentidos, alertaria seus aliados. Não havia

tempo para furtividade.

— Eu devia ter pego a espada daquele cretino — disse Augustus. Apesar da postura, a surra o deixou claramente debilitado.

Pararam diante da sala de operações.

— É só a Meri lá dentro? — perguntou Marcel a Julius, que confirmou com a cabeça. — O problema é que a Camilla está dopada, temos de entrar com cuidado.

— O chefe não disse para ela te deixar seguir em frente caso entrasse lá doidão?

Marcel estalou os dedos e apontou para o garoto. *É isso!* Abriu uma das janelas e esticou a cabeça, queria dar a impressão de ter acabado de vir de fora.

— Esperem até eu entrar na UTI.

Respirou fundo, pensando nas aulas de teatro que teve na quarta série. Nunca mostrou muito interesse em atuação, só entrou no curso por causa de Beatrix e ambos

desistiram quando ela percebeu que não levava jeito para o palco. Foi um ator medíocre,

mas esperava ser capaz de enganar Meri.

Atravessou a sala de operações fingindo uma expressão vazia e um caminhar

vacilante, arrastando o bastão no chão. *Passos de zumbi*, pensou. Adentrou a UTI mais

nervoso do que gostaria de estar. Voltar a ver Camilla deitada, à mercê dos inimigos, e

pensar na monstruosidade que pretendiam instigá-lo a fazer o balançou.

A imagem da chuva de sangue surgiu num canto isolado da mente. As

lembranças do pesadelo continuavam nítidas — talvez o assombrassem pelo resto da

vida —, mas agora que conhecia a verdade por trás daquele sonho, conseguiu afastá-lo.

Evitou olhar diretamente para Meri. Pelo canto do olho, a viu levantar da cadeira estofada. A mão dela deteve-se no meio do caminho para pegar uma arma na cintura

enquanto o vigiava. Por ser médica, certamente possuía a gema-cura, porém Marcel

ignorava qual seria seu armamento.

Parou diante do leito, o bip do sensor que media o ritmo cardíaco prosseguia.

Viu-se num dilema. Meri estava fora do alcance do bastão. Se hesitasse ou se a atacasse,

poderia sacar sua arma contra ele, ou pior, contra Camilla.

Cadê vocês? Preciso de ajuda.

Nesse momento, o braço moreno de Augustus prendeu o pescoço de Meri. A

doutora tentou sacar a arma, Julius foi rápido e a apanhou na mão leve. O irmão mais

velho empurrou a médica para um canto do quarto e recebeu do caçula uma arma

de

plasma com uma trinca de canos longos prolongando-se do cabo curvo.

Uma garrucha tripla. A única arma de fogo utilizada pelos arcanistas, reservada apenas para aqueles absolutamente incapazes de lutar corpo a corpo.

— Levante as mãos — disse Augustus. — Fica quieta senão estouro seus miolos!

— Fique tranquilo — rebateu Meri. Não tinha mais a expressão ansiosa. Em vez disso, aparentava calma e cansaço. — Não farei nada.

— Diga onde ficam as vacinas — Marcel ordenou.

— Em um refrigerador na porta à direita da sala de operações. Se vai procurar o estimulante, o nome da vacina é...

— Eu sei qual é.

Encontrou o refrigerador de porta transparente onde ela disse que estaria.

Dezenas de frascos de vacina enchiam as prateleiras. Agradeceu por ter estudado a lista

com os nomes dos medicamentos. Apanhou também uma seringa e aproveitou para

enfiar nos bolsos um frasco de analgésicos, um pouco de gaze que encontrou à mão, um

spray contra infecções e um novo suturador na sala de operações. Gostaria de pegar

mais coisas, mas não queria perder tempo.

No quarto de UTI, pôs o bastão de lado para preparar a vacina estimulante.

— A dose certa é... — Meri tentou dizer.

— Dois miligramas — *ao menos, foi a dose que o doutor Evan usou em mim no dia do forjamento.*

— Até que você tem uma boa noção de primeiros socorros, mas se quiser, posso aplicar... — ela deu um passo adiante.

— Parada! — disse Augustus.

— É tarde para bancar a legal, doutora — emendou Marcel.

Meri fitou o chão, resignada.

Marcel terminou de preparar a injeção. Pelo que lembrava, deveria aplica-la no pescoço para um efeito imediato, o que achou arriscado, por sua falta de prática.

Decidiu injetar perto do ombro, esperando que tivesse o mesmo efeito. Porém, nada

aconteceu.

— Funcionou? — perguntou Julius. Meri antecipou-se à resposta:

— Ela já vai despertar. O problema é que será bem mais desagradável do que se tivesse aplicado a injeção na artéria do pescoço.

Marcel não gostou de ouvir aquilo. Dificilmente as experiências que teve com a vacina estimulante poderiam ser consideradas agradáveis.

Os bips do monitor cardíaco dispararam. Espasmos violentos sacudiram o corpo de Camilla. Ela ergueu-se no leito de uma vez. Assustada, arrancou o sensor do monitor

de dentro da blusa aos berros. Marcel a segurou pelos ombros.

— Camilla! Sou eu!

Num primeiro momento ela não o reconheceu. Só depois parou. Sua respiração estava acelerada, os cabelos eram uma massa desorganizada sobre o rosto. Os olhos percorreram o quarto e voltaram a encontrar os dele.

— M-Marcel...?

— Deita e respira fundo... — ela o fez. — Isso, assim. Já vai passar, está bem? Eu sei como é. Tenha calma.

— Onde...?

Ele ajeitou os cabelos castanhos desgrehados delicadamente e fez um breve resumo, sem entrar em detalhes. Camilla sentou no leito, mais calma e segura de si.

Ainda que ninguém tenha dito, ela deduziu que Meri fazia parte da conspiração:

— Por quê? — mesmo sem levantar a voz, as palavras encheram o quarto de UTI.

Marcel a tinha ouvido falar dessa maneira uma vez, quando determinou que seguissem para a Base Zero. Talvez a parabenizasse pela *excelente* decisão, mas deixaria isso para mais tarde. Não conseguia confronta-la quando usava esse tom. Os

demaís, inclusive Augustus, encolheram-se um pouco. *Essa é a voz da futura Regente-*

Geral.

— Há um movimento dentro da Arcanum que deseja tomar o poder. O primeiro

passo é tirar a Família Regencial do caminho. Parte do movimento prefere usar a política, a outra parte prefere...

— ... um golpe de Estado.

— Lamento, só estava cumprindo ordens.

— Só cumprindo ordens? — Marcel trincou os dentes. — Pessoas morreram!

— Um arcanista faz o que é ordenado, Seeder. Por bem, ou por outros meios —

Meri tinha lágrimas nos olhos. — Só que não consigo mais. Sou uma médica, meu

trabalho é salvar vidas, não tira-las.

— O que fazemos com a doutora? — perguntou Augustus.

Marcel desmontou a barra lateral do leito para Camilla descer. Seus gestos estavam pesados, o corpo ainda não despertara completamente.

— Venha conosco — a “voz de Regente” soou abrandada. — Se denunciar a conspiração, vou garantir que não sofra retaliações e que a pena por seus crimes seja reduzida.

A resposta veio cheia de medo.

— Obrigada, mas não. Vergil me mataria.

— Vamos deixa-la aqui — Marcel foi ríspido, Meri nem tentou reagir quando os quatro saíram do quarto.

— Caso pretenda continuar vestindo esse capote, aceite um conselho, Seeder: não tenha pretensões de subir. Não imagina o que nos obrigam a fazer.

— Pode trancar — disse ele a Julius.

— E agora? — perguntou o garoto. Camilla e Augustus também esperaram a resposta. Só então Marcel deu-se conta de estar liderando o grupo.

Dependem de mim, sentiu o peso da responsabilidade. *Não posso falhar*.

— Bom, nós, eh... — avaliou as possibilidades rapidamente. — Vamos para a garagem e fugimos num caminhão-tanque. E rápido, perdemos tempo demais. Saindo da sala de operações, avançaram na direção do elevador. Julius lembrou de checar o *tablet* para ver a posição dos inimigos.

— Gente, espera! Aquele cara de barbicha está...

Sandrino saiu de um escritório bem à frente deles. Ficou surpreso, porém, só precisou de um instante para entender o que se passava.

— Me escuta — Marcel deu um passo à frente. — Tudo o que Vergil falou era mentira. Ele tentou entrar na minha cabeça com a gema-mental, pode ser que tenha

entrado na sua também. Tem que acreditar em mim.

— Ah, eu acredito sim — devolveu Sandrino no seu tom manso. — Só tem um probleminha, colega. Na minha cabeça, ninguém entrou.

— Então...?

— Ele não é seu amigo, Marcel — disse Camilla. — É um deles.

— E já passou da hora de um de nós dar um jeito em vocês — Sandrino estralou os ossos do pescoço.

Marcel soube a verdade no momento em que o viu conversando com Vergil e Silvana, só não queria acreditar que alguém da Unidade 31-3 podia ser um traidor.

Examinou seus companheiros: Camilla movia-se de forma pesada e sonolenta. Apesar

de armado, Augustus estava machucado e sem forças. Mesmo a condição de Julius

sendo a melhor, era o único sem recursos para lutar.

Respirou fundo, só restava uma opção.

— Vão na frente, desçam pela escada. Alcanço vocês depois — tentou parecer confiante. Os outros hesitaram, Camilla abriu a boca para protestar. — Vão! Eu seguro

o Sandrino aqui.

— Como é? — Sandrino riu.

— Ouviram o homem — Augustus puxou Camilla e o irmão. — Ele nos alcança depois de liquidar esse cara.

— Vamos te esperar — disse o garoto.

Camilla o fitou por um longo momento antes juntar-se aos dois irmãos.

Voltaram por onde tinham vindo e dobraram um corredor lateral.

— Devagar aí! — Sandrino avançou. Marcel fechou a passagem, batendo a ponta do bastão na parede. Encarou-o determinado. — Beleza, se assim que tu quer,

colega. Já esqueceu da última vez?

— Ainda lembro da nossa luta no primeiro teste — *faça-o falar, ganhe tempo para os outros.* — Acho que foi você quem esqueceu, como deve ter esquecido nossos

companheiros. Quem sabe quantos morreram naquele trem?

Sandrino desviou o olhar com uma expressão incomodada. *Ele tem consciência de que é um traidor,* pensou Marcel. *Não importa, isso não muda nada.*

— Devia ter sido um serviço limpo, ao invés da bagunça dos infernos que fizeram — disse Sandrino, e acrescentou num tom irritado. — Pensei em arrumar as

coisas, mas nem viram que era eu e mandaram bala.

— Então quando saltou, pretendia alcançar o vagão para nos matar? Eu já estava começando a pensar quanto custava levar um tiro.

— Acha que tem a ver com grana? Isso é por honra, colega.

— Quanta honra tem um traidor?

— Quanto acha os Noble têm? Sabia que meu pai e minha mãe morreram no Incidente Aures? Nem faziam parte do Voz Verde, eram só civis que deram azar de

estarem no lugar errado, na hora errada. Me deixaram órfão naquele dia!

— Eu... não sabia.

— Foi Tito Vergil quem me tirou do orfanato onde o governo tinha me abandonado e fez de mim o que eu sou — bateu os braceletes, as manoplas cobriram

suas mãos. — Devo tudo ao Vergil. Não vou falhar com ele!

Sandrino assumiu a postura de boxeador. Marcel também ficou em posição.

Encararam-se. Apenas a chuva abafada rompendo o silêncio. Um relâmpago riscou as

nuvens. A mão direita de Sandrino brilhou. A gema-fortitude o impulsionou em grande

velocidade.

Marcel recuou, esquivando-se de um cruzado de direita na altura do queixo. O

golpe rachou a parede, pedaços de reboco caíram. Aproveitando a brecha, ele gingou

para acertar uma pancada com o bastão no flanco direito do seu oponente. O braço de

Sandrino moveu-se para trás, desferindo um novo golpe em círculo, que passou de

raspão.

A bochecha de Marcel ardeu. Deu por si recuando, enquanto girava o bastão de

um lado para o outro, aparando uma série de socos de direita velozes e cadenciados.

Sempre com a direita, Marcel notou o braço esquerdo dele colado ao corpo.

Preciso

obrigá-lo a expor o lado ferido.

A pressão aumentou, mas os golpes tornaram-se repetitivos. Podia antecipa-los.

No tempo certo, mudou o movimento do bastão e atingiu a testa do seu adversário. O

viu balançar e começou a pressioná-lo com pancadas e estocadas contra o braço direito,

fazendo-o recuar, sem lhe dar chance de revidar com aquele braço.

Sandrino deu um par de passadas largas para trás e colocou o peso na perna direita. Marcel viu o golpe que esperava chegando. Inclinou o corpo, a manopla esquerda passou zunindo em suas orelhas e estilhaçou uma das janelas. Deixou o bastão

deslizar pelas mãos para segurá-lo como uma espada e o moveu num arco diagonal

ascendente.

Sandrino soltou um urro. O golpe o dobrou. Marcel o atingiu mais um par de vezes.

Viu seu oponente trazer o braço para junto do corpo. Ao invés de apenas se defender, Sandrino o atingiu no peito com uma cotovelada. O golpe pegou Marcel

desprevenido. Foi empurrado contra a parede e mal teve tempo de jogar a cabeça de

lado para escapar do punho direito brilhante. O soco abriu um rombo no concreto. O

golpe seguinte veio num piscar de olhos. O cruzado de esquerda o acertou em cheio na

bochecha.

O mundo girou. Deixou o bastão cair quando foi ao chão de joelhos, apoiou-se também com as mãos. Ainda zozzo, quis levantar. O corpo não obedeceu. Sandrino

avançou em sua direção com o punho brilhando, uma bota atingiu seu abdômen com a

força de um caminhão desgovernado.

Rodopiou no ar, caindo de costas a vários metros de distância.

Sentiu gosto de ferrugem. Virou para ficar de bruços, lutando para encontrar o fôlego, os braços cruzados sobre a barriga. Cuspiu sangue e um dente. *Acabou... Perdi...*

Viu Sandrino ligeiramente curvado e ofegante, segurando o flanco esquerdo.

Marcel não tinha mais condições de continuar. O resultado da luta não o surpreendeu,

nunca teve dúvidas sobre quem seria o vencedor. Ficou contente por ter prolongado o

combate o bastante para os outros fugirem.

Sandrino notou sua satisfação.

— Acha que não percebi que só queria ganhar tempo, colega? — deu alguns

passos, mas a dor o fez parar. Praguejou e falou num tom mais duro. — A Silvana tinha

decido para a garagem. A essa hora ela já matou todo mundo.

Não! Ouvir isso machucou Marcel mais que qualquer golpe. *Augustus, Julius...*

Camilla!

— Para ser sincero, estou torcendo pra guria ainda estar viva. Sempre quis torcer o pescoço de um Noble com as minhas próprias mãos.

Marcel o encarou.

A situação mudou por completo. Não podia desistir. Não enquanto seus amigos

estivessem em perigo. Não enquanto *ela* estivesse perigo. Sem o bastão para se apoiar,

seu corpo recusou-se a cooperar.

Levanta... Precisava ficar de pé, precisava lutar... *Levanta... Levanta...*

— Não vai... *arf...* machucar... *arf...* ela — forcejou para se equilibrar nas pernas bambas.

— Quem vai me impedir, colega? — Sandrino caminhou em sua direção.

Marcel olhou para a gema na palma esquerda. Desejou com todas as forças ativar a gema. *Eu tenho de continuar. Não me importo de perder a mão. Eles precisam*

de mim. A Camilla precisa de mim! Sentiu beliscões onde as faíscas elétricas surgiram.

Sandrino estacou surpreso. Invocou o poder da gema-fortitude e se lançou num ataque. Marcel gritou. Lâmpadas estouraram quando um relâmpago atingiu Sandrino no peito, arremessando-o longe.

Eu fiz isso? As faíscas diminuíram, encolheram-se e sumiram. Marcel olhou para a mão.

Viu a gaze reduzida a retalhos. As queimaduras antigas permaneciam, porém, nenhum ferimento novo surgiu. A gema-trovão repousou, não mais adormecida. Podia

senti-la de uma forma como não sentira até então.

Ao primeiro passo, acusou as dores, principalmente no buraco do dente no fundo

da boca e na barriga. Apesar disso, a adrenalina lhe deu uma nova reserva de energias,

precisava aproveitá-la. Ignorou as dores da melhor forma possível.

OuvIU um gemido e recuperou o bastão para colocar um fim naquele assunto.

Sandrino estava estirado no chão, caído perto da janela quebrada. Espasmos musculares

o agitaram, tinha queimaduras no rosto e manchas chamuscadas nas roupas. A chuva

invadiu a Base Zero. Marcel parou ao lado dele e ergueu o bastão, mirando a ponta no

olho de Sandrino. A respiração de ambos acelerou na expectativa do que viria a seguir.

Com um grito, ergueu mais o bastão e o baixou com força. A ponta fez um grande ruído ao bater contra o chão, a milímetros da cabeça de Sandrino.

— Se vier atrás de nós outra vez... — disse Marcel, no tom mais ameaçador que conseguiu. — Vai se arrepender. Colega.

Seguiu caminho, forçando as pernas a trabalharem. Tinha dado apenas alguns passos quando ouviu Sandrino levantar ruidosamente. Nem teve tempo de se virar, só

conseguiu ter um vislumbre do brilho da gema-fortitude e das manoplas em forma de

garra vindo na direção do seu pescoço. Por instinto, levantou o bastão na horizontal,

preparando-se para gingar, mas Sandrino agarrou a vara com ambas as mãos e a puxou.

O bastão comprimiu o pomo de adão de Marcel, cortando a respiração.

— Quem tu pensa que é pra me ameaçar?

Marcel tentou empurrar o bastão. À suas costas, Sandrino puxou com mais força.

Agitou os pés para desequilibrar o agressor. O esforço foi em vão, só conseguiu girar

ligeiramente, ficando de frente para a parede. Torceu a arma, retraindo-a, na esperança

de que se encolhesse o bastante para escapar da pegada, porém Sandrino continuou

segurando nas extremidades do cilindro.

Não sabia mais o que podia fazer para escapar do estrangulamento. A vista

obscureceu. Precisava se livrar imediatamente ou seria o fim. Raios e trovões

iluminaram a penumbra daquela parte do corredor, projetando silhuetas. Na parede, viu

sua sombra lutar contra a de Sandrino. Sentiu as gotas de chuva que entravam pela

janela quebrada e pensou em algo.

Projetou os ombros para trás, escorando-se em seu inimigo e dobrou os joelhos

para cima, apoiou as solas das botas na parede e empurrou. Recuaram cambaleando,

mas não se viu livre do estrangulamento nem quando rodaram sobre o batente da janela

quebrada. A chuva intensa bateu em seu rosto e o edifício da Base Zero cresceu diante

de si. Mesmo assim, a pressão na garganta continuou.

Chocaram-se contra o concreto maciço do pátio. Marcel caiu com todo seu peso contra o peito de Sandrino. Sentiu algo ceder sob suas costas. Rolou pelo chão, os

pulmões arderam quando o ar voltou. Cuspiu mais sangue proveniente do buraco no

fundo da boca. Levou alguns instantes para ser capaz de fazer qualquer outra coisa.

Sandrino permaneceu caído num charco, emitindo sons guturais e fitando o céu, um fio vermelho escorreu pelo canto do lábio. Calos projetavam-se debaixo da camisa

preta na altura do peito. *O peso do meu corpo quebrou as costelas dele*, pensou Marcel.

Se tiver perfurado um pulmão, está morto.

Sem coragem para falar, viu Sandrino Miller lutar para respirar um par de vezes antes de partir. Apesar de tudo, Marcel lamentou. Podia ser um traidor, mas ainda assim

era um colega de Unidade. Um conhecido que acabava de morrer por suas mãos.

Fechou as pálpebras de Sandrino. Um trovão distante ressoou.

Recolheu o cilindro numa poça, o distendeu e usou como apoio para ficar de pé.

A descarga de adrenalina havia passado. Sentiu os dedos queimarem.

Uma grossa camada de gelo prendeu suas mãos ao bastão, congelando até as gotas que tocavam a superfície branca, deixando-a com um aspecto espinhoso. Outra

camada congelada fixou a ponta do bastão no chão. *Estou preso.*

Deparou-se com Silvana a vinte passos dali, utilizando o poder da gema-glacial.

— Veja o que fez — rosnou ela. O olhar alternou entre Marcel e o cadáver de Sandrino. — Vai pagar por isso!

A *knight* sacou o retângulo estreito da cintura, abrindo-o num gesto rápido. Um leque de batalha, uma das armas mais difíceis de manusear da Arcanum e também uma

das mais mortíferas. A armação da peça era composta de uma série de navalhas afiadíssimas.

Com um grito insano, Silvana, arremessou o leque. Marcel viu a arma voar em sua direção, girando sobre si mesma. Apertou os olhos e virou o rosto.

Quando o fim não veio, arriscou abrir um olho. O leque de batalha estava imóvel no ar a milímetros de sua jugular. A arma caiu numa poça. Viu Camilla com a mão da

gema estendida, pressionando a têmpora com a outra mão.

Silvana sacou um segundo leque. Camilla gesticulou. Uma explosão telecinética espirrou água, projetando a *knight* contra a fachada da base. O impacto deixou Silvana desacordada.

Camilla apoiou-se sobre os joelhos. Depois, o alcançou ofegante e fez um gesto de garra. O gelo rachou. Ele agitou os braços para terminar de quebrar a camada fria.

Largou o bastão para esfregar uma mão contra a outra.

— Você está bem, Camilla? Está sangrando — limpou um fio vermelho que

escorria do nariz dela, misturando-se a água da chuva.

— Uh, mãos geladas! — ela o ajudou a esquentar as mãos, esfregando as suas sobre as dele. — Só estou meio zonzinha, nunca usei a gema dessa distância.

Marcel abriu e fechou os dedos, retraiu o bastão e o prendeu na cintura. Sentiu gosto de ferrugem novamente. A cusparada de sangue deixou Camilla preocupada.

— Perdi um dente — explicou a ela.

Desenrolou o que restava da gaze, enfiou no buraco no fundo da boca e pressionou, apoiando o maxilar. Se aquilo não contivesse a hemorragia, ao menos a

reduziria. Na garagem, as lonas de ambos os caminhões-tanque tinham sido removidas.

Foram recebidos por um Augustus trêmulo, de arma em um punho.

— Ah, são vocês.

— Uma ajudinha aqui — Julius levantou a cabeça dentro da cabine de um dos caminhões-tanque. — Não consigo dar partida nesse monstro.

— Para um veículo da Arcanum ligar, um arcanista tem que fazer *login* no sistema — Marcel sentou no banco do motorista. O assento não era o mais confortável, o

que não diminuiu o prazer de sentir os músculos relaxarem. Poderia até dormir, caso se

recostasse mais. Pressionou o painel de vidro escuro com a mão espalmada. Linhas

azuis circularam as digitais. Uma mensagem de “acesso negado” apareceu. —

Julius,

procure as configurações de segurança dos veículos e altere para nível padrão.

O garoto mexeu no *tablet*. A mensagem de boas-vindas surgiu no painel. Marcel deu partida no motor de mana. Nunca dirigira um caminhão desses, mas não parecia tão

diferente de um carro de combate. No interior da parte de trás do veículo, tudo que

havia eram dois bancos compridos voltados para o centro.

Julius desceu para abrir a porta do fundo do caminhão, Camilla veio ocupar o assento do passageiro. Augustus, por sua vez, engatilhou a garrucha tripla.

— Pelo que entendi, se o painel der defeito, não vai dar para dirigir, certo? —

ele abriu a porta do outro caminhão e realizou uma dúzia de disparos contra o painel, o

cano da arma girava a cada tiro. O vidro escuro resistiu inicialmente, mas por fim, o

painel explodiu numa nuvem de faíscas.

— Bem pensado — disse Marcel, enquanto Augustus ajeitava-se no fundo do veículo, imediatamente amparado pelo irmão. — Todos prontos?

O motor roncou e os faróis acenderam, iluminando a linha reta para a saída da garagem e o alambrado que cercava a base.

— Vai nessa — disse Camilla. — Saí derrubando tudo!

Marcel engatou a marcha e pisou fundo no acelerador. O caminhão arrancou e logo em seguida, o motor morreu. Os três olhares voltaram-se em sua direção.

— Foi mal — era mais diferente de um carro de combate do que parecia. No painel surgiu a mensagem: “Deseja ativar o modo de assistência?”. Em outras circunstâncias recusaria, desta vez clicou em “sim”. — Já que insiste.

Os pedais e a direção ficaram macios. O caminhão-tanque passou por cima do alambrado como se a cerca nem existisse e mergulhou na noite chuvosa.

TREZE

— Nada? — perguntou Marcel a Julius. A resposta foi um aceno negativo de cabeça. — Então já era.

Menos de meia-hora depois de fugirem da Base Zero, o caminhão simplesmente apagou. Os outros pensaram que tinha deixado o motor morrer novamente, mas não foi

ele. O veículo parou por completo sem aviso. Motor, faróis, painel, tudo desligou de

repente e não foram capazes de dar a partida novamente.

— Nem consigo mais acessar o sistema — no assento do passageiro, Julius checava o *tablet*, seu olhar pousou no aparelho quadrado fixado no teto da cabine. —

Ah, já sei! Aposto que usaram o dispositivo pra bloquear o meu acesso e desligar o

caminhão.

— Será que podem rastrear a localização do dispositivo? — perguntou Marcel, irritado. O buraco do dente latejava horrores, fazendo a cabeça doer.

— Sei lá — Julius deu de ombros rindo.

— Na dúvida, vamos nos mexer.

Saltou do caminhão-tanque ao invés de usar os estribos. Foi o bastante para disparar a dor no abdômen. A intensidade da chuva diminuiu para um sereno constante

e chato, que fazia as roupas colarem no corpo. A fina blusa branca de Camilla ficou

transparente, revelando a blusa preta de alcinha que usava por baixo. Ela cruzou os

braços, não menos impaciente que ele.

— Me diz que tem um kit de sobrevivência e um estojo médico no caminhão.

— Se tiver, estão na parte de trás.

— Aqui não tem nada — Augustus saiu do veículo camuflado pela porta do fundo, com a garrucha enfiada na cintura. De olho inchado e lábio partido, sua condição

preocupava. — Sem água e sem comida. O que sobrou?

Marcel tirou um frasco de comprimidos de um dos bolsos internos do capote, depositou uma cápsula na palma da mão e engoliu.

— Analgésico? — disse com um sorriso estúpido.

Augustus aceitou de má vontade, Camilla também. Julius saiu da cabine.

— Pra onde? — perguntou o garoto a quem quisesse responder.

— Vamos para a sua comunidade — decretou Camilla.

— E cair nas mãos do Voz Verde? — disse Marcel.

— Voz Verde?

Julius levantou as mãos em resposta ao olhar furioso do irmão mais velho.

— Não fui eu quem contou.

— Esquece! — disse Augustus rispidamente. — Não vamos levar vocês lá. A gente nunca devia ter entrado nessa. A única coisa que ganhamos foi porrada.

— Tem razão — rebateu Marcel. — Devíamos ter deixado virarem comida de cachorro lá no parque!

— Não pedi a sua ajuda!

— E eu não queria a sua!

Trocaram empurrões, Julius meteu-se entre eles, tentando aparta-los.

— *Chega!* — Camilla usou sua gema. A explosão telecinética derrubou os três rapazes. Ela se surpreendeu por um momento. Logo recuperou a postura e prosseguiu

com sua “voz de Regente”. — Não é hora de descobrirem quem é mais macho.

Guardem a raiva para o bando do Vergil. Eles são os culpados de todos os nossos problemas.

Ela encarou Marcel com uma expressão aborrecida, em seguida, se dirigiu à Augustus num tom mais ameno:

— Entendo que queira proteger seu lar. Mas precisamos de água, comida e abrigo, sem falar de cuidados médicos. Se tiver outra ideia, vou ouvir...

Não vai não, pensou Marcel. Camilla continuou:

— ... caso contrário, a comunidade é nossa única opção.

Augustus resmungou resignado. Aceitou ainda que ela e Julius o ajudassem a caminhar, um de cada lado, o que deixou Marcel enciumado. *É isso aí, eu que me vire*

sozinho. Ele teve de usar o bastão como apoio. Reconheceu para si mesmo que estava

sendo infantil. Pena que essa consciência não fez o ciúme desaparecer. A todo momento

lançava olhares sobre o ombro.

Seguiram em frente num ritmo extremamente lento, demorando uma eternidade para ultrapassar cada quarteirão. Eventualmente, saíram do setor central e atravessaram

um bairro modesto. Mudavam o desenho, o tamanho e as cores das casas, só o que não

mudava eram os sinais de abandono e desgaste. Como em outros setores, as árvores

cresciam sem cuidado e tufo de grama emergiam por entre o asfalto das ruas.

Poças de água barrenta multiplicavam-se pelo solo, enquanto o sereno

continuava a cair. A acidez das gotas deixou os olhos de todos ardendo. Latidos e uivos

trazidos pelo vento lembravam o grupo da ameaça dos cães selvagens. Felizmente, à

exceção de um bando de ratazanas do tamanho de um gato banquetando-se numa pilha

de lixo, nenhum outro animal deu as caras.

Marcel duvidava de que pudesse continuar por muito tempo. Cada músculo do

corpo gritava por descanso. Adiante, avistou a silhueta de um agrupamento de quatro

prédios baixos. Quando um relâmpago afastava a escuridão por alguns instantes, conseguia identificar fachadas coloridas desgastadas. Um dos prédios prolongava-se

mais na horizontal do que para cima, a cor era laranja ou cobre, e os demais aparentavam terem sido dispostos numa tentativa fracassada de formar um círculo.

Teve a impressão de estarem indo para lá, ao menos era o que esperava. Se não chegassem logo à comunidade, teria de encontrar uma maneira de virar sonâmbulo, para poder dormir e andar ao mesmo tempo.

— Como vieram parar num lugar desses? — ele rompeu o silêncio do grupo. — Sem ofensa, não imagino como é possível viver aqui.

— A comunidade é antiga, deve ter uns trinta anos — respondeu Julius. — O Voz Verde só veio bem depois. Eu e o mano nascemos lá, é o único tipo de vida que conheço.

— Nunca visitaram a Cidade Alta? — perguntou Camilla.

— Fui só uma vez e detestei! Gente demais e barulho demais! Prefiro a comunidade.

— E você, Augustus?

— Vou à Sanctorum direto — a voz soou cansada e melancólica. — Uma vez

por mês visito o pai e a mãe no presídio.

É mesmo! Tinha esquecido que os pais deles estão na cadeia. Marcel olhou de relance para Julius. Deu onze, no máximo, doze anos ao garoto. Se os pais estivessem

presos há muito tempo, talvez nem os conhecesse direito.

Preferiu não insistir num assunto tão delicado, Camilla deve ter pensado o mesmo e a conversa morreu. Passando pelo prédio alongado, observou as janelas à

procura de luzes e outros sinais de vida. Para sua decepção, os apartamentos estavam

um breu e as ruas tão abandonadas quanto qualquer outra da Cidade Baixa.

Cortaram caminho passando por dentro de uma quadra poliesportiva, onde aros de basquete desgastados subiam acima de traves de futsal enferrujadas. A água da chuva

cobria quase todo o piso.

As luzes em torno da quadra acenderam. Os olhos acostumados ao escuro ficaram ofuscados.

Um par de silhuetas apareceu por detrás da mureta que cercava a quadra. Marcel apanhou o bastão por instinto e, apertando os olhos viu um homem e uma moça armados, ambos de pele escura.

— P-parados! — a jovem era magra e tinha um cabelo rastafári comprido, vestia uma blusa de manga comprida e uma bermudinha branca. — Fiquem de joelhos!

— Pega leve, Lázara — disse Julius. — Somos nós.

Ela vinha acompanhada de um homem mais maduro, que exibia uma cabeleira cheia e barba. Os fuzis de plasma que carregavam eram de um modelo diferente do usado pelo bando da Base Zero.

— O que aconteceu? — o cabeleira apontou Marcel e Camilla. — Quem são?

— Estão com a gente — respondeu Julius.

— Com vocês? Um arcanista e... — o cabeleira estudou Camilla e arregalou os olhos.

— Chama o Domingos — atalhou Augustus. — Anda, chama o Domingos!

— Vai lá, eu fico — disse a jovem de rastafári para o mais velho. O cabeleira saiu correndo. — Até que enfim voltar-r-ram, com toda essa agitação na Cidade Baixa,

a Lena não aguentava de pr-r-reocupação.

Marcel compreendeu que a moça que chamaram de Lázara não estava nervosa ou tremendo, mas gaguejando mesmo. Camilla sustentou o olhar desconfiado da vigia e

perguntou:

— Esse Domingos é o líder da comunidade?

— Um dos l-líderes — respondeu Lázara.

— Ele tem cara de mal só que é gente boa. Vai saber o que fazer — disse Julius.

Passados poucos minutos, uma dúzia de homens e mulheres apareceu brandindo

armas, quase todos negros e bastante agitados. O único calmo era aquele que caminhava

à frente. Um homem alto de pele muito escura, queixo quadrado e ombros largos, sobre

um dos quais carregava uma imponente espingarda de plasma. O cabelo e o cavanhaque

eram pretos.

— É aquele — Julius o indicou. — O nome é Félix Domingos.

Lázara o alcançou na mureta da quadra e trocaram palavras em voz baixa.

Domingos entrou na quadra fazendo sinal para que os demais esperassem.

— Vem comigo, Marcel — disse Camilla.

Ele lançou um olhar nos rostos ao redor. Viu expressões raivosas e dedos nervosos no gatilho. Reconheceram Camilla e, mesmo que não o tivessem feito, identificaram o capote azul da Arcanum. A tensão deixou o ar pesado.

— É por isso que eu não queria vir para cá — sussurrou para ela.

Camilla colocou a mão sobre a boca e respondeu olhando para frente:

— Vamos dar um jeito. Mostre respeito, mas fique firme. Se eu te passar a bola, apoie tudo o que eu disser e, *por favor*, sem respostas irônicas.

Alcançaram Domingos no centro da quadra, seguido por Lázara a alguns passos de distância. De perto, Marcel não podia discordar de Julius sobre a “cara de mal” do

homem. Ele exalava certa aura militar, com o cabelo e o cavanhaque bem aparados e,

apesar dos fios brancos ao redor das orelhas, tinha o aspecto de um touro. A camisa

social com as mangas dobradas e a calça preta com suspensórios, mesmo puídas, estavam bem passadas. Os sapatos gastos haviam sido engraxados recentemente.

— Desejo uma boa noite, senhor Domingos — Camilla foi tão cortês quanto possível.

— Devem ir embora imediatamente — apesar do tom calmo, a voz soava grave e forte.

— Eu tinha esperanças de que pudessem nos oferecer abrigo e alimento em troca da oportunidade de conversar abertamente com um membro do governo.

As pessoas que acompanhavam a cena, trocaram sussurros suspeitos. Algumas ofensas podiam ser ouvidas.

— Não pode deixar eles irem — Lázara não gaguejou.

— Eu cuido disso. Volte para junto dos outros — disse Domingos. — Quanto a vocês dois, partam agora mesmo pelo seu próprio bem. Aqui não é lugar para Camilla

Noble e arcanistas.

— Nesse caso — Camilla ergueu a voz o bastante para todos ouvirem. — Desejo ver a pessoa responsável pela comunidade. Falarei com essa pessoa e ninguém mais.

Os espectadores gritaram ameaças e palavrões. A maioria queria arrasta-los para algum confinamento, outros engatilharam suas armas para deixar claro o que pensavam.

Mais pessoas vieram ver o que se passava.

— Seja razoável, senhorita Noble — disse Domingos. — Não ganhará nada provocando essa gente.

Camilla apenas cruzou os braços e lhe deu as costas, fitando Marcel com um olhar cúmplice. *Ela passou a bola, ele compreendeu. Tomara que saiba o que está fazendo.*

— A senhorita Noble... — a voz saiu aguda. Limpou a garganta e aproveitou para pensar no que diria. — A senhorita Noble requisita uma reunião com o líder da comunidade... ou a líder, para tratar de assuntos de interesse mútuo.

Mais brados vieram da multidão, fechando o cerco em torno deles. Augustus e Julius pediam calma sem serem ouvidos. Marcel temeu só ter piorado as coisas. Camilla, porém, fez um aceno positivo discreto, ainda que houvesse um quê de preocupação no seu semblante.

Isso é parte do plano? Se a ideia é nos matar, está indo às mil maravilhas. A aglomeração chegou a cinquenta pessoas. E todas querem um pedaço de nós. Domingos

fechou a cara, extremamente aborrecido. *Ele deve estar nos vendo como somos realmente: dois adolescentes moídos tentando falar grosso.*

— Augustus! — um grito aflito superou a algazarra.

Uma moça negra de fartos cabelos cacheados e um tanto cheinha abriu caminho,

correndo para junto de Augustus e do irmão. Ela trajava um comprido vestido rosa.

— Olhe para você!

— Foi só um arranhão, amor — Augustus falou de forma mais suave que o habitual.

— Também está machucado, Julius?

A multidão aquietou-se de repente, dando passagem para a mulher que veio logo atrás da moça de cabelos cacheados.

É ela! Marcel reconheceu a figura de agasalho verde, cujo grande capuz projetava uma sombra sobre a parte de cima do rosto, um lenço escondia a boca. Vestia

ainda uma bata cinza claro, calças largas com estampas floridas e um par de tênis de

velcro. As roupas folgadas não escondiam a silhueta curvilínea.

Ele trocou um olhar com Camilla, igualmente atônita. Estavam na presença da líder do Voz Verde, Flora . A mulher pressionou um pequeno dispositivo preso no

agasalho.

— Quem diria? — o aparelho distorceu a voz.

— Mande-os embora — disse Domingos. — Vão nos trazer problemas.

— Pode ser que sim, ou pode ser a chance de uma vida, meu amigo.

Domingos torceu o nariz. Flora dirigiu-se para Camilla, a uma distância que mantinha o rosto oculto.

— A famosa Flora — saudou Camilla, estendendo a mão com uma cortesia áspera. — Aceite meus cumprimentos em nome da Família Regencial.

— Seus cumprimentos não valem nada. Aqui os Nobre não têm poder — a pequena multidão voltou a se inflamar.

— E estou certa de que não deseja ver isso mudar.

— Respeite minha casa, mocinha — Flora apertou a mão de Camilla rispidamente. Sua pele era cor de chocolate. — Caso contrário, você e seu namorado

descobrirão que posso ser muito desagradável.

— Seria um despropósito. Estamos nos entregando de bom grado.

Marcel apertou o bastão, atento aos movimentos de Domingos, que por sua vez, o vigiava. Se Camilla ficou intimidada, não deixou transparecer.

— Olho neles, Félix — Flora foi até Augustus, amparado por Julius e pela moça de cabelos cacheados. Ela abriu os braços de forma exagerada ao se aproximar do trio.

— Meu pobre Augustus, o que os canalhas de azul te fizeram? Não perca tempo, Lena.

Leve-o para ser tratado.

— Ele não quer ir — disse Lena, aflita.

— Quero ver o que vai acontecer com a Camilla e o Marcel, senhora — disse Augustus, bastante debilitado.

— Tem interesse neles? — perguntou Flora.

— Pois é, parece que nem todo mundo que veste azul é canalha.

— Eles nos ajudaram — disse Julius. — Quando os cachorros atacaram e depois, quando fomos capturados.

— Hmm... Acho que entendo. E vou querer ouvir essa história — ela olhou ao redor. A multidão assistia tensa, apenas esperando uma palavra para cair em cima dos

jovens que viam como inimigos. — Faça-os entender também, Augustus.

Ele tirou o braço de cima do ombro de Lena, puxou a garrucha da cintura e falou o mais alto que podia:

— Essas pessoas são minhas amigas! Quem encostar um dedo nelas, vai ter problemas comigo!

Marcel nunca esperaria ver Augustus defende-los daquela maneira. Ele devia gozar de alguma reputação na comunidade. De imediato, muitos murcharam e, mesmo

confusos, baixaram as armas.

— Quem somos? — perguntou Flora, em alto e bom tom.

— *Voz Verde!* — a multidão bradou em uníssono.

— O que somos?

— *Família!*

Fazem mais do que segui-la, pensou Marcel. *A idolatram*. Flora esperou o barulho diminuir.

— Inimigos ou não, aqueles que estendem a mão para um de nós, estendem para

todos nós. Por essa noite, mostraremos nossa grandiosidade abrindo nossas generosas

portas àqueles que não nos querem bem.

— Com licença, dona — disse Julius. — O apartamento em frente ao nosso está vazio.

— Não mais. Acolha nossos hóspedes e tenha certeza de que nada falte a eles.

Ninguém nos acusará de sermos maus anfitriões — Flora voltou-se para Camilla e

Marcel. — Ou de nos escondermos.

Ela desligou o dispositivo preso à jaqueta de agasalho e abaixou o lenço amarelo.

— Tem certeza? — perguntou Domingos.

— Nossos convidados viram os rostos muitos de nós, inclusive o seu, Félix — respondeu Flora com uma voz rouca. — Não é certo que eu seja a única a permanecer incógnita.

— Eu gostaria que permanecesse, mas faça como achar melhor.

Ela descobriu o capuz revelando um rosto negro belo e maduro, de olhos expressivos e sem maquiagem ou enfeites, nem mesmo batom nos lábios grossos. Os

cabelos morenos e lisos desciam até pouco abaixo dos ombros.

— Meu nome é Mairanda Valle. Bem-vindos ao Voz Verde! Por favor, Félix, prepare quatro banhos de soro e ajude-os a se instalar.

A própria Flora ajudou a dispersar a multidão, falando pessoalmente com alguns.

— Banhos de soro? — indagou Marcel.

— É procedimento padrão — disse Domingos. — Quem saí na chuva deve se lavar com soro fisiológico para limpar o ácido.

Encheram um balde em uma torneira atrás do prédio acobreado. A namorada de Augustus, Lena, trouxe uma garrafa plástica branca, despejou um pouco do líquido na

água e agitou o balde. Julius se voluntariou para ser o primeiro, virando o balde sobre a

cabeça de roupa e tudo. Augustus foi o segundo, Marcel o terceiro e por último Camilla.

A brisa noturna arrepiou a pele ensopada.

Domingos os conduziu para dentro do edifício. Uma película escura forrava todos os vidros das janelas, portas e vitrines. Para quem olhava do lado de fora, a impressão era de luzes apagadas. Do lado de dentro, tinha-se uma visão amarronzada do exterior.

Como esperado, o interior do prédio exibia sinais da ação do tempo. O reboco das paredes bege caíra aqui e ali, ao passo que a maioria das peças de cerâmica do piso

estavam rachadas ou quebradas. À parte isso, a higiene parecia ser mantida num nível

razoável. E, para surpresa de Marcel, as luzes funcionavam. Não iluminavam tanto

quanto uma lâmpada comum da Cidade Alta, mas funcionavam.

Como conseguem energia?

A decoração e a arquitetura remetiam ao estilo do início do século 21, período pré-Guerra Absoluta. As portas, cuja tinta marrom claro descascava, eram do tipo com

fechadura. Domingos usou uma pequena chave para abrir uma delas no penúltimo andar

do prédio, bem à frente da porta por onde Julius e Lena conduziram Augustus.

O quarto não podia ser mais simples: o único móvel no primeiro cômodo era um robusto sofá de linhas retas, o estofado cinza escuro destoava das cores claras do ambiente. Um varal fora estendido de uma parede a outra. Possuía uma única janela

estreita, com as cortinas cerradas. Uma enorme infiltração espalhava-se num dos cantos

superiores. Só havia mais um cômodo, o banheiro.

As acomodações espartanas fizeram Camilla torcer o nariz.

— Não há lugar para duas pessoas dormirem.

— É um sofá-cama — Domingos puxou um estrado pela parte de baixo do sofá e desdobrou as almofadas de sentar duas vezes. Retirou as almofadas de encosto dos

braços do móvel e as ajeitou como travesseiros. — A velha cama desse quarto foi

devorada por cupins. Querem ir para outro apartamento?

Camilla lançou um olhar aborrecido para o outro lado do corredor.

— Aqui está bom.

Marcel imaginou que teriam de ficar bem juntinhos para caberem ambos no sofá-cama, um pensamento que achou melhor não dizer em voz alta. O que Camilla

estaria pensando a esse respeito? *Talvez pense que eu deva dormir no chão.*

— Não se enganem com o volume da chuva, a água é escassa — explicou

Domingos. — A quantidade que conseguimos filtrando e reciclando é pequena. Temos

de racionar. O chuveiro está programado para funcionar durante sete minutos por dia e

como já passou da meia-noite, se tomarem banho agora, só poderão tomar outro depois

da meia-noite de amanhã. Vou entregar a chave ao Julius, ele vai trazer comida e roupas

secas.

Domingos saiu sem esperar resposta, trancando a porta atrás de si. Marcel

examinou rapidamente o cômodo principal e o pequeno banheiro, equipado apenas com

o mínimo que se poderia esperar encontrar num banheiro. O mais importante é que

aparentava estar limpo.

Tirou a gaze avermelhada da boca e atirou na lixeira. O buraco do dente perdido

quase não sangrava mais. No espelho do armário sobre a pia, viu o lado do rosto

inchado. Tirou o curativo da testa, afinal, o que significava um simples esfolado

a essa

altura? E já tinha formado casca mesmo. Passou o dedo na marca que o coturno de Jano

fez em seu queixo, era pequena e acreditou que não deixaria cicatriz.

No quarto, Camilla sentou-se na extremidade do sofá-cama com as roupas

pingando. Ele próprio deixava um rastro molhado por onde passava. Esvaziou os bolsos

num canto e estendeu o capote e a camisa preta no varal. A regata também estava

ensopada, mas a manteve. Sentou ao lado de Camilla. Ela tinha um aspecto abatido, um

olhar distante e os ombros caídos.

Deve estar pensando na família.

Por um instante a mente de Marcel voou para casa. Imagens simples inundaram

sua mente: o pai assistindo televisão o dia inteiro, os almoços de sábado com a mãe, eles

valsando em sua graduação... *Espera!* Essa última não era uma memória verdadeira,

fazia parte do sonho empurrado para dentro de sua mente. *Vergil, seu desgraçado!*

Aquilo espantou as lembranças, voltou a atenção para a situação atual.

— Não dá para negar que é bem melhor do que a casa em que passamos a primeira noite. Só não podemos esquecer que somos reféns aqui.

— Sei disso — Camilla rebateu impaciente. — Mas o que eu podia ter feito?

O tom irritou Marcel.

— Pra começo de conversa, nós podíamos ter ido para outro lugar, mas não. A senhorita decidiu nos entregar de bandeja para o inimigo.

— Por que tem sempre que questionar tudo o que eu faço? Um de nós tem que tomar as decisões.

— E adianta falar alguma coisa? Você nunca me escuta!

— Olha, não precisa ficar — ela mudou o rumo da conversa. — Se quiser, pode ir lá para fora, dormir na lama. Quem sabe um cão mutante te encontra? Melhor ainda,

procura os seus colegas lá da base.

— *Meus colegas?* — Marcel ficou ofendido. A discussão fez o buraco do dente latejar furiosamente. — Acha que sou igual a eles? É isso?

— Eu... — Camilla teve dificuldade para encontrar as palavras e terminou desviando o olhar. — Não era o que eu queria dizer.

— Tá bom. Tá certo — disse ele, encarando o chão. — Se é assim...

Fez menção de levantar, Camilla o puxou. Quando se virou para encara-la, ela já tinha se enfiado embaixo de seu braço e pousado a cabeça em sua coxa, tendo cuidado

para não deitar sobre o emplasto curativo.

— Estou cansada, Marcel — ela soltou o ar. — Tão cansada.

A atitude o desmontou. Respirou fundo e deixou os ombros relaxarem.

Acariciou os cabelos castanhos com as pontas dos dedos.

— Também estou — ficaram em silêncio por alguns momentos. Tempo para que

ele tomasse uma decisão. — Vou com você até o final, Camilla. Pode acontecer o que

for, não importa. Vou ficar do seu lado até essa história acabar.

De olhos fechados, ela soltou um meio sorriso.

— Eu devia me sentir melhor com isso?

— Sei que não sou lá grande coisa como arcanista. Nunca devia ter deixado te pegarem lá na base, simplesmente não devia. Mas o que eu puder...

— Pode parar. Falei brincando, seu bobo — ela deitou de costas e tocou de leve na bochecha inchada de Marcel. — O que eu faria sem você?

Encabulado, Marcel deixou escapar um riso abafado. Os olhos castanhos

amendoados dela fixaram nos seus. Olhos tão bonitos que podia passar o dia inteiro

admirando-os. Sentiu um desejo enorme de beijá-la.

O som da fechadura os pegou de surpresa. Ela quase saltou, mas não se desvencilhara de Marcel por completo quando Julius apareceu na porta.

— Interrompo? — o garoto sorriu maliciosamente.

— Não, eh, nós... O que trouxe?

Julius adentrou equilibrando uma garrafa térmica e dois potes de vidro, além de uma pequena caixa térmica pendurada no ombro por uma tira plástica. Entregou um

pote para cada um e despejou chá fumegante neles.

Marcel bebericou, evitando o buraco do dente. O sabor do mate o aqueceu por

dentro. Julius depositou a caixa no chão e exibiu seu conteúdo: sanduíches naturais,

uma garrafa pet com dois litros de suco e uma vasilha plástica recheada com pedaços de

bolo de cenoura.

Apenas depois de terminar o segundo pedaço de bolo é que Marcel lembrou de

parar para respirar, Camilla já estava no terceiro. Só perceberam que Julius havia saído

do quarto quando ele retornou trazendo um edredom lilás com padrões estampados, um

par de toalhas e algumas peças de roupa, além do *tablet*. Depositou tudo sobre o sofá-

cama.

— Essas coisas não farão falta? — perguntou Marcel.

— Sem problemas. A Lena nem aceitaria oferecer menos que isso.

Camilla cobriu a boca com a mão para não parar de mastigar enquanto falava:

— Ela é o que de vocês?

— A Lena é a namorada do mano, ou noiva, ou esposa. Sei lá, o nome é o de menos. É cultivadora, trabalha nas hortas. Ela e a tia Marla moram com a gente faz mais

de um ano.

— Não disse que tinha uma tia.

— Só a Lena é sobrinha dela. É que eu gosto de chamar ela de “tia”, o mano também.

— Ah, é verdade, o seu irmão está machucado e a gente te segurando.

— Não esquentar. Saindo daqui, vou direto pra cama — por um momento, o garoto assumiu uma postura séria. — O Augustus ficou forte pra cuidar de mim e tem

muito orgulho disso, sabe? Fora a Lena, o mano não gosta que ninguém o veja numa

situação ruim, principalmente eu. Nessas horas, o melhor que faço é ficar longe.

O Augustus é mais que um irmão para ele, é quase um pai.

Foi o próprio Julius quem tratou de aliviar o clima.

— Curti esse *tablet*, Marcel. Será que não tem nada que posso te dar em troca dele?

— Vamos fazer assim: fica emprestado. Mas vou precisar dos mapas quando a Camilla e eu partirmos.

— Beleza! Precisam de mais alguma coisa? — Julius ficou sem jeito. — O

Domingos me disse para fechar a porta com chave... Não levem a mal. Sabem que

confio em vocês, não sabem?

— Tudo bem, faça como disseram. Amanhã, venha nos acordar cedo — Camilla levantou e o beijou no rosto. — Desculpe por te arrumar tantos problemas.

— Se todos os problemas fossem assim... — Julius riu. — Marcel, chega mais.

Marcel o alcançou na saída, esperando que tivesse algo importante para dizer.

— Durma bem, hein? — sussurrou o garoto.

— *Boa noite*, Julius! — Marcel fez uma careta e fechou a porta. A chave girou na fechadura. Ficariam confinados até a manhã seguinte.

Comeram um pouco mais e aproveitaram enquanto o chá estava quente. Com a fome que sentia, Marcel teria devorado qualquer coisa que colocassem na sua frente. À

parte disso, realmente gostou do bolo de cenoura, embora seu paladar estranhasse o sabor

de algo preparado com ingredientes naturais.

Camilla e ele travaram um longo debate sobre suas comidas favoritas. De alguma forma, a conversa foi parar na noite da graduação e divertiram-se lembrando a

valsa que dançaram às escondidas.

Por mais que tomar um banho fosse uma tentação, decidiram deixar o chuveiro para o dia seguinte. Camilla argumentou que deveriam estar com a melhor aparência

possível quando encontrassem Flora.

— De acordo?

A moça espreguiçou, já devia ser quase uma da manhã. Ela examinou as roupas, escolheu um camisão preto, pegou uma toalha e entrou no banheiro. Ele guardou a

vasilha de bolo e os potes que usaram para beber dentro da caixa térmica. Em seguida,

pôs-se a pensar numa forma de aumentar a segurança do apartamento.

Há tempos, vira um filme de época em que um espião fazia uma barricada

escorando a porta com uma cadeira. Não dispunha de uma cadeira, mas o bastão serviu

bem a esse propósito. Do banheiro, veio um som que ficava entre um susto e um lamento. A porta do cômodo não estava fechada, viu Camilla diante do espelho.

— O que aconteceu?

— Como o que aconteceu? Meu cabelo virou uma tragédia! — ela agitou as madeixas. — E esse curativo horroroso?

Camilla arrancou o emplasto, ignorando a vermelhidão do ferimento. Jogou as mechas para todo o lado. Marcel viu graça na atitude.

— Para ser sincero...

Ela o interrompeu erguendo o dedo.

— Não se atreva a fazer piada com meu cabelo!

— Nem passou pela minha cabeça — ele levantou as mãos num gesto de rendição. Achou melhor deixa-la em paz com seus problemas capilares. Nunca percebeu

que Camilla tivesse tanto ciúme do cabelo. Ela nunca o impediu de toca-los, o que

pensando bem, ele fazia com certa frequência.

Bocejou enquanto tirava as roupas molhadas, pendurando-as no varal. As dores no abdômen voltaram com toda força quando se dobrou para tirar as botas e as meias.

Pendurou também a cueca, ficando nu por alguns instantes. Enxugou o corpo molhado e

vestiu uma calça de pijama branca com finas linhas azuis, um tanto descolorida. Achou

estranho usar a roupa de outra pessoa, por isso, não tocou em mais nenhuma peça, nem

mesmo nos chinelos.

Enxugou a extremidade do sofá-cama, razoavelmente confortável para uma pessoa, estreito para duas. Duvidava que Camilla concordaria em dormir junto com ele.

O pior é que só possuíam um edredom, o que significava que precisaria encontrar uma

maneira de dormir no chão e sem cobertor. Bom, não faria mal deitar um pouco. A

impressão é de que um século havia passado desde que saíram das camas improvisadas

lá no Bola Branca.

Ocupou o lado mais próximo da porta. Descansaria apenas um pouco antes de Camilla vir deitar. Assim que pousou a cabeça no travesseiro, caiu no sono.

*

Abriu as pálpebras pesadas devagar. Viu o cômodo principal mergulhado na penumbra. Passou a mão no rosto e quando a pousou no travesseiro, os dedos roçaram o

braço de Camilla. Ela dormia a seu lado, o camisã deixando um ombro nu. O edredom

cobria ambos na linha do peito.

Valeu por dividir o sofá! , admirou o rosto de Camilla por um momento.

Dormindo ela fica com carinha de bebê.

Não demorou para perceber o motivo de ter despertado. Deslizou do sofá-cama rumo ao banheiro. Ao sair, o manteve como ela tinha deixado: a lâmpada acesa e a porta

entreaberta, permitindo que alguma claridade escapasse para o quarto.

Abriu caminho pelo varal, agora cheio de roupas, e puxou a cortina da janela.

Através da película escura, viu que a chuva finalmente dera uma trégua, apesar do céu

continuar forrado de nuvens carregadas e relâmpagos coriscarem ocasionalmente.

Espalmou a mão esquerda contra o vidro e ficou vendo os raios passarem entre os dedos

rígidos e cheios de marcas rosadas de queimadura. Fez pequenas fagulhas surgirem

entre eles.

Difícil de acreditar que agora era tão fácil. Não sentia mais a gema-trovão. Tinha consciência da sua presença, mas não a sentia, nem tinha medo de usa-la. O ensinaram

que: “*A gema é uma arma da mente, acionada pela força de vontade do usuário...*” e

“*Quanto mais acreditarem no objetivo pelo qual estão lutando, maior será o poder da*

gema” .

A ideia de Sandrino machucar Camilla despertou seus poderes. E se Julius tivesse razão? Estaria gostando dela?

— Marcel...? — a voz de Camilla soou mole e arrastada.

— Estou aqui.

— O que foi?

— Nada, só vendo se está tudo em ordem.

Ela murmurou algo incompreensível e voltou a dormir. Ele esgueirou-se para baixo do edredom. Podia sentir o calor de Camilla. Como não se sentiria atraído? Era

bonita, inteligente e haviam passado por muito juntos. Mas não passava disso. *Beatriz é*

a única que eu amo. A única... Não é?

Seja como for, cumpriria sua promessa. Ficaria com Camilla até o fim, até que estivesse a salvo e depois... *Depois acabou. Tudo volta ao normal. Ela vai cuidar da*

própria vida e eu da minha... e nunca mais a verei. O pensamento mexeu com ele.

A ideia de não a ver novamente o deixou com um gosto ruim na boca. Mas o que mais poderia esperar? Pertenciam a mundos diferentes, não havia como mudar esse fato.

Foi tentando se conformar que voltou a dormir.

*

Ouviu vozes chamando seu nome durante o sono, sem entender o que diziam.

Descerraram a cortina, permitindo que o sol da manhã jorrasse pela janela. A claridade

o forçou a abrir os olhos. Teve um sobressalto. Camilla não estava ao seu lado. O

olhar

percorreu o cômodo depressa. Não viu as roupas dela no varal e o bastão, que antes

escorava a porta, repousava na quina do quarto.

— Camilla? — obrigou os músculos entorpecidos de sono a se moverem.

Apanhou o bastão e chamou mais alto: — Camilla, cadê você?

A porta do banheiro abriu e Marcel teve outro sobressalto. Camilla saiu às pressas enrolada numa toalha, segurando-a fechada sobre o peito. Os cabelos e os

braços molhados.

— O que foi? — disse ela, agitada.

— Eu, eh... — ele lutou com as palavras. — Fiquei preocupado porque não te vi deitada e, eh, a porta está destrancada.

Ela ficou acanhada.

— Ah... O Julius veio nos acordar e eu abri a porta para falar com ele. Eu te disse.

— Disse?

— Você chegou a responder.

— Acho que eu não tinha acordado direito ainda.

— Bom, eh, se é só isso, vou me vestir — a toalha caía até o meio das costas. —

Ah, uma coisa, usei bastante dos sete minutos do chuveiro.

— Quanto?

— Uns quatro, cinco minutos... e meio. Seis. Desculpe, precisava muito lavar o cabelo.

— Táááá... tá tudo bem — *nunca vou conseguir discutir com uma garota de toalha.*

Camilla voltou ao banheiro. Ao sair, vestia seus próprios trajes, ao invés das peças que receberam de Julius.

— Suas roupas já secaram? — perguntou ele.

— Ainda estão meio úmidas. Vamos usar as nossas roupas para firmar nossa posição, principalmente você e a sua capa de arcanista — ela parou de enxugar o cabelo

com uma expressão preocupada. — Quer dizer, se estiver de acordo.

Ela está pensando no que eu disse ontem, sobre não me dar ouvidos.

O painel junto ao chuveiro cronometrou os sessenta segundos da ducha de Marcel. Viu no espelho que a bochecha inchara bastante durante a noite. Vestiu o uniforme úmido, menos o capote. Não havia necessidade de carregar aquele peso extra

dentro do apartamento.

Preferia um traje seco, mas Camilla o acusara de nunca concordar com ela, por isso decidiu ceder. Além dos mais, a noite anterior deixara claro que ela e Flora disputavam um jogo de poder cujas regras desconhecia. O mínimo que podia fazer seria

dar apoio.

Ela separou sanduíches e encheu os potes com o suco, que pela cor, devia ser de laranja ou abacaxi. Por alguma razão, ele achou curioso vê-la preparando o café da manhã.

Sentaram-se no sofá-cama para o desjejum. Bastou um gole do suco para Marcel perceber o tamanho de sua sede e fome. Embora seu paladar estranhasse o sabor de

comida verdadeira, não-sintética, identificou o gosto de abacaxi. Os sanduíches estavam

recheados com tomate, alface e queijo branco num pão de forma caseiro.

Tal como a energia elétrica, quis saber de onde vinham os ingredientes que compunham aquele café da manhã. Esperava desvendar esses mistérios antes de deixar

a comunidade. *Se é que Flora vai abrir de mão de nós.*

— A sua estratégia de ontem... Como sabia que bater o pé ia funcionar?

Camilla sorriu, orgulhosa de si mesma.

— Só presumi que a pessoa no comando me consideraria uma refém valiosa demais para ser maltratada ou dispensada.

Era um pensamento estranho terem feito tanta força para serem pegos como reféns. Precisava dar crédito à Camilla. Nas condições em que estavam não poderiam

passar à noite ao relento, correndo o risco de serem surpreendidos pelo bando de Vergil

a qualquer momento.

— A pessoa? Quer dizer que não sabia que encontraria a Flora?

— A inteligência da Guarda Nacional sempre suspeitou da presença do Voz

Verde nessa região — ela bebeu um gole de suco e acrescentou: — Mas encontrar Flora

em pessoa me pegou de surpresa.

— Cheguei a ficar com medo ontem à noite: “*Estamos nos entregando de bom grado*” — ele fez uma imitação tosca.

— Eu não falo assim! — Camilla deu um tapinha em seu ombro. Os dois caíram na risada.

— Seu pai te ensinou a negociar daquele jeito?

— Meu pai não é tão durão, foi meu avô. Ele costumava ficar sério quando me ensinava seus truques — ela mostrou-se melancólica. — Uma vez ele disse: “Seja

sempre forte, mesmo quando não se sentir forte, porque o mundo não tem pena dos

fracos”.

— Nossa...!

Não parecia com nada que Marcel tivesse ouvido de seus avôs. Recordou que o

avô de Camilla era Patrício Noble, falecido há cinco anos. Um homem tão implacável

que ficou conhecido como Regente de Ferro.

E ela segue os passos desse homem.

— Sabe o que acabei de perceber, Marcel? — ela colocou o pote de suco de lado

e sentou mais perto, ajeitando-se de frente para ele. — Não sei quase nada sobre você,

além de que é um arcanista, um piloto de moto insano e que tem um aquário.

— Nem fale do meu aquário. A essa hora meus peixes devem estar morrendo de fome. Logo, logo, os maiores vão começar a comer os menores.

Camilla ignorou a tentativa de mudar de assunto.

— Me conta aí por que quis entrar para a Arcanum.

Marcel soltou um suspiro:

— Nunca cheguei a decidir ser arcanista. Meu sempre quis que eu seguisse os seus passos e eu estou me preparando pra isso desde que me lembro.

— Quer dizer que ele é arcanista?

— Costumava ser. Teve de se aposentar por causa de uma lesão no joelho.

Agora passa o dia inteiro no sofá, assistindo o canal de notícias.

— Isso deve deixar sua mãe louca.

— Somos só ele e eu. Minha mãe mora com o segundo marido e com o enteado.

— Entendi — Camilla prosseguiu num tom mais suave: — Foi você quem escolheu ficar com o seu pai?

— Ainda lembro do dia. Os dois estavam lá e também uma assistente social e uma juíza. Eu tive de sentar na frente de toda essa gente e dizer qual dos meus pais

preferia. Pensei que meu pai precisava mais de mim do que minha mãe — Marcel fitou

a ponta das botas. Não costumava falar tão abertamente sobre esse assunto. — Como se

eu fosse capaz de ajudar alguém.

Camilla levantou num salto.

— Lá vem essa conversa de novo! — bufou ela, impaciente. — Para de se depreciar, que coisa chata! Não sei como sua namorada aguenta.

Marcel achou graça da maneira como ela falou.

— Tá explicado porque nunca namorei.

— Nunca?

— Mas tenho uma coleção de foras bem interessante. O último foi semana

passada. Ela disse que éramos amigos demais.

— Ao menos já ficou, não? — em resposta, Marcel balançou a cabeça negativamente. — Quer dizer que nunca beijou? — Camilla ajeitou as alças da blusa

preta que vestia por baixo da branca.

Marcel olhou para ela. Pensou que se dissesse a coisa certa, receberia um beijo.

Ou talvez não. Talvez Camilla reagisse como Beatrix se tentasse beijá-la.

Ouviu a porta ser destrancada, o momento havia passado. Augustus apareceu sem a companhia do irmão. Tinha um curativo no canto do lábio e um dos olhos permanecia inchado. Para surpresa de Marcel, ele quase foi simpático:

— A Flora está esperando vocês.

CATORZE

A descoberta do mana no núcleo da Terra foi recebida com algo além do entusiasmo. Representava um sopro de esperança para um mundo devastado pela

Guerra Absoluta. No primeiro momento, as usinas de extração do vapor energético

representaram a capacidade humana de se reerguer e perseverar. Assim foi durante as

primeiras décadas. Tão logo as novas Cidades Altas estabeleceram-se e a qualidade de

vida alcançou um nível estável, começaram os questionamentos a respeito das consequências de extrair o mana.

Organizações em defesa do meio-ambiente não tardaram a apresentar

relatórios afirmando que o mana era a própria força motriz do planeta: mantinha o

núcleo aquecido, o solo fértil e impulsionava as forças da natureza ao redor do globo.

O governo de Vera Cruz classificou tais relatórios como fantasiosos, ignorando-os

sumariamente. Lideranças de outros países adotaram a mesma postura.

O primeiro registro do Voz Verde é de treze anos atrás. O grupo, criado pela ativista Florisbele Aures, começou como uma organização não-governamental com o

propósito de alertar a sociedade para os perigos do uso desenfreado do mana.

Campanhas publicitárias, protestos e marchas compunham as estratégias do Voz Verde

em seus primeiros anos.

Inicialmente, o governo não tomou conhecimento da iniciativa. No entanto, com o passar do tempo, o Voz Verde ganhou força e influência. Não demorou para que o

Regente de Ferro Patrício Noble elevasse o tom de seus discursos contra Florisbele

Aures e seu movimento que pregava a “desobediência civil”. A tensão explodiu durante

a realização da sétima parada anual do Voz Verde, quando cem mil manifestantes

marcharam pelas ruas de Januarii.

Já prevenido contra o tamanho que a marcha daquele ano teria, o Regente preparou uma imensa força de repressão composta pela Guarda Nacional e pela Arcanum, contratada especialmente para este trabalho.

Quando a marcha aproximou-se da sede do governo, a Torre Branca, uma tropa de choque caiu sobre os manifestantes. As ruas da capital testemunharam uma

batalha campal que estendeu-se pelo resto da tarde e noite afora, terminando apenas

no princípio da manhã seguinte. Centenas de vidas foram perdidas — Florisbele Aures

entre elas —, muitos mais acabaram feridos e presos, sem mencionar o número incontável de lojas depredadas e carros incendiados.

O evento ficou conhecido como Incidente Aures. Pouco depois, Patrício Noble deixou o poder para tratar da saúde. Por doze meses não houve mais notícias do Voz

Verde e muitos acreditaram que o grupo, agora sem sede e com seus seguidores presos

ou espalhados, chegara ao fim.

Contudo, no dia em que o Incidente completou um ano, bombas caseiras

explodiram em perfeita sincronia em usinas de mana por todo país. Horas mais tarde, o

primeiro vídeo de Flora apareceu na hipernet, anunciando um novo início para o Voz

Verde.

Ainda hoje não há confirmação se este movimento foi formado por antigos seguidores de Florisbele Aures ou se é uma segunda iniciativa que se apropriou do nome. Assim como não está claro se Flora é uma única mulher ou um grupo de pessoas que usa a mesma identidade. O fato é que sob sua liderança, o Voz Verde deixou de ser uma organização não-governamental para ganhar o status de grupo ecoterrorista.

Além das usinas de extração de mana, empresas ligadas ao governo e a Arcanum e edifícios oficiais tornaram-se seus alvos tradicionais. Apesar de tais ataques raramente deixarem vítimas, o atual Regente, Domenico Noble aprovou leis estabelecendo penas mais pesadas para atos terroristas do que para outros crimes.

Sete anos após a ascensão de Flora, os esforços em neutralizar o Voz Verde têm sido sistematicamente frustrados. Há quem acredite que o grupo dividiu-se em células disfarçadas de comunidades populares nas Cidades Baixas espalhadas pelo país. O governo nega tais boatos e, da mesma maneira, nega a existência de tais comunidades.

A manhã encontrou a comunidade fervilhando. Conversas animadas e risos de crianças ecoavam ao longo dos corredores. Pela porta aberta de um apartamento, Marcel

viu uma dúzia de pessoas de diferentes idades. Teve somente um vislumbre, mas notou

que os tons de pele variavam do mulato a cores bem escuras e todos juntavam suas

roupas em trouxas.

— O que está acontecendo? — perguntou Camilla.

— Estamos de mudança — respondeu Augustus. — A senhora Mairanda venho no nosso apartamento bem cedo. Contamos o que aconteceu e ela deu ordens para todo

mundo empacotar as coisas.

Um homem magro, dono de um bigode branco, saiu de outro apartamento

carregando uma pilha de roupas, acompanhado de uma adolescente. O olhar da garota

demonstrou curiosidade. O senhor, por outro lado, transbordava irritação.

— Está vendo? — o homem vociferou contra Camilla. — Por sua culpa vamos abandonar nossas casas!

Aquilo bastou para acirrar os ânimos dos moradores que estavam próximos. A

adolescente procurou acalmar o senhor de bigode branco. Marcel tentou se posicionar

junto a Camilla de forma protetora, Augustus fez o mesmo, mas as pessoas vinham de

todos lados se amontoando ao redor deles. Em algum lugar perto dali, uma criança

desatou a chorar.

Um apito soou forte. Lázara, que mantinha guarda junto às escadas soprou o objeto um par de vezes. Ela trazia um fuzil a tiracolo.

— Ei! Que bader-r-rna é essa? — várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo. Lázara soprou o apito mais vezes, conseguindo apenas reduzir um pouco a confusão.

Marcel aproveitou para abrir caminho, afastando Camilla do tumulto, Augustus os acompanhou. O trio encontrou um movimento menor nas escadas. De início, desceram apressadamente, acalmando-se após os primeiros lances.

— Está machucada, Camilla? — disse Marcel. Ela meneou a cabeça. — Desconfio que não gostam de nós por aqui.

— O governo e a Arcanum sempre foram nossos inimigos — disse Augustus. — E isso de sair da comunidade deixou todo mundo nervoso.

Fora do edifício fazia um dia claro e sem nuvens. A chuva deixara poças por toda parte. Marcel recebeu o calor com satisfação, torcendo para que terminasse de secar sua roupa.

Além do prédio alongado, de fachada acobreada, outros três prédios estavam dispostos em torno de uma área comum, ocupada pela quadra poliesportiva, um *playground*, uma pracinha e uma ampla área de lazer. Arbustos de flores margeavam esta última.

O fluxo de pessoas entre os prédios era grande. Uma minoria possuía pele clara, da mesma maneira como os afrodescendentes estavam em menor número no Instituto

Beta. Todos circulavam carregando algo ou indo buscar algo. Um trio de mulheres

levava cestos de frutas, homens equilibravam cadeiras, sofás e colchões, convergindo

para um estacionamento no nível inferior do prédio de fachada verde desbotada.

Ali se depararam com um movimento intenso. Dezenas de famílias levavam seus pertences para serem carregados nas carretas de madeira de dois caminhões de cabine

arredondada. Flora supervisionava a operação, acompanhada de Domingos, que trazia a

espingarda no ombro, como se a arma fosse uma parte de si.

— Temos mesmo de ir, dona Mairanda? — perguntou uma garota.

— Hoje é um dia incomum, eu sei. Mas se pensar bem, vai ver que uma mudança é um momento de oportunidades. É a hora certa para começar aquilo que

sempre quis fazer — a garota sorriu. Flora avistou a Herdeira e seus companheiros.

Marcel posicionou-se atrás de Camilla e deu uma boa olhada na líder do Voz Verde, examinando suas feições de forma mais demorada que na noite anterior. Chegava a ser difícil de acreditar que essa linda mulher de pele chocolate era a famigerada Flora.

— Nossos convidados de honra — disse ela com sua voz rouca, enquanto tirava do bolso da jaqueta de agasalho um cigarro eletrônico pouco maior que um dedo anular,

revestido de tinta dourada um tanto descascada. — As acomodações estavam do seu

agrado?

— Nenhuma reclamação, só agradecimentos pela acolhida — disse Camilla. —

Mesmo se Augustus não tivesse me contado, é obvio que estão se mudando.

— É o tipo de coisa que precisamos fazer depressa para não chamar atenção —

Flora distraiu-se inserindo dentro do aparelho uma pequenina capsula transparente cheia

de uma substância gelatinosa. — Eu gostaria de mover todos hoje mesmo, mas como é

uma mudança feita de última hora, o mais provável é terminamos até amanhã de manhã.

— Agora há pouco, um homem acusou minha chegada à comunidade de ter provocado a mudança.

— Essa é só uma das razões e não da maneira que pensa — Flora levou o cigarro eletrônico aos lábios, dando uma tragada. — Gostaria de ter uma longa conversa com

você, mocinha, mas como pode ver, estou mais do que ocupada. Não imagina o trabalho

que dá para manter uma comunidade funcionando.

— Não quero imaginar. Para ter uma dimensão real, eu preciso ver — Camilla

usou sua “voz de Regente”, que a deixava uma década mais velha. — Com sua permissão, naturalmente.

Respeitosa, mas firme, pensou Marcel. Como ela havia dito na noite anterior.

Domingos adiantou-se para dispersar um grupo de curiosos que se formava:

— Não fiquem aí parados. Vocês têm trabalho a fazer.

— E quanto a ele? — Flora apontou Marcel com a mão que segurava o cigarro eletrônico. — Seu namorado trabalha para a organização que está tentando te matar.

Marcel deu um passo à frente.

— Eu não estou com eles! — disse ofendido e também acuado. Não sabia ao certo o que dizer para provar sua inocência.

— O Marcel está comigo desde o início e já se machucou mais de uma vez indo contra o bando do Vergil — Camilla interveio. — Considero essa uma visita diplomática. É de se esperar que eu seja acompanhada por uma escolta particular.

Flora deu uma longa tragada no cigarro eletrônico e soltou a fumaça devagar, estudando-os. Por fim, esboçou um sorriso.

— Hoje é realmente um dia incomum. Augustus — chamou pelo rapaz, que até então manteve-se calado. — Leve nossos convidados por uma visita pela comunidade.

Mostre o máximo possível a eles e faça o melhor que puder para evitar tumultos.

— Pode deixar, senhora — disse ele, acatando o comando sem hesitar.

Os três deixaram o prédio verde bem na hora em que um dos caminhões de cabine arredondada partiu com a carreta carregada de moveis. O segundo caminhão

continuava a ser carregado e um terceiro retornava. *Relíquias ambulantes*, pensou

Marcel. Os motores produziam um barulho ensurdecedor, além de deixar para trás um

cheiro forte e azedo de metano.

Augustus levantou a camisa, passando a exhibir o cano da garrucha tripla enfiada na calça jeans. Ele olhou ao redor, um tanto confuso.

— Por onde começamos?

— Os outros prédios também são de moradia? — disse Camilla.

— Venham, eu mostro.

— Não achei que você concordaria em nos guiar pela comunidade, Augustus — disse Marcel. — Ontem à noite você bateu o pé para não trazer a gente para cá.

— A senhora Mairanda sabe o que faz.

Se dirigiram para o prédio branco. Já na entrada, escutaram vozes infantis

repetindo o alfabeto em coro. No interior dos apartamentos, professoras davam aulas a

dezenas de crianças sentadas no chão. Cartazes simples de cartolina exibindo letras e

ilustrações enchiam as paredes. Nos andares superiores, adolescentes estudavam

história, geografia e matemática. Segundo Augustus, Flora determinou que as aulas não

fossem canceladas por causa da mudança.

Marcel pensou que seus ouvidos o enganavam quando alcançaram o prédio alaranjado, mas não, realmente ouvira porcos guinchando. O piso do saguão fora quebrado para dar lugar aos leitões e a chiqueiros. Nos andares de cima, as paredes dos

apartamentos não existiam mais, removidas para dar espaço a galinheiros. Parte das

aves era de engorda e parte eram poedeiras de ovos. Ouviu piados, latidos e outros sons

que não identificou.

O barulho e o cheiro não agradaram Marcel. Ficou contente por sair de lá.

Queria poder parar para descansar. As constantes subidas e descidas incomodaram seu

tornozelo machucado e fizeram o buraco do dente latejar, além do mais sentia-se um

tanto sonolento. O período de sono fora insuficiente para se recuperar dos excessos do

dia anterior.

Camilla mancava um pouco da perna direita e tinha olheiras, mas o interesse por tudo que via espantou o cansaço. Ela perguntava constantemente, não só sobre o modo

de vida na comunidade. Quis saber a respeito de toda a parte estrutural, prática, organizacional e logística; recolhendo ideias para seu plano de revitalização.

A visita ao prédio alaranjado não encerrou o *tour*. Saíram do conjunto

habitacional para percorrer as ruas ao redor. Nessa área, encontraram menos homens,

mais mulheres e adolescentes. Passaram por duas moças que vinham empurrando

carrinhos de compras recuperados de algum supermercado cheios de frutas, legumes e

verduras.

Muitas árvores frutíferas cresciam nos quintais e calçadas. Marcel viu

laranjeiras, goiabeiras e tangerineiras plantadas pelo pessoal da comunidade.

Adentraram uma casa, passando por um portão de pontas de lança enferrujado, apenas

escorado nas dobradiças. Avançaram pelo espaço estreito entre a casa e o muro e deram

numa pequena plantação de cenouras no jardim dos fundos, onde encontraram Julius

trabalhando num painel fixado em uma estaca metálica, Lena e uma mulher de certa

idade, cuja cabeça possuía fios pretos e brancos em igual número.

A mulher fechou a cara e afastou-se, ao passo que Julius os recebeu com a sua

típica empolgação e Lena os cumprimentou sorridente. Ela vestia uma blusa preta de

gola canoa e uma bermuda jeans desfiada. Embaixo do braço, trazia uma bacia cheia de

cenouras.

— O senhor não tem jeito, seu Augustus. Eu falei para descansar — a voz dela

era como uma brisa suave. Depois de repreender, pousou a bacia e deu um beijo rápido

no namorado.

— Eu disse que não foi nada.

Julius fez as apresentações.

— Muito obrigada, nem sei como agradecer pela sua ajuda — disse Lena.

— Eu é que agradeço pelo bolo. Foi você quem fez? — perguntou Camilla. —

Estava muito gostoso!

— Estava mesmo — disse Marcel. — Essa é para casar, Augustus!

— Se ele conseguir recuperar um vestido de noiva — disse Lena.

O comentário disparou risadas e brincadeiras, até Augustus deu um sorriso discreto. A mulher, porém, fechou ainda mais a cara.

— As cenouras não saem do chão sozinhas — ela vestia uma bata verde escuro e uma comprida saia cinza.

— A tia Marla tem razão, tenho de trabalhar — Lena apanhou a bacia com cenouras, mas Camilla a tirou de suas mãos.

— Deixa que eu levo — e caminhou atrás de Lena pelo meio da horta, fingindo não ver a expressão carrancuda de Marla. — Como protegem o solo da chuva ácida?

— Assim — Julius apertou um botão no painel em que trabalhava. Mais três estacas de ferro ergueram-se do solo, uma em cada canto do quintal. Trilhos de metal

projetaram-se do alto das estacas ao fundo, conectando-as com as estacas da frente.

Placas de alumínio dobradas dentro dos trilhos distenderam-se sozinhas. Ao fim da

operação, que durou poucos segundos, uma cobertura de alumínio protegia a horta de

cenouras. As placas estavam inclinadas de maneira a escoar a água da chuva para uma

calha no chão e dali para a rua.

Outro clique de Julius e o processo ocorreu de forma inversa, descobrindo a horta.

— Nunca imaginei que a vida nas comunidades tivesse uma organização tão complexa! — disse Camilla. — Vocês produzem tudo o que comem?

— Nem tudo — respondeu Lena. — Trocamos muita coisa com outras comunidades.

Como armas, por exemplo, a menos que tenha um pé de fuzis e escopetas por perto, pensou Marcel, guardando o raciocínio para si.

— Cuidado para não falar demais — resmungou Marla.

— Não implique, tia — disse Lena. — Se são amigos do Augustus e do Julius, são meus amigos também.

— O Marcel e a Camilla são gente boa — emendou Julius.

— De qualquer maneira, a senhora Mairanda falou para mostrar tudo para os dois — completou Augustus.

— Está tudo bem — disse Camilla, ela pareceu ter dificuldade com o peso da bacia cheia de cenouras. Marcel assumiu a função. — Se deseja falar algo, pode ir em frente, senhora.

A carranca de Marla mudou para uma expressão cansada.

— Hoje você é só uma menina e talvez seja uma boa menina. Mas um dia vai deixar de ser menina para ser Regente e aí vai fazer o que os Regentes fazem: extrair

mana e nos perseguir por nosso estilo de vida diferente.

As palavras de Marla deixaram a atmosfera pesada.

— Prometo que não será assim no meu governo.

— Eu queria acreditar, filha... — havia mais fadiga que rancor na voz de Marla. Marcel decidiu intervir.

— Por que acreditam que as usinas de mana são ruins?

— Quando a Lena e os rapazes eram pequenos, as cenouras ficavam boas para colher em, mais ou menos, oitenta dias. Hoje em dia, demora mais de cem. O solo enfraqueceu.

— Só porque essa horta perdeu a força, não quer dizer é assim em todo lugar.

Augustus entrou na conversa:

— Mas é. As mensagens que vem de outras comunidades garantem que é a mesma história no país inteiro. E tem a chuva ácida também.

— Não é por causa da radiação do tempo da guerra?

— A senhora Mairanda me contou que isso não tem nada a ver com a radiação.

Ela me disse que já haviam usado bombas nucleares em outras guerras, mas em nenhum

dos lugares atingidos teve chuva ácida. Isso está acontecendo por causa da perturbação

na natureza.

Marcel refletiu sobre aquilo. Atualmente, quando quase todos os alimentos são sintéticos, será que a agricultura continuava sendo tão importante? Certamente que sim

para as comunidades, mas nem tanto para as Cidades Altas. Por outro lado, se fosse

verdade, o que aconteceria depois? Aqueles que acreditavam na teoria do enfraquecimento do núcleo da Terra faziam previsões apocalípticas a esse respeito: os

ventos parariam de soprar, o movimento das marés cessaria e as plantas deixariam de

nascer, entre outras catástrofes ambientais.

Recolhidas as cenouras, foram a outro quintal colher vagens de feijão. Em seguida, levaram tudo para carregar em um dos caminhões. Camilla e Lena deram-se

bem de cara e à hora do almoço já conversavam como se fossem velhas amigas.

Tiveram arroz, feijão, frango e pedaços de mandioca e, para beber, mais suco de abacaxi. O apartamento da família de Augustus era idêntico ao de Marcel e Camilla,

com apenas dois cômodos. A diferença estava na mobília: uma cama, um par de colchonetes, um par de cadeiras e um fogareiro elétrico de duas bocas. Alguns pratos,

talheres e utensílios de cozinha repousavam sobre uma mesinha. Caixas térmicas guardavam os alimentos.

Marla inventou uma desculpa qualquer para almoçar na casa de uma amiga.

Ninguém teve dúvidas do verdadeiro motivo da ausência ser a presença de um arcanista

e, principalmente, da Herdeira.

Após a refeição, Marcel e Camilla decidiram descansar em seu apartamento, Julius pegou a chave para acompanhá-los.

— Juízo, hein? — falou o garoto a Augustus e Lena antes de sair. Do lado de fora, disse: — Quero mostrar uma coisa legal pra vocês.

Marcel não sentia muita disposição, já Camilla não desperdiçaria uma chance de aprender mais sobre a comunidade. No último andar, ele esqueceu o cansaço.

A maior parte das paredes fora derrubada, restando os pilares que sustentavam o teto, substituído por uma imensa rampa de alumínio. O mesmo vento que agitou seu

capote e despenteou Camilla girava turbinas apoiadas em hastes de um metro e meio de

altura. Cada turbina possuía três hélices de sessenta centímetros. Eram dezenas, talvez

centenas instaladas no último piso do prédio alongado.

— O que são essas coisas? — perguntou Marcel.

— São...

— Turbinas eólicas! — maravilhou-se Camilla. — São movidas pelo vento...

— Isso! E o movimento das hélices produz energia.

Camilla disparou uma lista interminável de perguntas sobre as turbinas. Como funcionavam? Quanta energia geravam? Como armazenavam essa energia? E muitas

mais. O conhecimento de Julius era limitado, mas respondeu como pode. A cada resposta, os olhos dela brilhavam mais.

O plano de revitalização pode mesmo acontecer, pensou Marcel. Sobre o prédio verde, viu outras tantas turbinas girando. No prédio branco, homens as desmontavam

para a mudança e no prédio alaranjado já haviam sido retiradas. *É preciso admirar essa*

gente!

Imaginou como seria se fosse nascido e criado numa comunidade. Pelo pouco que viu, todos contribuía com trabalho. Que função ocuparia nessa sociedade: recuperador, cultivador, professor, criador de animais, vigia? E como seria viver escondido dos olhos do mundo?

Escondido... Uma centelha de suspeita acendeu em sua mente. A população da comunidade devia ser de algumas centenas e não pareciam muito escondidos. É certo

que estavam mais agitados hoje por causa da mudança, mas duvidou que tanta

gente

pudesse passar despercebida a ponto da existência de comunidades ser encarada na

Cidade Alta como uma lenda urbana.

Em seu último discurso, Flora acusara o governo de esconder deliberadamente a verdade sobre as comunidades. Seu pai também dissera algo sobre a Família Regencial

controlar a mídia. É possível que tivessem razão. Mesmo assim, isso não explicava

como uma comunidade conseguia permanecer oculta das patrulhas e das bases avançadas que faziam ronda nas Cidades Baixas.

— Não passam despercebidos — respondeu Camilla, quando ele colocou essas questões, depois de voltarem a seu apartamento. — Pagam suborno aos patrulheiros

para serem deixados em paz

Na janela, ela observava atentamente o movimento lá embaixo. Sentado no sofá-cama, Marcel comia um sanduíche. Desde a noite anterior, seu apetite parecia não ter

fim.

Suborno? Claro, por que não? O pai sempre falava da Arcanum como uma entidade acima do bem e do mal, mas se aprendera algo com essa experiência é que

fazia parte de uma organização corrupta e perigosa.

Não podia esquecer que Vergil ainda estava por perto. Duvidava que ele fosse

desistir de seus planos tão facilmente.

*

— O que achou do passeio pela comunidade? — disse Flora.

Era fim de tarde quando, enfim, ela os chamou. Uma atmosfera acinzentada caía sobre a comunidade. Domingos e Marcel estavam presentes, desempenhando seus

papeis de guarda-costas.

— Achei bastante esclarecedor. Agradeço a oportunidade — respondeu Camilla.

A reunião ocorreu na área de lazer entre os edifícios. Flora sentada num

banquinho de concreto sem apoio para as costas numa postura rígida. Camilla ocupava

um banquinho idêntico de forma mais descontraída, com as pernas cruzadas e as mãos

em torno do joelho. Entre elas, uma mesinha redonda de concreto com o desenho bastante apagado de um tabuleiro para damas e xadrez.

O movimento na área entre os prédios continuava intenso e, certamente,

prosseguiria noite afora. Quem passava por ali, lançava um olhar curioso antes de seguir

caminho. Augustus e Julius assistiam afastados.

— Surpresa por não sermos todos monstros criminosos como nos pintam? — perguntou Flora num tom áspero.

— Nunca pensaria algo assim — certa malícia transpareceu por trás da cortesia de Camilla — Muito menos das crianças. Muitas são tão novas que imagino

terem

nascido aqui.

— E esse é o único mundo que conhecessem. Para elas, o povo da Cidade Alta é o bicho-papão que leva seus pais embora para tranca-los em caixas e nunca mais os devolverem.

A expressão de Camilla ganhou seriedade. Ela inclinou-se para frente, pousando as mãos sobre a mesa e falou com a “voz de Regente”:

— É injusto negar a essas crianças o direito de escolher como querem viver.

Ouvirão essas histórias e crescerão sem saber que na Cidade Alta podem ter acesso a

melhores condições de saúde e educação, e comida sem racionamento.

Flora colocou os cotovelos no tampo da mesa e apoiou o queixo sobre os dedos entrecruzados. Assumia essa postura com frequência em seus discursos. Agora sim,

Marcel conseguia vê-la como a líder do Voz Verde.

— Esqueceu de falar da opressão e das mentiras que sua família conta, mocinha.

Florisbele Aures foi como uma mãe para mim e o Regente de Ferro a massacrou, juntamente com seus seguidores, apenas por espalharem ideias que o desagradavam. A

vida na comunidade pode ser mais difícil, mas somos livres. Esse é o único lar para

aqueles que não têm lugar na Cidade Alta, certo Félix?

— Eu não teria dito melhor, Mairanda — Domingos mudou o rifle de ombro e mostrou um pequeno corte em forma de X na palma da mão, há muito cicatrizado. —

Estão vendo a marca da cirurgia? Tenho certeza que sabe o que é isso, Seeder.

Marcel já tinha visto uma marca idêntica àquela na mão de seu pai.

— Uma cirurgia para remoção de gema. Você foi arcanista?

— Servi no Instituto Alfa, em Januarii por trinta anos. Cheguei a ser um *rook* nível 3.

— Não fale as coisas pela metade, Félix — disse Flora. — Conte a sua história aos nossos convidados.

— Caí em desgraça durante o Incidente Aures. Fui parte da tropa de choque naquele dia. Recebemos ordens para conter a multidão por qualquer meio necessário.

Durante a confusão, vi um grupo de arcanistas espancando uma mulher indefesa. Tentei

protege-la, mas eles eram em maior número e me nocautearam — Domingos fez uma

pausa para domar os nervos. Prosseguiu num tom amargo. — Acordei numa cela sem a

gema. Fui expulso da Arcanum e cumpri pena por desordem e agressão. Quando saí, o

governo havia confiscado o dinheiro e as posses de todos que se recusaram a participar

da repressão. Um antigo companheiro de Unidade disse que pediria abrigo a contatos

que mantinha numa comunidade. Eu não tinha família, nem para onde ir, por isso
o

acompanhei. E aqui estou. Depois de ser rejeitado por meus amigos, a
comunidade me

acolheu de braços abertos. Enquanto eu viver, não vou deixar nada, nem
ninguém

machucar essa gente.

O relato deixou Domingos fatigado. Marcel sentiu-se inclinado a acreditar na
história.

“Um arcanista faz o que é ordenado”, dissera Meri. *“Não imagina o que nos
obrigam a fazer”*. Deu-se conta de estar farto da Arcanum, seus segredos e
métodos, já

vira o bastante para saber que não queria ser parte daquilo. Tomou uma decisão.

Abandonaria o capote assim que retornassem, independente do que o pai pudesse
dizer.

— Lamento pelo que aconteceu, senhor Domingos — os modos de Camilla

indicavam que ela não era tão crédula quanto Marcel. — Mas essa reunião é para
falar

sobre o futuro, não sobre o passado. Eu gostaria de saber o que reservam para
mim e

para meu companheiro.

— Essa é a grande questão — agora foi Flora quem assumiu uma postura casual.

— O que eu faço com vocês?

— Se me permite, Flora, admiro sinceramente seu trabalho aqui. A maneira

como organizou e tem cuidado de tantas pessoas vai muito além de como eu imaginava

uma comunidade.

A líder do Voz Verde mostrou-se indiferente aos elogios.

— Por um lado, agradeço. Por outro, sempre acreditei que só importa o que vem depois do “mas”.

— *Mas...* — disse Camilla. — Não deixa de ser uma terrorista. Posso forjar uma aliança política com a líder de uma comunidade. Com a líder do Voz Verde, não. Marcel viu Flora inclinar-se para frente com um brilho no olhar e compreendeu que as duas haviam chegado ao ponto alto da reunião.

— O que a faz pensar que desejo ser sua aliada, mocinha?

— Tenho um projeto para quando for Regente-Geral. Um plano de revitalização para recuperar as Cidades Baixas e repovoa-las. Expandir o que fizeram aqui em toda

parte. Tudo que vi hoje pode ser aplicado a esse plano e os moradores das comunidades

seriam os primeiros a serem beneficiados. Para dar certo, vou precisar de ajuda, a sua e

a dos outros líderes.

— O que propõe?

— Que deixe Flora de lado e encerre as atividades do Voz Verde. Que apresente-se apenas como Mairanda Valle. Com a sua ajuda, podemos melhorar a

qualidade de vida das pessoas dessa comunidade.

Flora recuou, relaxando os ombros. Sem pressa, tirou o cigarro eletrônico do bolso, alojou uma cápsula em seu interior e deu uma tragada.

— Uma proposta interessante. Acredito que vale à pena discuti-la algum dia. No momento, é o futuro imediato que me preocupa.

— No que está pensando?

— Pelo que vi, você é inteligente, Noble. Mas acredito que se focou tanto na situação atual que acabou deixando passar algo importante: as consequências.

Flora se levantou e deu alguns passos, enquanto levava o cigarro aos lábios novamente. Camilla ficou de pé e Marcel viu uma curiosidade genuína em seu rosto.

Tinha certeza que ela também notou que dessa vez Flora a chamou pelo nome, ao invés

de chama-la de “mocinha”.

— A Arcanum mostrou suas garras — disse Flora. — Um ataque direto contra a Família Regencial é um ato extremo. Não há volta depois disso. Diga-me, Noble, o que

acontece agora?

Camilla apertou os lábios e olhou ao redor, pensativa.

— Guerra civil — concluiu ela. — Vai haver uma guerra civil entre o governo e a Arcanum.

— Esse é um bom lugar para morar, mas sem muitas defesas — Flora deu outra

tragada. — Há uma estação a sete quilômetros daqui. Mesmo velhos, os trens ainda

funcionam. Vou usa-los para levar a comunidade para uma moradia mais guarnecida.

Quanto a você e seu arcanista, uma linha vai leva-los direto para Januarii.

— É só isso? Vai simplesmente nos libertar?

— Não tenho simpatia pela sua família e sei que o sentimento é mútuo, mas não sou simplória para não perceber que o Voz Verde corre o risco de ser pego no fogo

cruzado — Flora estendeu a mão. — Como diz o ditado: “o inimigo do meu inimigo é

meu amigo”.

*

Camilla sentou na beirada do sofá-cama calada e com uma expressão distante.

Provavelmente pensando no fato de ter acabado de apertar a mão da inimiga pública

número um. Flora e ela concordaram em apoiarem-se mutuamente caso exploda um

conflito armado entre o governo e a Arcanum. Tratava-se de um acordo simples, mas

com desdobramentos que Camilla, certamente, tentava visualizar.

De sua parte, a única certeza de Marcel é que se houvesse mesmo uma guerra civil, de maneira nenhuma ficaria ao lado de gente como Vergil para ir contra Camilla.

No mais, o cansaço demasiado o impedia de pensar à fundo em qualquer coisa.

A deixou em paz e foi examinar a bochecha inchada no espelho do banheiro.

Sentia-a amortecida ao toque e o buraco do dente havia parado de latejar. Já a dor

muscular no abdômen era mais que um incômodo. Engoliu um analgésico com um gole

de água reciclada da torneira da pia. O paladar detectou um ligeiro gosto plástico.

Depois de esvaziar os bolsos e estender o capote no varal do quarto, sentou no sofá-cama e apoiou o pé canhoto sobre o outro joelho para examinar o tornozelo machucado. Substituiu o emplasto sujo por uma faixa de gaze, as marcas deixadas pelos

dentes do cão selvagem ainda eram visíveis. Ao terminar, voltou-se para Camilla:

— O emplasto na sua perna está velho.

Ela suspirou, relaxando a tensão muscular. Descalçou o coturninho e pousou o pé com meia sobre o sofá-cama.

— Avise se ficar apertado — disse Marcel, enrolando a gaze na batata da perna de Camilla. O corte curava bem, mas provavelmente deixaria uma cicatriz. Pôs a gaze

de lado e inclinou-se para examinar o machucado na cabeça dela. — Já está formando

casca.

— Não sei se gosto disso.

— Ninguém gosta de um calombo na cabeça.

— Falo da Flora. Não temos certeza se ela vai cumprir a palavra — os lábios de Camilla tremeram levemente. — A Base Zero não fica longe. Não é impossível a Flora

ter algum tipo de ligação com o Vergil, nem que seja apenas para pagar suborno. Lembra do que eu disse mais cedo sobre isso?

Ela está com medo, pensou Marcel. Se Flora cumprisse o combinado, amanhã a essa hora, ele estaria no Instituto Alfa, na capital. Poderia rever Beatrix e seus outros

colegas de Unidade. Em sua mente, não se permitia cogitar outra possibilidade, além de

todos terem sobrevivido ao trem. Principalmente, Beatrix. Precisava acreditar que ela

estava viva e bem.

Em contrapartida, Camilla podia ter razão.

— Tem alguma ideia? — perguntou a ela.

— O metrô é a nossa melhor chance de voltar para casa em segurança. Vamos dar um voto de confiança para a Flora, mas vamos tentar descobrir qual é o trem que

conduz para Januárii. Ao primeiro sinal de algo errado, damos um jeito de escapar nele.

Vou usar o escudo telecinético para nos proteger e você derruba as sentinelas com o

bastão. Só use a gema-trovão em último caso... Não quero machucar essa gente.

— Nem eu — *é um plano frágil e muito dependente do acaso*, conformou-se ele.

Com a pouca informação que dispunham, seria difícil traçar uma estratégia elaborada.

Pousou a mão sobre a dela, recordando sua promessa: — Eu disse que ficaria do seu

lado até o fim e vou ficar. Mesmo se alguma coisa der errado amanhã, nada vai me tirar

de perto de você.

— Eu sei — disse ela com um sorriso cansado.

Augustus veio chama-los para jantar em seu apartamento, ele vestia uma camiseta sem mangas, valorizando o porte atlético. Desta vez, Marla esteve presente. A

ausência foi de Julius. Flora chamou o garoto para conversar após a reunião. Ele saiu

com ela e Domingos e ainda não retornara.

Depois da refeição, Augustus atravessou o corredor com Marcel e Camilla, levando mais alguns sanduíches para os dois.

— Posso fazer uma pergunta, Camilla? — disse ele, não sem certa formalidade.

— Caso decidirmos entrar escondidos na Cidade Alta, você poderia ajudar a encontrar

uma casa e documentos?

— Vão deixar a comunidade? — ela ficou surpresa.

— Pensei que fosse o seu lar — disse Marcel.

— A comunidade é tudo para nós. Mesmo assim, o que aconteceu ontem pode acontecer de novo, talvez com o meu irmão levando a pior — e acrescentou

amargamente: — Também penso nos meus pais. Não quero que um dia meus filhos

tenham de visitar um presídio.

— Há quanto tempo estão detidos?

— Faz quatro anos que foram presos por participarem de um atentado contra uma fábrica da empresa que fornece armas para a Guarda Nacional. Pegaram quarenta

anos por terrorismo.

— Quando vão se mudar? — perguntou Camilla.

— Não sei. A Lena e eu concordamos, mas o Julius e a tia Marla querem ficar.

Se tivermos alguma coisa garantida, pode ser que mudem de ideia.

— Preciso de papel e caneta — Augustus buscou um lápis pequeno e os restos de um jornal em seu apartamento. Camilla fez uma anotação. — Este é o meu número,

quando decidirem, liguem para mim.

— Obrigado.

Augustus deixou o quarto, trancando a porta. A noite caiu, trazendo o breu noturno com ela. Nuvens carregadas cobriram o céu, mas não voltou a chover. O

cansaço acumulado, a noite mal dormida e os encontros tensos cobraram seu preço,

tanto de Marcel, quanto de Camilla. Um esgotamento físico e mental abateu-se sobre

ambos.

Cada músculo do corpo dele agradeceu quando repousou no sofá-cama.

Vestindo o camisão preto, Camilla apagou a luz do cômodo principal e veio deitar.

Ficaram de frente um para o outro.

— E pra mim? Não vai me passar o seu número? — sussurrou ele.

— Qual deles? — ela respondeu de olhos fechados. — Tenho um para imprensa e amigos políticos, um para a família e os amigos de verdade e outro secreto.

— Em qual dessas categorias eu me encaixo?

— Ainda estou decidindo... — ela bocejou. — Boa noite!

O sono veio depressa. Marcel sonhou que passeava pela comunidade com seus companheiros da Unidade 31-3 e outros conhecidos. Viu Beatrix, Sandrino e todos os

demaís, incluindo a *king* Vesper e o *queen* Enzo. Kelvin, usando um capote azul, e

Maurícia também faziam parte do grupo. Subiram e desceram os prédios e visitaram as

hortas, enquanto explicava a eles como tudo funcionava. Foram para a área de lazer e lá

encontraram Camilla em seu vestido preto. A chuva de sangue caiu. Nessa hora, ele

acordou.

Lavou o rosto no banheiro, imaginando se algum dia ficaria completamente livre desse pesadelo. Voltou para o sofá-cama e se acomodou junto à Camilla, sem acordá-la.

O sono voltou rápido e, felizmente, sem sonhos.

Despertou com um par de vozes femininas chamando e batendo na porta. Não conseguiam abrir graças ao bastão escorado na fechadura. Marcel levantou sonolento,

reconhecendo as vozes de Lena e Marla. Percebeu o tom aflito delas e se apressou.

— Precisamos de ajuda — disse Lena. — O Julius desapareceu!

QUINZE

Marcel terminava de vestir as mangas do capote quando deixaram o apartamento. Seguiu as mulheres com um sanduíche pendurado na boca. Ele e Camilla

comeram depressa enquanto desciam as escadas e Lena os colocava a par da situação:

— O Julius costuma ficar passeando até tarde, mas nunca tinha ficado fora até meia-noite. Fomos procurar a dona Mairanda e ela disse que mandou ele cuidar de

alguma coisa na estação. Não quis contar o quê. O Augustus ficou zangado...

— E com razão — disse Marla. — O Julius nunca saiu da comunidade sozinho.

— Deixa eu continuar, tia. O Augustus foi procurar na estação e só voltou hoje de manhã sem encontrar o Julius.

— Onde ele está agora? — perguntou Camilla.

— Falando com a dona Mairanda e o seu Domingos.

Quase todos já haviam partido. Não ouviram conversas, nem viram movimento

nas escadas, os passos ecoaram no saguão. Na área comum entre os prédios encontraram um grupo de cinquenta pessoas, as últimas da comunidade. Um dos velhos

caminhões estava estacionado ali perto, ao lado de uma caminhonete que aparentava ser

ainda mais velha.

No coração da multidão, Augustus, equipado com a escopeta nas costas e as pistolas nas coxas, discutia com Flora. Domingos a escoltava, como sempre. Os demais

eram vigias da comunidade, inclusive Lázara.

— ... certeza que ele está bem, Augustus — Flora terminava de dizer. — Ah, vocês chegaram.

— Também queremos ajudar — disse Camilla. — O que aconteceu com Julius?

— Tenham calma! Eu pedi ao Julius que fizesse um trabalho que exigia ficar fora de vista. Ao invés de pensarem o pior, subam. Vocês virão comigo na caminhonete,

o resto irá no caminhão.

Manchas de ferrugem salpicavam a cor esverdeada da caminhonete. O capô, de um branco encardido, certamente pertencera a outro veículo anteriormente. A cabine

acomodava apenas dois passageiros. Lázara ocupou o banco rasgado do motorista e

Marla o assento do passageiro, tiveram de bater as portas com força para fechá-las. A

caminhonete, na realidade, era como um pequeno caminhão devido à carroceria de

madeira ligada à cabine. Marcel e Augustus sentaram em cima da grade e ajudaram

Camilla e Lena a subir. Flora ficou de pé, apoiada na parte de trás da cabine, Domingos

posicionou-se entre ela e um estepe.

Os motores a gás de cozinha funcionaram ruidosamente. A caminhonete saiu na frente, seguida de perto pelo caminhão. Bastaram cem metros para Marcel decidir que

detestava aquilo. O motor fazia barulho demais e sacolejavam tanto que temeu cair da

grade de madeira, onde se apoiava meio sentado, meio em pé.

Notou os olhares nostálgicos de Flora e Domingos. Boa parte dos passageiros na carroceria do caminhão olhou para trás, um ou outro enxugava lágrimas. A manhã

cinzenta não fazia nada para melhorar a atmosfera.

Dobraram uma esquina e a comunidade saiu do campo de visão de Flora. Ela sacudiu a cabeça, como se saísse de um transe.

— Quer saber como vim para cá? — perguntou a Camilla.

— Por que não? — o motor obrigou Camilla a falar alto para ser ouvida.

— Estou aqui graças a Florisbele Aures — a voz rouca de Flora quase sumiu na barulheira. — Ela não era só uma ativista ambiental, era uma humanitária também.

Presidia uma ONG que acolhia menores de rua, como eu.

— Então veio das ruas? — disse Marcel.

— E se não fosse por Florisbele, ainda estaria lá. Durante anos, passei por instituições piores que as ruas. Aquela organização não, lá era diferente. Realmente

cuidavam de nós: davam comida, cama, roupas limpas, abrigo. E ofereciam todo tipo de

curso. Eu adorava o de teatro.

Uma atriz? , pensou Marcel. *Faz sentido.*

— A grande Flora em um palco de teatro? — disse Camilla.

— Estive lá por um bom par de anos. Não fui a melhor, mas fui boa o bastante

— Flora mostrou-se saudosa. — Eu adorava Shakespeare: interpretei Cleópatra em Júlio

Cesar e Ofélia em Hamlet... meu sonho era interpretar Lady MacBeth.

— A nobre senhora que instiga o marido a cometer assassinato.

— Eu a vejo como uma mulher obstinada — um sorriso malicioso aflorou nos

lábios da líder do Voz Verde. — Uma vez li o roteiro de uma peça baseada em um livro

antigo chamado “Serpente de Fogo”. Achei o enredo intrigante, pena que Florisbele

nunca nos deixou apresenta-la por não gostar da mensagem.

A caminhonete reduziu para passar por um buraco enorme, cheio de água da

chuva que caíra dois dias antes. Flora prosseguiu com a narrativa:

— A peça contava a história do Rei Vermelho. Não lembro da maioria dos detalhes, mas o mais importante é que em sua trajetória ele convertia todos os reinos em

uma só nação, trazendo uma Era de paz e prosperidade para o mundo. Como acreditam

que ele alcançou essa façanha?

Camilla respondeu prontamente:

— Através da guerra. Vi uma montagem dessa peça no ano passado. O Rei Vermelho massacrou todos os seus inimigos até não restar mais ninguém com quem

lutar, e veio um período de paz que durou séculos.

— Qual pensa ser a moral da história?

As duas se encararam. *Estão jogando de novo*, pensou Marcel.

— Os inimigos do Rei Vermelho o viam como um homem cruel e implacável, as gerações que vieram depois o viram como um herói salvador. Isso mostra que não existe

um caminho perfeito. Um bom líder faz o que é melhor para maioria e reza para que

seja o suficiente.

— Muito bom! Foi a melhor resposta que já ouvi para essa pergunta. A maioria das pessoas só enxerga a ideia de que os fins justificam os meios.

— Ainda não vejo qual é a conexão entre a peça e os motivos que a levaram a entrar para o Voz Verde.

— Para falar a verdade, não há nenhuma. Apenas queria saber sua opinião sobre esse assunto. Como disse, estou no Voz Verde por causa de Florisbele Aures. Ela me

deu um objetivo na vida e quem sabe quantas crianças mais poderia ter ajudado? À

minha maneira, tento continuar o trabalho dela — Flora deu um par de pancadas no alto

da cabine. — Depressa, Lázara, não temos tempo a perder!

— Sim, sen-n-nhora — a motorista precisou gritar para ser ouvida e acelerou, aumentando o chacoalhar na carroceria. O silêncio durou pouco:

— O que mandou meu irmão fazer? — perguntou Augustus.

— Nada de mais. Só algo para garantir nossa segurança após partirmos. Ficaré sabendo na hora certa.

— Como mantém o metrô funcionando? — perguntou Marcel.

Foi Domingos quem respondeu:

— Através da manutenção dos geradores de emergência.

— Tem carros suficientes para todos?

— É claro. Elaboramos esse plano de fuga há anos.

Assim que os veículos dobraram uma esquina, a caminhonete freou bruscamente, quase derrubando aqueles em cima da carroceria.

— Lázara, por que par...? — Flora não concluiu a frase.

Vergil estava parado no meio da rua, as mãos para trás, encarando-os de peito

estufado.

— Não é ele — disse Marcel. Num segundo momento, notou o corpo semitransparente e imóvel do *queen*. — É um vídeo holográfico pausado.

Os ocupantes da caminhonete saltaram. Domingos fez sinal para que o caminhão esperasse, enquanto se aproximavam do holograma projetado por um *tablet* deixado no

chão. Marcel tocou na imagem. O Vergil holográfico começou a falar:

— Bom dia, Flora. Sabia que seria a última a deixar a comunidade. Imaginou realmente que conseguiria mover toda sua gente sem que eu percebesse? Leve-os para

onde quiser, não tenho interesse neste assunto. Entretanto, você tem algo que desejo:

Camilla Noble. Entregue-a para mim ou um jovem chamado Julius, por quem sei que

tem apreço, nunca mais será visto com vida novamente. Estou esperando na estação,

debaixo da cúpula.

O vídeo terminou e o holograma desapareceu.

— Desgraçado! — gritou Augustus.

Lena e Marla abraçaram-se aflitas.

— Pode ser um blefe — disse Domingos.

Marcel apanhou o *tablet* do chão e examinou alguns arquivos. Encontrou um relatório apenas com o cabeçalho preenchido e um mapa que traçava o caminho entre

uma casa na Cidade Baixa e a Base Zero.

— Acho que ele não está blefando — disse. — Esse é o *tablet* que emprestei ao Julius.

— O que vamos fazer, sen-n-nhora? — perguntou Lázara.

— Confronta-lo cara a cara. O que mais? — disse Flora.

Camilla ficou de frente para todos.

— Nosso acordo começa a valer agora. Vou com você até o ponto de encontro.

— Eu também — emendou Marcel. Não tinha certeza do quanto podia ajudar, mas Julius era seu amigo, não o abandonaria.

Subiram novamente na caminhonete, partindo em alta velocidade.

Alcançaram uma larga avenida entre os prédios abandonados. Pararam em frente a uma construção quadrada, as portas de vidro reduzidas a cacos. A fachada apresentava

rachaduras. Lia-se parte do nome da estação no letreiro semidestruído. Atrás do edifício

de entrada, uma cúpula de painéis de vidro triangulares erguia-se do chão. Faltavam

alguns dos painéis no ponto mais alto e uma grossa camada de musgo espalhava-se

sobre os que restavam.

Cerca de trinta pessoas de todas as idades conversavam despreocupadamente na calçada. Flora saltou da carroceria, impaciente.

— O que estão fazendo aqui em cima? Vão lá para baixo, os trens estão quase

partindo — o caminhão os alcançou. Seus cinquenta ocupantes desceram depressa.

Flora dirigiu-se a Lázara e ao outro motorista. — Já sabem para onde ir. Nos vemos em

alguns dias.

Ambos os veículos partiram.

Dentro do pequeno prédio, passaram pelos velhos guichês, alcançando uma dúzia de escadas rolantes paradas no tempo. O brilho cinzento da manhã diminuiu

consideravelmente durante a descida para um piso intermediário. À frente e dos lados,

pares de escadas conduziam a níveis inferiores. Centenas de vozes vinham de baixo.

Os trinta que estavam na calçada mais os cinquenta que vieram de caminhão desceram pela esquerda para encontrarem os demais membros da comunidade. Flora

orientou os vigias a ajudarem as pessoas a embarcar, escolhendo um deles como encarregado da operação. Terminadas as instruções, voltou-se para Augustus:

— Prometo que encontraremos o Julius. Pode ir cuidar do resto da sua família.

— Desculpe, senhora, mas não vou a lugar nenhum sem o meu irmão.

— E quanto a elas? — com um aceno de cabeça, Flora indicou Lena e Marla.

— É melhor vocês duas irem, amor — disse Augustus.

— Também queremos ajudar — rebateu Lena.

— Vou me sentir mais tranquilo sabendo que estão bem. Estou pedindo, por

favor, vão com os outros. Daqui a pouco eu e o Julius alcançamos vocês.

Marla tocou no ombro da sobrinha.

— Venha, filha.

Lena deu-se por vencida e beijou Augustus.

— Não demore.

— Por aqui — indicou Flora. Ela desceu às escadas. Augustus empunhou sua escopeta e a seguiu. Depois foi Camilla, Marcel a acompanhou de perto. Domingos

fechou a fila.

No fim da escadaria, ignoraram as vozes cada vez mais nítidas dos membros da comunidade. No meio das conversas, sobressaíram as queixas de dois homens que não

conseguiram colocar um guarda-roupa dentro de um dos vagões. Ao menos, foi o que

Marcel entendeu. Também ouviram os sons dos primeiros trens em movimento.

Flora conduziu o pequeno grupo na direção da cúpula de vidro. O ambiente

clareou um pouco, permitindo verem a água suja empoçada aqui e ali e blocos de reboco

desprendido jazendo no chão. Pichações, rachaduras e infiltrações disputavam espaço

nas paredes.

Subiram outro par de escadas, rumo a área aberta encimada pela cúpula. De súbito, Augustus correu para cima, ultrapassando Flora.

— *Maldito!* — gritou ele, engatilhando a escopeta.

Por impulso, todos começaram a correr. Flora empunhou um robusto revólver de plasma calibre quarenta e cinco que trazia escondido sob a bata. Mesmo sem ver o que

acontecia no piso superior, Marcel pôs as pernas para trabalhar. Ouviu mais gritos,

acompanhados de ameaças. No piso superior, Flora, Domingos e Augustus ficaram

ombro a ombro apontando suas armas.

— Solta ele! — rosnou Augustus. — Julius, você está bem?

À cinquenta passos de distância, Vergil mantinha seu sabre próximo a garganta de Julius. O *queen* tinha um curativo no nariz quebrado e hematomas no rosto. A mão

esquerda brilhava sobre o ombro do garoto, que permanecia imóvel. Silvana, com seus

leques de batalha, Jano, segurando um embrulho e Meri, com uma garrucha de cano

triplo, completavam o bando.

— Poupe o fôlego, rapaz — o oficial adiantou-se, seu refém caminhou sem oferecer resistência. — Este jovem não pode falar no momento.

Marcel notou os olhos semicerrados de Julius, sem pupilas, só se via a parte branca. *É a gema. Vergil está usando a gema-mental nele. A frieza do queen tornava-o*

assustador, não duvidava de que podia abrir a garganta do garoto sem vacilar.

Os outros três arcanistas permaneceram perto de uma cerca baixa formada por tubos de alumínio, rodeando um recorte circular no piso, perfeitamente alinhado com a cúpula.

— O que está fazendo, Vergil? — Flora apontou o revólver, segurando-o com ambas as mãos.

— Eu poderia lhe devolver a pergunta, minha cara Flora. Parece que não deseja mais a proteção da Base Zero.

— O que você chama de proteção, eu chamo de extorsão! Foi só pelo bem da comunidade que paguei cada centavo que exigiram. Solte o Julius, ele não tem nada a ver com isso!

— Ao contrário. Jano...

O grandalhão jogou um pacote do tamanho de uma caixa de sapatos todo enrolado com fita adesiva marrom entre os dois grupos. Um *display* digital estava preso

ao embrulho por um emaranhado de fios coloridos. O mostrador exibia zero horas e

dezenove minutos em números vermelhos. O contador de segundos regredia, descendo

dos trinta para a casa dos vinte.

— Corrija-me se estiver enganado, Flora — disse Vergil. — Acredito que está seja uma bomba do Voz Verde. Encontrei este jovem plantando outras iguais pela

estação.

— Ele fez isso por ordem minha. Uma garantia de não sermos seguidos.

— Ambos apreciamos soluções dramáticas. Também tenho uma garantia — a lateral da lâmina deu duas batidinhas no pescoço de Julius. — Soltem as armas.

— Se machucar meu irmão, juro que te mato! — Augustus largou a escopeta e as pistolas. Flora e Domingos trocaram um olhar antes de largarem o revólver e o rifle.

Vergil acenou para Silvana. Sem soltar o leque, ela estendeu o braço direito, a mão brilhou e uma crosta de gelo cobriu as armas. Marcel, que ainda tinha seu bastão

retraído e preso ao cinto, mostrou as palmas das mãos, na esperança de que o tomassem

por desarmado.

— Muito bem — disse o *queen*. — Senhorita Noble...

— Eu vou — disse Camilla. Com uma expressão aflita, ela imitou o gesto de

Marcel. — Me entrego, mas não machuque o Julius. Não machuque mais ninguém por

minha causa.

— Uma atitude digna da futura Regente. Aproxime-se de meus companheiros.

Camilla caminhou devagar na direção dos inimigos com as mãos erguidas.

Marcel a viu afastar-se e isso doeu em seu peito. *Vão matá-la.*

— Esperem! Tem de me levar também — juntou-se a Camilla.

— Não — disse ela. — Marcel, você não pode! Volte!

— Eu prometi que ficaria do seu lado até o fim — deu mais um passo, fitando os olhos castanhos dela. — Até o fim.

Ela não encontrou as palavras.

— Finalmente compreendo porque a hipnose falhou — disse Vergil, friamente.

— Se tivesse percebido antes, teria feito uma abordagem diferente.

— Vamos ficar com ele, senhor — vociferou Jano. — Quero acertar as contas com esse aí.

— Faça bom proveito — Silvana passou as bordas afiadas dos leques uma contra a outra, soltando faíscas. — A Noble é minha.

— Pois bem. Venham devagar, você também, Seeder. Nem cogitem utilizar o poder de suas gemas.

Marcel e Camilla pararam a cerca de um passo dos inimigos. O desejo de machucá-lo estava estampado no rosto de Jano. À sua direita, Camilla encarava uma

intenção semelhante na expressão de Silvana. Vergil observou atentamente um pouco

afastado. À esquerda, Meri assistia a tudo em silêncio, um suor frio escorrendo de sua

testa.

— Ainda obedecendo ordens, não é, doutora? Agora sei o que nos obrigam a fazer.

Meri virou o rosto.

A tensão chegou ao limite, o próprio ar ficou pesado. Augustus assistia a tudo com o coração na mão. Domingos manteve-se atento a todos os detalhes. Flora sustentou o olhar frio de Vergil.

— Já os têm em seu poder — disse ela. — Solte o Julius!

— Soltarei. Afinal, temos um acordo... — o *queen* afastou o sabre, o brilho da mão esquerda apagou.

Julius saiu do transe, seus olhos recuperaram o brilho.

— Hein...? — disse, confuso.

— ... mas os termos mudaram!

O sabre entrou pelas costas de Julius e saiu pelo peito.

— *Nããããoooooooo!!!* — Augustus se desesperou.

Vergil torceu a lâmina. Julius abriu a boca num grito mudo.

O garoto caiu de joelhos com a camisa empada de sangue e tombou de olhos arregalados. Uma poça vermelha surgiu ao seu redor.

A mão de Vergil brilhou intensamente e tudo ficou caótico. Augustus avançou, mas tropeçou nos próprios pés. Flora e Domingos tentaram equilibrar-se um no outro,

porém ambos caíram.

Marcel sentiu o piso girar debaixo de seus pés. A cabeça rodopiando. Não fosse um parco reflexo no leque de Silvana, não teria saltado para cima de Camilla a tempo de

escapar por pouco de um corte fatal. Com o senso de equilíbrio abalado pelo

poder da

gema-mental de Vergil, foram ao chão, sentindo o mundo rodar.

Viu Meri apontar a garrucha tripla em outra direção. Pensou que seus sentidos confusos o enganavam, mas quando Jano avançou para cima dela, entendeu que a

doutora mirava em Vergil. O projétil errou o alvo por milímetros.

O ataque surpreendeu o *queen*, o brilho de sua mão apagou. Igualmente confusa, Silvana parou no meio do movimento de jogar o leque. Foi o bastante para Camilla

conseguir se focar o para repelir a *knight* com a gema-telecinética.

Marcel ainda estava zozinho, mas aos poucos, sentia o chão parando de girar. Jano tentava desarmar Meri. O som de disparos o lembrou das outras armas.

— Quebre o gelo! — disse a Camilla. Deitada, ela estendeu a mão e usou a telecinese para rachar a camada congelada. Flora e Domingos recuperaram o revólver e

a espingarda, mas Augustus já investia cego de ódio contra Vergil. O sabre deixou um

corte na barriga do rapaz, o *queen* o empurrou para longe. Os frios olhos azuis cravaram-se em Camilla. — Use o escudo telecinético para se proteger.

Marcel levantou num salto e investiu contra Vergil, distendendo o bastão. Não podia dar ao *queen* a chance de usar a gema novamente. O viu repetir o mesmo ataque

que usou contra Augustus, que se contorcia no chão. Antecipando o movimento, Marcel

esquivou-se de lado. O sabre errou o ventre, perfurando seu capote. Ao tentar recuar,

percebeu que a espada havia se enroscado, mantendo-os próximos.

Atracaram-se e deram por si girando sobre a cerca de tubos, caindo para o nível inferior. Chegaram ao chão separados. A curta queda os atordoou.

Marcel apanhou o bastão e avançou furioso. Vergil brandiu o sabre, assumindo uma postura de esgrima, com a mão canhota erguida atrás do corpo. A lâmina desviou a

varada para baixo, depois de novo e de novo. De repente o sabre ascendeu e abriu um

talho no braço esquerdo de Marcel.

A dor não aplacou sua ira, mas serviu para desanuviar a mente. Ouviu tiros e sons de luta vindos lá de cima. Procurou as escadas com o olhar e as encontrou do outro

lado daquela área. Porém, o *queen* ficou em seu caminho.

— Sugiro preocupar-se consigo mesmo, Seeder. Não que vá mudar o resultado de nosso embate.

— Por quê? Por que matar o Julius?

— Para ficar com tudo. Para me livrar das testemunhas e acabar com todos de uma só vez: Flora, Noble e você, Seeder, a quem culparei pela morte da Herdeira Regencial.

— Seu desgraçado! — lágrimas de perda e raiva rolaram. Marcel invocou o poder da gema-trovão. Raios faiscaram como longas serpentes brilhantes. No

instante

em que ia lançar o ataque, a mão esquerda de Vergil brilhou.

O poder da gema-mental afetou sua noção de equilíbrio. O chão moveu-se debaixo de seus pés, como se tivesse acabado de rodar feito um pião. O relâmpago

perdeu o rumo passando longe do *queen*. Vergil investiu com a mão ainda brilhando.

Marcel sentiu o ar se tornar mais opressor. De súbito, a presença do homem à sua frente

parecia ocupar todo o ambiente.

O bastão ficou pesado. Conseguiu aparar o primeiro ataque, mas a ponta da lâmina desceu na vertical e perfurou sua coxa direita. Deu uma pancada na mão do

queen antes que enterrasse mais o sabre e afastou-se segurando o bastão na horizontal.

Vergil parou para recuperar o fôlego, sem deixar de utilizar a gema.

— Vi sua ficha e seu desempenho no exame arcanista, Seeder — a voz dele ecoou como um trovão. A expressão fria do oficial contraiu-se ligeiramente ao tocar o

curativo do nariz. — Ignoro como alguém tão inapto tornou-se uma dor de cabeça tão

grande. Não compreendo como conseguiu matar dois dos meus.

As palavras de Vergil ecoaram dentro da mente de Marcel. *É uma ilusão*, disse a si mesmo. *Ele está usando o poder da gema. Revide! Faça-o perder a concentração.*

Marcel avançou numa corrida trôpega. O ataque falhou em tirar a concentração do *queen*. O bastão foi aparado pelo copo da espada. Com um movimento, Vergil o

repeliu e contra-atacou seu flanco direito. O sabre rasgou o capote, a camisa e deixou

um corte no lado da barriga.

Marcel caiu sobre um joelho. Ergueu o bastão novamente para afastar o *queen*.

O viu tomar espaço sem fôlego. *Ele está ficando cansado. Gasta muita energia em cada*

arremetida e ainda está usando a gema. Porém, não tinha certeza se poderia prolongar o

combate o bastante para exaurir as forças de seu inimigo. Sentia o sangue quente escorrer pelos cortes. Todos os músculos gritavam, cada movimento conectava-se com

os talhos. *Desse jeito, eu vou morrer.*

— Os que morreram... *arf...* você os levou a isso, Vergil. O seu esquadrão...

arf... as vítimas do atentado... Julius. Tudo culpa sua! Eu nunca quis matar ninguém...

arf... Nunca quis matar o Sandrino!

O *queen* deu um leve sorriso.

— *Qual é a graça?* — gritou Marcel.

— Vou lhe confessar um segredo, Seeder. Um segredo que em instantes levará para a cova: o Sandrino Miller que conheceu era uma invenção.

— Invenção? Como assim? Ele me contou que passou a adolescência num

abrigo...

— ... após perder a família por culpa do governo. Sim, essa parte é verdadeira.

O vi pela primeira vez em uma academia de boxe para menores carentes, em Alegreto.

Enxerguei todo o potencial de sua força e sua raiva. Contudo, tão cheio de ódio e rebeldia que seria mais adequado chamá-lo de bomba-relógio. Para aproveitá-lo, precisei adequá-lo às minhas necessidades.

Com um sorriso maligno, Vergil admirou o brilho da própria mão esquerda.

Marcel sentiu um calafrio na espinha. As paredes e o teto pareciam se fechar ao seu

redor.

— O que fez com ele? — perguntou num fiapo de voz, temendo a resposta.

— Eu o moldei. Limpar a memória de um indivíduo não é fácil. Apagar as lembranças de sua captura e seu cárcere é uma tarefa extremamente complexa. Contudo,

implantar uma mudança de personalidade, isso sim, é quase impossível. Basta esquecer

um mínimo detalhe para que o resultado seja um vegetal. O processo foi demorado, mas

quando chegou ao fim... Nem um cão seria tão leal.

— Lavagem cerebral... — a voz de Marcel tremeu. — Só para que ele te seguisse?

— Essa era a intenção inicial. No meio do caminho, admito que meu desejo de

saber se conseguiria substituiu o propósito original.

— Você é um *monstro*! — lágrimas rolaram.

— Chega de conversa, estamos ficando sem tempo. Agora vou matá-lo, Seeder

— Vergil ergueu o sabre e assumiu a posição de esgrimir. — Com certa satisfação, devo

acrescentar.

O *queen* arremeteu. Marcel segurou o bastão com as mãos afastadas numa postura totalmente defensiva. Por instinto, aparou um ataque pela esquerda. Obrigou-se

a ignorar a dor dos talhos e continuar, erguendo o bastão para aparar um ataque alto.

Nesse momento, o brilho da gema-mental se intensificou, fazendo-o perder o equilíbrio

novamente. Esforçou-se para continuar de pé, enquanto o sabre vinha numa estocada

frontal. Conseguiu desviar a investida, mas não o suficiente.

Metade da lâmina penetrou no lado esquerdo de seu abdômen. A ponta do sabre saiu pelas costas.

— ... agh...

Marcel soltou o bastão e caiu de joelhos, emitindo sons guturais pela boca arreganhada.

Não... não posso... tenho que...

— É o fim, *pawn* Seeder.

Vergil começou a puxar o sabre, Marcel agarrou seu braço, cerrando os dentes em resposta ao sorriso frio. Um sorriso que desapareceu quando a primeira faísca

surgiu. Viu o *queen* arregalar os olhos ao perceber o que aconteceria. O mundo girou. O

oficial fustigou a lâmina, Marcel gritou de dor, mas não o soltou.

Procurou dentro de si qualquer reserva de energia que ainda possuía. As

descargas elétricas passearem por todo seu corpo sem lhe causar dano. Vergil não podia

dizer o mesmo. Marcel fez como Enzo lhe disse. Buscou o medo, a dor, a frustração, a

ira. Pensou em Camilla, Augustus, Sandrino e Julius, em si próprio.

Reuniu tudo aquilo e, com um grito, liberou de uma só vez.

O pulso elétrico espalhou-se em todas as direções. As paredes trincaram do chão ao teto, a cúpula se despedaçou, uma chuva de cacos de vidro caiu ao redor.

A onda durou somente um segundo, talvez menos. Entretanto, foi o bastante para deixar Marcel exaurido. Viu queimaduras na pele e nas roupas fumegantes de Vergil. O

queen já estava morto antes de tombar.

A dor dos cortes não deu a Marcel tempo para descansar. A mão trêmula tirou o suturador do bolso do capote. Trincou os dentes quando a ponta em brasa do aparelho

fechou o talho no flanco direito, o mesmo aconteceu ao suturar o rasgo no braço e uma

última vez, ao tratar do ferimento na coxa.

Tiro a espada ou não? Retirar o sabre intensificaria a hemorragia, mas bastou uma menção de se levantar para perceber que seria impossível caminhar com aquela

coisa atravessada em seu ventre. Teria que puxa-la e suturar os cortes o mais rápido

possível.

Tocar na arma fez uma onda de dor percorrer seu corpo. Engoliu o ar, apertou os olhos e começou a puxar. Gritou enquanto a lâmina deslizava lentamente. *O ângulo...*

mantenha o ângulo da espada... não pare de puxar e mantenha o ângulo.

A ponta da lâmina saiu. Soltou o sabre e apoiou-se sobre as mãos para não cair.

Gotas de um suor frio abundante pingaram do queixo. *Feche os cortes*, forçou a mente a

trabalhar para não desmaiar. *Depressa, antes que as bombas comecem a explodir.*

Apanhou o suturador, os dedos fracos e melados de sangue o deixaram cair.

Tentou segurá-lo novamente, o aparelho escorregou, rolando para longe. *Volte aqui.* Fez

um esforço para se mover, porém, caiu sem forças para levantar.

Viu o par de escadas que conduzia para cima e tudo o mais ficar cinza. Um zumbido tomou conta de seus ouvidos. Logo perderia os sentidos e viria o fim.

Um vulto sem cor desceu os degraus velozmente. *Camilla?* Atrás dela vinha Domingos. O zumbido em seus ouvidos o impediu de entender o que ela dizia,

mas a

expressão em seu rosto transmitia algo além da aflição. Mãos fortes o puxaram pelos

ombros para longe dos cacos de vidro. Camilla voltou ao seu campo de visão, a viu

tomar sua mão entre as dela, sem sentir o toque. Ela disse qualquer coisa.

Marcel sentiu o lado esquerdo do abdômen em brasa. A dor puxou sua consciência de volta.

— ... só mais um pouco — ouviu Camilla dizer. Seus cabelos mudaram de cinza para cor de chá.

— Você... está... bem? — perguntou a ela com um fiapo de voz.

O talho nas costas ficou em brasa.

— Terminei — Domingos estava agachado junto a ele, trabalhando com o suturador. Tinha o canto do lábio machucado. — É sua vez, senhorita — suturou um

corte longo no antebraço direito de Camilla.

Colocaram Marcel de pé. Camilla envolveu a cintura dele com o braço esquerdo, seu braço direito foi passado por cima da nuca dela. Em algum momento, Jano caíra no

nível inferior com o peito cravejado por disparos de plasma. *Quando ele chegou ali?*

Olhando em volta, viu o corpo de Silvana dobrado sobre a cerca do recorte circular.

Domingos gesticulou para entregar o aparelho.

— Fique com isso — disse Marcel, fraquejando. — Use para cuidar do Augustus e do Julius.

— Os ferimentos de Augustus foram superficiais. Quanto a Julius...

Por um instante, um silêncio pesaroso caiu sobre eles.

— Precisamos ir! — disse Camilla num tom urgente.

— Desçam por ali e vão chegar ao terminal de embarque para Januarii —

apontou Domingos. — O trem está programado para partir automaticamente. Sejam

rápidos, só faltam alguns minutos para tudo ir pelos ares.

Marcel queria saber o que havia acontecido, mas não tinham tempo para conversar. Obrigou os pés a se moverem, ajudando Camilla na tarefa de ampará-lo.

— Camilla, Marcel! — no piso superior, a voz rouca de Flora soou embargada.

Augustus estava ao seu lado, com o corpo do irmão nos braços e uma expressão vazia.

— Essa foi apenas a primeira batalha, a guerra só começou.

Perdão, Augustus... Perdão, Julius...

Camilla o puxou, desceram os degraus com um misto de pressa e cautela. Marcel quase perdeu o equilíbrio no final da descida, conseguindo segurar o corrimão.

Avistaram o trem subterrâneo esperando pelos passageiros, era prateado com uma faixa

cor vinho em toda sua extensão.

Luzes parcas ao longo do túnel e no interior dos vagões impediam a escuridão

total. Mal se ajeitaram num assento duplo com um estofado vinho e as portas fecharam.

Instantes mais tarde, o veículo começou a avançar. O motor acelerou, tornando-se

contínuo.

Menos de um minuto depois, ouviram estrondos distantes, seguidos por uma trepidação no túnel. As detonações que apagariam a trilha do Voz Verde começaram.

As explosões duraram pouco. *Ou então, nós é que nos afastamos demais.*

Foi o que a mente nublada de Marcel imaginou. Ele percebia o mundo através de uma neblina, mas ouviu claramente os soluços de Camilla. Apesar do movimento lhe

causar dor, passou o braço em torno dela e a puxou para si. Ela enterrou o rosto em seu

ombro, entregando-se ao choro.

DEZESSEIS

— Você acordou! — disse Camilla, sem esconder o alívio. As pálpebras de

Marcel abriram pesadamente. — Estou chamando a um tempão. Fiquei com medo de

não conseguir te acordar.

As luzes do vagão e do túnel estavam apagadas. A claridade era tão tênue que

Marcel viu Camilla apenas como um vulto, apesar de estar bem ao seu lado. As roupas

claras que ela vestia não passavam de manchas indistintas.

— Nós paramos, Marcel. Vem, eu te ajudo.

Procurou o bastão para usá-lo como ponto de apoio. Não o encontrou, o havia deixado para trás. Saindo do metrô, a Cidade Baixa assemelhava-se ao que já conheciam: prédios desgastados, trepadeiras, a grama cobrindo o asfalto. O Sol aproximava-se do horizonte e o céu começava a ficar vermelho.

— É Januarii! — exclamou Camilla.

Mesmo sem nunca ter visitado a capital e à grande distância, Marcel reconheceu a Torre Branca de Januarii, onde o Regente-Geral trabalhava.

Quase lá, pensou. Aguenta mais um pouco. Caminharam abraçados pela cintura.

Seu braço direito passado por cima da nuca de Camilla. Ele estava no limite. Ela praticamente o carregava, mantendo a gema-telecinética ativa para ajudá-la, mesmo que

isso acelerasse o seu desgaste.

Com certeza também estaria com tanta sede e fome quanto ele. Infelizmente, nada tinham para comer e beber.

— Desculpe — disse Marcel. — Estou sendo um fardo.

— Para de falar besteira — decretou ela.

— O que aconteceu depois que me separei de vocês? — o assunto era desagradável, mas poderia não ter outra chance de saber.

Ela respondeu a contragosto:

— A Meri atacou o grandalhão, só que os tiros pegaram de raspão e ele quebrou

o pescoço dela. O som que fez... — Camilla estremeceu. — A Silvana e o Jano eram

fortes, mas estávamos em maior número. Flora e Domingos os mataram — ela sacudiu a

cabeça para afastar aquelas lembranças. — Não estou muito a fim de falar sobre isso. Se

quiser contar o que aconteceu com você, fique à vontade. Se não quiser, não vou insistir.

Marcel relatou a luta de forma rasa, arrependido de tocar no assunto. As mortes do piloto do zangão e de Sandrino sempre pesariam em sua consciência, ainda assim,

não haviam sido intencionais. Com Vergil foi diferente. Quando agarrou o braço do

oficial, sabia exatamente o que estava fazendo. Tomou a decisão consciente de tirar a

vida dele.

Que tipo de pessoa isso me torna?

Passou um tempo mergulhado naquela reflexão sem encontrar resposta. Buscou em sua memória um tema mais leve e encontrou uma lembrança recente que nunca

cansava de visitar.

— Foi verdade que dancei bem, Camilla? — ela o encarou sem entender a

pergunta. — A Valsa do Imperador... Você disse que eu não tinha ido mal. Falou sério

ou foi por educação?

Ela sorriu encabulada.

— Você não pisou no meu pé nenhuma vez. Mas no seu lugar, eu não recusaria umas aulas de dança.

Riram por um momento antes de Marcel sentir pontadas nos dois lados do abdômen. Perdeu o equilíbrio e só não caiu porque o brilho da mão de Camilla ganhou intensidade.

— É melhor não falar mais nada. Já estamos chegando.

Podiam ver claramente o muro de dez metros de altura que circundava Januarii.

Barreiras como aquela protegiam todas as catorze Cidades Altas de Vera Cruz.

Restavam apenas algumas centenas de metros quando a respiração de Camilla ficou

pesada, o suor escorreu pelo rosto. O brilho da gema-telecinética vacilou. Ela caiu

sentada e Marcel ficou estirado no asfalto.

A dor não vinha mais em ondas. Tornara-se constante, dominando-o por completo, de maneira que seria impossível apontar a origem.

— Levanta, por favor! — Camilla o sacudiu. De repente, ela pôs-se de pé, agitando os braços na direção da cidade. — *Eeeiii! Ajudaaa! Precisamos de ajudaaa!*

Marcel apertou os olhos para ver um par de vultos azuis. A princípio era difícil dizer se tinham ouvido Camilla. Um deles tirou o sobretudo e o acenou em resposta. *É*

um capote... Arcanistas.

— N-não c-chame... — balbuciou ele. *Podem ser da conspiração.* — E-eu...

Tentou levantar, porém, sua última reserva de força esgotou-se. Voltou a cair.

Tudo ficou escuro.

*

Vozes. Seriam três ou quatro pessoas? Parecia que uma delas falava sobre perda

de sangue e transfusão. Não teve tempo para pensar em nada. A consciência escorregou

de novo e voltou a perde-la.

Claro demais! Pensou ao entreabrir os olhos. Notou que a claridade não vinha

das lâmpadas no teto e sim, da lateral. Virou a cabeça pesadamente. Viu uma grande

janela retangular, a luz do dia atravessava as cortinas. *Claro demais.* Os olhos fecharam

e adormeceu novamente.

Na vez seguinte em que os abriu, despertou, por fim. As lâmpadas estavam

acesas, irradiando luz de mana. Ainda um tanto entorpecido, notou a presença de mais

alguém, sem ser capaz de perceber quem. Cochilou por alguns instantes, o suficiente

para a outra pessoa desaparecer.

Marcel sentiu a consciência emergir gradativamente daquele estado de

dormência. Percorreu o ambiente com o olhar. As cortinas haviam sido descerradas. Lá

fora, as incontáveis luzes dos arranha-céus iluminavam a noite. O céu limpo e sem

estrelas.

O espaçoso cômodo possuía um teto branco e paredes bege claro. Havia um móvel perto da cama e uma poltrona perto da janela. Uma TV holográfica sem volume

exibia um noticiário. O cheiro de desinfetante invadiu suas narinas. Já mais desperto,

deu-se conta de estar deitado num leito hospitalar.

Será que é Januarii? Recordou seu último pensamento antes de desmaiar.

Camilla!

Acusou uma pontada no lado esquerdo do abdômen ao saltar do leito. Ergueu a folgada camiseta verde oliva que vestia, emplastos haviam sido aplicados em todos os

talhos deixados pelo sabre de Vergil. Notou que a mão canhota fora tratada, viu manchas rosadas no lugar das queimaduras. Puxou a barra da calça de pijama da mesma

cor da camisa. A mordida do cão selvagem também recebera tratamento. Por último, a

língua buscou o buraco do dente, sem encontrá-lo. Um dente novo fora implantado.

Pensou que não teriam cuidado dele se quisessem lhe fazer mal. *Meri não*

cuidou de nós na Base Zero. Mesmo assim, teria cautela. Os últimos dias o ensinaram a

ser desconfiado.

Calçou um par de chinelos que encontrou por ali e caminhou devagar para a saída do quarto. Por instinto, levou a mão às costas, procurando o bastão. Decidiu testar

o poder da gema-trovão, fazendo pequenas faíscas surgirem entre os dedos. *Ao menos*

não estou indefeso.

A porta deslizou, emitindo um ruído hidráulico. Tomou um susto ao ver um membro da Guarda Nacional passar, mas este seguiu caminho sem se dar conta de

Marcel. Esticou a cabeça para o corredor.

Deparou-se com rostos conhecidos: a *king* Vesper falava com um homem negro e calvo, que usava óculos e vestia um jaleco branco com o logo da Arcanum bordado no

braço. *Um médico arcanista.* Uma terceira pessoa participava da conversa:

— Pai?

— Você está acordado! — Antonius veio até ele e segurou seus ombros. Por um momento, Marcel pensou que seria abraçado, o que não aconteceu. Seu pai vestia um

paletó escuro, uma camisa social xadrez e uma calça cor de palha.

— O que o senhor está fazendo aqui? Onde é aqui?

— É o Instituto Alfa. Estamos em Januarii.

— Não sabe como fico feliz por estar bem, Marcel — Vesper aproximou-se esbanjando simpatia. O médico, por outro lado, franziu o cenho.

— É bom ver que se sente melhor, mas não deveria estar de pé.

Um milhão de perguntas passou pela cabeça de Marcel. Só uma importava realmente.

— Camilla está bem?

— A senhorita Noble está repousando, o que também deveria fazer.

— Ela nos contou um pouco do que aconteceu — disse a *king*. — Fez algo notável, rapaz. Nunca para de me surpreender!

— Podem me dar licença para falar com meu pai?

Marcel tocou o braço de Antonius e afastaram-se alguns passos.

— Eu quero vê-la, pai. Quero ver a Camilla.

— A garota está bem. O que você e ela precisam é descansar.

— Me leva para ver ela *agora* — Marcel soou mais rude do que pretendia, por isso acrescentou: — Por favor.

Antonius estudou o filho e disse com um suspiro impaciente:

— Vou ver o que posso fazer.

Ele conversou com Vesper e com o médico, que balançou a cabeça

negativamente. A *king* gesticulou e em seguida deu palmadinhas no peito enquanto

falava. O doutor assumiu uma postura resignada e os três vieram falar com Marcel.

— A Victória concordou em nos levar para ver a senhorita Noble — disse Antonius.

— Não posso garantir nada — disse Vesper. — A Guarda Nacional vai querer nos barrar, mas tentarei. Em troca, tem de concordar em apresentar seu relato imediatamente. Falando com a senhorita ou não.

— Feito — *devem estar com pressa de saber o que aconteceu.*

— Procure não se desgastar — disse o médico. — Se possível, volte para o seu quarto antes da hora do jantar. Será servida uma refeição adequada para alguém em recuperação.

Marcel seguiu seu pai e a *king* pelos corredores da enfermaria. O movimento de arcanistas e guardas e a aparência do lugar o fizeram pensar no Instituto Beta. *O que ele*

vai dizer quando eu contar que não quero mais ser da Arcanum? Será que algum dos

dois sabe da conspiração?

— Viram o vídeo que gravei dentro da Base Zero?

Antonius e Vesper trocaram um olhar cúmplice que o fez ter certeza que a resposta era “sim”.

— Melhor não falar nisso por enquanto, filho. Ainda não me disse como está.

Marcel soltou um suspiro fatigado:

— Moído... Mas até que estou bem. Eu acho.

— Precisa telefonar para a sua mãe. A Anna me ligou sem parar nesses dias.

Depois que contei que você apareceu, aí é que ela não parou mais.

É verdade, os nomes dos desaparecidos e dos sobreviventes não foram

divulgados, ele recordou-se da reportagem que assistiu na Base Zero. Sua cabeça ficou

cheia com um sem fim de pensamentos e coisas atrasadas.

— Quanto tempo dormi?

— Um dia inteiro — respondeu Vesper. — Hoje é terça-feira, são oito da noite.

— Espera aí — Marcel parou de caminhar e disse, num tom acusador: —

Quando foi que chegou aqui, pai?

— Há quatro dias. Por quê?

— Lembrou de encher o alimentador do meu aquário?

— Não, não lembrei de alimentar os seus peixes — Antonius aborreceu-se.

— Ah, ótimo! A essa altura todos morreram de fome.

— Droga, Marcel! — ele deu as costas. — Achei que perderia meu filho. Todo esse tempo, não pensei em nada, além de você.

— Se acalmem — disse Vesper, num tom conciliador. A *king* afagou o ombro de Antonius, fitando Marcel. — O que seu pai diz é verdade. Ele nem tem dormido

direito.

Marcel notou as olheiras no rosto de Antonius e sentiu-se envergonhado. Estava agindo como uma criança birrenta.

— Desculpem, é que... Ainda não coloquei as ideias em ordem. Estou feliz de te ver, pai. De verdade.

— Vamos até a moça.

O corredor terminou numa porta dupla, vigiada por um guarda de rosto duro e queixo pontudo, vestindo o tradicional traje tático preto. No lado direito do cinto, uma pistola de plasma pendia num coldre.

— Não podem passar — disse ele, gesticulando com a mão espalmada.

— Está tudo bem, guarda. Como pode ver, sou uma oficial da Arcanum —

Vesper mostrou o alfinete em sua gola, com a forma de um rei do xadrez.

— Sei que tem suas ordens — disse Antonius. — Respeito soldados disciplinados, mas este rapaz fez parte da escolta da senhorita durante seus dias perdida.

Tenho certeza que ela gostaria de vê-lo, só alguns minutos não farão mal.

Apesar de mostrar respeito à Vesper, o guarda avaliou Marcel com uma expressão incrédula.

— A menos que eu receba um comunicado, só os médicos entram.

— Nesse caso, irei... — a oficial ergueu a mão em que usava seu *smart watch*.

O guarda segurou o cabo da pistola. — Não vou usar minha gema, idiota, ia fazer uma

ligação.

Ocorreu um princípio de desentendimento. Esquecido num canto, Marcel aproveitou para chegar perto das portas. Quando deslizaram, segurou-as, permitindo que

apenas uma estreita fresta abrisse.

Viu Camilla sentada sobre o leito com as costas apoiadas nos travesseiros, rodeada por sua família. A mãe, Irena, sentava-se sobre o colchão, segurando sua mão.

A irmã, Nora, estava praticamente deitada ao seu lado. O irmão, Marcus e o Regente

Domenico também encontravam-se à sua volta. Lágrimas e sorrisos estampavam os

rostos.

Marcel ficou feliz por ela, apesar de uma pontada melancólica. Se os Noble perceberam a porta entreaberta ou a agitação do lado de fora do quarto, não demonstraram. Ele fechou a porta, não queria perturbar aquela paz.

— Podemos ir — disse, atraindo a atenção de Antonius, de Vesper e do guarda.

— Não queria ver a moça? — perguntou seu pai.

— Já vi o que precisava. Estou pronto para apresentar meu relatório.

— Se é assim, vamos — Vesper executou o aplicativo de telefone na palma da mão e a levou ao ouvido. — Estamos a caminho, senhor.

Desceram de elevador para o térreo, onde o movimento de arcanistas era maior e via-se uma quantidade razoável de guardas. Um agrupamento vigiava as portas de vidro,

impedindo a entrada do batalhão de repórteres que cercava o Instituto Alfa.

Agora que sabia que Camilla estava bem, Marcel deu-se conta do cansaço e fome que sentia. Contudo, decidiu cumprir o acordo e apresentar o relatório. Sabia que

teria de fazer isso cedo ou tarde, melhor que fosse cedo e ficasse livre daquilo.

Atravessaram uma porta dupla com o logo da Arcanum pintado e viram-se numa ampla sala de reuniões acarpetada, com duas dúzias de cadeiras vazias em volta de uma

mesa elíptica. Os únicos presentes eram um par de oficiais.

O diretor Cecil ficou de pé, estendendo a mão.

— É um prazer revê-lo, *pawn* Seeder. Este é o *king* Valerius, diretor do Instituto Alfa.

Marcel já tinha ouvido falar dele. Ramon Valerius, *king* nível 3 e bisneto do fundador da Arcanum, Gaspar Valerius.

Seria difícil imaginar dois homens mais diferentes que os diretores. A despeito da cabeça branca, Rômulus Cecil conservava um bom porte físico. O diretor Valerius,

apesar de aparentar a mesma idade de seu colega, era calvo e morbidamente obeso, com

um queixo duplo e uma barba sedosa.

— Vamos, sentem-se — disse Cecil. — Creio que seja melhor ir direto ao ponto.

Assim nosso rapaz pode voltar ao merecido descanso.

— De acordo — Valerius falava pausadamente, tomando ar entre as palavras. —

Conte o que aconteceu, Seeder. Deixaremos as perguntas para depois que terminar seu

relato.

Marcel limpou a garganta e pensou um pouco. Decidiu começar pelo ataque dos

zangões, falou sobre como ele e a senhorita Noble fugiram em uma *En-Passant* para

acabarem caindo na Cidade Baixa, onde abateram as aeronaves. Quando a história

chegou ao parque e aos cães selvagens, hesitou.

O quanto Camilla teria contado sobre Augustus e Julius? Decidiu falar sobre eles

sem entrar em detalhes. Nada disse a respeito do Bola Branca, pulando diretamente para

o confronto na loja de departamentos e para quando despertou na Base Zero. Falou

rigorosamente tudo o que lembrou sobre a conspiração, fazendo pausas para puxar pela

memória.

Os diretores mantiveram uma expressão impassível, mas a forma como

inclinaram-se indicava um grande interesse por essa parte do relato.

Marcel optou por omitir a ligação da comunidade com o Voz Verde, sem

mencionar Flora em momento algum. Não queria prejudicar ainda mais Augustus, Lena,

Marla e os demais moradores. Quando passou para o confronto na estação de metrô,

tentou repetir tudo o que Vergil disse sobre a lavagem cerebral de Sandrino.

Vesper não disfarçou o choque que foi ouvir aquilo. Antonius sacudiu a cabeça,

recusando-se a acreditar. O diretor Valerius coçou um de seus queixos e o diretor Cecil

recostou-se tenso em sua cadeira.

Marcel falou por quase uma hora, só parando fez ou outra para bebericar um pouco de água da jarra em cima da mesa. Imaginava que falar sobre tudo o que passou o

faria sentir-se mais leve. Não fez. Só o deixou estafado.

— Essas acusações contra Tito Vergil são gravíssimas, *pawn* Seeder — disse Valerius.

— Mais que graves — completou Cecil. — A possibilidade de um golpe de Estado estar sendo planejado secretamente dentro da Arcanum precisa ser investigada.

— O que fizeram com Sandrino foi monstruoso! — disse Vesper nauseada.

Antonius tocou o braço da *king*. Marcel começou a suspeitar da aparente intimidade entre eles.

— Calma, Victória. Não temos certeza se o *queen* falou a verdade.

Marcel acreditava que sim. Vergil dava como certo que o mataria, não tinha motivos para mentir. Valerius limpou a garganta.

— A partir desse momento, essa missão tem o status de confidencial. Nada do que foi dito aqui pode sair desta sala. Se qualquer parte dessa história vazar, será o fim

da Arcanum. O Voz Verde levará a culpa.

Todos acenaram positivamente, exceto Marcel que deu por si levantando a mão, como se estivesse numa sala de aula.

— Será que culpar o Voz Verde é a coisa certa?

Rostos acusadores voltaram-se em sua direção. Antes que respondessem, a porta dupla abriu. Todos ficaram de pé. Ele fez o mesmo vagarosamente, devido aos ferimentos.

Domenico Noble adentrou a sala de reuniões escoltado por uma guarda de cabelos curtos. O Regente-Geral vestia um terno de veludo preto.

— Você deve ser Marcel Seeder — o Regente pareceu não ter notado os outros presentes, apertou a mão de Marcel com entusiasmo e lhe deu um par de tapinhas no

ombro, nitidamente comovido. — Nem sei como agradecer o que fez.

— Não fiz tanto assim, senhor Noble. Sua filha é muito capaz. Teria se virado bem, mesmo sozinha.

— Mas é bom saber que ela não ficou sozinha. Estar ao lado de alguém em um momento difícil conta muito. Como posso recompensa-lo?

Marcel não queria nenhuma recompensa. Parecia errado colocar um preço na segurança de Camilla ou na vida de Julius.

— Saber que ela está a salvo é suficiente para mim.

— Você é um bom rapaz! — Domenico tirou do bolso do terno um cartão, que entregou a Marcel. — Se algum dia eu puder fazer alguma coisa por você, qualquer

coisa, ligue para este número.

O Regente-Geral deixou a sala recomendado que cuidassem bem de Marcel. Os diretores trocaram um olhar, Valerius fez um aceno positivo e Cecil adiantou-se:

— Ouça, Seeder. Será condecorado por seus esforços. Porém, não deve dizer o que foi dito aqui para mais ninguém. A versão oficial será essa: o atentado foi obra do

Voz Verde e Camilla Noble foi mantida em segurança por um grupo de arcanistas e

guardas cujos nomes serão mantidos em segredo para sua própria segurança. Entendeu?

Marcel entendeu. Ninguém deveria saber que durante um atentado, a Herdeira

Regencial contou apenas com o auxílio do pior formando da história da Arcanum. Mas

não conseguiu engolir o fato de pretenderem culpar inocentes.

— Permissão para falar, senhor — o que em linguagem militar significava:

“tudo que você disse é besteira” .

— Negada. Está dispensado — Marcel também entendeu aquilo: *“saia daqui de bico calado”* .

Olhou para o cartão com o número do Regente. Sem bolsos, prendeu-o no elástico da calça de pijama. Deixou a sala de reuniões acompanhado apenas pelo pai, a

king Vesper permaneceu com os diretores.

— Quando vai ser a condecoração? — perguntou sem emoção. *Engraçado*. Uma semana atrás aquela medalha teria significado tanto, mas agora a recusaria se pudesse.

Não podia. Seria entregue, querendo-a ou não. — A mãe vai fazer questão de estar

presente.

— Oh — exclamou Antonius constrangido. — Filho, as condecorações de uma missão confidencial também são confidenciais. Não vai ficar com a medalha, nem pode

dizer a ninguém que a ganhou.

— Então me darão a medalha e depois vão tomar de volta?

— Você devolverá — Antonius segurou os ombros do filho. — Sei que parece injusto, mas...

— Quer saber? Nem ligo, não pedi uma medalha. Eles que a engulam!

Marcel saiu pisando duro sem saber por que o aborrecia perder um prêmio que sequer desejava. Antonius correu atrás dele.

— Espere, filho.

— Em que andar fica a enfermaria nesse prédio? — disse, já dentro do elevador.

— Eu te acompanho. Tudo bem se quiser descansar. Também posso te levar para ver seus colegas.

— Minha Unidade? — ele esqueceu a raiva.

Nem tinha coragem de perguntar se estavam todos bem. *E Beatrix?*

Adentraram uma sala andares acima. Arcanistas que desconhecia passavam o tempo com pôquer, sinuca, xadrez e damas. Sentiu um imenso alívio ao ver Katrina e

Micaela jogando videogame sem muita empolgação. Raito e Adriene disputavam uma

partida desanimada de pingue-pongue. Gostou até de ver Xisco debruçado sobre a mesa

de bilhar. Beatrix estava sentada num sofá, distraída com um *tablet* fino e transparente.

— Oi — disse ele. Ela o encarou, arregalando os olhos verdes. Em apenas um instante Marcel notou seu aspecto abatido. Beatrix levantou num salto, derrubando o

tablet, e avançou para abraçá-lo. — Ai! É bom te ver também, mas pega leve.

— Pensei que eu tinha te perdido... — lágrimas rolaram pelo rosto dela. — Você está legal? Está machucado?

— Bastante — respondeu em tom de brincadeira.

— *Marcel?* — Xisco soltou um grito agudo.

A exceção dele, os outros se aproximaram.

— E aí, cara? — Raito e ele trocaram um tapa de mãos espalmadas como cumprimento.

As moças vieram abraçá-lo uma a uma, tendo de disputar espaço com Beatrix, que não o soltou de forma alguma. Micaela e Katrina não esconderam a alegria, Adriene

tirou os óculos para enxugar os olhos.

— É bom ver vocês — disse Marcel. A recepção calorosa mexeu com ele. — Não sabia se todos tinham conseguido sair do trem.

— E a gente ficou com medo por você — disse Micaela.

— Pois é — emendou Katrina. — Esses oficiais babacas não contaram nada.

Passamos esses dias todos no escuro.

— Precisava ver quando seu pai contou que você tinha aparecido — Beatrix era a mais emocionada. — Ainda mais depois do que aconteceu com o *queen* Enzo e o Sandrino.

— Não vamos falar de coisas tristes — disse Raito. — Conta aí, como é a Cidade Baixa?

Tantas vozes ao mesmo tempo deixaram Marcel zozzo. A menção às perdas da Unidade e à Cidade Baixa o levou a pensar em tudo que deveria manter em segredo. E

mesmo que pudesse falar, como contaria a verdade? Como diria que Sandrino sobreviveu ao trem para se revelar um traidor e, ao mesmo tempo, uma vítima? Como

poderia algum dia ser capaz de contar que o matou?

De repente, o ânimo desapareceu para dar lugar à exaustão. Passou alguns minutos dando respostas monossilábicas e, por fim, disse:

— Gostei de ver vocês, mas nem imaginam como estou pregado. Amanhã conversamos direito, que tal?

Beatrix o abraçou novamente antes de deixá-lo sair na companhia de Antonius.

— Pai, se não se importa, quero ficar sozinho.

— Tudo bem. Vou ver a Victória para, eh, falar sobre o que aconteceu.

Antonius indicou o andar da enfermaria e fez algumas recomendações. Marcel

entrou no elevador e foi direto para seu quarto, ansioso para descansar. Sua mente

estava a mil por hora.

Ao entrar, teve uma surpresa. Deparou-se com Camilla debruçada na grande janela, contemplando a cidade. Vestia os mesmos trajes verde oliva que ele e tinha um

emplasto no antebraço direito.

— Estranho — disse ela. — Fico olhando e não vejo nada diferente. Está tudo tão igual que chega a dar raiva. Aí lembro que só passou uma semana. Só uma semana,

dá para acreditar?

— Não vai gostar de saber disso — o cansaço que ele sentia sumiu. — Vi outra pessoa com uma roupa igual a sua.

Ela deixou escapar um sorrisinho.

— Por que perco meu tempo tentando filosofar com você? — brincou Camilla.

— A Guarda deve estar te procurando.

— Não vão encontrar, mas não posso ficar muito tempo.

Ela só veio se despedir, compreendeu. Camilla chegou mais perto.

— Vai continuar vestindo azul?

Marcel soltou um suspiro ruidoso. Seu coração balançava entre algo que sempre acreditou ser seu destino e uma realidade desagradável. Gostava do seu visual de capote

e pilotar uma *En-Passant* era uma emoção inacreditável. Por outro lado,

descobriu

tantos podres, coisas ruins o bastante para fazê-lo desejar sair desse mundo. Portanto, só

havia uma resposta lógica:

— Vou. Enquanto não descobirmos quem era o *king* que dava ordens para o

Vergil, você e sua família continuam em perigo. De dentro, posso ficar de olho neles. Se

eu descobrir qualquer coisa suspeita, dou um jeito de te avisar.

— Acho que a Flora estava certa. Isso foi só o começo.

— Falando nela. Fiquei sabendo que vão culpar o Voz Verde.

— Não vão. Deixa que eu resolvo isso.

Um silêncio constrangido caiu. Marcel tinha muito para dizer e, no entanto, as palavras escaparam e não conseguiu pensar em nada. Camilla se achegou mais, ficando

junto dele.

— Nunca te agradeci — disse ela.

— E nunca vai precisar — os cabelos castanho claros estavam arrumados, mesmo assim, ele os ajeitou atrás da orelha. — Vamos nos ver de novo?

— Tomara que sim. Se teve algo bom nessa história, foi te conhecer, arcanista Seeder.

— Essa fala é minha, senhorita Noble.

Ela passou os braços em torno da nuca de Marcel, ele a envolveu pela cintura

num abraço gostoso. O rosto dela deslizou sobre sua bochecha e antes que pudesse

perceber, os lábios encontraram-se suavemente.

A boca de Camilla era doce e quente. As mãos em volta da nuca o puxaram para um beijo mais intenso. Marcel sentiu-a se ajustando ao seu corpo, ou seria ele que se

ajustava a ela? Estreitou o abraço em torno da cintura. A outra mão subiu pelas costas

até encontrar as mechas castanhas que tanto gostava de acariciar. Poderia passar horas

sem fazer nada além de afagar aquele cabelo macio.

Recuperaram o fôlego com as testas coladas uma a outra.

— Preciso ir — sussurrou ela.

— Eu sei... — sussurrou ele.

E a beijou de novo.

*

— Você parece melhor — disse Beatrix.

A Unidade 31-3, Antonius e outros arcanistas, incluindo Margot e Bastian, estavam em formação na estação, preparando-se para embarcar em um trem da Arcanum de volta a Sanctorum. Teriam de fazer uma volta longa, para contornar o

trecho destruído do trilho. Marcel sentiu um calafrio ao ver os zangões azuis que os

escoltariam para garantir uma viagem tranquila.

Seu estado de espírito andava um tanto instável. Pensar em Camilla e no beijo, seu primeiro beijo, o deixava nas nuvens. Então recordava-se de Julius e sentia culpa

por estar feliz enquanto outros choravam.

— É... Mais ou menos.

Beatrix tocou em seu ombro. Nesses dias, parecia impossível separa-la de Marcel.

— Tem uma coisa que quero te falar depois, está bem?

Ele assentiu.

O gigantesco telão holográfico da estação mostrou a sala oficial onde Domenico Noble sempre discursava. Toda Vera Cruz aguardava o primeiro pronunciamento de

Camilla a respeito do Assalto ao Trem Regencial.

— Senhoras e senhores — disse um assessor. — Vai falar a digníssima Herdeira Regencial Camilla Noble.

Na estação, a grande maioria parou para ouvir. A *king* Vesper pediu silêncio aos arcanistas, dizendo que embarcariam após o pronunciamento. Camilla tomou lugar no

púlpito, exibindo um ar sóbrio. Trazia o cabelo preso e ajeitara a gola da camisa branca

sobre um blazer preto.

A maior parte de seu discurso ensaiado foi diplomática. Disse estar muito feliz por voltar para casa e para sua família, agradeceu a todos que torceram por ela e

em

especial, agradeceu também aos que estiveram ao seu lado nesses momentos difíceis.

Esse comentário foi dito num tom mais sincero e fez Marcel pensar em Augustus, Lena e Julius. *Cuidem-se meus amigos. Por favor, fiquem bem.*

Camilla prosseguiu dizendo que preferia não falar sobre o atentado, mas comentou:

— ... sei que há boatos de que o Voz Verde está por trás deste incidente.

Contudo, posso garantir a todos que outra organização é a responsável. Prometo que os

culpados não sairão impunes...

Marcel precisou segurar o riso quando ouviu seu pai e Vesper engolirem o ar.

Por fim, Camilla encerrou o discurso desejando paz à nação. Flashes pipocaram no

momento em que ela afastou-se do púlpito. *Então é isso*, pensou Marcel. A declaração

ficou dentro do que esperava, não se permitiu ter ilusões de que Camilla faria qualquer

referência a ele. Precisava se acostumar à ideia de que não a veria novamente.

Adentraram o trem da Arcanum e acomodaram-se em um dos vagões militares, com bancos voltados para o centro. Poucos minutos após a partida, o *smart watch* de

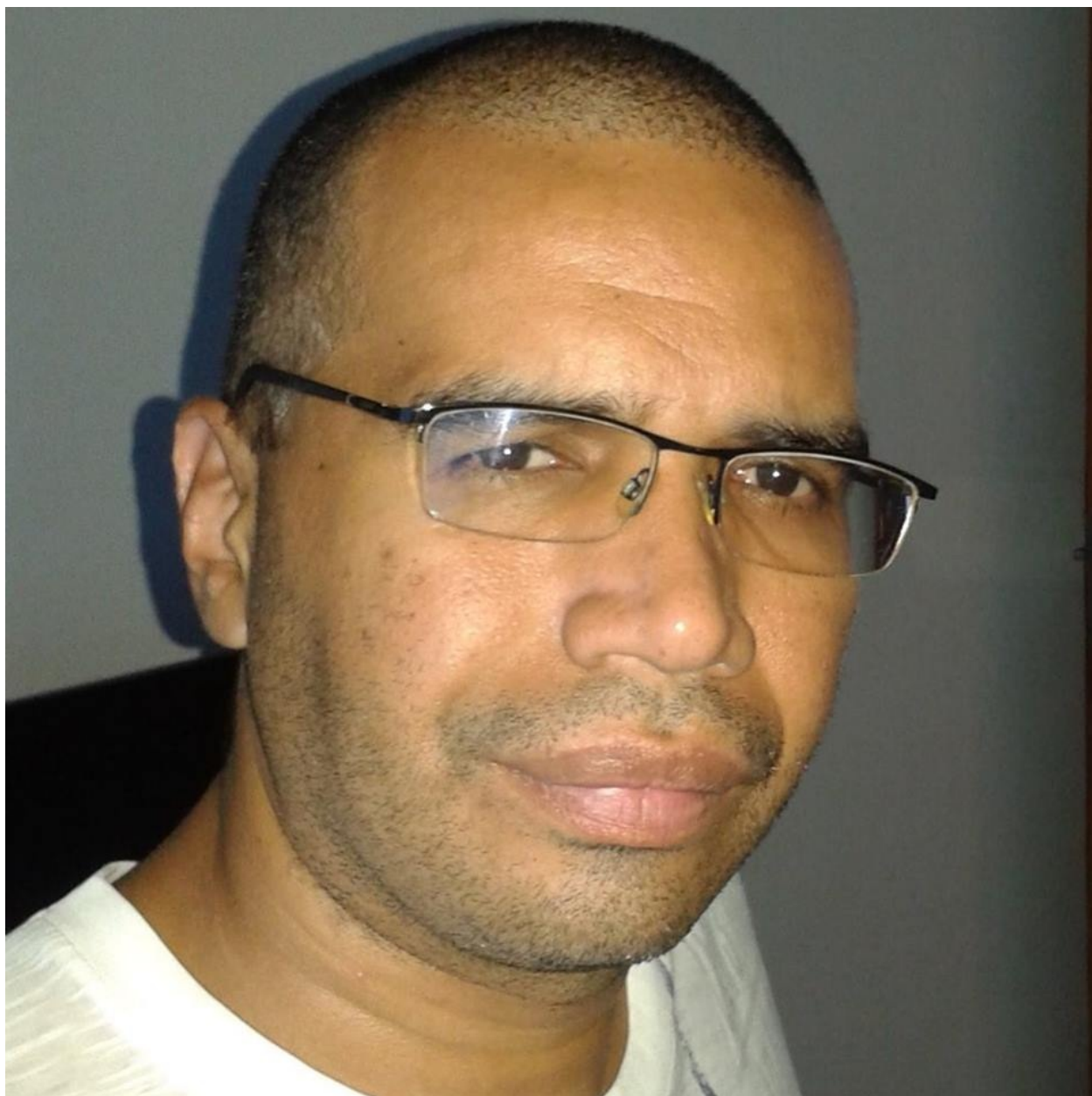
Marcel vibrou. O aparelho era novo, mas conseguira salvar o chip do relógio antigo. O

mostrador exibiu um aviso de mensagem de texto, enviada por um número oculto.

Projetou-a na palma da mão, uma única frase compunha a mensagem. Uma frase que

colocou um sorriso em seu rosto:

“Nunca me esqueço de quem conhece os meus segredos”.



SOBRE O AUTOR:

Joe de Lima nasceu em 1981 e sempre gostou de inventar histórias. Após um início trabalhando com fanzines em quadrinhos, passou a se dedicar à literatura. Publicou contos em antologias das editoras Infinitum, Literata e Buriti, na revista digital

Nupo e no podcast Desleituradas. Sua *Trilogia Vera Cruz* já está completa com os

volumes: *Arcanista*, *Armamentista* e *Ativista*. Também é autor da ficção científica

Dragão de Gaia.

[- desatinosporescrito.blogspot.com.br](http://desatinosporescrito.blogspot.com.br)



ARMAMENTISTA

JOE DE LIMA

TRILOGIA VERA CRUZ — LIVRO II

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO VOLUME DA TRILOGIA VERA

CRUZ:

ZERO

Todos se alinharam para o funeral.

O pátio do Instituto Beta estava tomado por centenas de arcanistas dispostos em fileiras. Como o espaço não era o bastante para todos, outros tantos enchiam a área de

treinamento no subsolo e mais de duas centenas permaneceram no estacionamento do

edifício circular, à vista do público. Com as aulas suspensas, os alunos comuns ocupavam os corredores. Os olhares voltados para os telões holográficos que transmitiam a cerimônia fúnebre ao vivo de Januarii.

Marcel sabia tratar-se de uma encenação.

Não duvidava do enfarto fulminante sofrido pelo *king* Ramon Valerius. Aprendera

a desconfiar de tudo que envolvia a Arcanum, mas não havia benefícios em forjar a

morte de seu principal líder. A encenação estava no caixão.

Marcel vira Ramon Valerius uma única vez, cerca de três meses antes. O homem mais obeso que já conhecera. Sem chance daquele sujeito enorme caber num caixão

tamanho padrão, igual ao que jazia no altar.

A cerimônia arrastava-se a duas longas horas e enquanto o prefeito da capital

discursava, Marcel lutava contra o tédio. Encontrava-se no estacionamento do Instituto,

posicionado entre Xisco e Raito. À frente dos rapazes, alinhavam-se Katrina, Micaela,

Beatrix e Adriene, que permanecia à frente de um espaço vago. Mais adiante, a *king*

Vesper não tinha a companhia de um *queen*. Três meses após o Assalto ao Trem

Regencial, a Unidade 31-3 continuava com um *pawn* a menos e sem um dos oficiais,

baixas da primeira missão da equipe.

Todos ali usavam seus capotes azuis abotoados e estavam na posição “descansar”,

com as mãos para trás e pés afastados. Outra meia hora mais tarde, Marcel assistiu

quatro arcanistas erguerem o caixão e o conduzirem para a esteira do crematório. Uma

vez que as Cidades Altas não dispunham de espaço suficiente para os grandes cemitérios de antigamente, a prática de realizar enterros acabou abolida e a cremação

passou a ser regra. Apenas as urnas com as cinzas dos mortos eram sepultadas.

— Seeentido — comandou um oficial. Marcel e todos os demais juntaram os pés e aprumara-se de peito estufado e braços junto ao corpo. O caixão foi coberto com a

bandeira de Vera Cruz e quatro arcanistas com gaitas de fole executaram a *Amazing*

Grace, uma marcha fúnebre oriunda da antiga Escócia. Lentamente, a esteira

transportou o caixão para dentro do crematório.

A atmosfera contagiou Marcel. Pensou no tipo de ritos funerários que Julius teria recebido e onde estaria sepultado. Chegava a doer pensar em alguém perder a vida tão

jovem, antes de ter realmente vivido.

O funeral chegou ao fim e deram o comando “à vontade”. Os arcanistas puderam esticar o corpo e conversar um pouco, mas não deveriam sair do local, já que outra

cerimônia teria início em minutos. Ou seja, mais tempo de pé sob o Sol. Felizmente,

vários arcanistas distribuíram água reciclada em copos plásticos.

— Nem dão tempo do presunto esfriar antes de colocar outro no lugar dele —

resmungou Katrina. Apesar de ainda continuar acima do peso, a rotina arcanista a fizera

perder um quilo ou dois.

Beatrix girou a tampa do copo d’água até ouvir um clique.

— Do jeito que as coisas andam, a Arcanum não pode ficar sem liderança.

Adriene tirou os óculos por um momento, para passar um lenço no suor da testa morena.

— Lembrei de uma frase que li num livro: “o rei está morto, vida longa ao rei”.

— Repararam que o Regente não deu as caras? — comentou Raito.

Micaela aproveitou a pausa para projetar a tela holográfica do *smart watch* na palma da mão e conferir as redes sociais. O cabelo preso, antes tingido de rosa,

agora

exibia um tom bastante claro de verde.

— Parece que barraram o Regente na entrada.

— Ele tem mais é que cuidar da Guarda e não meter o nariz na Arcanum — disse

Xisco num tom alto o bastante para ser ouvido pelos outros arcanistas ao redor.

Marcel esvaziou o copo d'água rapidamente. Preferiu ficar à parte da conversa, mas muitos dos que estavam ao redor mostraram sinais de concordância com o comentário. Apesar de seu entendimento limitado de política, até ele podia ver como a

relação entre a Arcanum e o governo ia de mal a pior desde o Assalto ao Trem

Regencial. Por todo o país, arcanistas e guardas nacionais entravam em atrito com uma

frequência cada vez maior. A guerra civil prevista por Camilla e Flora despontava no

horizonte.

Camilla. Como sentia falta da sua conversa, do jeito decidido, dos cabelos cor de chá e até mesmo das discussões sempre que tentavam traçar um plano. Não a via desde

quando haviam se despedido com um beijo. O último contato foi a mensagem de texto

na qual ela prometia não esquecê-lo. *Será que está cumprindo a promessa?* , perguntou-

se.

Recolheram os copos plásticos e os arcanistas voltaram a formação. Minutos mais

tarde, os telões exibiram o salão de eventos do Instituto Alfa, onde teria início a cerimônia de nomeação do novo *king-* mor da Arcanum: o diretor do Instituto Beta,

Rômulus Cecil.

O cerimonial teve início imediatamente. Cecil, que mantinha um bom porte físico

para um homem com mais de sessenta, atravessou o corredor entre os assentos do salão

com passadas firmes, sob aplausos dos oficiais presentes. Já no palco, um oficial de

rosto redondo colocou um distintivo no peito esquerdo do capote de Cecil, disparando

uma nova onda de aplausos no salão.

Marcel perguntou-se o que diretor andaria fazendo a respeito da conspiração

infiltrada dentro da Arcanum. Os teria encontrado e prendido em alguma operação

secreta, sem o conhecimento do público? E por que o Regente não denunciou a Arcanum pelo atentado?

O novo *king-* mor começou a discursar. No telão, via-se meia dúzia de arcanistas atrás de Cecil, entre eles, um rapaz bonito, cujas feições suaves contrastavam com o

porte atlético. Os cabelos curtos penteados para trás eram marrons e exibiam certo

brilho. Aparentava prestar pouca atenção ao discurso.

— Estão vendo aquele sujeito à direita, o mais jovem? — tinham ordem de não falar, por isso Marcel apenas sussurrou. — O nome dele é Max Cecil, o neto do diretor.

Se graduou arcanista no ano passado.

— Todo mundo sabe quem é o neto do diretor — Micaela retrucou discretamente.

— Eu não sabia — disse Katrina. — E daí?

— Ele foi designado para a nossa Unidade. Eu protocolei a transferência hoje de manhã — na posição de secretário da *king* Vesper, Marcel ficava sabendo de muitas

novidades antes de serem anunciadas.

Raito e Micaela mudaram de posição, Katrina pigarreou, Xisco olhou de lado e

Adriene deu um longo suspiro. Todos pensando em como a chegada do novo membro

afetaria a rotina da Unidade 31-3.

Um zumbido tomou conta do ambiente e Marcel voltou-se para o telão

holográfico, o discurso de Cecil prosseguia sem som. A imagem tremeu. *Ela não se*

atreveria, foi seu primeiro pensamento, em seguida refletiu melhor. *É claro que ela se*

atreveria, faria questão.

A imagem do telão ficou cheia de chuviscos e Flora surgiu, sentada num cadeirão

imitando madeira. Trajava sua indumentária tradicional, o capuz verde escuro da jaqueta de agasalho projetava uma sombra nos olhos, um lenço cobria a boca, as mãos

enluvadas cruzadas na altura do queixo. Marcel imaginou como seus colegas de Unidade reagiriam caso soubessem que ele já vira o belo rosto escondido embaixo

daquele disfarce.

Os oficiais no estacionamento correram de um lado para o outro. A maioria dos arcanistas e os civis na calçada pararam para ver o que aconteceria a seguir.

— Olá, Vera Cruz — como sempre, distorções eletrônicas escondiam a voz de Flora. — Que grande cerimônia, a hipocrisia está viva e passa bem nos corredores da

Arcanum. Apesar do novo *king*- mor falar em “paz e ordem”... — as mãos enluvadas

fizeram o gesto de aspas no ar. — ...Rômulus Cecil tem se empenhado em varrer a

podridão da Arcanum para debaixo do tapete...

Ocorreram várias manifestações no estacionamento, de vaias a ofensas. Aquilo irritou Marcel.

— Fiquem quietos, eu quero ouvir — todos os painéis e telas nos edifícios ao redor do Instituto Beta exibiam a imagem de Flora.

— Permitam que eu conte a verdade. O atentado contra a Família Regencial foi obra da própria Arcanum. Uma tentativa de passar por cima do Regente para chegar ao

poder.

Então é isso, pensou Marcel. Enfim o segredo sobre o ataque vinha à tona. As manifestações arcanistas ficaram tão ruidosas que Marcel mal conseguia escutar, muitos

ergueram punhos brilhantes, os oficiais gritaram para não usarem as gemas. A imagem

de Flora começou a tremer. Antecipando a queda de sinal, ela passou a falar mais depressa e acentuou sua raiva batendo o punho no cadeirão:

— Como se não bastasse, tentaram usar o Voz Verde como bode expiatório, mas não levaremos a culpa por seus erros. O Voz Verde só assumirá a responsabilidade por

seus próprios atos — Flora recostou-se no cadeirão de forma altiva. — Atos como

este... — ela estalou os dedos.

Um estampido ecoou pelo estacionamento.

Todos abaixaram-se instintivamente, os ouvidos entupiram. Gritos vieram de dentro do edifício do Instituto Beta e, de repente, centenas de arcanistas estavam em

movimento.

— Fiquem juntos — gritou Marcel para os companheiros, enquanto tomava cotoveladas de todos os lados. *Flora, o que você fez?* Pelo canto do olho, viu o telão

exibir a imagem da cerimônia de Cecil, o diretor despejava ordens.

As portas automáticas do Instituto Beta deslizaram ante a aproximação dos

arcanistas e uma densa nuvem verde projetou-se para fora. A multidão parou, uns

poucos adentraram. Marcel esticou o pescoço para enxergar melhor, o peito acelerou ao

reconhecer uma das pessoas caídas no saguão. Beatrix também viu a cabeça ruiva:

— Kelvin!

Os dois abriram caminho e atravessaram as portas para mergulhar na névoa verde.

Perto da grande mesa na recepção, avistaram uma dúzia de minúsculos dispositivos

sinalizadores esparramados pelo chão. Marcel cobriu o nariz e a boca com o pulso,

Beatrix o imitou. Antes mesmo de alcançarem o amigo de infância, o viram se mexer.

Assim como outros que estavam caídos, ele não mostrava nenhum ferimento aparente.

— Kelvin, fica parado — Beatrix agachou. — Você pode estar machucado.

— O quê? — Kelvin mostrou-se confuso. — Tem um zumbido na minha cabeça.

Marcel soltou o ar. Notou que os dispositivos sinalizadores não produziam

chamas, apenas brilhavam enquanto espalhavam um volume surpreendente de fumaça.

Logo chegaram as notícias de um ataque coordenado do Voz Verde em todos os cinco

Institutos arcanistas.

Bombas de efeito moral escondidas atrás de relógios nas paredes explodiram em

perfeita sincronia. Não haviam relatos de feridos e os únicos danos estruturais foram os

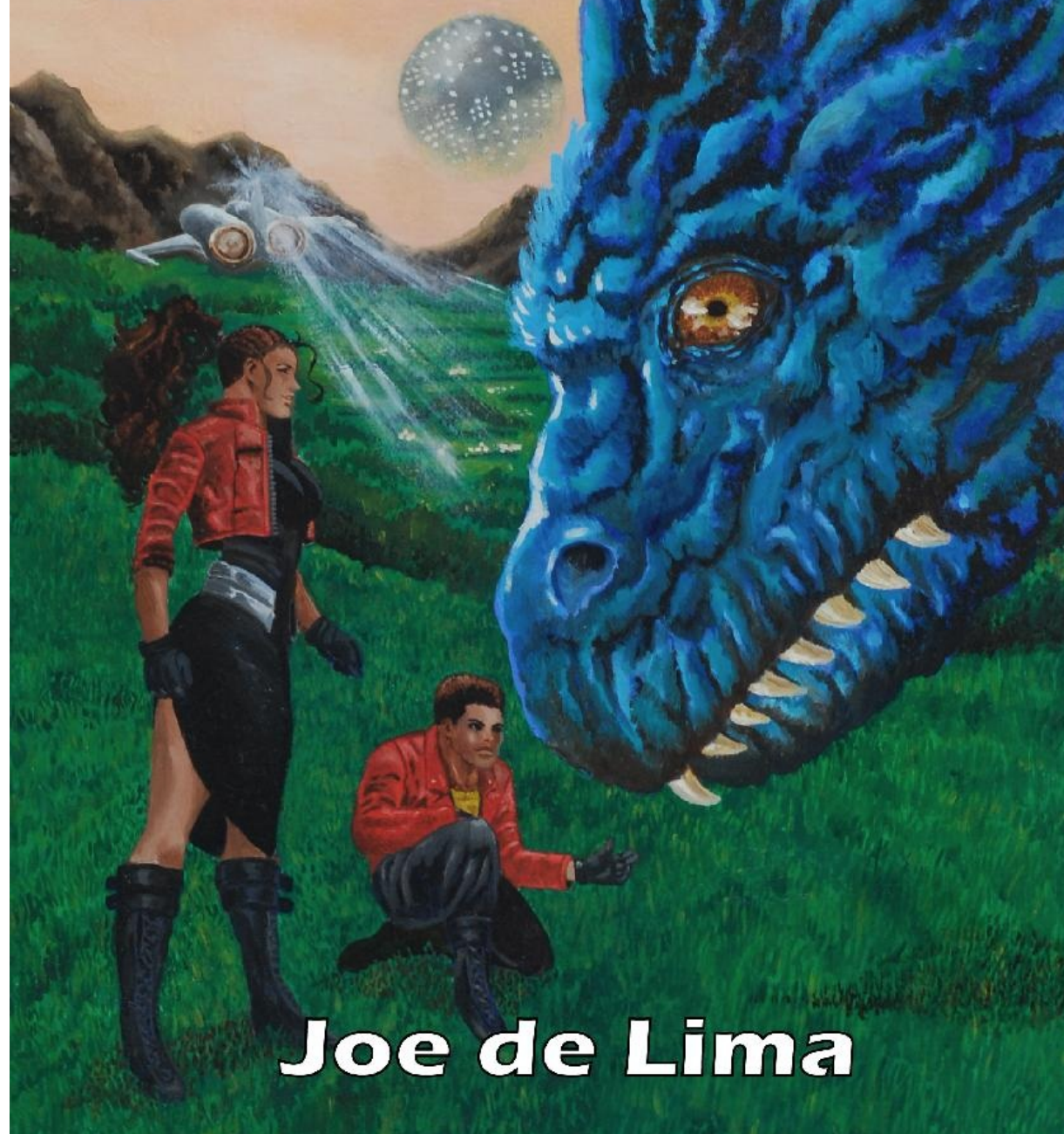
próprios relógios. A questão era quem plantara as bombas, uma vez que os Institutos

tinham políticas rígidas sobre quem podia entrar e os próprios arcanistas cuidavam da

maior parte da manutenção, levantando suspeitas sobre um trabalho interno.

Todos compreenderam o recado de Flora: “eu me infiltrei na Arcanum”.

DRAGÃO DE GAIA



Joe de Lima

LEIA UM TRECHO DE OUTRO LIVRO DO AUTOR:

Capítulo 01

Gaia.

Lua florestal na órbita de Proxima III.

Sistema Proxima Centauri.

A nave circular mergulhou na atmosfera de Gaia. Vista do espaço, a lua exibia continentes e oceanos debaixo de uma camada de nuvens, além de calotas polares discretas.

— Ative os amortecedores e os resfriadores no máximo — disse Luca. Os dedos da mão envolviam a alavanca do manche, sentindo uma leve vibração. *Hora de passar*

para a próxima etapa. — Ulisses, acione os retrofoguetes em sessenta por cento da

força. Mantenha a nave estabilizada em vinte e oito graus de inclinação.

— Não há necessidade de me lembrar — disse o holograma na forma de um homem de cabelo escuro e barba. — Já tenho essa manobra devidamente registrada no

meu banco de dados. Outros pilotos a estão adotando.

Pelo canto do olho, Luca viu brasas passarem pelas janelas laterais. A fricção da reentrada sempre fazia um pouco de fogo, mas o resfriamento automático controlava a

temperatura no exterior do disco verde metálico. A fuselagem da nave exibia

uma

aparência dividida em vinte segmentos, como se fossem fatias.

Quando o leve tremor da alavanca cessou, a nave encontrava-se debaixo de nuvens brancas e de um céu azul. A palma da mão passou sobre os cabelos curtos em

movimentos rápidos, abaixando qualquer fio rebelde. Alinhou o blusão da Iniciativa

Gaia e ficou de pé, decorando o rosto moreno com o sorriso mais charmoso que dispunha.

— Bem-vindos à Gaia!

A declaração disparou aplausos moderados dos trinta passageiros, dispostos em duas fileiras voltadas para as janelas panorâmicas.

— Nunca passei por uma entrada tão tranquila — comentou um homem de pele azul, trajando uma camiseta xadrez. Outros assentiram.

Luca ficou satisfeito. Aquele método de entrada fora criado por ele próprio, diferindo do indicado no manual. Quando o executou pela primeira vez, foi censurado

pela diretoria, já que o traçado mais longo aumentava o gasto em energia. Muitos viram

tal atitude como teimosia do piloto mais jovem da Iniciativa Gaia. Porém, não demorou

para sua rota ficar bastante concorrida, e uma das razões era exatamente sua capacidade

de fazer um voo suave, sem solavancos e sem turistas nauseados.

O clima ficou leve, o interior da nave encheu-se de risos e comentários bem-humorados. Uma morena e seu marido apontaram os terminais de bolso para um bando

de aves voando à distância, dois amigos estudaram um holomapa com a rota do passeio

e uma jovem loira de pele verde escondeu a boca e disse algo para a amiga, de pele

clara como leite.

Luca notou o olhar das garotas. *Qual delas ficou a fim de mim?*

— Agora vem uma parte bem legal — ele atraiu a atenção sem perder o ar descontraído. — Ulisses, camuflagem.

O revestimento do disco tornou-se translúcido, incluindo os motores e outros componentes mecânicos. Apenas os assentos e o console de navegação permaneceram

visíveis. Para os tripulantes, a impressão era de estarem flutuando no ar. Dessa maneira,

poderiam voar sem assustar os animais.

Proxima Centauri brilhava alta no céu, banhando Gaia com luz e calor. Abaixo, vales verdejantes estendiam-se até onde a vista alcançava. O planeta Proxima III ocupava uma boa fração da linha do horizonte, mesclando-se ao anil celeste naquela

tarde.

Quem observasse a nave circular do lado de fora agora, veria somente uma distorção transparente. Os passageiros ocultos pela camuflagem.

— Há cinquenta anos, essa lua foi adquirida por uma organização não-governamental para ser convertida numa reserva ambiental, um refúgio para espécies

ameaçadas de qualquer canto da galáxia. Em toda Gaia, não existe nenhuma estrutura

erguida por mãos humanas e as únicas pessoas com permissão para vir aqui são os

membros da Iniciativa Gaia e turistas, como vocês.

Luca guiou a nave para uma região montanhosa no hemisfério norte de Gaia. A altitude diminuiu, as montanhas e os campos verdes ganharam forma, e os rios adquiriram vida.

Adiante, três grupos de dodôs voavam em V. Num lago formado por uma cachoeira, um bando de ursos d'água, de aparência rosada e seis patas, apanhavam

grandes cavalos-marinhos. Em outra área, um grupo de unicórnios selvagens pastava.

Distraído com as cenas, Luca esqueceu do trabalho por um instante. Aquela era a excursão das grandes aves e os turistas ficariam decepcionados se não pudessem ver

algumas de perto. Logo, o radar captou algo que os deixaria contentes.

— Estamos com sorte, meus amigos — disse Luca, estacionando a nave em pleno

ar. — Um bando de brisas-vivas vai passar por nós. Fiquem à vontade para filmar e tirar

fotos. E não se preocupem com o barulho, a nave tem isolamento acústico.

A primeira brisa-viva passou junto ao disco e os turistas chegaram perto das paredes translúcidas soltando exclamações de admiração e fazendo comentários baixinhos.

Mais brisas-vivas surgiram. Num instante, o disco foi rodeado por elas. Moviam-se lentamente, ondulando corpos delicados e transparentes em forma de cogumelo,

projetando-se para cima. Num piscar de olhos, eram dúzias. No momento seguinte,

centenas daquelas criaturas rodeavam a nave.

— As brisas-vivas são praticamente idênticas às águas-vivas — Luca sabia que muitos nem o ouviriam, mesmo assim seguiu com seu trabalho. — Mas as brisas-vivas

têm o dobro do tamanho e vivem no ar, sem nunca tocar o solo.

As duas moças de antes chegaram perto. A linda garota verde de cabelos loiros deu um passo à frente.

— Parece um quadro — ela sorriu, inclinando o rosto e tocando no braço dele. —

Obrigada por mostrar uma coisa tão bonita.

— Tem muitas coisas bonitas aqui em cima — Luca devolveu um sorriso discreto,

exibindo os dentes perfeitos.

As duas amigas riram e ele pensou que tinha grandes chances de conseguir alguns

beijos antes do dia terminar.

— E você vai me mostrar? — disse a moça.

Calma, não seja tão afoita.

— Quem sabe? — ele decidiu dar um tempo. Estava gostando do flerte, mas precisava ser discreto ou os demais turistas ficariam incomodados. Aprendera essa lição

na prática, em suas primeiras semanas como guia turístico, quando a diretoria recebeu

algumas reclamações contra ele.

Minutos mais tarde, Luca anunciou a entrada no território dos grifos e não demorou para um desses animais, cujos corpos lembravam tanto águias quanto leões,

passar voando a poucos metros da nave. No primeiro momento, ele seguiu o grifo

guiando o disco com cautela, sem acelerar os motores. Não demorou para o animal ir

para longe e sumir no horizonte.

Os turistas ficaram deslumbrados, enquanto a curiosidade de Luca foi atraída para

moitas azuis no alto de uma montanha. Ulisses voltou a aparecer na forma de um holograma.

— O doutor e a doutora Teoh estão por perto, tratando de um grifo — sussurrou para Luca.

— O pessoal vai gostar. Marque o local e mande uma mensagem pra eles.

— Devo lembrar que a doutora Teoh detesta ser interrompida durante o trabalho

de campo.

— Mais um motivo para ir até lá — brincou Luca.

Minutos mais tarde, ele avistou a equipe numa clareira elevada. O disco saiu do modo de camuflagem, tornando-se visível novamente.

Sobre a relva, um homem mulato e calvo acenou. Exibia uma barriginha fora de

forma e vestia um traje branco idêntico ao da jovem mulher que permaneceu agachada,

examinando a boca de um grande grifo adormecido.

Os acompanhavam uma dupla de vigias, com armas tranquilizantes na cintura, caso o animal despertasse repentinamente.

Luca guiou a alavanca do manche mansamente e Ulisses ativou os retrofoguetes, fazendo pequenas chamas azuis surgirem na parte debaixo do disco. Os suportes de

pouso desceram e a nave aterrisou ao lado de um pequeno módulo automático para

quatro pessoas.

Enquanto os sistemas equilibravam a pressão do ar interna com a externa, Luca aproveitou para fazer recomendações.

— Galera, algumas dicas importantes. Sigam as orientações da equipe em solo. É

seguro e a situação está controlada, mas um grifo ainda é um animal de duzentos quilos

com garras de dez centímetros afiadas feito aço. É sempre bom ter cuidado perto

de um

desses, mesmo dormindo.

Baixando a rampa, Luca caminhou à frente do grupo. A grama batia na metade da

canela, com moitas de ervas aqui e ali, um gafanhoto voou para longe. O grupo subiu

uma pequena elevação para alcançar a equipe de solo. Ao fundo, as silhuetas de morros

e montanhas circundavam a região.

Luca viu o mulato calvo insistir com a jovem mulher. Por fim, ela ficou de pé, revelando um rosto moreno impaciente, os cabelos cacheados presos num rabo de

cavalo prático.

No meio do grupo, sussurros comentaram sobre a beleza do corpo curvilíneo dela,

emoldurado pelo colante branco, linhas azuis no traje desenhavam o contorno das

articulações. Luca disfarçou o aborrecimento causado pelos comentários. Ao menos,

dessa vez, ninguém disse nada desrespeitoso. Ele limpou a garganta, atraindo as atenções para si:

— Quero apresentar os maiores especialistas em grandes aves da Iniciativa Gaia.

Eu os conheço como meu pai e minha irmã mais velha, mas acho melhor vocês não

chamarem assim — os turistas riram. Luca prosseguiu: — O doutor Ed Teoh e a

doutora Ayla Teoh.

Palmas discretas e fotos pipocaram.

— Pai, pode falar um pouco sobre o trabalho de hoje? — sugeriu Luca.

— Com prazer — Ed ajeitou o cavanhaque e adiantou-se. Adorava falar em público, ao contrário de Ayla, que escondeu a boca com a mão e sussurrou para o irmão:

— Precisava trazer esse circo para cá?

— Caso tenha esquecido, esse circo financia suas pesquisas — respondeu Luca, sussurrando.

Ayla soltou um suspiro cansado.

— Quando se formar e estiver aqui comigo, vai entender o quanto é irritante.

— O coroa gosta — Luca cumprimentou os agentes de segurança e agachou junto

ao grifo, pousando a mão no peito coberto de pelos dourados para sentir a respiração.

— E então? — indagou Ayla. — Consegue me dizer qual é o problema dele?

Pela entonação, Luca sabia que ela estava testando seus conhecimentos e poder de

análise. Ele demorou-se observando.

— Pelo tamanho da juba, é um macho veterano. Vou arriscar uns vinte anos. O bico está inteiro, sem marcas e nem lascas, as penas estão alinhadas — disse, examinando a parte interna de uma das asas. — Isso indica que não entrou em nenhuma

luta recente. A respiração está irregular, mas o pelo parece saudável — Luca ficou de

pé. Aos dezessete, era ligeiramente mais alto que o pai e a irmã. — Ou esse grifo acabou de adoecer, ou o último lanche não desceu bem.

— Cheguei a mesma conclusão — Ayla ativou um pequeno drone pousado sobre a grama. O dispositivo com asas arredondas levantou voo. — Hera, mostre o conteúdo

do estômago do grifo.

— Agora mesmo — respondeu uma voz eletrônica vinda do drone. O dispositivo emitiu um cone de luz para baixo, gerando uma imagem tridimensional.

Ed ainda conversava com os turistas e Luca aproveitou para ajudar no exame.

O holograma exibiu um estômago em raios-x, com manchas coloridas representando os alimentos recém-engolidos. A imagem fora produzida pelos nanossensores que o grifo havia respirado, existiam milhões deles flutuando no ar, em

cada centímetro cúbico de Gaia.

— Hera, o que são esses fragmentos azuis? — indagou Ayla.

— Segundo a análise, são folhas de erva anilica — respondeu o drone.

— Não deveria ter isso aqui. Grifos não fariam ninhos perto de vegetação que pode matá-los.

— Não mesmo — concordou Luca. — Mas lá de cima, eu vi muitas azuis de erva

anilica num monte há cinco quilômetros daqui. O departamento de biologia

marcou

bobeira e deixou uma planta crescer no lugar errado.

Ayla soltou o ar, massageando a têmpora com força.

— Faça uma notificação por mim. Não estou com cabeça pra isso hoje.

— Qual é o problema?

— É a... — os turistas riram de alguma piada contada por Ed. Ayla olhou para o grupo por cima do ombro e abaixou a voz. — A reunião do Projeto Dragão é hoje. Não

consigo parar de pensar nisso.

— Por que estamos sussurrando? — Luca também abaixou a voz. — Ainda não contou para o coroa? — a resposta foi um aceno negativo. — Ayla!

— Sabe muito bem como ele vai reagir — mesmo com a voz baixa. — Eu só queria esperar estar tudo confirmado.

— Precisa contar pra ele.

— Eu sei. Eu vou... Antes da reunião.

Nesse momento, Ed virou-se para Luca, como se o chamasse. *Fiquei tempo demais longe do grupo.*

— Não seja dura com ele. Por favor — disse a Ayla.

— Hora de você voltar para o seu trabalho e eu para o meu — retrucou ela, encerrando a conversa.

Mesmo insatisfeito, Luca reassumiu a liderança da excursão. Os acompanhou

enquanto tiravam fotos de forma segura e os guiou de volta para a nave turística.
O

sorriso da moça verde o convidou a colocar as preocupações de lado.

O coroa e a mana podem se acertar sozinhos, tenho outros assuntos para tratar.

Document Outline

- [Agradecimentos:](#)
- [ZERO](#)
- [UM](#)
- [DOIS](#)
- [TRÊS](#)
- [QUATRO](#)
- [CINCO](#)
- [SEIS](#)
- [SETE](#)
- [OITO](#)
- [NOVE](#)
- [DEZ](#)
- [ONZE](#)
- [DOZE](#)
- [TREZE](#)
- [CATORZE](#)
- [QUINZE](#)
- [DEZESSEIS](#)
- [SOBRE O AUTOR:](#)
- [LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO VOLUME DA TRILOGIA VERA CRUZ:](#)
- [LEIA UM TRECHO DE OUTRO LIVRO DO AUTOR:](#)